



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

O Género e a Comunicação Social A Opinião Escrita e Radiofónica

Marlene da Conceição Vasques Loureiro

Tese para obtenção do Grau de Doutor em
Ciências da Comunicação
(3º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor José Esteves Rei
Coorientadores: Prof.^a Doutora Anabela Gradim
e Prof. Doutor Gonçalo Fernandes

Covilhã, 2012

So although it is readily demonstrable that both sexes use the language, this cannot be taken as sufficient evidence that both sexes stand in the same relationship to that language.
(Spender 2001: 12)

We shall look at evidence from anthropology, dialectology, sociolinguistics and social psychology, firstly to establish that language of women and men does differ, and secondly to show how it differs. We shall also attempt to answer the question that inevitably follows: Why do women and men talk differently?
(Coates 1986: 3)

Dedicatória

Ao meu avô, por tudo o que ele é e sempre será para mim...

E também ao João, pais, avó e irmão, que sempre estiveram presentes.

Preâmbulo

A ideia deste trabalho aflorou no decorrer da realização da dissertação de Mestrado, após várias conversas com um dos orientadores, o Professor Doutor Gonçalo Fernandes. O interesse pelo tema cresceu e lançámo-nos para a redação de um projeto de investigação. No fundo, o que pretendíamos era explorar em que medida divergiam os discursos feminino e masculino. Após aceitação, entusiasmados pelo interesse e pela curiosidade que nos incutia, investigámos o tema e *deitámos mãos à obra...*

Sabíamos, à partida, que a realização deste trabalho implicaria a leitura e a análise de uma extensa bibliografia, dificultando o grau de execução do mesmo, tornando-o um processo moroso. Por isso, por vezes o desânimo chegou... Mas o apoio dos que nos rodeiam foi essencial! Destacamos, desde já, os Senhores Professores José Esteves Rei e Gonçalo Fernandes, aos quais, devemos um agradecimento muito especial pela atenção, pelo apoio e pela forma estimulante como acompanharam e orientaram o nosso trabalho. De igual forma, estamos gratos pela simpatia e disponibilidade com que a Senhora Professora Anabela Gradim, nossa coorientadora na Universidade da Beira Interior, sempre nos recebeu.

Agradecemos ainda aos senhores professores António Fidalgo e Paulo Serra pela forma como nos acolheram na Universidade da Beira Interior, bem como por toda a disponibilidade e esclarecimentos.

Distinguimos ainda o Professor Carlos Assunção, pelos conselhos e apoio que sempre demonstrou.

Ao Professor José Belo, agradecemos todo o apoio, atenção e simpatia que sempre nos dispensaram, nomeadamente pela cedência do programa *Tropes Semantic*.

Ao Professor José Machado, autor do programa *Lexicon*, agradecemos também a cedência do programa e todo o apoio e atenção que nos dedicou sempre que alguma dúvida surgiu.

Ao Professor Rolf Kemmler, agradecemos os conselhos e incentivos constantes.

À D.^a Fernanda Cordeiro, estamos gratos por toda a ajuda dispensada na requisição de livros a outras bibliotecas nacionais e estrangeiras.

Ao Dr. Luís Mendonça, diretor da rádio *Universidade FM*, agradecemos a disponibilidade com que nos recebeu e nos cedeu programas de rádio.

À Maria, à Diana e à Tânia, um obrigada pela ajuda na recolha de textos.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia, agradecemos o reconhecimento do nosso trabalho e o apoio financeiro concedido para a sua consecução e sucesso.

Agradecemos também o apoio, o amor e o carinho com que o João acompanhou todos estes dias de incessante trabalho e cansaço.

Agradecemos ainda todo o apoio e carinho dos pais, avós e irmão.

Marlene da Conceição Vasques Loureiro

A todos os que nomeámos e pedindo desculpa a todos os que não nomeámos, mas também muito importantes, um bem-haja!

Resumo

Atualmente, a sociedade aclama a igualdade entre homem e mulher. No entanto, no que diz respeito ao uso da linguagem, essa igualdade não pode ser proclamada. Homem e Mulher falam de modo diferente e têm distintos registos conversacionais e, por isso, interpretam a mesma conversação de forma diversa. Esta divergência no uso da linguagem está estritamente relacionada com o género, o que, por sua vez, está associado a diferenças psicológicas, sociais e culturais.

Assim, vários foram os investigadores que, a partir da década de 70 do século passado, se debruçaram sobre as diferenças comunicativas de género, nomeadamente Robin Lakoff (1975), Barrie Thorne e Nancy Henley (1975), Dale Spender (1980), Deborah Tannen (1990), Deborah Cameron (1996 e 2006), Clare Walsh (2001), Mary Talbot (2003), Jane Sunderland (2006) entre outros. Tendo como ponto de partida estes e outros estudos, o nosso trabalho de investigação procurou verificar essas diferenças comunicativas e como se refletem em textos de opinião nos *media* portugueses.

Desta forma, analisamos textos de opinião, metade de autoria feminina e outros tantos de autoria masculina, publicados em jornais e revistas nacionais com data de 2009, 1999, 1989 e 1979. Esta análise, transversal a quatro décadas a partir da queda da ditadura em 1974, permite-nos fazer uma análise diacrónica tendo em conta a evolução do contexto sociocultural português. Por outro lado, analisamos ainda programas de rádio com intervenientes femininos e masculinos, com o objetivo de aferir em que medida as diferenças comunicativas entre homens e mulheres se mantêm ou divergem no registo oral.

Assim sendo, o nosso estudo procura verificar se realmente existem discrepâncias discursivas entre homens e mulheres e como elas se refletem na comunicação oral e escrita mediatizada. A partir da análise realizada, através de dois programas informáticos de análise de texto e levantamento estatístico de dados - o *Tropes Semantic* e o *Lexicon* -, sistematizamos as principais clivagens e características discursivas dos dois géneros.

Palavras-chave

Género, comunicação, *media*.

Abstract

Nowadays society claims for equality between men and women. However, with regard to the use of language, this equality may be not proclaimed. Men and Women speak differently and have different conversational registers, and, therefore they can interpret the same conversation differently. This difference in language use is strictly related to gender, which, in turn, is associated with cultural, social and psychological differences.

Thus, there were several researchers who, from the 70s of last century, have addressed gender communication differences, such as Robin Lakoff (1975), Barrie Thorne and Nancy Henley (1975), Dale Spender (1980), Deborah Tannen (1990), Deborah Cameron (1996 e 2006), Clare Walsh (2001), Mary Talbot (2003), Jane Sunderland (2006), among others. Taking as a starting point these and other studies, our research work aims to explore how those communication differences are reflected in opinion texts of Portuguese media.

Therefore, we analyse opinion texts, half of female authorship and others of male authors, which were published in national newspapers and magazines dating from 2009, 1999, 1989 and 1979. This analysis, crossing four decades since the fall of the dictatorship in 1974, allows us to make a diachronic analysis taking into account the evolution of the social-cultural Portuguese context. In other hand, we also analyse radio programs with male and female speakers in order to assess to what extent the communicative differences between men and women diverge or maintain in the oral register.

So, our study seeks to verify whether there really are discursive discrepancies between men and women and how these are reflected in mediated oral and written communication. From the analysis carried out by two computer programs for text analysis and statistical data - *Tropes Semantic* and *Lexicon* - we systematize the main cleavages and discursive features of the two genders.

Keywords

Gender, communication, *media*.

Índice

Capítulo 1	1
Introdução.....	1
Capítulo 2	7
1. Comunicação na sociedade atual e o género	7
2. Diferenças comunicativas e o género	10
2.1. Diferenças biológicas entre homens e mulheres - o sexo.....	10
2.2. Diferenças socioculturais entre homens e mulheres: a questão do género	16
2.2.1. O género como desenvolvimento psicossocial	16
2.2.2. O género como constructo social e cultural	20
2.2.3. Aprender a linguagem de acordo com o género	27
2.2.4. Viver o género	29
2.3. O género e as diferenças comunicativas.....	32
2.3.1. Origens do tema	32
2.3.2. Os primeiros estudos de género na linguagem e o feminismo.....	41
2.3.3. O feminismo e a linguagem.....	43
2.4. Sexismo na linguagem.....	45
2.4.1. Origens do sexismo.....	45
2.4.2. O género na gramática	55
2.4.3. A linguagem do homem	58
2.4.4. A linguagem da mulher.....	61
2.5. Ideias correntes sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres	69
2.6. Os estudos da sociolinguística e o género	74
2.7. O género investigado no domínio da competência comunicativa - etnografia da comunicação	79
2.8. Linguagem do poder (homem) vs linguagem sem poder (mulher)	96
2.9. Consequências das diferenças comunicativas de género	101
2.10. Mudanças: a linguagem “politicamente correta” ou linguagem inclusiva	109
2.11. Síntese	114
3. Estudos sobre o género na linguagem em português europeu.....	116
3.1. Ideias tradicionais sobre o género na linguagem.....	116
3.2. O género e as diferenças entre homens e mulheres.....	122
3.3. Estudos sociolinguísticos e de comunicação e o género	123
3.4. Em busca de uma linguagem inclusiva	125
Capítulo 3	127
1. O género e as diferenças comunicativas em português europeu.....	127

1.1. Metodologia: técnicas e métodos de investigação.....	129
1.2. <i>Corpus</i> de análise.....	132
2. Análise de textos de opinião publicados nos <i>media</i> portugueses	134
2.1. <i>Corpus</i> e metodologia.....	134
2.2. Análise dos textos	135
2.2.1. Textos de opinião de 2009.....	135
2.2.2. Textos de opinião de 1999.....	152
2.2.3. Textos de opinião de 1989.....	167
2.2.4. Textos de opinião de 1979.....	181
2.2.5. Análise global final.....	197
3. Análise de programas de rádio	212
3.1. <i>Corpus</i> e metodologia.....	212
3.2. Análise dos programas de rádio	213
Capítulo 4	229
1. Considerações comparativas finais	229
2. Conclusões	235
Referências bibliográficas.....	243

Anexos

Textos de opinião e transcrição dos programas de rádio	273
1. Textos de opinião de 2009.....	275
1.1. Femininos	275
1.2. Masculinos.....	296
2. Textos de opinião de 1999.....	316
2.1. Femininos	316
2.2. Masculinos.....	335
3. Textos de opinião de 1989.....	357
3.1. Femininos	357
3.2. Masculinos.....	382
4. Textos de opinião de 1979.....	403
4.1. Femininos	403
4.2. Masculinos.....	430
5. Transcrição dos programas de rádio	478
5.1. Com intervenientes femininos.....	478
5.2. Com intervenientes masculinos.....	493

Lista de Gráficos

<i>Gráfico 1.</i> Principais assuntos abordados nos textos datados de 2009.	137
<i>Gráfico 2.</i> Estilos dominantes nos textos de 2009.	138
<i>Gráfico 3.</i> Encenações verbais nos textos de 2009.	138
<i>Gráfico 4.</i> Distribuição das palavras por categorias nos textos de 2009.	139
<i>Gráfico 5.</i> Distribuição percentual das palavras por categorias nos textos de 2009.	139
<i>Gráfico 6.</i> Uso dos adjetivos nos textos de 2009.	140
<i>Gráfico 7.</i> Pronomes pessoais nos textos de 2009.	140
<i>Gráfico 8.</i> Categorias de verbos nos textos de 2009.	141
<i>Gráfico 9.</i> Modalização nos textos de 2009.	142
<i>Gráfico 10.</i> Tipos de conectores presentes nos textos de 2009.	143
<i>Gráfico 11.</i> Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 2009.	144
<i>Gráfico 12.</i> Percentagem de ocorrências de palavras diferentes nos textos de 2009.	144
<i>Gráfico 13.</i> Palavras que ocorrem mais vezes no <i>corpus</i> de textos femininos e masculinos de 2009.	145
<i>Gráfico 14.</i> Principais assuntos abordados nos textos de 1999.	153
<i>Gráfico 15.</i> Estilos textuais dominantes nos textos de 1999.	154
<i>Gráfico 16.</i> Distribuição das classes de palavras nos textos de 1999.	155
<i>Gráfico 17.</i> Distribuição percentual das classes de palavras nos textos de 1999.	155
<i>Gráfico 18.</i> Emprego dos adjetivos nos textos de 1999.	156
<i>Gráfico 19.</i> Recurso aos pronomes pessoais percentualmente nos textos de 1999.	156
<i>Gráfico 20.</i> Categorias dos verbos presentes nos textos de 1999.	157
<i>Gráfico 21.</i> Modalização nos textos de 1999.	157
<i>Gráfico 22.</i> Tipos de conectores presentes nos textos de 1999.	158
<i>Gráfico 23.</i> Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 1999.	159
<i>Gráfico 24.</i> Percentagem de ocorrências de palavras diferentes nos textos de 1999.	160
<i>Gráfico 25.</i> Frequência de abordagem dos principais assuntos nos textos de 1989.	168
<i>Gráfico 26.</i> Estilos textuais dominantes nos textos de 1989.	169
<i>Gráfico 27.</i> Distribuição das classes de palavras nos textos de 1989.	169
<i>Gráfico 28.</i> Distribuição das classes de palavras percentualmente nos textos de 1989.	170
<i>Gráfico 29.</i> Categorias de verbos usados nos textos de 1989.	170
<i>Gráfico 30.</i> Uso dos pronomes pessoais nos textos de 1989.	171
<i>Gráfico 31.</i> Tipos de adjetivos usados nos textos de 1989.	172
<i>Gráfico 32.</i> Modalização nos textos de 1989.	172
<i>Gráfico 33.</i> Emprego dos diferentes tipos de conectores nos textos de 1989.	173

<i>Gráfico 34.</i> Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 1989.	174
<i>Gráfico 35.</i> Percentagem de ocorrências de palavras diferentes mais comuns nos textos de 1989.	175
<i>Gráfico 36.</i> Frequência das temáticas predominantes nos textos de 1979.	183
<i>Gráfico 37.</i> Estilos discursivo dominantes nos textos de 1979.	184
<i>Gráfico 38.</i> Distribuição das classes de palavras nos textos de 1979.	184
<i>Gráfico 39.</i> Distribuição percentual das classes de palavras nos textos de 1979.	185
<i>Gráfico 40.</i> Categorias de verbos usados nos textos de 1979.	185
<i>Gráfico 41.</i> Recurso aos pronomes pessoais nos textos de 1979.	186
<i>Gráfico 42.</i> Tipos de adjetivos presentes nos textos de 1979.	187
<i>Gráfico 43.</i> Modalização nos textos de 1979.	187
<i>Gráfico 44.</i> Uso dos conectores nos textos de 1979.	188
<i>Gráfico 45.</i> Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 1979.	189
<i>Gráfico 46.</i> Percentagem de ocorrências de palavras diferentes mais comuns nos textos de 1979.	190
<i>Gráfico 47.</i> Principais assuntos tratados.	198
<i>Gráfico 48.</i> Distribuição das palavras por categorias.	199
<i>Gráfico 49.</i> Distribuição percentual das palavras por categorias.	199
<i>Gráfico 50.</i> Emprego dos adjetivos.	200
<i>Gráfico 51.</i> Pronomes pessoais.	200
<i>Gráfico 52.</i> Categorias de verbos.	201
<i>Gráfico 53.</i> Modalização.	201
<i>Gráfico 54.</i> Emprego dos conectores.	202
<i>Gráfico 55.</i> Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras.	203
<i>Gráfico 56.</i> Percentagem de ocorrências de palavras diferentes.	204
<i>Gráfico 57.</i> Frequência dos principais temas abordados nos programas de rádio em análise.	214
<i>Gráfico 58.</i> Distribuição percentual das classes de palavras nos programas de rádio em análise.	215
<i>Gráfico 59.</i> Categorias de verbos usados nos programas de rádio.	215
<i>Gráfico 60.</i> Tipos de adjetivos usados nos programas de rádio.	216
<i>Gráfico 61.</i> Os pronomes pessoais nos programas de rádio.	217
<i>Gráfico 62.</i> Modalização presente nos programas de rádio.	217
<i>Gráfico 63.</i> Uso dos conectores nos programas de rádio.	218
<i>Gráfico 64.</i> Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos programas de rádio.	219

Gráfico 65. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes mais comuns nos programas de rádio.....220

Lista de Tabelas

<i>Tabela 1.</i> Controlos dos lado direito e esquerdo do cérebro humano (Moir e Jessel 1992: 40).	12
<i>Tabela 2.</i> As irregularidades na tomada de vez em 20 conversas entre falantes do mesmo sexo (Zimmerman e West 1975: 115).	81
<i>Tabela 4.</i> Discurso indireto das mulheres com os homens (Fonte: Pease e Pease 2006: 205).	94
<i>Tabela 5.</i> Advérbios mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 2009.	146
<i>Tabela 6.</i> Pronomes mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 2009.	147
<i>Tabela 7.</i> Preposições mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 2009.	149
<i>Tabela 8.</i> Conjunções mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 2009. ...	150
<i>Tabela 9.</i> Distribuição dos artigos (sem ser contraídos com preposições) no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 2009.	151
<i>Tabela 10.</i> Advérbios mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1999.	161
<i>Tabela 11.</i> Pronomes mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1999.	163
<i>Tabela 12.</i> Preposições mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1999. .	164
<i>Tabela 13.</i> Conjunções mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1999. .	165
<i>Tabela 14.</i> Distribuição dos artigos (sem ser contraídos com preposições) no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1999.	166
<i>Tabela 15.</i> Pronomes mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1989.	176
<i>Tabela 16.</i> Advérbios mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1989.	178
<i>Tabela 17.</i> Preposições mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1989. .	179
<i>Tabela 18.</i> Conjunções presentes no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1989.	180
<i>Tabela 19.</i> Distribuição dos artigos (sem ser contraídos com preposições) no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1989.	181
<i>Tabela 20.</i> Advérbios mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1979.	191
<i>Tabela 21.</i> Pronomes mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1979.	193
<i>Tabela 22.</i> Preposições mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1979. .	194
<i>Tabela 23.</i> Conjunções mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1979. .	195
<i>Tabela 24.</i> Percentagem de uso das conjunções mais comuns no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1979.	196
<i>Tabela 25.</i> Distribuição dos artigos (sem ser contraídos com preposições) no <i>corpus</i> de textos masculinos e femininos de 1979.	197
<i>Tabela 26.</i> Advérbios mais comuns nos textos.	206
<i>Tabela 27.</i> Pronomes mais comuns nos <i>corpora</i>	207
<i>Tabela 28.</i> Preposições mais comuns nos textos.	209
<i>Tabela 29.</i> Conjunções mais comuns nos textos.	210
<i>Tabela 30.</i> Distribuição percentual das conjunções mais abundantes.	210

<i>Tabela 31.</i> Artigos mais comuns nos textos.	211
<i>Tabela 32.</i> Pronomes mais comuns no <i>corpus</i> programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.	222
<i>Tabela 33.</i> Advérbios mais comuns no <i>corpus</i> programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.	223
<i>Tabela 34.</i> Preposições mais comuns no <i>corpus</i> programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.	225
<i>Tabela 35.</i> Conjunções presentes no <i>corpus</i> programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.	226
<i>Tabela 36.</i> Conjunções com mais ocorrências no <i>corpus</i> programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.	226
<i>Tabela 37.</i> Distribuição dos artigos (sem ser contraídos com preposições) no <i>corpus</i> programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.	227
<i>Tabela 38.</i> Número de palavras e frases nos textos de opinião.	229
<i>Tabela 39.</i> Ocorrências de diferentes palavras nos textos.	231
<i>Tabela 40.</i> Distribuição percentual das diferentes classes de palavras nos diferentes conjuntos de textos textos.	232

Capítulo 1

Introdução

A sociedade acredita, atualmente, na “igualdade” entre Homem e Mulher. Ambos têm as mesmas competências, atitudes, sentimentos e aptidões. No entanto, o que se tem vindo a provar é que, no que diz respeito ao modo como comunicam, eles são “completamente” diferentes. Em vários contextos e de várias formas se nota que o homem e a mulher não, ou nem sempre, interpretam a linguagem do mesmo modo. Efetivamente, mesmo quando não parece haver lugar para qualquer mal-entendido, o homem e a mulher podem interpretar a mesma conversação de forma díspar.

As origens das diferenças de género dos estilos em interação remontam aos primórdios da história humana, tendo em conta os diferentes papéis do homem e da mulher no que concerne ao acompanhamento das crianças (Key 1996: 1). Estes papéis constituem as tradicionais funções ocidentais de género, que relegam a mulher para o reino doméstico e o homem para os negócios e o mundo exterior. Embora estes papéis estejam a mudar na nossa sociedade, a verdade é que as normas sociais e as normas de interação que lhe estavam associadas ainda se mantêm e impedem a mudança. De facto, na sociedade ocidental ainda permanecem valores patriarcais, em que o homem surge como o sexo dominante e superior. Por isso,

Males, as the dominant sex, have only a partial view of the world and yet they are in a position to insist that their views and values are the ‘real’ and only values; and they are in a position to impose their version on other human beings who do not share their experience. This is one of the crucial features of dominance; it is one of the characteristics of patriarchy (Spender 2001: 1-2).

Neste contexto, podemos também dizer que estamos perante um ciclo vicioso, na medida em que a linguagem é a maior influência no que e no como as crianças aprendem sobre o género. Por outro lado, o género é a maior influência no modo como as crianças usam a linguagem no dia-a-dia.

Na generalidade, as pessoas têm estilos conversacionais distintos, mas acentuam-se quando, em interação, se distingue um homem e uma mulher. A ideia de que homens e mulheres têm características conversacionais diferentes é uma ideia já bastante difundida no senso comum. No entanto, pouco se tem publicado sobre o assunto, talvez, como considera Deborah Tannen, porque este campo de estudo é demasiado controverso (Tannen 1990: 14). Com efeito, o desejo de afirmar que mulher e homem são iguais fez com que muitos investigadores se mostrassem relutantes em explorar o tema, uma vez que as dissemelhanças podem ser usadas para justificar tratamento e oportunidades diversos.

O ano de 1975 foi o ano de lançamento dos estudos linguísticos sobre a relação entre a linguagem e o sexo/ gênero, destacando-se as publicações de *Language and Women's Place*, de Robin Lakoff; *Male / Female Language*, de Marie Ritchie Key; e *Language and Sex: Difference and Dominance*, de Barrie Thorne e Nancy Henley. Estes livros vieram lançar as bases de investigação sobre as diferenças no modo como homens e mulheres usam a linguagem e interagem. A partir daqui, a relação entre a linguagem e o gênero tem vindo a ser estudada resultando numa literatura inter e multidisciplinar. Assim, surgem várias explicações para as diferenças de gênero no uso da linguagem. Alguns investigadores afirmam que as diferenças entre o falar do homem e da mulher são o reflexo de diferenças biológicas e psicológicas; outros defendem que essas diferenças são sociais e estão associadas ao estatuto e ao prestígio distinto entre homem e mulher; e outros atribuem as diferenças no uso da linguagem a diferenças culturais, uma vez que rapazes e raparigas são socializados separadamente à semelhança dos seus pares, com desiguais formas e funções comunicativas. Não obstante, estas abordagens não são, obviamente, mutuamente exclusivas.

Ao longo do seu percurso, tem vindo a verificar-se uma bifurcação nos estudos da relação entre a linguagem e o gênero: por um lado, surge o “dominance approach” e, por outro, o “difference approach”. O primeiro está associado ao trabalho de investigadores como Robin Lakoff, que postulam que a mulher e o homem comunicam de modo diferente porque é o homem que domina a linguagem. O segundo aparece ligado a investigadores como Deborah Tannen, que defendem que existem diferenças comunicativas entre homens e mulheres porque realmente eles são diferentes, seja por razões biológicas e psicológicas, seja por razões sociais e/ou culturais.

Não obstante esta dicotomia, todos estes estudos revelam um caráter multidisciplinar, solicitando o recurso ao conhecimento de várias ciências e áreas de investigação, nomeadamente a Comunicação, a Pragmática, a Sociolinguística e a Psicolinguística, entre outras áreas do saber. Por isso, Barrie Thorne, Cheris Kramarae e Nancy Henley, em *Language, Gender and Society* (1983), defendem que, mais importante do que as abordagens da diferença e do domínio, o contexto social e cultural onde os comunicadores estão inseridos aparece como fundamental para analisar essas diferenças comunicativas entre homens e mulheres (Eckert e McConnel-Ginet 2003: 3).

Do exposto, convém ainda ressaltar que a exploração do tema se encontra ainda bastante restringida, havendo publicações sobre as diferenças de gênero em geral e alguns estudos de caso sobre as diferenças de gênero a nível linguístico. Portanto, daí surge a pertinência de estudar o tema no caso português. Diferenças comunicativas entre homens será então o objeto de estudo da nossa investigação.

Embora, à partida, pareça um trabalho de cariz feminista, tal não é o caso, uma vez que o que se pretende é uma diferenciação clara e objetiva dos discursos masculino e feminino. No entanto, a verdade é que o mérito fundamental do tema foi levantado por feministas (Yaguello 1978), que arvoraram a questão das diferenças entre a linguagem dos homens e a das mulheres. Contudo, o que acentuaram foi a condição feminina em detrimento da diferenciação de sexos. Até então, a distinção sexual na língua era considerada uma

questão de aspeto arcaico, uma vez que se tratava de analisar as diferenças de falar/comunicar entre homens e mulheres nas sociedades primitivas e, por isso, tal trabalho de demarcação estava destinado a desaparecer, à medida que sociedades primitivas se ocidentalizassem ou desaparecessem. Não obstante, permaneceu a ideia de que as diferenças comunicativas entre homens e mulheres são características das sociedades arcaicas e primitivas, o que sugeria que tal distinção estava ligada a um estado de desenvolvimento e de mentalidade primitivos. Contudo, de forma distinta, essa diferenciação linguística baseada no sexo permanece. Efetivamente, a origem das diferenças sexuais na língua, como já referimos, remonta aos papéis tradicionais que relegam a mulher para o reino doméstico e o homem para o mundo exterior, ou seja, reflete a oposição que se estabelece entre a esfera pública, ainda domínio masculino, e a esfera doméstica ou privada, domínio ainda maioritariamente feminino. Nesse sentido, os homens são socializados e aprendem uma língua voltada para o mundo exterior, para a esfera pública, onde se expõem, confrontam pontos de vista com diferentes pessoas. As mulheres aprendem e mantêm uma língua que é usada num circuito mais fechado, a dita esfera privada, em que comunicam com um número mais reduzido de pessoas e sobre assuntos mais centrados nesse pequeno grupo. De facto, esta disparidade está ligada não só a diferenças biológicas e psicológicas, mas essencialmente à aprendizagem de papéis culturais e sociais, que se refletem na língua enquanto sistema semiótico.

Embora se esteja a verificar uma mudança de papéis sociais, a verdade é que as normas sociais e as normas de interação que estavam associadas aos diferentes sexos ainda se mantêm. Por outro lado, o facto de a mulher entrar cada vez mais em áreas comumente masculinas não vem mudar esta dinâmica, mas torná-la ainda mais complexa. Neste contexto, as diferenças linguísticas prevalecem e, como um ciclo vicioso, é pela linguagem que as crianças aprendem sobre o género e comunicam de forma diferente de acordo com o seu sexo, mantendo a variação. Tal como postulou Philip M. Smith, a linguagem é o repositório e o veículo de transmissão do que se sabe e do que não se sabe sobre os sexos e o género:

Language, in the form of popular, educational, artistic and scientific literature, informal conversation and formal rhetoric, conveyed at first hand or with the aid of intervening media, is the repository of our shared wisdom (or lack of it) about the sexes. It is also the main vehicle whereby this wisdom is disseminated throughout society, between generations and across cultures - to be interpreted and accepted, or challenged, debated, transformed and rejected [...] (Smith 1985: 31).

De facto, uma língua não é um todo homogéneo e monolítico, existindo variantes sociais e regionais, registos de língua, níveis de língua, dialetos, idioletos, gírias, etc., que se entrecruzam e se sobrepõem. Efetivamente, tal como defendeu Labov (1973), a língua não é um todo uno, está sujeita à variação, que atualmente é considerada um aspeto central e inerente à língua. Portanto, no que diz respeito aos idioletos ou variantes diafásicas, o sexo do indivíduo é um importante fator a ter em conta, Deborah Tannen fala mesmo em “genderlects” (Tannen 1990: 42).

Tendo como ponto de referência alguns trabalhos desenvolvidos por investigadores nos Estados Unidos da América e também, em menor número, em França e Inglaterra, a nossa tese debruçar-se-á sobre a realidade comunicacional portuguesa. Desta forma, partindo da

análise de vários textos da comunicação social portuguesa, maioritariamente escritos, publicados por homens e mulheres, tentaremos verificar se existem diferenças nos seus registos discursivos. Esta exploração vai passar pela análise dos textos, com a ajuda de dois programas informáticos de tratamento estatístico de dados, no que diz respeito ao registo lexical e morfológico, à ordem sintático-estilística e à *performance* verbal dos indivíduos.

Para Allen (1998), as investigações sobre as diferenças de género dividem-se em dois momentos: num primeiro momento, tem-se em consideração a medição dessas diferenças; já num segundo, examinam-se os resultados da investigação que atestam essas diferenças entre homens e mulheres:

It is divided into two parts: (a) a consideration of the measurement of sex differences, and (b) an examination of how outcomes of investigations indicate differences between men and women. The first topic deals with defining and measuring sex differences, and the second topic explores the interpretation of the statistical outcomes of investigations (Allen 1998: 427).

Também o nosso trabalho de investigação procura abranger essas duas partes em que, segundo Allen (1998), se dividem os estudos das diferenças de género. Assim, o resultado do nosso trabalho de investigação organiza-se, na sua redação escrita, em quatro partes ou capítulos.

Com efeito, na primeira parte, introduzimos o tema, apresentamos os principais objetivos, a estrutura do trabalho e os pressupostos teóricos que suportam a nossa tese. Na segunda parte, redigimos o estado da arte do tema, ou seja, exploramos em que medida existem diferenças entre homens e mulheres e sistematizamos possíveis razões explicativas das mesmas.

Já na terceira parte, partindo da recolha de diferentes textos de opinião publicados nos *media* portugueses, redigidos em quatro anos de quatro décadas diferentes (2009, 1999, 1989 e 1979), procederemos à sua análise de conteúdo, procurando, dessa forma, verificar se existem diferenças comunicativas entre homens e mulheres, analisando e sistematizando os resultados obtidos. A análise destes textos de opinião, publicados durante este período temporal de quatro décadas, pretende verificar se existe variação nos discursos femininos e masculinos ao longo dos anos, consoante se vão afastando do 25 de Abril, que constitui um marco histórico na política portuguesa pela reconquista dos valores democráticos, que estão na base e dão legitimidade à comunicação social (Traquina 2007). Do mesmo modo, analisaremos um *corpus* radiofónico por forma a aferir se no registo oral também se obtêm os mesmos resultados. Escolhemos este *corpus* para análise, primeiramente, porque pretendemos fazer uma análise da comunicação e não uma análise linguística das diferenças comunicativas. Por outro lado, este trabalho centra-se na análise discursiva verbal, por isso se analisam textos escritos e radiofónicos, não abarcando textos televisivos.

Por último, na quarta parte, apresentaremos as conclusões a que chegámos, procurando fazer uma análise comparativa dos resultados obtidos sobre os *corpora* analisados.

Desta forma, esta investigação procura, primordialmente, explorar se homem e mulher comunicam de modo diferente, nomeadamente em textos escritos dos *media* portugueses e

ainda em programas de rádio. Portanto, vamos conduzidos, tal como postula Deborah Cameron, por um interesse nesta teoria de comunicação: “[...] were there really differences, and if so, how did they arise and what did they mean?” (Cameron 1992: 9). É este tipo de questões, entre outras, que nós vamos procurar explorar.

Assim, a nossa investigação parte do levantamento e análise do estado da arte sobre as diferenças comunicativas de género, que se constituirá como a fundamentação teórica do nosso trabalho. A partir daí, procuramos, através da análise de conteúdo, encontrar essas diferenças no nosso *corpus*, constituído por textos de opinião publicados nos jornais e revistas portuguesas, de autoria feminina e masculina, e ainda por quatro programas de rádio, onde intervêm só homens ou só mulheres. Esta análise constituir-se-á como a parte prática do nosso trabalho, a partir da qual ambicionamos alcançar resultados pertinentes no que diz respeito às diferenças comunicativas de género em português europeu. Os resultados obtidos vão assim procurar responder às hipóteses por nós levantadas, como sejam:

1. homens e mulheres comunicam de forma díspar;
2. as mulheres usam uma linguagem mais subjetiva do que os homens;
3. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se nos *media* e nos textos produzidos pelos *media*;
4. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se na escolha dos temas a abordar e no uso das diferentes classes de palavras.

Como o nosso trabalho de investigação se insere no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, mais especificamente nas Ciências da Comunicação, a escolha da metodologia revela-se fundamental para o sucesso do mesmo. Deste modo, na nossa investigação está presente o método indutivo, que postula que na investigação se deve começar por uma observação para que, no final de um processo, se possa elaborar uma teoria sobre essa análise; está ainda presente o método descritivo, através do qual se procura identificar, observar e descrever os factos que suportam as hipóteses levantadas; e, por último, predomina ainda o uso do método correlacional, através do qual estabelecemos interrelações entre duas variáveis, neste caso, o género e a comunicação (Freixo 2009 e Carvalho 2009).

Assim sendo, embora tenha em consideração os estudos na área da sociolinguística, este trabalho enquadra-se no âmbito das Ciências da Comunicação, pois o nosso intuito é verificar em que medida as já tão debatidas diferenças comunicativas entre homens e mulheres se refletem nos meios de comunicação social. Por isso, o nosso objeto de estudo inclui artigos de opinião, de autoria feminina e masculina, publicados em jornais e revistas nacionais, e, como ilustração do registo oral, programas de rádio, com intervenientes femininos e masculinos. A partir daqui, temos de ter presente que o registo de língua será o corrente, obedecendo à norma-padrão, não estando tão sujeito a variação linguística, seja ela diatópica, diastrática ou diafásica. Por outro lado, são discursos mais formais, nos quais, segundo alguns investigadores, as diferenças discursivas entre homens e mulheres se esbatem (cf. Berryman-Fink e Wilcox 1983; Simkins-Bullock e Wildman 1991). Portanto, a questão que se levanta é se as diferenças de género se verificam nos meios de comunicação social, nomeadamente ao nível da expressão da opinião publicada em suporte escrito e oral.

O nosso trabalho debruçar-se-á, assim, sobre a comunicação social, pois trabalharemos no âmbito da comunicação mediatizada (Thompson 1999). De facto, o nosso objetivo é distinguir o discurso masculino e feminino na comunicação social, ou melhor, em alguns suportes dos *media*. Enquanto que na comunicação face-a-face, existe um emissor e um recetor presentes na situação de comunicação, no caso dos *media*, comunica-se, na generalidade, com um recetor ausente. Por outro lado, este recetor não é um ser individual, mas um conjunto de indivíduos, considerados como um ser compósito, constituído pela audiência (Talbot *et al.* 2003: 9-10). Desta forma, com esta investigação pretendemos demonstrar que o género e as diferenças comunicativas refletem-se nos meios de comunicação social, pois o género, tal como a comunicação, só existe como resultado da nossa existência social. Por conseguinte, nesta investigação, iremos além do domínio da comunicação interpessoal, também objeto de estudo da linguística e da pragmática, e focar-nos-emos na comunicação social, hoje dita de massas.

Capítulo 2

1. Comunicação na sociedade atual e o género

Somos, por natureza, seres sociais e, por conseguinte, temos necessidade de comunicar. Todos comunicamos, mesmo quando nem sequer falamos. “A comunicação é, pois, uma condição *sine qua non* da vida social” (Rego 2007:25). A comunicação é uma palavra-chave na sociedade atual, pois ela é presente e mundializada, quer na vida social e pública, quer na vida económica (Beaudichon 2011: 14). Também Rei (1998) afirma que “[...] é hoje um lugar comum afirmar-se que vivemos numa sociedade de comunicação” (Rei 1998: 152) e apresenta ainda alguns fatores que determinaram o desenvolvimento da comunicação:

- 1) O crescimento em grande escala das aglomerações urbanas, que distanciou as pessoas, o que as levou a recorrer a meios artificiais para estabelecerem relações.
- 2) A mudança da atividade produtiva do setor primário (agricultura e pescas) para o setor secundário (indústrias e transformação de matérias-primas) e para o terciário (serviços) e quaternário (ligado à produção e distribuição de informação).
- 3) O aperfeiçoamento da tecnologia que trouxe consigo os meios de comunicação de massas.
- 4) A disponibilidade e a acessibilidade do indivíduo para a informação, pois tem mais tempo livre e está mais despegado da religião;
- 5) A homogeneidade de condições sociais alcançada, que elimina as grandes desigualdades, permitindo a satisfação das necessidades mais urgentes e uma margem económica para aceder ao progresso tecnológico e aos bens de informação.
- 6) Por último, o aumento do nível de educação proporcionou também o desenvolvimento da circulação de informação (Rei 1998: 152-153).

Por sua vez, sobre estes fatores que permitiram o desenvolvimento da comunicação, Lempen (1980) sistematiza três pressupostos da comunicação na sociedade atual: o desenvolvimento das trocas, desde bens e serviços a ideias; a generalização do saber, que proporcionou o progresso tecnológico; e a evolução das mentalidades, que permite uma maior abertura e disponibilidade para receção de informação (Lempen 1980: 21-18)

Portanto, o que vivemos atualmente é que a comunicação está em todo o lado, sendo indissociável dos conceitos de sociedade e cultura (Ferin 2002: 99). Vivemos assim numa era de “comunicação global”, que é “[...] alicerçada nas Tecnologias da Informação e da Comunicação, na expansão dos mercados e dos consumos, na burocratização maciça do quotidiano e na homogeneidade dos estilos de vida” (Ferin 2002: 25). Consequentemente, vivemos também na era da globalização, numa “aldeia global” (McLuhan 1964), em que a comunicação é de massas e global (Mcquail 2003: 241). Para tal, existem determinadas condições favoráveis:

[...] existência de um mercado livre para os produtos mediáticos; existência e respeito para um efectivo “direito à informação”, portanto liberdade política e liberdade de expressão; tecnologias que possam oferecer canais de transmissão rápidos, com capacidade e baixo custo, ultrapassando fronteiras e grandes distâncias (McQuail 2003: 241)

Por conseguinte, tendo em conta a existência destas condições, vivemos numa sociedade em que a comunicação é dominante, onde prevalece a comunicação de massas global. Não obstante, a comunicação é um processo que envolve variáveis e, por isso, nem sempre ocorre com sucesso. De facto, “existem numerosos obstáculos e condicionantes que impedem que uma dada mensagem atravesse ‘intacta’ o canal que liga o emissor e o recetor” (Rego 2007: 51). Portanto, a comunicação eficaz, ou seja, quando existe correspondência total entre os pensamentos do emissor e a interpretação que o recetor faz deles, é muito difícil de alcançar. Existe uma série de barreiras que perturba o processo comunicacional e interfere na transmissão e receção das mensagens, impedindo a comunicação eficaz.

Como barreiras à comunicação eficaz, Arménio Rego (2007) destaca:

- 1) Diferentes quadros de referência do emissor e do recetor;
- 2) Juízos de valor, estereótipos e preconceitos;
- 3) A avaliação que o recetor faz da fonte, ou seja, do próprio emissor ou de quem forneceu a informação ao emissor;
- 4) A credibilidade que o recetor vê no emissor/fonte;
- 5) Perceção seletiva do recetor, tal como “ouvir apenas o que espera ouvir”;
- 6) Dificuldades ou incompetência em escutar;
- 7) Ausência de confiança para comunicar;
- 8) Problemas semânticos;
- 9) Diferenças culturais entre emissor e recetor;
- 10) Barreiras físicas e arranjos espaciais;
- 11) Problemas de expressão do emissor ou falta de preparação e conhecimentos;
- 12) Estilos pessoais de comunicação diferentes;
- 13) Filtragem;
- 14) Falta de tempo;
- 15) Excesso de informação e sobrecarga de comunicação;
- 16) Primeiras impressões;
- 17) Sinais não-verbais;
- 18) Características do meio ou canal por onde se comunica;
- 19) Emoções e sentimentos;
- 20) Género.

Estes são alguns aspetos que estão presentes no processo comunicacional e que, muitas vezes, se transformam em barreiras à comunicação eficaz. No presente estudo, nós vamos centrar-nos no último ponto, ou seja, a questão do género na comunicação. O género, que Rego (2007), Pease e Pease (2005), Robbins (2005), entre outros, consideram que pode ser uma barreira à comunicação eficaz, condiciona a comunicação interpessoal entre homens e mulheres, dificultando a interpretação da mensagem e a comunicação. Realmente homens e mulheres comunicam de forma diferente, já que têm estilos e características discursivas

diferentes. Por outro lado, não se acredita somente que homens e mulheres comunicam diferentemente, como essas diferenças são, muitas vezes, acentuadas e valorizadas (Borisoff e Merrill 1998: 2). Nesse sentido, nós acreditamos que essas diferenças se refletem nos meios de comunicação social, sejam eles em suporte escrito ou radiofónico.

2. Diferenças comunicativas e o gênero

2.1. Diferenças biológicas entre homens e mulheres - o sexo

A biologia reconhece a unidade do ser humano, uma vez que a nível hormonal os sexos não são opostos, já que todos os seres humanos partilham das mesmas hormonas sexuais. No entanto, consegue-se diferenciar entre um homem e uma mulher pelas suas características associadas ao sexo. Eakins e Eakins (1978) consideram que essas características sexuais se distinguem a três diferentes níveis: a nível reprodutor, anatómico e sociocomportamental:

- 1 primary sex characteristics, which have to do with reproduction hormonal differences, and the production of spermatozoa or ova
- 2 secondary sex characteristics, which are anatomical in nature and include distribution of body hair, differential bone structure, and size
- 3 sexual characteristics, which are social-behavioral in nature, are related to culture, and include learned, patterned communication behaviors such as posture, facial expression, leg position, and the like (Eakins e Eakins 1978: 4).

A partir destas características, aflora a diferenciação entre sexo e gênero. Assim, o sexo diz respeito às diferenças biológicas entre homens e mulheres, nomeadamente ao nível dos órgãos reprodutores; o gênero é um termo de cunho cultural, que distingue socialmente o masculino e o feminino.

Desta forma, qualquer estudo ou investigação sobre comunicação e as diferenças comunicativas entre homens e mulheres deve começar, obrigatoriamente, por explicar as razões dessas diferenças. Porém, se a questão das diferenças comunicativas é controversa, encontrar as razões que justifiquem essas diferenças é-o ainda mais. Vários são aqueles que buscam respostas; biólogos, antropólogos, neurologistas, sociólogos e psicólogos estão entre os principais que procuram uma explicação ou explicações para essas diferenças. Apesar de não se chegar a respostas definitivas, existe o consenso de que essas diferenças comunicativas são resultado de diversas variáveis, desde biológicas, ambientais, psicológicas, sociais e culturais.

Entre essas razões que explicam as diferenças comunicativas entre homens e mulheres surge o cérebro e o seu desenvolvimento. Investigadores descobriram que havia hormonas que eram responsáveis por “masculinizar” ou “feminizar” o desenvolvimento do cérebro ainda no útero materno (Glass 1993: 4). Efetivamente, o sexo aparece como uma variável relevante para compreender as diferenças na organização do cérebro humano (McKeever 1987: 277). Nesta linha de investigação, Anne Moir e David Jessel (1992) argumentam que essas diferenças têm por base diferenças biológicas e psicológicas.

The sexes are different because their brains are different. The brain, the chief administrative and emotional organ of life, is differently constructed in men and women; it processes information in a different way, which results in different perceptions, priorities and behaviour (Moir e Jessel 1992: 5)

Embora os fatores sociológicos e culturais também condicionem e expliquem as diferenças de gênero, conhecer os fatores biológicos inerentes às diferenças de gênero

revela-se fundamental. Na verdade, apesar da emancipação da mulher a nível social e cultural, as diferenças de género prevalecem. Por outro lado, como questionam Moir e Jessel (1992: 10), se os homens e as mulheres são semelhantes, como se explica que, no percurso dos tempos e na maioria das sociedades, o homem sempre conseguisse ter mais sucesso, sendo a mulher subordinada.

Assim, a primeira asserção que se deve ter presente é que os cérebros do homem e da mulher são diferentes. Essas diferenças vêm desde o nascimento e são concebidas ainda durante o período de gestação, fazendo com que a nível celular o homem e a mulher sejam diferentes:

In every microscopic cell of our bodies, men and women are different from each other; because every fibre of our being has a different set of chromosomes within it, depending on whether we are male or female (Moir e Jessel 1992: 21).

Também Hilary M. Lips e Nina Lee Colwill (1978^a) concordam com tal asserção, afirmando que “[...] early investigators saw sex differences in temperament or behavior as logical consequences of obvious (and not so obvious) anatomical differences” (Lips e Colwill 1978^a: ix). No entanto, devido ao ímpeto do movimento feminista, houve uma sobrevalorização da análise das diferenças de género tendo em conta o contexto social, em detrimento da componente biológica e psicológica.

Para além dos cromossomas X e Y, que determinam se o feto é rapariga ou rapaz, também as hormonas são importantes para a determinação do sexo e para a construção do cérebro masculino ou feminino (Moir e Jessel 1992: 22-25). Portanto, o cérebro humano é organizado e estruturado por hormonas. Se a estrutura do cérebro e as hormonas são diferentes no homem e na mulher, é natural que o homem e a mulher se comportem de modo diferente. Assim, importa aqui saber a relação que se estabelece entre as hormonas, o cérebro e o comportamento (Moir e Jessel 1992: 38).

Na generalidade, a estrutura do cérebro humano está dividida em duas partes: hemisfério esquerdo e hemisfério direito. O lado esquerdo lida predominantemente com a capacidade verbal e com o processamento detalhado de informação, bem como com os processos de pensamento lógico e sequenciais. Assim, falar, ler e escrever são atividades controladas pelo lado esquerdo do cérebro. Se este lado esquerdo não funcionar bem é a causa de vários problemas relacionados com a linguagem.

O lado direito do cérebro é responsável pelos sentidos visual e de espaço. Ele controla os processos de pensamento abstrato e algumas das nossas respostas emocionais.

Lado direito do cérebro	Lado esquerdo do cérebro
Visual	Verbal
Espacial	Linguístico
Imagens	Detalhes
Emoções	Prático

Abstrato	Concreto
Formas e padrões	Sequências ordenadas

Tabela 1. Controlos dos lado direito e esquerdo do cérebro humano (Moir e Jessel 1992: 40).

A nível corporal, o lado direito do cérebro comanda o lado esquerdo do corpo e o lado esquerdo do cérebro controla o lado direito do corpo. Do mesmo modo, aquilo que vemos com o olho esquerdo é processado com o lado direito do cérebro e o que vemos com o olho direito é processado com o lado esquerdo do cérebro. Acrescente-se ainda que o cérebro das mulheres é um pouco mais pequeno do que o dos homens, embora tal não faça qualquer diferença fundamental (Moir e Jessel 1992: 39).

No que concerne às diferenças cerebrais entre homens e mulheres, Anne Moir e David Jessel apontam diferenças ao nível da organização do cérebro:

1) Na mulher, a linguagem e os sentidos de espaço são controlados por centros em ambos os lados do cérebro; no homem, essas capacidades estão localizadas de forma mais específica - os sentidos de espaço são controlados pelo lado direito e as capacidades verbais são controladas pelo lado esquerdo (Moir e Jessel 1992: 42). Portanto, a divisão funcional dos lados direito e esquerdo do cérebro não está tão claramente definida como no homem, já que ambos os lados estão envolvidos nas capacidades verbal e visual.

2) O lado esquerdo do cérebro está organizado de forma diferente no homem e na mulher. As funções cerebrais relacionadas com os mecanismos da linguagem, como a gramática, a pronúncia e a produção discursiva, estão organizados de forma diferente no homem e na mulher. No homem, estas funções estão localizadas nas áreas da frente e detrás do lado esquerdo do cérebro; nas mulheres, essas funções estão mais centradas na área da frente do lado esquerdo do cérebro (Moir e Jessel 1992: 44). Também as respostas emocionais estão localizadas diferentemente no homem e na mulher. Na mulher encontram-se em ambos os lados do cérebro; no homem, essas funções estão concentradas no lado direito (Moir e Jessel 1992: 46).

3) O cérebro das mulheres tem mais ligações entre os dois lados do que o dos homens. Isto quer dizer que há mais troca de informação entre o lado esquerdo e o lado direito no cérebro feminino (Moir e Jessel 1992: 47).

Tendo em conta que homens e mulheres serão melhores em capacidades que são controladas por áreas específicas do cérebro, haverá vantagens e desvantagens na organização do cérebro de ambos os sexos. Por exemplo, o padrão masculino, com mais funções especificamente organizadas, revela que os homens não são tão facilmente distraídos por informação supérflua (Moir e Jessel 1992: 47).

Por outro lado, as diferenças na organização do cérebro também fornecem uma explicação para a superioridade masculina na orientação espacial. Como a orientação espacial feminina é controlada por ambos os lados do cérebro, existe uma sobreposição com áreas do cérebro que controlam outras atividades. Assim, se a mulher está a tentar fazer duas coisas

ao mesmo tempo com a mesma área do cérebro, a capacidade espacial sofre. Tal não acontece com o homem, uma vez que a capacidade espacial é controlada por uma área específica do cérebro, logo há menos hipóteses de outras atividades interferirem (Moir e Jessel 1992: 45).

A superioridade verbal da mulher pode também ser explicada pela diferente organização do cérebro. As capacidades de linguagem, como a gramática, a pronúncia e a escrita, estão todas especificamente localizadas no lado esquerdo do cérebro da mulher. Como no homem estão espalhadas na parte da frente e detrás, o homem terá que se esforçar mais do que a mulher para se apurar nestas capacidades (Moir e Jessel 1992: 45). Também por isso, as meninas aprendem a falar mais rapidamente que os meninos, tal como aprendem a ler mais rapidamente. Tal corrobora Chambres, que afirma que as mulheres são mais precoces na aquisição da língua, enquanto os homens têm quatro vezes mais probabilidade de sofrer de autismo infantil e de dislexia (Chambers 1992: 200).

Outros estudos sugerem que quanto mais conexões se estabelecerem entre os dois hemisférios no cérebro, mais fluentes e articuladas essas pessoas são. Daí que as mulheres sejam mais fluentes nas línguas. Moir e Jessel (1992) relacionam esta característica do cérebro feminino com a chamada intuição feminina. Para estes autores, a intuição feminina advém do facto de as mulheres conseguirem relacionar, melhor do que o homem, informação verbal e informação visual:

[...] could it provide a somewhat prosaic solution to the secret of female intuition? [...] Since women are in general better at recognising the emotional nuances in voice, gesture, and facial expression, a whole range of sensory information. They can deduce more from such information because they have a greater capacity than men to integrate and cross-relate verbal and visual information (Moir e Jessel 1992: 48).

Por último, também existem diferenças em termos emocionais. Devido também à organização do cérebro, as mulheres são menos capazes de separar as emoções da razão, já que as respostas emocionais encontram-se em ambos os lados do cérebro, estabelecendo relações com o lado verbal do cérebro. Por sua vez, o homem controla mais as suas emoções, pois, como as respostas emocionais se encontram do lado direito do cérebro e o poder de expressar sentimentos e emoções estão no lado esquerdo, o homem estabelece menos relações entre a parte verbal e a emocional, ou seja, o lado esquerdo e o direito do cérebro. Assim, torna-se mais difícil para o homem expressar as suas emoções (Moir e Jessel 1992: 48).

Como já referimos, segundo Anne Moir e David Jessel, estas diferenças são inatas. No entanto, também sublinham que, ao longo do crescimento e desenvolvimento do indivíduo, vão sendo acentuadas pelo desenvolvimento do próprio cérebro, mas também pelos valores sociais e culturais da comunidade onde o indivíduo está inserido (Moir e Jessel 1992: 53). Os mesmos autores apontam ainda um segundo momento em que as hormonas modelam novamente o cérebro, condicionando ainda mais as capacidades, as aptidões e os comportamentos do homem e da mulher - a puberdade (Moir e Jessel 1992: 68).

A puberdade, e respetivo aumento dos níveis de hormonas, implica alterações fisiológicas e psicológicas em ambos os sexos. No caso das raparigas, a puberdade pode

começar a partir dos 8 anos de idade e as principais hormonas femininas envolvidas são o estrogénio e progesterona. Os rapazes atingem a puberdade cerca de dois anos mais tarde do que as raparigas e a hormona principalmente envolvida é a testosterona, responsável por organizar o cérebro de acordo com o padrão masculino. Enquanto na mulher as hormonas aparecem com flutuações mensais regulares (associadas ao ciclo menstrual), no homem, as hormonas não variam da mesma forma previsível (Lips 1978^c: 82). Durante séculos, o ciclo menstrual da mulher foi a causa de a mulher ser caracterizada como instável e, logo, não capaz de ocupar posições sociais de responsabilidade. Em contraste, aparece o homem, fisiologicamente estável (Lips 1978^c: 82-83). Não obstante, embora Hilary M. Lips (1978^c) concorde que as mudanças hormonais do ciclo menstrual da mulher afetem o seu temperamento e comportamento, também acredita que existem fatores socioculturais que condicionam esses efeitos, por exemplo, acentuando-os:

Although there are many reasons to believe that the hormonal changes during the menstrual cycle may affect mood and behavior, the research indicates that sociocultural factors also seem to play a major role in determining these effects (Lips 1978^c: 92).

Por outro lado, Hilary M. Lips também defende que, à semelhança da mulher, o homem também tem variações “de humor” de forma cíclica em períodos intercalados entre 4 a 8 semanas (Lips 1978^c: 94).

A mais óbvia diferença decorrente desta distinção hormonal entre homens e mulheres reside no caráter agressivo do homem¹, que não é característica das hormonas femininas. A esta diferença juntam-se outras características de personalidade que opõem homem e mulher, mas que resultam de diferenças naturais:

Anger and placidity, aggression and appeasement, sociability and individuality, dominance and compliance, obedience and assertiveness - taken together, these make up a fair amount of what we can call personality. And in each of these aspects of personality, marked measurable differences have been observed between girls and boys, men and women, which we know have an underlay in the wiring of the brain.
Men and women *are* different; the society we grow up in does affect us, but essentially in reinforcing our natural differences (Moir e Jessel 1992: 86-87).

A par disto, estas diferenças hormonais explicam ainda as diferenças de género nos comportamentos e atitudes sociais, sejam interesses, conhecimentos, gostos, preferências ou mesmo os próprios papéis sociais. Assim, os homens preocupam-se com realidades concretas, teorias e o seu *status*; as mulheres preocupam-se mais com as pessoas, com a moralidade e com as relações sociais.

Desta forma, Anne Moir e David Jessel (1992) também consideram que este argumento, segundo o qual as diferenças de género têm por base diferenças biológicas, foi contestado

¹ Wendy L. Josephson e Nina Lee Colwill (1978) postulam que a agressividade, considerada maior no homem, não é somente resultado de diferenças hormonais e fisiológicas. Para estas autoras, a agressividade masculina tem ainda explicação na evolução histórica e social do homem, que, por razões de organização social, teve de se tornar o mais forte:

It is possible, of course, that men did *not* start out as the stronger sex. They may have been forced to handle the jobs of hunting and fighting, mainly because the women were busily engaged in giving birth to and nursing children. Thus, greater male strength may have been a result of this division of labor rather than a cause (Josephson e Colwill 1978: 201).

pelo movimento feminista e outros estudiosos das diferenças comunicativas de género, que viam nesta teoria um inconveniente à defesa da igualdade entre os sexos:

Then, with the growth of feminism, there was an urge to deny this sex-specific difference, on the grounds that accepting biologically determined emotionalism might not be helpful to the cause of equality (Moir e Jessel 1992: 71).

Por exemplo, Nancy Henley (1975) começou um dos seus artigos afirmando: “From the beginning we should guard against the mistake of assuming that the observed nonverbal (or even verbal) differences between the human sexes result from biology” (Henley 1975: 185). Porém, tal como sublinham Bing e Bergvall (1996), há um facto que não pode ser ultrapassado, nem esquecido: “[...] there are some biological differences between most women and most men” (Bing e Bergvall 1996: 15). Do mesmo modo, Susan U. Philips corrobora a existência de diferenças biológicas baseadas no sexo, na localização e processamento da linguagem no cérebro. Contudo, a natureza dessa relação entre a linguagem e o sexo ainda precisa de muitas investigações para ser determinada (Philips 1987: 6). Por sua vez, também Julia T. Wood (1996^b) considerou a existência de diferenças entre homens e mulheres ao nível das funções cerebrais:

In general, females are more adept in using the right brain lobe, which controls creative abilities and intuitive, holistic thinking. Males are generally more skilled in left brain functions, which govern linear thinking and abstract, analytic thought. [...] Thus, females may have advantage in crossing from one side of the brain to the other and in using both brain hemispheres (Wood 1996^b: 5).

No entanto, tal como alegou, “It is equally possible that males and females are socialized in ways that lead to differential development of ability in the distinct lobes of the brain” (Wood 1996^b: 5).

De um outro ângulo, Kirsten Hastrup (1978) também defendeu que a questão biológica, que engloba a sexualidade e a reprodução, é fundamental para a compreensão das diferenças entre os sexos numa sociedade. De certa forma, Hastrup vem lembrar que quer a sexualidade, quer a reprodução são tidos como factos sociais, quando verdadeiramente têm origem na biologia. Efetivamente, para a autora, existe uma interconexão entre o social e o biológico, por exemplo, quando se abordam questões como o aborto e a virgindade (Hastrup 1978: 50). Nesse sentido, a própria heterossexualidade vem estabelecer uma relação dicotómica entre homens e mulheres, em que surgem como duas categorias feitas uma para a outra, mas que implica uma oposição entre homem e mulher (Hastrup 1978: 53).

Rosaldo e Lamphere (1974) argumentam que as diferenças entre homens e mulheres resultam da interação entre a formação biológica e os padrões da vida social, ou seja, contribuem de forma conjunta para explicar as diferenças de género que se verificam:

[...] the conclusion that biology constraints but does not determine the behavior of the sexes, and that differences between human males and females reflect an interaction between our physical constitutions and our patterns of social life (Rosaldo e Lamphere 1974: 5).

Efetivamente, homens e mulheres não são iguais. Portanto, várias são as razões que explicam essas diferenças: razões biológicas, psicológicas, sociais e culturais, todas

interligadas e interdependentes concorrem para a formação da identidade de género. Hilary M. Lips (1978^b) sublinha que a identidade de género, embora ligada ao sexo, ultrapassa essa noção, pois é desenvolvida depois do nascimento:

Thus, the gender identity of each child was apparently shaped by the sex of assignment and rearing more than by genetic or other physiological determinants. Gender identity is the individual's private experience of his / her gender: the concept of the self as masculine or feminine. This is such a powerful and important part of a person's self-concept that in most adults it is virtually impossible to change it. [...] Yet research indicates that physiological sexual differentiation notwithstanding, we are not born with a gender identity: it develops after birth (Lips 1978^b: 73).

Sherry Ortner e Harriet Whitehead, em forma de princípio, postulam que as relações de género influenciam e são influenciadas por noções culturais de género e de sexualidade (Ortner e Whitehead 1981: 1). Efetivamente, as diferenças de género tornam-se ainda mais compreensíveis quando se relaciona o género com a sociedade e os seus valores culturais (Collier e Rosaldo 1981: 275).

2.2. Diferenças socioculturais entre homens e mulheres: a questão do género

2.2.1. O género como desenvolvimento psicossocial

O género é aqui entendido como um conceito de ordem sociológica, distinguindo-se, por isso, de sexo, do domínio biológico, já que diz respeito somente à parte física que distingue os indivíduos, nomeadamente as diferenças no aparelho reprodutor. Segundo Julia T. Wood, "Sex is innate, but gender is socially created and learned by individuals" (Wood 1996: 4). Para Julia T. Wood, nascer homem ou mulher não implica necessariamente que se pense, se aja e se sinta nos modos que a sociedade acredita que o homem e a mulher devem agir (Wood 1996: 4). Desta forma, embora o género esteja ligado ao sexo para distinguir feminino e masculino, o género é um termo mais abrangente que ultrapassa o domínio puramente biológico e abarca as características psicológicas, a formação sociológica e cultural do indivíduo. Ou seja, o género "é socialmente construído" (Rodrigues 2003:16). Segundo esta conceção, o conceito de género é formado pela socialização e pela cultura e, por isso, Judith Butler afirma "[...] gender is neither the causal result of sex nor as seemingly fixed as sex" (Butler 2007: 8). Assim, será maioritariamente a noção de género a geradora das diferenças entre homens e mulheres.

Desta forma, o nosso trabalho debruça-se sobre questões de género, pois a linguagem e o género estão intimamente correlacionados, uma vez que ambas as conceções são resultado de conhecimentos adquiridos, produto da nossa vivência em sociedade.

Não obstante, por vezes, pode aflorar o termo sexo(s), mas este será sempre utilizado no sentido que tem o conceito de género, pois este implica as noções de identidade de género e papel de género. Muitas vezes, como se depreende, a identidade de género é confundida com identidade sexual. Contudo, não estamos a falar do mesmo, embora estas

duas identidades estejam inter-relacionadas. De facto, são os indivíduos que constroem a sua identidade de género ao se identificarem social e culturalmente como masculinos ou femininos. A identidade sexual é construída através da vivência da sexualidade com parceiros do mesmo sexo ou do sexo oposto. Assim, por exemplo, em alguns homens homossexuais, a identidade de género é masculina, enquanto a identidade sexual, em termos de fantasia e escolha objetal, é feminina (Rodrigues 2003: 18).

Por conseguinte, esta identidade de género levará à existência de papéis de género femininos e masculinos, que refletem, no fundo, “[...] padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para os seus membros, definindo os seus comportamentos, as suas roupas, os seus modos de se relacionarem” (Rodrigues 2003: 18) e o modo de comunicarem. Portanto, desde cedo, as crianças vão sendo socializadas tendo em conta os seus diferentes papéis de género, partindo da parte biológica, o sexo. “Like age, sex is a biological category that serves as a fundamental basis for the differentiation of roles, norms and expectations [...]. It is these roles, norms and expectations that constitute gender, the social construct of sex” (Eckert 1997: 213). De facto, existe um certo determinismo na forma como o género vai sendo construído, uma vez que essa construção é feita a partir do sexo natural/ biológico:

[...] the notion that gender is constructed suggests a certain determinism of gender meanings inscribed on anatomically differentiated bodies, where those bodies are understood as passive recipients of an inexorable cultural law [...] then it seems that gender is determined and fixed as it was under the biology-is-destiny formulation. In such a case, not biology, but culture, becomes destiny (Butler 2007: 11).

Desta forma, enquanto o sexo pode ser considerado como uma categorização biológica, baseada primeiramente no seu potencial papel reprodutor, o género é a elaboração social do sexo, que é biológico. De facto, “[...] to whatever extent gender may be related to biology, it does not flow naturally ad directly from our bodies (Eckert e McConnel-Ginet 2003: 13). O género é assim um processo de construção a partir do sexo biológico, segundo o qual os indivíduos adotam e seguem comportamentos, atitudes, posturas de acordo com os papéis de género esperados. É neste ponto que o género e o sexo confluem, uma vez que

[...] gendered performances are available to everyone, but with them come constraints on who can perform which personae with impunity. And this is where gender and sex come together, as society tries to match up ways of behaving with biological sex assignments (Eckert e McConnel-Ginet 2003:10).

Para explicar o desenvolvimento dos papéis de género concorrem três teorias do ramo da psicologia: a teoria psicanalítica de Freud, a teoria da aprendizagem social e a teoria do desenvolvimento cognitivo (Rodrigues 2003: 19).

Segundo a **teoria psicanalítica** de Freud (1988), por volta dos três aos cinco anos, os meninos desenvolvem sentimentos sexuais pela mãe, o conhecido Complexo de Édipo. Nas meninas, por sua vez, o processo é diferente, pois o alvo do seu amor é o pai. Assim, no que diz respeito aos meninos, o chamado Complexo de Édipo faz com que eles desejem tornar-se parceiros da mãe, substituindo, por isso, o pai. Tal faz com que os meninos sintam uma enorme culpa por nutrirem aquele tipo de sentimentos pelas mães e começam a temer os pais, achando que estes os castigarão caso descubram os seus pensamentos e desejos. Por

isso, essa culpa e medo transformar-se-ão em identificação, ou seja, eles começam a adotar as mesmas atitudes e comportamentos do pai. Assim sendo, se os meninos não conseguem substituir os pais, eles vão esforçar-se por ser como eles. Desta forma, eles copiam o comportamento masculino dos seus pais. O mesmo se passa com as meninas, mas na situação contrária, pois como não conseguem substituir a mãe junto do pai, acabam por identificar-se com elas, copiando-lhes os comportamentos e atitudes. Daí que, com tenra idade, as meninas queiram maquilhar-se, fazer a *manicure*, etc., tal como faz a mãe.

Por conseguinte, de acordo com a teoria psicanalítica, as consequências deste estágio de desenvolvimento é o mesmo para os meninos e para as meninas. A culpa e o medo fazem com que as crianças adotem os comportamentos e o código moral apropriados ao seu género, de acordo com a identificação que têm com os seus pais do mesmo sexo. Assim, mesmo antes de tomarem consciência das diferenças biológicas e anatómicas entre os sexos, os meninos e as meninas já desenvolvem os papéis de género.

A **teoria da aprendizagem social** (Bandura 1977) defende que os papéis de género são aprendidos. Desta forma, os pais, os professores e a sociedade, agentes de socialização, são responsáveis por qualquer manifestação ou comportamento de género que a criança apreenda ou demonstre. Segundo esta teoria, os papéis de género “masculino” e “feminino” são transmitidos às crianças através de modelos de comportamento de homem e mulher, sendo que cada modelo de comportamento será alvo de reforço ou punição. De facto, as crianças estão expostas a modelos de comportamento e atitudes estereotipados e são recompensadas ou punidas se seguem ou não os padrões apropriados ao género. Por isso, os meninos jogam à bola e as meninas brincam com bonecas e, caso joguem à bola, são “marias-rapazes”. Da mesma forma, mesmo em bebés, os meninos vestem azul e as meninas cor-de-rosa. Aqui os pais são considerados os principais atores de socialização, especialmente nos primeiros anos de vida, uma vez que eles são quem passa mais tempo com as crianças nesta fase da sua vida, estando em condições de administrar e condicionar as atividades das suas crianças (Maccoby 2003: 118).

Por último, para a **teoria cognitiva** (Kolberg 1966; Bem 1981), a identidade de género e o desenvolvimento de papéis de género é explicada através da compreensão que as crianças têm de género e como elas veem as diferenças entre homens e mulheres e como são motivadas/levadas a comportarem-se com o seu papel de género. Assim, de acordo com esta teoria, a identidade de género é a primeira etapa da organização cognitiva do mundo social da criança. Ou seja, da observação da realidade envolvente, das diferenças entre homens e mulheres, a criança autocategoriza-se menina ou menino. Primeiramente, a criança compreende as diferenças de género baseando-se na aparência e no comportamento, e não em diferenças biológicas. É só por volta dos 4 ou 5 anos que a criança começa a olhar para si fisicamente e começa a conhecer o seu corpo e toma consciência de que não o pode alterar. É a partir deste momento, ou seja, quando se dá o entendimento de que o género não se pode mudar ao longo do tempo, que a criança cria verdadeiramente a identidade de género. A partir de então a criança demonstra-se mais empenhada e motivada para aprender acerca dos papéis de género e a adotar comportamentos apropriados ao seu papel de género. “À

medida que o género se torna estável as crianças aprendem estereótipos de género pela observação de ações e papéis de género de homens e mulheres que as cercam” (Rodrigues 2003: 24).

Em síntese: a teoria psicanalítica descreve um processo através do qual a criança se identifica com o ascendente do mesmo sexo; a teoria da aprendizagem social sugere que a criança desenvolve a identidade de género através de um processo de aprendizagem que envolve a imitação de modelos e o reforço; e a teoria do desenvolvimento cognitivo defende que o género só é verdadeiramente aprendido pela criança a partir de um determinado estágio de desenvolvimento cognitivo, ou seja, entre as idades de 3 e 5 anos (Lips 1978^b).

Por isso, tendo em conta o seu conhecimento de género, a criança vive de acordo com dois padrões de comportamento:

- primeiro, conhecendo o seu género e identificando o género das outras crianças, a criança tende a ser atraída pelos que são iguais a si;

- segundo, tendo em conta o que aprendeu sobre os estereótipos de género - desde padrões e práticas culturais relativos ao modo como os dois sexos se comportam e atuam em sociedade e o que é esperado deles - a criança também vai procurar adaptar-se a esses padrões e práticas comportamentais adequadas a cada sexo (Maccoby 2003: 182). Portanto, esta segunda hipótese “[...] pressuposes that children have acquired the ability to identify not only their own gender but that of others who might serve as appropriate models for sex-typed standards and practices” (Maccoby 2003: 182).

Assim sendo, a identidade de género de um indivíduo começa a ser construída bastante cedo, desde que lhe é designado o seu sexo. A partir daí, todo o meio envolvente vai orientar o género a ser seguido pela criança e a própria criança vai categorizar-se de acordo com o seu sexo. Uma vez estabelecidas, estas categorias vão ser o ponto de partida da construção dos estereótipos de género (Maccoby 2003: 183). Assim, vão associar-se diferentes características psicológicas ao homem e à mulher, tal como enumera Mary Ritchie Key:

In our society, the psychological characteristics of males are said to be: aggressive, assertive, authoritative, competitive, courageous, daring, decisive, domineering, independent, innovative, self-reliant, and vigorous, as well as blunt, boastful, bull-headed, combative, presumptuous, pugnacious, sadistic and violent. Females are said to be affectionate, demure, dependent, emotional, excitable, gentle, illogical, indecisive, intuitive, passive, sensitive, submissive, tender, and unambitious, as well as bitchy, fickle, sacchaine, secretive, superficial, undependable, vacillating, whiny, and wily (Key 1996: 18).

Algumas destas características haviam já sido referenciadas por Robin Lakoff, em 1975.

Tal como o meio envolvente orienta o género, também a aquisição da linguagem vai ser condicionada, uma vez que esta é parte da cultura e um instrumento para a transmitir e para a preservar:

Language is a part of culture and an instrument for transmitting and perpetuating implicit, historically situated, and culture-bound principles of social order and systems of belief that define and assign unequal social value to feminity and masculinity (Sheldon 1993: 84).

Por isso, Amy Sheldon afirma que a linguagem é a maior influência no que e no como as crianças aprendem sobre o género e o género é a maior influência no modo como as crianças

usam a linguagem no seu dia-a-dia (Sheldon 1993: 84)². É através da linguagem que nos criamos e estruturamos enquanto seres humanos (cf. “we ourselves are created and constructed as social beings by learning a language” (Cameron 1992: 13-14)). Por isso, a linguagem funciona não só para iniciar as crianças, mas também para perpetuar e reforçar as diferenças de comportamento de género no que diz respeito às relações sociais estabelecidas nas interações conversacionais do dia-a-dia entre homens e mulheres. Para Sheldon (1993), o processo pelo qual as crianças aprendem a usar a linguagem de acordo com o que é apropriado para uma mulher ou para um homem chama-se “language socialization” (Sheldon 1993: 84). Nesse sentido, a interação com adultos é uma maneira de as crianças serem socializadas pela linguagem e aprenderem a usar a linguagem de acordo com a ideologia de género. Portanto, para a referida autora, a informação sociocultural sobre o género está codificada na organização do discurso e, dessa forma, os adultos influenciam a linguagem das crianças, fornecendo modelos de como homens e mulheres falam uns para os outros:

Sociocultural information about gender is encoded in the organization of discourse. Thus adults influence children by providing models of women and men talking to each other (Sheldon 1993: 84).

Por seu turno, Jane Sunderland e Lia Litosseliti entendem o género como uma variável crucial para analisar a variação na linguagem, visto que, mais que individual ou social, o género deve ser analisado contextualizado (Sunderland e Litosseliti 2002: 6 e 31).

2.2.2. O género como constructo social e cultural

Embora o género possa ser relacionado com a biologia, ele não imana diretamente do nosso corpo. Tal como disse Julia T. Wood, nós somos assexuados mesmo antes de nascermos, mas só adquirimos género no processo de interação social (Wood 1996^b: 6). O género é o processo de criar a dicotomia entre os sexos, apagando as semelhanças e sublinhando as diferenças, sendo sempre pensado em termos de oposição. Assim, masculino e feminino, como duas categorias bipolares, “[...] are behavioral constructs that are powerful regulators of human affairs” (Key 1996: 14). Harriet Whitehead (1981) afirma que quando se fala em construção cultural de género se está a dar significado ou sentido social às diferenças físicas entre os sexos e, em vez de se falar em masculino e feminino, fala-se em homem e mulher:

When I speak of cultural constructions of gender, I mean simply the ideas that give social meaning to physical differences between the sexes, rendering two biological classes, male and female, into two social classes, men and women, and making the social relationships in which men and women stand toward each other appear reasonable and appropriate (Whitehead 1981: 83).

² Cf. “From this we can expect that language is a major influence on what and how children learn about gender and that gender is a major influence on the way children use language in everyday life” (Sheldon 1993: 84).

Desta forma, as próprias diferenças biológicas são reforçadas e exageradas para construir a ideia de género. Por isso, as mulheres pintam as unhas, o cabelo, fazem a depilação, etc., tudo para diferenciar o seu corpo do masculino. Nesse sentido, a identidade de género é construída ao longo de toda a vida, desde o nascimento, passando pela atribuição de um nome, feminino ou masculino. A partir daí, primeiramente, são os pais os responsáveis pela formação do género da criança, pois vão cuidar da criança consoante seja um rapaz ou uma rapariga. Com o passar dos anos, a criança tomará também parte do processo, “[...] doing its own gender work and learning to support the gender work of others” (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 16). Holmes e Meyerhoff (2003) também reiteram que o género é um constructo social, em vez de uma categoria social dada, que é um produto e resultado da interação social. E sublinham que “[...] gender emerges over time in interaction with others” (Holmes e Meyerhoff 2003: 11).

Por um outro ângulo, o género ou a identidade de género é construído social e culturalmente, e a diferenciação de género pode ser entendida como um produto da socialização (Maccoby 2003: 3). Por socialização, Eleanor Maccoby (2003) entende o processo ou processos através dos quais cada geração de adultos passa à geração seguinte de crianças o conjunto de conhecimentos, crenças e aptidões que constituem a cultura do grupo. O processo de socialização na infância pode ser visto como antecipatório, uma vez que vai preparar as crianças para os papéis que vão desempenhar enquanto adultos.

Socialization, then, has traditionally been seen as the set of processes whereby each generation of adults passes along to the upcoming generation of children the fund of knowledge, beliefs, and skills which constitutes the culture of the social group. The socialization processes occurring in childhood have been seen as largely anticipatory: as a matter of preparing children for the roles they will need to play as adults (Maccoby 2003: 3-4).

Neste contexto, uma vez que a sociedade identifica diferentes papéis sociais para os adultos dos dois sexos, os meninos e as meninas necessitam de uma socialização preparatória diferente. Portanto, desde a infância, as crianças femininas e masculinas são tidas como diferentes e, por isso, os adultos interagem com elas de forma diferente. Nesse sentido, “[...] people handle infants more gently when they believe them to be female, more playfully when they believe them to be male” (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 17). Da mesma forma, falam com as crianças de modo diferente. Gleason *et al.* (1994) postulam que os pais usam mais diminutivos (pequenina, fofinha) e palavras ligadas ao estado de espírito (alegre, feliz, contente) quando falam com as meninas do que com os meninos. Por seu turno, com os meninos já usam mais expressões ou palavras ligadas à proibição (Não!...não!; Não faças isso!). Do mesmo modo, os pais lidam com os meninos mais bruscamente e de forma mais robusta do que com as meninas, que são tratadas com mais cuidado físico (Glass 1993: 68). Por outro lado, os pais distinguem-se das mães, uma vez que são mais diretos a dar ordens e utilizam menos cortesia, exigindo mais da criança.

Fathers interrupt their children more than mothers do; they issue more direct orders, and they are less likely to say polite things like “thank you” and “goodbye” when the opportunity arises. At the same time, fathers’ style demands more of the child: fathers are more likely to

use difficult words and to request relatively sophisticated information from their children. They spend more time testing the child's knowledge and encouraging the child to display that knowledge (Gleason e Greif 1983: 148-149).

Do mesmo modo, seguindo os exemplos dos adultos, os rapazes enunciarão de forma mais direta frases imperativas e as raparigas enunciarão questões e perguntas mais corteses do que os rapazes (Gleason 1987: 198).

Portanto, Gleason e Greif sugerem que pais e mães são diferentes na interação com as crianças. Embora os pais sejam menos corteses e menos sensíveis, o seu estilo de interação também tem um efeito positivo nas crianças (Gleason e Greif 1983: 149). De facto, para estes investigadores, na família tradicional, as mães são as primeiras cuidadoras das crianças e com quem mais estas contactam. Também Jane Sunderland (2002) refere a presença desta visão tradicional da família na literatura sobre bebés / crianças para pais e, por isso, categoriza em "Part-time father / Mother as main parent" (Sunderland 2002: 302). Por outro lado, Anne Moir e David Jessel (1992), sob o ponto de vista fisiológico, argumentam que ligação da mulher às crianças é inata e que a mulher mãe é a principal cuidadora da criança, ocupando o pai um papel subalterno. Para Colwill *et al.* (1978), os papéis que homem e mulher ocupam na família (microcosmos) são um retrato do que se passa a nível do macrocosmos, a sociedade: o homem protege, inicia e decide; a mulher toma conta dos filhos³. Logo, será através do pai que as crianças aprenderão a comunicar com o exterior.

In this way fathers can be seen as a bridge to the outside world, leading children to change their language in order to communicate. We have long suspected that fathers speak in a style different from mothers, one that provides a distinct model for their children (Gleason e Greif 1983: 149).

À mesma conclusão chegou Marianne Engle (1980), que analisou e caracterizou a linguagem das mães e dos pais em interação com as crianças. Verificou que tanto as mães como os pais simplificam a sua linguagem quando interagem com as crianças e vão adaptando essa linguagem de acordo com o desenvolvimento linguístico da criança. No entanto, Marianne Engle (1980) verificou diferenças entre a linguagem usada pelas mães e pelos pais. Assim, as mães interagem com as crianças com frases simples, pequenas, mas gramaticalmente bem formadas, sendo que vão aumentando o grau de complexidade das frases de acordo com o desenvolvimento linguístico da criança. Do mesmo modo, a linguagem usada pelas mães caracteriza-se também por ser repetitiva, mais orientada para o presente, controladora, vagarosa, com muitas pausas, com diferentes entoações e volume (Engle 1980:260). Por sua vez, embora os pais também ajustem a sua linguagem e procurem seguir a linguagem usada pelas mães, eles não usam tantas repetições, tantas perguntas e usam mais imperativos. A verdade é os pais parecem mais interessados em perceber o que as crianças estão a dizer (Engle 1980: 261). Marianne Engle (1980) conclui então que as mães surgem como as principais cuidadoras das crianças, os pais serão a ponte com o mundo exterior, incentivando as crianças para expandirem a sua linguagem:

³ Cf. "The marital roles provide us with an interesting microcosm of our general sex-role structure: men in our society protect, initiate, and decide, and women care for and defer to others" (Colwill *et al.* 1978: 265).

[...] they are the bridge between the close and tuned-in world provided by the mother and the less comprehensible outside world. Fathers may supply the impetus for the children to expand their language abilities as well as a suitable environment where this can occur (Engle 1980: 261).

Deste modo, é na interação em família que continuamente se negociam o papel e a identidade de gênero (Tannen 2003: 200). Obviamente, tendo diferentes tratamentos, as crianças aprendem a comportar-se de acordo com o esperado e, por isso, aprendem a ser diferentes, a ser rapazes ou raparigas, e a comunicar de forma diferente. “In other words, they do not have the option of growing into just people, but into boys or girls (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 19). Por outro lado, também se nota que os pais se preocupam mais do que as mães em formar a identidade de gênero nas crianças, uma vez que são eles quem mais distingue as meninas e os meninos através da interação que estabelecem com eles. Por isso, são mais brutos com os meninos e mais carinhosos e atenciosos com as meninas.

Men are more likely than women to play rough with boys and gently with girls, fathers use differential language patterns to boys and girls more than mothers, and men are more likely than women to reward children for choosing gender-appropriate toys (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 20).

Não só os homens / pais procuram reforçar o gênero, como são mais exigentes com os meninos nas suas opções de gênero⁴. Talvez por isso, são os meninos que vão ser mais rígidos na escolha dos seus brinquedos de acordo com o seu gênero, discriminando mais facilmente do que as meninas quando os seus pares não escolhem o mesmo tipo de brinquedos de acordo com o gênero. Obviamente esta atitude contribui para uma visão androcêntrica do gênero, uma vez que as atividades (brincadeiras) masculinas são consideradas normais (pois podem ser masculinas como também femininas). Não obstante, as atividades (brincadeiras) femininas são exclusivas desse gênero, sendo por isso marcadas e diferenciadas (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 21). Esta assimetria conduz a uma desvalorização cultural e social do que é feminino. Por isso, desde cedo, a maioria dos rapazes e das raparigas aprende que as brincadeiras e atividades masculinas são mais valorizadas do que as das meninas, sendo que os rapazes são constantemente desencorajados de eventuais interesses por atividades femininas. Daqui resulta que haja tão baixo número de educadores de infância, cozinheiros, dançarinos, etc. Por outro lado, Miriam Meyerhoff constata que os rapazes valorizam mais a identidade de gênero do que as raparigas (Meyerhoff 1996: 208).

Os próprios brinquedos estão associados à construção do gênero. Para Carmen Rosa Caldas-Coulthard e Theo van Leeuwen (2002), essa construção do gênero passa pelo *design* e movimento dos brinquedos, pelas cores bem como pelos textos associados a esses mesmos brinquedos. Assim, os brinquedos dos rapazes têm de implicar movimento e ação; os próprios bonecos (como o *Action Man*) têm de mexer braços e pernas; já as bonecas das meninas podem ou não mexer. Por outro lado, as cores são também muito significativas do gênero, tal como exemplifica a oposição tradicional entre o azul e o cor-de-rosa nas roupas dos bebés. Do

⁴ Cf. “Fathers react more strongly than mothers toward cross-sex activities in their children, particularly in their sons. Parents, then, give girls more leeway than boys when it comes to sex-typing.” (Maccoby 2003: 145).

mesmo modo, as bonecas das meninas aparecem vestidas de cor-de-rosa e outras cores derivadas (cf. *Barbie*). Os brinquedos dos meninos já estão ligados aos azuis, aos pretos, cores que aparecem associadas à masculinidade.

However, there is not just pink. There are all kinds of mauves, pinkish purples, bluish purples, ranging from pale to hot and brooding, and from light to dark menacing - hardly surprising given that there are different kinds of 'feminities'. Other colours, like blue for boys or dark colours for men, attach values to the idea of 'masculinity' (Caldas-Coulthard e Leeuwen 2002: 101).

Acrescente-se ainda que os brinquedos são classificados e nomeados em termos de papéis sociais. Os brinquedos para rapazes têm nomes mais "esquisitos", mas conotam estarem orientados para a ação e para o poder:

Toys for boys have some bizarre classifications, but implicitly, these locate the pseudo-actors in professional or action-oriented settings. Action Man is, variously, *Dr. X*, *Pollar*, *Polar Mission*, *Bowman*, *Roller Extreme*, *Bungee Jumper*, *Ninja*. These classifications point to power relations (*Dr.*), to super skills (*Roller extreme*, *Bungee Jumper*) or to supernatural power (*Ninja*). In all of them, therefore, some kind of power is conveyed (Caldas-Coulthard e Leeuwen 2002: 103).

Já as bonecas das meninas são classificadas de acordo com profissões e papéis femininos. Assim aparecem as bailarinas, as mães, as enfermeiras, as cabeleireiras, etc. Para além das bonecas, há ainda outros brinquedos ligados aos contextos e espaços tipicamente femininos, como sejam espaços domésticos como a cozinha.

Por sua vez, nos textos publicitários ou textos descritivos dos brinquedos são também valorizadas as características associadas ao género acima mencionadas.

Desta forma, Rosa Caldas-Coulthard e Theo van Leeuwen concluem que:

In the world of toys, gender divisions continued to be enacted - men have to do with the public domain, are action-oriented and have superior powers; women's worlds are linked to the house, are appreciated in terms of aesthetic values and are generally involved in the nurturing professions - even the Playmobil teacher is dressed in pink! (Caldas-Coulthard e Leeuwen 2002: 106).

Assim, tal como sublinhou Cook-Gumperz (1995: 407), as brincadeiras das crianças podem ser consideradas como uma janela para a vida cultural das sociedades e para as rotinas do dia-a-dia, bem como uma fonte social e pessoal para o desenvolvimento dos valores culturais.

Esta diferenciação de género é também constantemente reforçada pela separação: os meninos brincam com os meninos e as meninas com as meninas.

Even when children are not carrying out tasks but are simply playing together in situations where children of both sexes are present, children are usually found in closer proximity to other children of the same sex, and relatively few of their social acts are directed toward children of the other sex. The same-sex preferences are especially pronounced when the other children present are of similar age (Maccoby 2003: 23).

Esta segregação de género, que começa cedo na infância, atinge o seu auge no meio da infância (por volta dos 8-11 anos) e embora os adultos, como educadores, promovam a interação entre os indivíduos de sexos diferentes, as crianças preferem interagir com os seus pares. Maccoby (2003) advoga que esta preferência pela interação com os seus pares nas

atividades da escola é uma estratégia de segurança e previsibilidade, uma vez que as crianças esperam que os seus pares reconheçam o seu estilo de brincar (Maccoby 2003: 23). Deborah Tannen (1990) afirma mesmo que, embora algumas das atividades dos meninos e das meninas sejam semelhantes, os seus jogos e brincadeiras preferidos são distintos, tal como o modo de usarem a linguagem é diferente (Tannen 1990: 43). Não obstante, não é claro em que medida estes comportamentos resultam da preferência das crianças ou da imposição social (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 25). No entanto, as brincadeiras dos meninos e das meninas são totalmente diferentes. Deborah Tannen (1990) refere que os meninos preferem brincar na rua, com grandes grupos de meninos, onde a hierarquia está estabelecida e onde há vencedores e vencidos:

Boys tend to play outside, in large groups that are hierarchically structured. Their groups have a leader who tells others what to do and how to do it, and resists doing what other boys propose. It is by giving orders and making them stick that high status is negotiated. [...] Boys' games have winners and losers and elaborate systems of rules that are frequently the subjects of arguments. Finally, boys are frequently heard to boast of their skill and argue about who is best at what (Tannen 1990: 43).

Por outro lado, as meninas preferem brincar em pequenos grupos ou em pares, onde na maioria das brincadeiras não existem vencedores nem vencidos, mas reina a intimidade e a diferença entre elas é estabelecida pela proximidade que têm entre si:

Girls, on the other hand, play in small groups or in pairs; the center of a girl's social life is a best friend. Within the group, intimacy is key. Differentiation is measured by relative closeness. In their most frequent games, such as jump rope and hopscotch, everyone gets a turn. Many of their activities (such as playing house) do not have winners or losers (Tannen 1990: 43-44).

À semelhança das suas brincadeiras, os rapazes são mais competitivos e têm mais discussões do que as meninas. Enquanto as discussões entre as meninas acabam mais rapidamente, uma vez que elas procuram sempre eliminar o conflito e manter a harmonia, os meninos discutem durante mais tempo, com mais insistência, e, muitas vezes, terminam com violência física entre si (Tannen 1990: 45).

Por conseguinte, para Cook-Gumperz (1995), é durante este período de convívio entre os pares, onde há partilha de segredos e o estabelecimento de relações de amizade, que se consolida a identidade de género:

The period of peer support provides exploration and consolidation of a gender identity that is established through a communicative system that is built up through the sharing of secrets and peer bonding. The communicative approach to adult social gender identity is rooted in children's critical experiences of girlhood and boyhood (Cook-Gumperz 1995: 403-404).

Por outro lado, Cordelia Fine (2010) pondera também que os pares funcionam como vigilantes do comportamento individual, verificando se o comportamento e as brincadeiras de cada um se adequam ao género. Por isso, uma criança, em idade pré-escolar, pode brincar com algo que seja indiferente ao seu género quando está sozinha, mas, quando acompanhada por colegas do outro género, brinca maioritariamente com brinquedos adequados ao seu género:

Unsurprisingly, this peer feedback seems to influence children's behavior, making it more stereotypical. Peers' responses appear to act as reminders to children that their behavior doesn't follow gender rules, because they are particularly effective in bringing cross-gender behavior to an end. [...] Preschool children spend more time playing with gender-appropriate toys when an opposite-sex peer is nearby, in comparison with play in the absence of another child (Fine 2010: 218).

Por volta dos 12-13 anos, começa a mudança. Em vez de se relacionarem com os seus pares, as crianças, já adolescentes, começam a organizar-se em casais, pois descobrem a heterossexualidade (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 25-26). Não obstante, será também por estes relacionamentos que vai sublinhar-se a diferença de género, uma vez que os opostos se vão atrair, procurando acentuar características do género. Por exemplo, “[...] girls come to want to feel small and delicate; boys want to feel big and strong” (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 28). Para Penelope Eckert, é na adolescência que as ideologias de género estão mais presentes e salientes (Eckert 2003: 381).

Portanto, a criança define a sua identidade de género de acordo com o meio social envolvente. Fichtelius *et al.* (1980) afirmam que as crianças constroem as suas ideias de género e de papéis de género de acordo com o que observam da diferenciação de papéis de género e através do que lhes foi e é comunicado pelos adultos, e, a partir daí, constroem os seus modelos e padrões a seguir:

They built their ideas of sex roles through interpreting direct or indirect signals from their environment and by observing existing sex-role differentiation in that environment. Through the comprehension of nuances in adult communication with them, which derive from adult attitudes towards them, children learn what is expected of them and how to act in different situations. By identifying with the view their social context has of girls and boys they form a more positive picture of their 'self' since environment expects that they shall behave like 'girls' or 'boys' (Fichtelius *et al.* 1980: 219).

Por sua vez, Cordelia Fine (2010) destaca mesmo que as crianças nascem num mundo onde o género é continuamente enfatizado através de convenções presentes no vestuário, na aparência, na linguagem, na cor, em símbolos, denunciando que diferenciar o masculino do feminino é de grande importância:

[...] children are born into a world in which gender is continually emphasized through conventions of dress, appearance, language, color, segregation, and symbols. Everything around the child indicates that whether one is male or female is a matter of great importance (Fine 2010: 227).

O desenvolvimento do género não termina na adolescência, continua quando esses jovens entram no mercado de trabalho, quando desempenham os seus papéis na família que constituem e ao longo de toda a vida.

As we age, we continue to learn new ways of being men and women: what's expected from a teenaged girl is rather different from expectations for a woman in her mid-forties and those expectations differ from those for a woman approaching eighty. [...] As we have seen above, learning to be male or female involves learning to look and act in particular ways, learning to participate in particular ways in relationships and communities, and learn to see the world from a particular perspective (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 30).

Por conseguinte, pode afirmar-se que o género não é algo que se tem mas que se faz, e não se constrói de forma individual, mas de forma colaborativa através da interação entre os indivíduos (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 31-32). Por isso, Eleanor Maccoby argumenta que

o género, para além de ser construído através da socialização, é construído e defendido em contexto, ou seja, em contexto de grupo, onde os indivíduos interagem (Maccoby 2003: 12), mas sublinha que “[...] people behave differently depending on whether they are interacting with a member of their own sex or someone of the other sex” (Maccoby 2003: 187). O mesmo postula Joan Swann quando refere que o género, tal como a linguagem, é fluído, contigente e dependente do contexto (Swann 2002: 47).

Em suma, tal como sublinhou Judith Butler (1990: 139), o género é uma categoria fluída, um ato simultaneamente intencional e performativo, através do qual se constroem significados. Assim, os papéis de género não são totalmente pré-determinados pelo sexo, mas construídos e estabelecidos através da linguagem e do discurso.

Por último, falta sublinhar o conceito de diversidade de género, cunhado por Serena Nanda (2000). Segundo Nanda, a oposição masculino e feminino não faz parte da natureza humana, mas sim da cultura. Tal como o género é um constructo social e cultural, as diferentes culturas do mundo constroem os seus sistemas de género de acordo com as suas ideologias e valores, podendo criar sistemas de género diferentes do mundo ocidental:

Gender diversity (which I use interchangeably with gender variation) refers to the fact that cultures construct their sex and their gender systems differently and that these systems do not always neatly divide into male and female, man and woman (Nanda 2000: 1).

Portanto, numa perspetiva multicultural, Serena Nanda verificou que existem diversas maneiras ou modos de as sociedades organizarem o seu pensamento sobre sexo, género e sexualidade. Neste sentido, é importante ter presente que a exploração do género que se faz neste trabalho é centrada na realidade do mundo ocidental, procurando verificar o seu reflexo no Português Europeu.

2.2.3. Aprender a linguagem de acordo com o género

Como se explicam as diferenças de género no uso da linguagem? A aprendizagem da linguagem acompanha a aprendizagem do género? Por outro lado, como se explica o surgimento dessas diferenças, quando são as mulheres as principais responsáveis pelo acompanhamento das crianças desde que nascem? Não aprenderiam todos a falar a “linguagem da mulher”?

De facto, Robin Lakoff (1975) sugeriu que, primeiro, todas as crianças aprendiam a “women’s language” através das mães e outras figuras femininas, como *baby-sitters* e educadoras; à medida que iam crescendo, as raparigas mantinham a sua forma de falar, mas os rapazes começavam a mudar. Por volta dos 10 anos, já as crianças brincam com os seus pares do mesmo sexo e distinguir-se-iam dois estilos de conversação. Por isso, tal como conclui Deborah Tannen, “[...] children learn how to talk, how to have conversations, not only from their parents but from their peers” (Tannen 1990: 43). Também Penelope Eckert (2003) concorda que é a partir da adolescência que se dá a mudança. Por isso, considera que os adolescentes, tal como as mulheres, são considerados “[...] emotional, changeable,

irrational, trivial, and unobjective” (Eckert 2003: 382). Logo na infância e adolescência, os indivíduos vão-se distanciando da linguagem da mulher, da mãe, criando a sua própria linguagem a partir das ideologias de género que receberam. Logo, para Penelope Eckert “adolescence is a particularly rich lifestage for the study of the interplay between the construction of language and the construction of social identity” (Eckert 2003: 382).

William Labov (1972) sublinhou que os grupos de pares do mesmo sexo exercem uma grande influência na aprendizagem dos diferentes estilos discursivos de acordo com o género, já que “[...] children follow the pattern of their peers” (Labov 1972: 304).

Não obstante, é necessário ter presente que as diferenças de género são resultado de diferenças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, tudo em simbiose. Do mesmo modo, a aprendizagem da linguagem será condicionada por essas diferenças, sendo também o seu resultado. Por outro lado, a linguagem é a maior força criadora da ideologia de género na cultura, pois é através da linguagem que se reflete, se constrói e se perpetua o género (Sheldon e Johnson 1998: 76). A isto acresce todo o ato comunicativo e a comunicação em geral, pois a comunicação, desde uma conversa familiar ao discurso político, contrói e perspetiva a ideologia de feminino e masculino, de mulher e de homem (Wood 1996^b: 12). Efetivamente, tal como sublinham Fichtelius *et al.* (1980), desde cedo as crianças aprendem a usar características linguísticas específicas do seu género, tal como os adultos usam diferentes estratégias linguísticas consoante estejam a falar com uma menina ou um menino (Fichtelius *et al.* 1980: 225).

Por outro lado, como sublinham Barrie Thorne e Nancy Henley (1975^b: 30), também não se pode estudar a aquisição da linguagem sem a variável sexo, que entra nos padrões de socialização muito antes da classe social. Por isso, Jacqueline Sachs (1975: 154) considera que até o tom e o volume de voz com que homens e mulheres falam são resultado, mais do que de diferenças de tamanho do trato vocal (diferenças biológicas), de arquétipos culturais. Efetivamente, as diferenças de tamanho do trato vocal são o único condicionador do volume e do tom de voz quando se fala de diferenças em rapazes e raparigas entre os 5 e os 12 anos. Estas diferenças anatómicas são, nestas idades, potenciadoras de diferenças fonéticas. No entanto, a partir desta idade, também os rapazes e raparigas começam a aprender a “use the voice and speech style that is viewed as appropriate for their sex in the culture” (Sachs 1975: 168). Por isso, muito facilmente se distingue, mesmo sem se ver, se a voz que ouvimos é de um homem ou de uma mulher, se é caracteristicamente masculina ou se é caracteristicamente feminina.

Portanto, como afirma Kathryn P. Scott (1980), a linguagem é um importante veículo de transmissão dos comportamentos e papéis de género, quer sejam femininos quer sejam masculinos. Nesse sentido, até a personalidade do indivíduo é julgada pela linguagem usada e pelo estilo de expressão (Scott 1980: 199). Weatherall e Gallois (2003) acrescentam ainda que a linguagem é “[...] both a medium for expressing gender identity and a reflection of it” (Weatherall e Gallois 2003: 489). Neste sentido, a identidade de género do falante condiciona a perceção e avaliação do discurso e linguagem que ouve e fala. Por isso, Deborah Cameron

acrescenta que a dicotomia masculino / feminino projeta-se na linguagem, especialmente na gramática (Cameron 2002: 126).

2.2.4. Viver o género

Já referimos que o género é um constructo social e que o género de cada indivíduo é formado de acordo com a ordem social (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 32). De facto, o género consiste num padrão de relações que se desenvolve no tempo para definir o masculino e o feminino, estruturando e regulando simultaneamente a relação dos indivíduos em sociedade. Por esta razão, o género está presente em cada aspeto da vida e da sociedade - nas instituições e organizações, nos espaços públicos e privados, nas artes, no vestuário, nos jogos e brincadeiras, na linguagem, etc. Portanto, a dicotomia do género está no centro da nossa ordem social porque somos nós que o mantemos (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 33). A diferenciação de masculino e feminino serve não só para garantir a reprodução biológica, mas também para garantir a reprodução social, uma vez que a sociedade está organizada nestas duas categorias: masculino e feminino, que perpetuam continuamente os papéis sociais de género (Colwill e Lips 1978^b: 144).

Assim, o género é apoiado por um conjunto de ideologias e convenções que fazem com que faça parte de todos os aspetos da nossa vida. Por exemplo, nomear primeiro o homem e depois a mulher (Senhores e Senhoras...; Sr. Oliveira e Sra. Oliveira...) faz parte da convenção, embora, cada vez mais isso esteja a mudar. A ideologia diz respeito a um conjunto de crenças através das quais as pessoas explicam e justificam o seu comportamento e interpretam o dos outros. Por conseguinte, a ideologia está presente na questão do género, pois este é construído através daquilo que as pessoas acreditam ser característico de determinado género, em detrimento do outro. Dessa forma, a ideologia de género estabelece uma ordem, explicando e justificando o género dos indivíduos. Logo, a ideologia dominante não prescreve simplesmente que masculino e feminino devem ser diferentes, como insiste e acredita que eles simplesmente são diferentes (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 35). À partida, esta visão parece dar uma ideia dicotómica de que os géneros são opostos. Contudo, não podemos esquecer que os opostos se atraem, surgindo a ideia de complementaridade entre os géneros para conduzir à referida reprodução social do género. Efetivamente, Eckert e McConnell-Ginet (2003) veem que “[...] male and female become collaborative factions in the heterosocial enterprise, opposition is supplemented by a notion of complementarity” (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 36).

Por outro lado, esta diferenciação de géneros está presente também nas instituições e no trabalho. Primeiramente, por razões fisiológicas, a mulher sempre foi encarada como o sexo mais fraco. Na generalidade, a mulher é mais baixa, mais leve, tem menos massa muscular do que o homem, logo, é justificável que a mulher seja encarada como incapaz de fazer determinadas tarefas ou exercer determinadas atividades:

Women have long been regarded as members of the weaker sex. As a group, they are shorter, lighter, and less muscular than men and are regarded in our society as generally unable to perform heavy manual work or to compete in certain stressful or potentially violent athletic events. These differences have been used as justification for keeping women out of certain jobs, such as construction, and such sports as weight lifting, football, and hockey (Lips *et al.* 1978: 147).

Não obstante, apesar destas diferenças, a mulher tem sido capaz de ocupar lugares e cargos cujo acesso lhe tem vindo a ser dificultado por estas ideias pré-concebidas.

Nas sociedades ocidentais, a divisão do trabalho por género está ainda ligada a poder e *status* diferentes. As atividades dos homens estão associadas a maior poder societal. Na maioria das culturas, é o homem que tem maior acesso a posições públicas de poder e influência. Esta diferença é o resultado da “[...] social structure that awards men higher status and stereotypes them as more competent than women” (Lips e Colwill 1978^c: 241). As mulheres, por sua vez, têm influência em situações domésticas e em contextos privados. Neste sentido, se fala em discriminação:

There is plentiful evidence that discrimination exists at all levels, and is a powerful force affecting women’s opportunities for job training, for being hired, and for being promoted (Maccoby 2003: 227).

Para Eleanor Maccoby (2003), as diferentes histórias de infância dos dois sexos têm uma série de implicações na maneira como homens e mulheres se correlacionam com o mesmo sexo ou com o sexo oposto, sendo que se pode esperar uma segregação de género, tal como acontece na infância:

We have seen that when children have a choice of social partners, they tend to gravitate toward same-sex others and avoid children of the other sex. On this basis alone we might expect to see tendencies toward gender segregation in the workplace as well (Maccoby 2003: 227).

Não obstante, as crianças também convivem e partilham atividades com o sexo oposto, seja em atividades escolares ou de entretenimento. Estas também são favoráveis às boas relações entre os sexos no trabalho. Neste sentido, será preferível falar em integração de géneros, em detrimento de segregação. Então esta será a questão colocada por Maccoby: “In the daily life of the workplace, to what extent does gender segregation, versus gender integration, prevail?” (Maccoby 2003: 227).

Portanto, o paralelo que existe entre as características das relações entre homens e mulheres no trabalho e as relações que prevalecerem entre rapazes e raparigas na infância parecem, para Macoby, bastante claras, embora considere que possam existir diferenças (Maccoby 2003: 251). Essas semelhanças englobam vários aspetos:

1) A forma de falar

Os grupos de rapazes normalmente falam de assuntos relacionados com sexo, em que a mulher é vista como objeto sexual. Também no mundo do trabalho, esta visão pode estar presente. Assim, quando um homem se aproxima e interage mais com uma mulher pode ser alvo de rumores sobre eventuais interesses românticos e sexuais, fazendo com que ambos evitem interações.

2) Diferentes interesses

Tal como na infância, em que as crianças se agrupam de acordo com o mesmo género, as mesmas brincadeiras e interesses, também num grupo de trabalho, onde existam pessoas de ambos os sexos, as pessoas tendem a agrupar-se com pessoas do mesmo sexo para almoços e outras situações informais.

3) Hierarquias e competições

As brincadeiras de infância dos rapazes têm sempre presente a hierarquia e a competição. Por sua vez, as brincadeiras das raparigas têm como principais características as relações igualitárias, um discurso colaborativo e uma liderança democrática. Na sua vida social informal, as raparigas nunca tiveram necessidade de encontrar um lugar na hierarquia estabelecida pelos rapazes. Talvez, por isso, se diga que a inexperiência feminina com hierarquias as coloque em desvantagem na hierarquia do trabalho. No entanto, não existem provas que o confirmem (Maccoby 2003: 252).

Contudo, esta perspetiva do mundo do trabalho parece já fora de moda, pois já existem muitas profissionais mulheres que fazem parte de grandes organizações - de médicos, de advogados, de departamentos universitários - onde homens e mulheres trabalham juntos e onde têm um *status* igual. Por outro lado, também em outros tipos de trabalho, menos de elite, que primeiro eram considerados unissexo, já são desempenhados por ambos os sexos, por exemplo: caixa de supermercado, taxista, juiz, camionista, piloto, polícia, etc.

Por conseguinte, o aumento crescente de mulheres no mercado de trabalho fez com que algumas ideologias mudassem, nomeadamente a segregação de género no trabalho, para se transformar em integração de género. Porém, Eleanor Maccoby (2003) alerta:

The fact that there is a generational shift in attitudes, with younger people taking gender equality in the workplace more for granted, also holds promise of greater cross-sex acceptance in the future.
Nevertheless, there are still some sobering impediments to change (Maccoby 2003: 253).

Noutra perspetiva, nas sociedades ocidentais, esta divisão do trabalho pelo género assenta basicamente no papel que a mulher ainda ocupa no domínio doméstico, sendo o homem que domina no domínio público. Ideologicamente, esta divisão do trabalho está ligada aos diferentes papéis reprodutores, em que a mulher é a cuidadora dos filhos, ficando a seu cargo a educação dos filhos e a manutenção da casa. Para além das diferentes exigências de serem progenitores, também existe divisão sexual no trabalho porque se atribuem características / capacidades sociais e intelectuais diferentes aos dois géneros. Por exemplo, a mulher é tida como mais atenciosa para os outros, sendo melhor a estabelecer relações interpessoais. Por isso, ocupam cargos ao serviço dos outros, como seja educadoras de infância, professoras, enfermeiras, secretárias, hospedeiras de bordo, etc. Por outro lado, como os homens são considerados melhores a julgar, a dar conselhos e a peritar, eles ocupam cargos onde tenham poder e onde resolvam e forneçam soluções. Por isso, são maioritariamente homens que ocupam grandes cargos de chefia.

Embora a divisão do trabalho pelo género esteja a mudar, acompanhada pela mudança de mentalidades, ainda se mantêm muitas ideologias arraigadas, que dificultarão a completa mudança, continuando a acentuar as diferenças de género. Portanto, será impossível viver em

sociedade sem género, pois as suas categorias são constantemente reforçadas pelo comportamento da maioria dos indivíduos, mantendo a ordem social do género.

2.3. O género e as diferenças comunicativas

2.3.1. Origens do tema

A ideia de que homens e mulheres têm estilos conversacionais diferentes já está bastante difundida, e não é raro encontrar livros de psicologia e antropologia, entre outros, a apresentarem capítulos inteiros sobre como entender o sexo oposto. Exemplos disso são os livros *You Just Don't Understand* (1992), de Deborah Tannen, e *He Says, She Says* (1993), de Lillian Glass. Esta última autora chega mesmo a enumerar 105 diferenças comunicativas entre homens e mulheres, que agrupa em 5 categorias: (1) linguagem corporal; (2) linguagem facial; (3) padrões do discurso e da voz; (4) conteúdos linguísticos; e (5) padrões comportamentais (Glass 1993: 45 e ss.). Não obstante, o que nos interessa aqui, enquanto estudiosos da linguagem e da comunicação, não é reiterar estas “receitas”, mas tentar compreender qual a natureza e a razão dessas diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

Entre as razões que explicam essas diferenças comunicativas de género, já apresentámos razões biológicas (ponto 2.1), psicológicas (ponto 2.2.1.), sociais e culturais (pontos 2.2.2., 2.2.3. e 2.2.4.). A partir de agora, vamos procurar compreender como se verificam e a natureza dessas divergências de género na comunicação. Para isso, vamos, pegando nos estudos realizados na área, refletir teórica e evolutivamente sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

Os primeiros dados a centrarem-se sobre as diferenças comunicativas e o género remontam já, segundo Ann Bodine (1975), aos séculos XVII e XVIII, época em que alguns estudiosos, exploradores e missionários europeus na Ásia, na África, nas Américas, na Austrália e no Pacífico, verificaram e relataram que os homens e mulheres dessas regiões falavam de forma diferente:

Throughout the seventeenth and eighteenth centuries European scholars, explorers, and missionaries to Asia, Africa, the Americas, Australia, and the Pacific produced a steady stream of descriptions of languages with gender, which they considered unremarkable, and languages in which women and men spoke differently, which they considered remarkable and treated as an entirely different phenomenon from gender (Bodine 1975: 130).

Estes estudos continuaram no século XIX, mas estas novas investigações sobre a linguagem procuravam, tendo em conta as diferenças de discurso entre homens e mulheres que haviam sido relatadas, verificar “how the female-male speech differences had survived colonization” (Bodine 1975: 130).

A par destes estudos sobre as diferenças comunicativas de género em sociedades mais primitivas, recém-colonizadas, começaram a surgir, no século XX, investigações nos E.U.A e em alguns países da Europa. Entre esses estudos e estudiosos que começaram a aparecer,

vamos começar por falar de Robin Lakoff que, segundo Deborah Tannen, foi “[...] the pioneer in linguistic research on language and gender, she provided a starting point for me, and for a generation of scholars” (Tannen 1990: 11), e, de acordo com Kira Hall e Mary Bucholtz, tem um “foundational text” (Hall e Bucholtz 1995: 1), não havendo outro texto tão influente, mas também tão controverso (Hall e Bucholtz 1995: 1). De facto, bem antes de Robin Lakoff, o português João da Silva Correia escreveu a obra *A linguagem da mulher em relação à do homem* (1927), onde faz uma análise da linguagem da mulher em constante comparação relativamente à linguagem masculina, sempre dependente do contexto social, económico, político e cultural dos inícios do século XX. Efetivamente, esta obra revela-se fundamental nos estudos sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres no português europeu. Por outro lado, deve salientar-se o seu carácter extremamente vanguardista porque aborda uma temática (diferenças de género na comunicação/linguagem) que só começou a ser verdadeiramente explorada a partir da década de 70, com a emancipação do movimento feminista e dos estudos do género. Por isso, Robin Lakoff se destaca pela obra *Language and Woman's Place*, que editou em 1975. Embora temporalmente não seja a primeira obra a abordar questões de género, é importante pelo relevo que atribui ao tema e pela importância que lhe é reconhecida por outros investigadores, que a partir do seu trabalho iniciaram ou enriqueceram outras investigações.

No que concerne às diferenças linguísticas e comunicativas entre homens e mulheres, Lakoff começa por afirmar que essas se baseiam nos diferentes papéis que homens e mulheres desempenham na sociedade, e acrescenta que, por sua vez, a mulher é alvo de discriminação linguística de duas formas: primeiro, pelo modo como é ensinada a usar a língua e, segundo, pelo modo como a língua em geral é usada para a tratar:

We will find, I think, that women experience linguistic discrimination in two ways: in the way they are taught to use language, and in the way general language treats them. Both tend, as we shall see, to relegate women to certain subservient functions: that of sex object, or servant; and therefore certain lexical items mean one thing applied to men, another to women, a difference that cannot be predicted except with reference to the different roles the sexes play in society (Lakoff 1975: 4).

Neste sentido, desde cedo as crianças, ou seja, os rapazes e as raparigas aprendem a usar a língua de modo diferente. Embora, a princípio, tanto os rapazes como as raparigas aprendam a linguagem no convívio feminino, com a mãe em casa, consoante vão crescendo, vão modificando o seu modo de falar de acordo com os seus pares, o pai, os familiares mais velhos do sexo masculinos e os próprios amigos.

Lakoff postula, neste seguimento, que a mulher é constantemente alvo de críticas pelo modo como usa a língua:

If she refuses to talk like a lady, she is ridiculed and subjected to criticism as unfeminine; if she does learn, she is ridiculed as unable to think clearly, unable to take part in a serious discussion in some sense, as less than fully human (Lakoff 1975: 6).

Por isso, muitas mulheres tentam usar a língua de acordo com quem estão a falar, tendo assim a capacidade de falar dois dialetos, tornando-se bilingues. No entanto, uma vez que se está aqui a falar do domínio de dois dialetos, a verdade é que é difícil dominar os dois

dialetos de forma equitativa, o que leva as mulheres a tornarem-se menos participativas em discussões, conversas ou debates que envolvam os dois sexos. Não obstante, a linguista americana sublinha que “[...] it is of interest, by the way, to note that men’s language is increasingly being used by women, but women’s language is not being used by men, apart from those who reject the American masculine image” (Lakoff 1975: 10). Do mesmo modo, por exemplo, há trabalhos ditos masculinos que têm vindo a ser procurados e desempenhados por mulheres (ex. camionista, tratorista, pintora, etc.), mas o contrário não acontece tão regularmente (ex. educadores de infância, baby-sitting, etc.).

Para Robin Lakoff, estas diferenças de comportamento entre os dois sexos baseiam-se, mais do que em diferenças biológicas, em diferenças sociológicas ao nível da educação das crianças:

It is sometimes claimed that there is a biological basis for this behaviour difference, though I don’t believe conclusive evidence exists that the early differences in behaviour that have been observed are not the result of very different treatment of babies of the two sexes from the beginning; but surely the use of different particles by men and women is a learned trait, merely mirroring nonlinguistic differences again, and again pointing out an inequity that exists between the treatment of men, and society’s expectations of them, and the treatment of women (Lakoff 1975: 11).

Por isso é que algumas palavras mais grosseiras não são admitidas na boca de uma mulher, sendo logo considerada mal-educada, rude ou *rapazola*, mas são admiradas num homem, revelando a sua masculinidade e afirmação perante os seus pares. Deste modo, neste domínio lexical, a linguista divide a escolha das palavras da língua em dois tipos: as neutras e as caracteristicamente específicas da mulher. Neste último ponto, destaca-se a escolha dos adjetivos e das cores para caracterizar algo. As mulheres são muito mais específicas e têm vantagem de poder escolher entre as palavras específicas do seu dialeto e as palavras neutras, características do sexo masculino (Lakoff 1975: 12).

Relativamente às questões sintáticas, Lakoff admite que não existe na gramática inglesa uma regra específica do uso da mulher, mas reconhece que existe pelo menos uma regra que as mulheres usam muito mais que os homens em conversação - a regra da formação *tag questions*. Este tipo de formação de perguntas (ex. *Este vestido é bonito, não é?*) é usada quando o falante afirma algo, mas não tem plena confiança daquilo que está a dizer ou não se quer comprometer com o que diz. Assim, procura uma partilha de ideias com o seu(s) ouvinte(s). Contudo, o problema desta formação sintática é que dá a impressão de que o falante é inseguro, uma crítica que constantemente é feita à mulher em conversação.

Não obstante, o uso da construção *tag questions* pode também remeter para uma outra característica do discurso da mulher - a sua polidez ou cortesia. Portanto, o uso desta construção sintática é uma forma de cortesia, através da qual a mulher não impõe os seus pontos de vista ou ideias. “Thus a tag question is a kind of polite statement, in that it does not force agreement or belief on the addressee” (Lakoff 1975: 18).

Da mesma forma, as mulheres não dão ordens, fazem pedidos ou dão sugestões. “A request may be in the same sense a polite command, in that it does not overtly require obedience, but rather suggests something be done as a favour to the speaker” (Lakoff 1975:

18). Por sua vez, uma ordem clara (muitas vezes pouco cortês) expressa a ideia de que o falante tem marcadamente uma posição superior à do seu ouvinte. Assim, pode-se concluir que a mulher faz sugestões, dá ordens e faz pedidos de uma forma mais cortês e menos impositiva das suas ideias do que o homem:

Given these facts, one can see the connection between tag questions and tag orders and other requests. In all these cases, the speaker is not committed as with a simple declarative or affirmative. And the more one compounds a request, the more characteristic it is of women's speech, the less of men's (Lakoff 1975: 19).

Ainda no que diz respeito à questão da cortesia, Lakoff diz que a própria mulher é designada eufemisticamente por *lady*, em português *senhora*, porque é uma forma de enobrecer a mulher. Não obstante, alerta que tal não acontece para designar o homem, que muito mais raramente é designado por *gentleman/senhor*, talvez porque não necessita de ser enobrecido:

Most people who are asked why they have chosen to use *lady* where *women* would be as appropriate will reply that *lady* seemed more polite. The concept of politeness thus invoked is the politeness used in dignifying or ennobling a concept that normally is not thought of as having dignity or nobility. It is this notion of politeness that explains why we have *cleaning lady*, but not, normally, *lady doctor*. A doctor does not need to be exalted by conventional expressions: she has dignity enough from her professional status. But a cleaning woman is in a very different situation, in which her occupational category requires ennobling. Then perhaps we can say that the very notion of womanhood, as opposed to manhood, requires ennobling since it lacks inherent dignity of its own: hence the word *woman* requires the existence of a euphemism like *lady* (Lakoff 1975: 24-25).

Do mesmo modo, se recorre eufemisticamente à palavra *girl/rapariga* para designar a mulher, mas, neste caso, enquanto “a person who is both too immature and too far from real life to be entrusted with responsibilities and decisions of any serious nature” (Lakoff 1975: 26). No fundo, ambas as formas de tratamento da mulher, *senhora* e *rapariga*, não possuem as implicações sexuais que o termo *mulher* encerra. De facto, as mulheres são encaradas como seres/objetos sexuais, não tendo, por isso, um estatuto marcado.

Women are primarily sexual beings, one is in effect automatically relegating them to object status; if women are there for the use and enjoyment of men, they are not fully human beings in their own right (Lakoff 1975: 27).

São estes factos sobre a posição da mulher relativamente ao homem que levam a linguista a questionar algumas críticas comumente feitas às mulheres, “[...] that women are vain and self-centered, concerned only about their appearance and how others view them” (Lakoff 1975: 27). Para Lakoff, “[...] it is men who are self-centered and egocentric and that women's seeming vanity is not that at all” (Lakoff 1975: 27). Neste seguimento, Lakoff conclui afirmando que “a man is defined in the serious world by what he does, a woman by their sexuality, that is, in terms of one particular aspect of her relationship to men” (Lakoff 1975: 30). Por isso, na maior parte das vezes a mulher é chamada pelo nome do marido (a Sra. Martins, a esposa do Sr. António, etc.). O mesmo se passa com os títulos, *menina* ou *senhora*, que existem em função do estatuto social e matrimonial com que a mulher é vista pela sociedade.

Ainda no que aos aspetos gramaticais diz respeito, a linguista americana aponta ainda o “machismo” das gramáticas, que recorrem ao pronome pessoal masculino *ele* quando se quer referir alguém no geral e indefinido e o pronome *eles* e *todos* para referir um grupo com número reduzido de mulheres entre os homens. Outro exemplo é ainda a utilização da palavra *Homem* com maiúscula para designar toda a humanidade, sendo que esta última seria a palavra mais apropriada e inclusiva. A consequência de tudo isto é a inferiorização da mulher, ou seja, “the use of the neutral *he* with such frequency makes women feel shut out, not a part of what is being described, an inferior species, or a nonexistent one” (Lakoff 1975: 45).

Embora Robin Lakoff (1975) admita na sua obra que as ideias e argumentos que apresenta sobre as diferenças comunicativas se baseiam na observação casual e na intuição, reconhecendo que as diferenças que estabelece partem também de ideias estereotipadas sobre a linguagem da mulher e como a mulher deveria falar, sistematiza uma série de diferenças entre a linguagem da mulher e do homem. No entanto, embora se apliquem à língua inglesa, torna-se pertinente, pelo seu pioneirismo, citar aqui as diferenças enumeradas pela linguista:

- 1) As mulheres têm uma larga panóplia de palavras relacionadas com os seus interesses e trabalho;
- 2) As mulheres utilizam adjetivos “vazios” para caracterizar objetos comuns, como: divino, charmoso, fantástico, etc., e usam mais formas expressivas do que os homens;
- 3) As mulheres usam mais diminutivos e eufemismos do que os homens;
- 4) As mulheres usam entoação de pergunta quando estão a fazer declarações, como no caso das *tag questions*, conotando algum incerteza ou necessidade de aprovação;
- 5) A voz das mulheres é mais aspirada do que a dos homens, isto é, falam com musicalidade;
- 6) O discurso das mulheres socorre-se muito de partículas que apoiem o seu discurso e chamem a atenção do ouvinte. Por exemplo: bem, tu sabes, portanto, não é, etc.;
- 7) As mulheres também recorrem a expressões como “parece-me”, “eu penso”, “eu acho” para introduzir declarações, e expressões como “eu gostava de”, e “queria” para introduzir perguntas, denotando alguma imprecisão ou incerteza;
- 8) Relacionado com os pontos anteriores está o uso excessivo de “pois”;
- 9) Hipercorreção gramatical: como as mulheres supostamente não devem falar mal, são levadas desde crianças a corrigir o erro e depois caem na hipercorreção (exemplo: trocar o *b* por *v*, *bem* por *vem*);
- 10) As mulheres são também consideradas como conservadoras/preservadoras da literatura e da cultura;
- 11) Uso de formas supercortesês: as mulheres são consideradas mais cortesês do que os homens a falar;
- 12) As mulheres usam mais um discurso indireto do que os homens;

- 13) As mulheres têm um estilo comunicativo que tende para ser mais colaborativo do que competitivo;
- 14) A mulher expressa-se mais não verbalmente do que o homem;
- 15) Quanto mais feminina for uma mulher mais fala em *itálico*, isto é, mais transparece insegurança naquilo que está a dizer (Lakoff 1975: 53-56).

Não obstante esta listagem, Robin Lakoff alerta para o facto de nem todas as mulheres falarem da mesma forma e de igual modo, sublinhando que as mulheres com habilitações mais elevadas são as que menos se distinguem, pois são as que mais evitam utilizar estas características marcadamente da linguagem feminina.

It is equally true that different women speak women's language to differing extents; and interestingly enough, it seems that academic women are among the least apt to be speakers of this language. But this may be because women who have succeeded in academy have more power than other women who have no outside roles; and that in determining their real-world power, women use as a basis the power of the men they know (Lakoff 1975: 57).

Por outro lado, Lakoff alerta que se o homem tivesse um discurso demasiadamente elaborado gramaticalmente e muito cortês, isso levantaria suspeitas quanto à sua masculinidade (Lakoff 1975: 60). De facto, tal como a mulher que não adequa o seu discurso a determinadas características exigidas pela sociedade é acusada de não ser feminina e ser comparada a um homem; também o homem que não utilize um discurso tipicamente masculino é tido como afeminado e homossexual. No entanto, são os homens que saem mais penalizados quando lhe são atribuídas características do sexo oposto (Eakins e Eakins 1978: 129).

Portanto, no caso da mulher, esta encontra-se perante um beco sem saída: se utiliza um discurso caracteristicamente feminino não é levada a sério; se recorre a um discurso tipicamente masculino é também criticada e discriminada, “[...] whichever course the woman takes - to speak women's language or not to - she will not be respected” (Lakoff 1975: 62).

Em suma, a questão levantada por Robin Lakoff é uma questão de que todos se apercebem e, por isso, como diz a autora “[...] such study is quite justifiable in its own terms” (Lakoff 1975: 1). De facto, a questão em estudo é para a linguista o resultado da cultura e dos diferentes interesses do homem e da mulher.

Finally, it should be noted that the distinction between men's and women's language is a symptom of a problem in our culture, not the problem itself. Basically it reflects the fact that men and women are expected to have different interests and different roles, hold different types of conversations, and react differently to other people (Lakoff 1975: 62).

Efetivamente, este livro foi o primeiro a alertar os linguistas para as implicações políticas e ideológicas da diferenciação dos sexos. Não obstante, para Deborah Cameron, a obra *Language and Woman's Place* “[...] is not a work of empirical investigation but an example of feminist folklinguistics, though informed by the author's linguistic training” (Cameron 1992: 70). Como Cameron *et al.* (1989) acrescentam:

From the point of view of today's researchers, the major drawback in Lakoff's work is its lack of any empirical basis. Rather than collecting corpora of male and female speech, Lakoff made claims based on her own intuitions and anecdotal observation of her peers' language

use. Many of these claims have, not surprisingly, proved contentious. Yet, despite criticisms of Lakoff's methodology, the set of features she somewhat arbitrarily selected as markers of women's speech style continue to figure in research on sex differences (Cameron *et al.* 1989: 75).

Não obstante, as suas considerações foram, como reconheceu Philip M. Smith (1985), estímulos para futuras investigações sobre a comunicação entre homens e mulheres, embora partindo sempre da linguagem ou estilo da mulher (Smith 1985: 149).

De facto, para Deborah Cameron (1992) surgiram, no seguimento da obra de Lakoff, uma série de asserções sobre o perfil do discurso feminino, as quais ainda não tinham qualquer fundamentação científica até então. Cameron enumera como ideias preconcebidas sobre o estilo conversacional da mulher:

- 1) A falta de fluência, isto é, a mulher tem problemas em comunicar na 'linguagem masculina' e o resultado são as hesitações e os falsos começos;
- 2) Frases inacabadas;
- 3) Discurso desordenado de acordo com as regras da lógica;
- 4) Uso frequente de perguntas, incluindo afirmações disfarçadas em perguntas;
- 5) Falar menos que o homem em grupos mistos de conversação;
- 6) A mulher é mais conservadora;
- 7) Usar estratégias de cooperação e apoio na conversação, enquanto homem é mais competitivo (Cameron 1992: 45).

Para Deborah Cameron, estas são ideias preconcebidas sobre o discurso da mulher, que não se aplicam a todas as situações e contextos de conversação e que pecam por serem meras generalizações injustificadas cientificamente e que entre si também se contrariam. No entanto, não podemos esquecer que estas se constituíram e constituem, muitas vezes, como o ponto de partida para a investigação científica sobre a relação entre a linguagem e o género⁵.

Para Dennis Baron, "Robin Lakoff portrays the speech of women as domestic and subservient, full of color terms and passive constructions" (Baron 1986: 9). Embora Dennis Baron reconheça a influência de Lakoff no trabalho de investigadores seguintes, considera que "Lakoff's claims are not supported by the evidence" (Baron 1986: 9).

De facto, a questão levantada por Lakoff dizia respeito ao facto de à mulher ser negado o acesso a estilos de conversação ligados ao discurso do poder, que lhe conferissem autoridade e credibilidade como falantes, ou seja, era-lhes negado o acesso ao discurso masculino, entendido como o dominante e o do poder (Cameron 1992: 71). Lakoff segue assim o ponto de vista "dominance current", isto é, um ponto de vista que enfoca na dominação/domínio da mulher pelo homem.

A par da "dominance current", Deborah Cameron afirma que outros investigadores seguem outra linha de investigação, a "difference current". Os investigadores que se

⁵ Cf. "Stereotypes are the starting point of much research on language and gender for a reason. First of all, any research begins with a focus or a hypothesis, and foci and hypotheses have to come from somewhere. If gender stereotypes are part of our sociolinguistic life, they need to be examined - not simply as possible facts about language use, but as components of gender ideology" (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 85).

orientam pela “difference current” interessam-se pelos estudos de Lakoff, mas criticam a sua avaliação negativa da posição da mulher. Para estes investigadores, a mulher não é inferior, mas diferente:

Researchers in this current [difference current] are interested in Lakoff’s suggestions that there is a women’s language, but they criticise her negative evaluation of it. They propose that it is not, in fact inherently dysfunctional and should be valued as something positive and authentic: different not inferior (Cameron 1992: 72).

Podemos assim considerar o desenvolvimento de dois paradigmas ou abordagens das diferenças: o da diferença e o do domínio. Aqueles que seguem o paradigma da diferença propõem que homem e mulher comunicam de modo diferente porque existem diferenças na sua relação com a linguagem, talvez por terem diferentes experiências e uma socialização diferentes. Os outros, como Robin Lakoff, que seguem o paradigma do domínio, justificam as diferenças comunicativas entre homens e mulheres como resultado do domínio masculino (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 1-2).

Assim sendo, algumas das características da linguagem feminina, como o uso dos adjetivos, dos intensificadores, das *question tags*, das hesitações, etc. não deve ser interpretado como sinal de fraqueza ou de falta de autoridade, mas como cortesia e ponderação no discurso (Cameron 1992: 73).

No fundo, Deborah Cameron discorda da subordinação da mulher e dos teóricos e teóricas que escrevem para aconselhar as mulheres a conversar e a lidar com os homens, como por exemplo Deborah Tannen e a sua obra *You just don’t understand*:

First, it makes the differences seem natural and inevitable - rather than questioning where they come from and what social functions they serve, readers are urged to accept and adjust to them. Secondly, it treats male/female differences as a problem *for women*. Women become responsible, as usual, for the ‘interactional shitwork’ of facilitating effective communication (Cameron 1992: 79).

Para Deborah Cameron, os estudos sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres têm razão de ser, porque realmente existem diferenças, mas deve-se evitar seguir a “dominance current”, que sublinha a superioridade e o poder do homem relativamente à mulher.

Não obstante, outros teóricos continuaram a sublinhar que a origem das diferenças comunicativas começa exatamente pela diferente representação e poder que homem e mulher têm na sociedade. Mary Ritchie Key (1996) considera que “male and female behavior can only be understood within the matrix of the power structure of the total society” (Key 1996: xiv). Judith Butler (2007) reitera que a mulher, em termos linguísticos, não tem qualquer relevo ou representação:

Within a language pervasively masculinist, a phallogocentric language, women constitute the *unrepresentable*. In other words, women represent the sex that cannot be thought, a linguistic absence and opacity (Butler 2007: 13).

E acrescenta que a linguagem apresenta uma dupla possibilidade: por um lado, dá voz a todos, tornando-os iguais, por outro, pode também ela própria ajudar a instituir e marcar a hierarquia:

Language has a dual possibility: It can be used to assert a true and inclusive universality of persons, or it can institute a hierarchy in which only some persons are eligible to speak and others, by virtue of their exclusion from the universal point of view, cannot “speak” without simultaneously deauthorizing that speech (Butler 2007: 164).

Portanto, existe uma relação diferente de homens e mulheres com a linguagem, reflexo do contexto sociocultural em que vivem e das próprias características daqueles.

Outros teóricos e investigadores debruçam-se principalmente sobre as razões psicológicas que suportam as diferenças comunicativas entre homens e mulheres. Para Deborah Tannen (1990), as mulheres falam e escutam a linguagem da conexão, da intimidade, das relações; o homem fala e escuta a linguagem do estatuto e da independência na hierarquia. Logo, irá existir um confronto de diferentes estilos conversacionais (Tannen 1990: 42).

Por outro lado, a própria sociedade alimenta determinadas crenças sobre as diferenças de papéis entre homens e mulheres, sublinhando o papel dominante que o homem ocupa (Cameron 1997: 63). Como não se pode separar a linguagem / língua da comunidade que a fala, também as diferenças sociais se refletem na linguagem. Deborah Cameron, em *Feminism and Linguistic Theory* (1992), vem defender que a linguagem não deve ser encarada de uma forma determinista e abstracionista, mas primeiramente como um fenómeno comunicativo, que envolve duas características fundamentais. Primeiro, a linguagem é contextual, ou seja, a língua / linguagem não pode ser analisada retirada do tempo e do espaço em que é falada, nem de todas as outras dimensões extralinguísticas que envolvem a situação de comunicação. Neste sentido, os significados também não são determinados, mas variáveis. Segundo, a linguagem em uso é um processo criativo e, virtualmente, não existem limites para as situações comunicativas. Assim sendo, também “interpretation, then, is creative and contextual” (Cameron 1992: 192). Portanto, mais importante do que estudar a linguagem em si e a sua relação com o género, revela-se crucial estudar o discurso, pois as diferenças comunicativas ocorrem a nível discursivo, em situação de comunicação (Cameron 1992:198). No fundo, pegando nas ideias de Saussure (2005), pai da linguística, o género deve ser estudado não no âmbito da *langue*, mas da *parole*, ou seja, no âmbito da linguagem em uso. Da mesma forma, não é a linguagem que é sexista, mas o discurso⁶, ou seja, a linguagem em uso pela comunidade e suas instituições, valores, ideais e crenças:

Language is not inherently sexist, but when it is organised by institutions into discourse it often becomes sexist: the underlying assumptions of, say, grammar books or conventions for reporting rape cases in newspapers are sexist assumptions and they are made visible through particular linguistic choices (Cameron 1992: 198).

É neste contexto que se pode falar em linguagem do poder ou discurso do poder. “Languages of power are those which in a given situation maximise the speaker’s personal and social control” (Cameron 1992: 200). É aqui que falamos de determinadas áreas onde o

⁶ Esta questão relembra a posição de Platão e de Aristóteles perante a Retórica, que implica utilização hábil da língua (Rei 1998: 9). O último, conversando com o seu mestre, dizia também que não era a retórica que era boa ou má; era o retor, que era bom ou mau, consoante o uso que fazia dela. Para Platão, a Retórica era boa se conduzisse à verdade; era má, se conduzisse à mentira ou ao erro. Do mesmo modo, só existe sexismo na linguagem se o indivíduo usara a linguagem nesse sentido.

discurso feminino não entra ou tem dificuldade em entrar, como seja no domínio do direito, da religião, da investigação e da política. Estas são áreas onde não se verifica uma igualdade de participação e, muitas vezes, “it is suggested that women are denied access to them, or defined negatively in relation to them” (Cameron 1992: 200). No entanto, não são somente nestas áreas que se verificam diferenças comunicativas de género, uma vez que as diferenças não passam só pela questão do poder e do domínio do homem.

De forma sistematizada, Eakins e Eakins (1978) explicam as diferenças comunicativas entre homens e mulheres apresentando seis grandes razões que justificam essas diferenças:

- 1) Diferenças inatas, ou seja, estas diferenças nascem com o indivíduo, uma vez que homens e mulheres têm estruturas anatómicas e reprodutivas diferentes. Esta explicação explana maioritariamente as diferenças não-verbais, nomeadamente formas de movimento, posturas, gestos, etc.
- 2) Personalidade, pois homem e mulher têm personalidades diferentes, uma vez que os sexos divergem em termos hormonais e químicos. Por outro lado, esta personalidade é também moldada por valores culturais e sociais transmitidos pelo meio onde o indivíduo se encontra inserido.
- 3) Elaboração cultural, isto é, as diferenças comunicativas entre os géneros resultam de valores e ideologias culturais que o indivíduo aprende.
- 4) Divisão sexual do trabalho, na medida em que a sociedade relega certos trabalhos, atividades, responsabilidades e privilégios às pessoas em função do género a que pertencem. Desta forma, as diferenças comunicativas resultam do tipo de linguagem que se utiliza nas diferentes ocupações.
- 5) Domínio masculino, ou seja, o controlo masculino da sociedade. De acordo com esta teoria, a comunicação ocorre num contexto dominado pelo homem, que, conseqüente, domina e controla também a linguagem. Por seu turno, a mulher ocupa uma posição de submissão e subordinação.
- 6) Sistemas de valores diferentes, isto é, de acordo com o género, os indivíduos aprendem diferentes valores. Estes valores estão associados não só a valores e ideologias culturais, mas também a um domínio masculino, cujo sistema de valores é dominante e superior, condicionando, dessa forma, os comportamentos dos homens e das mulheres (Eakins e Eakins 1978: 16-19).

Desta forma, vários são os fatores que concorrem para as diferenças comunicativas entre homens e mulheres. A questão fundamental reside em verificar essas diferenças.

2.3.2. Os primeiros estudos de género na linguagem e o feminismo

Inicialmente os estudos de género andaram de mãos dadas com o feminismo. No entanto, nem todos os que se dedicaram e dedicam ao estudo do género e da linguagem têm uma posição feminista. Por isso, convém, desde já, saber o que é o feminismo e qual a sua relação com os estudos de género na linguagem.

Historicamente, o movimento feminista iniciou-se no século XIX e tinha como escopo o estabelecimento para a mulher de direitos iguais aos do homem no campo social, político, jurídico e económico (AA.VV. 2006: 64). A reivindicação do voto feminino foi o primeiro grande objetivo. Embora em 1791, Olympe de Gauges, com a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, e Mary Wollstonecraft, em 1792, com *Vindication of the Rights of the Women*, reclamassem a emancipação da mulher, só no século XIX, o movimento ganha repercussão efetiva, criando-se associações feministas e lançando-se jornais para divulgar os seus ideais, como o *English Women's Journal* (1870) e o *Women's Suffrage Journal* (1870). 1869 é também uma data importante, pois Stuart Mill lança a obra *On the Subjection of Women*, que recrimina a exploração e discriminação da mulher, não só a nível social como familiar, e defende a igualdade de direitos da mulher relativamente ao homem, nomeadamente no mundo do trabalho e dos negócios:

There is no country of Europe in which the ablest men have not frequently experienced, and keenly appreciated, the value of the advice and help of clever and experienced women of the world, in the attainment both of private and public objects; and there are important matters of public administration to which few men are equally competent with such women; [...] But what we are now discussing is not the need which society has of the services of women in public business, but the dull and hopeless life to which it so often condemns them, by forbidding them to exercise the practical abilities which many of them are conscious of, in any wider field than one which to some of the never was, and to others is no longer open (Mill 1986: 105).

Entretanto, as reivindicações feministas vão-se organizando através de manifestações coletivas, comícios, greves de fome, entre outros.

Com a I Guerra Mundial, as reivindicações feministas impõem-se verdadeiramente, pois as mulheres, substituindo os homens alistados, desempenham funções importantes a que antes nunca tiveram acesso. De facto, o poder do homem é neste momento posto em causa, uma vez que, enquanto o sexo masculino se dedica à guerra e à morte, as mulheres são a fonte de vida, uma vez que cuidam das crianças, dos idosos e dos feridos. Revela-se, desta forma, para as feministas o papel fundamental da mulher na sociedade e na evolução da humanidade (Pierson 1987: 221 e ss.). No entanto, só em 1928, em Inglaterra, a mulher começa a votar. Em Portugal, por sua vez, a mulher só começa a votar em 1931. À medida que os objetivos políticos são alcançados, a atenção feminista volta-se para outros campos, como: indiscriminação nos salários e no acesso à cultura e à informação, igualdade perante a lei e assistência na maternidade.

Em 1950, o movimento feminista é influenciado pelo pensamento e obra de Simone de Beauvoir, que chamou a atenção para a “objetualização” da mulher, provocada pela dominação social masculina.

Économiquement hommes et femmes constituent presque deux castes; toutes choses égales, les premiers ont des situations plus avantageuses, des salaires plus élevés, plus de chances de réussite de leurs concurrentes de fraîche date; ils occupent dans l'industrie, la politique, etc., un beaucoup plus grand nombre des places et ce sont eux qui détiennent les postes les plus importants (Beauvoir 1976: 23).

Esta ideia acentuar-se-á, nos anos 60, com a pretensão de libertação sexual, que se transformou mesmo, algumas vezes, em guerra contra a ordem masculina dominante e que originou uma série de manifestações e o aparecimento de uma literatura feminista.

Para Deborah Cameron, o feminismo “[...] is a movement for the full humanity of women” (Cameron 1992: 4). A linguista sublinha que o feminismo não fala em direitos das mulheres ou igualdade entre homens e mulheres, pois essa igualdade pressupõe que o padrão seja o homem. Por isso, “feminists are ultimately in pursuit of a more radical change, the creation of a world in which one gender does not set the standard of human value” (Cameron 1992: 4). Obviamente que para alcançar tais objetivos, terá de haver uma mudança de valores no seu todo, em que a mulher seja

Liberated from their present subordinated position with its multiple restrictions, exclusions and oppressions (such as relative poverty, economic dependence, sexual exploitation and vulnerability to violence, poorer health, overwork, lack of civil and legal rights - the list goes on and on). But the transformation that will result from this liberation is envisaged as a profound one, affecting the whole humanity (Cameron 1992: 4).

Portanto, o feminismo procurará, em primeiro lugar, compreender como as atuais relações entre homens e mulheres são construídas, pois elas não são naturais. Será à luz dessa compreensão que se deve procurar como mudar. Neste sentido, o feminismo vai debruçar-se sobre como a mulher é representada pelos diversos produtos culturais representativos da sociedade (Cameron 1992: 6).

2.3.3. O feminismo e a linguagem

As feministas preocuparam-se com a linguagem porque esta é um meio de representação. Para Deborah Cameron (1992), o próprio uso da linguagem representa a mulher como menos importante do que o homem e, por isso, a própria linguagem deveria mudar para uma linguagem não sexista. De facto, para a autora, verifica-se uma incapacidade e um sentimento das mulheres que consideram que não são compreendidas, que as palavras que utilizam não são as mais adequadas para o que pretendem comunicar.

What this woman is describing has been called women’s *alienation* from language. It is an uneasy feeling that your words are not yours at all - they have been somehow co-opted or taken away and turned against you (Cameron 1992: 8).

A visão das feministas da linguagem é semelhante à visão que têm da sexualidade: “[...] it is a powerful resource that the oppressor has appropriated, giving back only the shadow which women need to function in a patriarchal society” (Cameron 1992: 8). Deste ponto de vista, é crucial reclamar uma linguagem feminina.

Efetivamente, são dois os grandes motivos para as feministas estudarem a língua no que concerne às diferenças de sexo:

One is *positive*: the quest for an authentic female language, whether this is taken to reflect some deep-seated cognitive difference or the existence in many societies of a distinctive female structure. The other is more *negative*: to identify the sexual power dynamic in

language use, the conventions and behaviours through which speech reflects and perpetuates gender inequality (Cameron 1992: 37).

Ambos os motivos podem ser percebidos na linguística feminista, pois não são necessariamente opostos, podendo coexistir. Realmente, o que se propõe é saber como as diferenças entre os sexos se refletem na linguagem, nomeadamente através das diferentes natureza, papel ou estatuto do homem e da mulher.

Ainda sobre os estudos da linguagem pelas feministas, Júlia Kristeva, num artigo intitulado “Woman’s Time”, considera a existência de três estádios modelo no feminismo:

- 1) Numa primeira fase, apareceu um feminismo liberal, segundo o qual as mulheres procuraram a igualdade com o homem, principalmente a nível sociopolítico;
- 2) Depois, um feminismo radical, quando as mulheres procuraram reinterpretar as diferenças relativamente ao homem, para assim valorizar socialmente as atividades das mulheres, embora estas sejam diferentes das dos homens;
- 3) Numa última fase, existe um feminismo utópico, que pretende ultrapassar / transcender as divisões de género no seu conjunto. Aqui as diferenças masculino / feminino não iriam necessariamente desaparecer, mas tornar-se-iam socialmente insignificantes, como muitas outras variações humanas (altura, grupo sanguíneo...) o são agora (Kristeva 1981).

Deborah Cameron considera que o modelo proposto por Júlia Kristeva “ [...] is not intended either as a concise account of feminism’s recent history nor as an orderly, linear chronology for feminists to follow” (Cameron 1992: 39). No entanto, considera que cada estádio representa um melhoramento do anterior. Esta divisão não quer dizer que todos estes estádios estejam todos igualmente representados ou compreendidos. De facto, para Deborah Cameron, a maioria das políticas feministas contemporâneas ainda se situam entre o primeiro e o segundo estádios, isto é, ainda oscilam entre procurar a diferença ou sublinhar a diferença; situam-se ainda entre as suas motivações negativa e positiva já abordadas (Cameron 1992: 39).

Contudo, Deborah Cameron alerta para

What I am trying to say is that merely paying attention to sex difference - affirming that women exist and are different from men - is not in and of itself a feminine gesture. It can just as easily fall back into anti-feminism. Even to celebrate what is distinctive about women does not, in my opinion, automatically qualify as feminist. Feminism begins when we approach sex differences as constructs, show how they are constructed and in whose interests (Cameron 1992: 40).

Por conseguinte, as diferenças de género que se procuram não são anatómicas/fisiológicas, mas do tipo social e cultural. Por isso se fala em género e não em sexo, pois a ideia de género é criada no indivíduo através da sua socialização, que está intimamente relacionada com o contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido. Será também este contexto que vai condicionar a análise dos discursos masculino e feminino e encontrar diferenças.

Assim sendo, o género gramatical não pode ser confundido com o sexo, pois os termos masculino e feminino não referem “essências”, nem definem qualidades imutáveis que

existem independentemente. Deborah Cameron apela à teoria linguística saussureana para explicar esta relação entre o feminino e o masculino: “the two terms behave exactly like the classical Saussurean sign [...], defined not by their essence but by their *difference*” (Cameron 1992: 83).

Não obstante, a mesma teoria saussureana pode ser utilizada para argumentar a ideia de oposição entre masculino e feminino, pois também a língua se baseia em oposições. E, seguindo este raciocínio, o masculino será o oposto do feminino e vice-versa, tal como o homem será o oposto da mulher e vice-versa.

Whatever characterises men, in their own view, women are defined as the opposite. If men are active, women must be passive, if men are rational, women are emotional; if men represent good, then women must represent evil. In other words, all the negative characteristics of humanity as men perceive them are projected into women (Cameron 1992: 84).

Simone de Beauvoir, na sua obra *Le Deuxième Sexe*, editado pela primeira vez em 1949, considera que o homem encara a mulher como o *outro*, alguém que é diferente dele, mas que não tem capacidade para se afirmar e se equiparar a ele.

No fundo, o que começou a ser questionado pelas feministas foi que a questão do género, mais do que uma questão de diferença, tem a ver com hierarquia. Efetivamente, embora o termo género aplicado à gramática tivesse tido origem na Grécia, com Protágoras, significando classe ou tipo, a verdade é que surgiu sempre associado ao sexo. Desde há muito que os dois conceitos parecem ligados e, ainda hoje, condicionam a perceção do género gramatical, bem como as diferenças sociais. É também nesta ordem de ideias que se fala em linguagem sexista ou sexismo na linguagem.

2.4. Sexismo na linguagem

2.4.1. Origens do sexismo

O tema do sexismo na linguagem começou a ser debatido nos círculos de feministas por volta dos anos de 1960. A questão sexista surgiu das assimetrias que se notavam na linguagem e nas línguas quanto às formas de tratamento do homem e da mulher (Pauwels 2003: 553). O grande objetivo da luta feminista era mudar a linguagem que discriminava a mulher e desvalorizava todas as atividades relacionadas com ela, por isso era necessário mudar o modo como a mulher era representada nos anúncios, nos jornais, nas revistas, e também como eram tratadas nos textos e em interação conversacional (Mills 2008: 1). O debate e a luta alargaram-se aos nossos dias, e pode-se dizer que não são só feministas que encabeçam esta luta.

Dale Spender, na obra *Man Made Language*, pela primeira vez publicada em 1980, defendeu a sua tese de que “[...] men controlled the language and that it work in their favour” (Spender 2001: X). Efetivamente, como o homem ocupa um lugar dominante na sociedade, o seu domínio está refletido e é reforçado pela linguagem e pelo uso da língua. Do

mesmo modo, Daniel Maltz e Ruth Borker afirmaram que “[...] when men and women attempt to interact as equals in firmly cross-sex conversations they do not play the same role in interaction” (Maltz e Borker 1982: 196-197). Estamos aqui a falar do reflexo de uma sociedade patriarcal que perdura e que continua a acreditar que o homem / masculino é o sexo superior e essa superioridade está refletida nas instituições e no dia-a-dia das práticas sociais, como o uso da língua. Tal como sublinha Rosaldo (1974), as atividades masculinas, como opostas às femininas, são sempre reconhecidas como mais importantes, por isso “[...] cultural systems give authority and value to the roles and activities of men” (Rosaldo 1974: 19). No entanto, Dale Spender (2001) sublinha “because women use the language it cannot therefore be the property of males” (Spender 2001: 12). Efetivamente, a questão do poder de quem controla a linguagem, como é controlada e em que medida é controlada sempre foi uma questão levantada e procurada pela teoria feminista (Cameron 1992: 219).

Deste modo, o sexismo tem a ver com um sistema em que a mulher e o homem não são simplesmente diferentes, mas sim desiguais em termos do grau de importância. Tem a ver com as reminiscências de uma sociedade patriarcal. Marielouise Janssen-Jurreit (1982) entende “patriarquia” como um sistema social organizado e estruturado por forma a garantir ao homem parcial ou total controlo sobre a existência feminina (Janssen-Jurreit 1982: 329).

Sara Mills (2008) considera que o sexismo funciona em dois níveis: a nível institucional, representativo das normas da sociedade, e a nível individual / localizado, reflexo das normas sociais:

This does not mean that these two levels of analysis are entirely distinct, as it is clear that institutional sexism develops at least in part from individual usages within particular contexts, and interaction between individuals is informed and takes issue with institutional norms (Mills 2008: 4).

Por outro lado, o sexismo não está presente só na linguagem, mas também em ideias estereotipadas baseadas em questões de género e que são transmitidas e partilhadas através da linguagem. Por exemplo, a ideia de que as mulheres são más condutoras e fazer piadas sobre isso é sexismo, uma vez que o género é tido como importante para a habilidade de conduzir.

Neste contexto, tendo em conta a história do sexismo, Sara Mills (2008) distingue ainda entre sexismo direto e sexismo indireto. O sexismo direto é aquele sexismo facilmente identificável na linguagem, nas palavras e expressões discriminatórias da mulher, denunciando o seu papel secundário na sociedade. É este tipo de sexismo na linguagem que começou a ser contestado pelas feministas e que, por isso, se tem tornado estigmatizado pelos falantes, conduzindo a algumas mudanças e a algum cuidado na expressão de ideias sexistas. Assim, como “resposta” para os protestos feministas temos o aparecimento do sexismo indireto. Este é um tipo de sexismo que domina nos *media*, disfarçado através do humor ou da ironia, onde o autor se desresponsabiliza de tal sexismo:

[...] because overt sexism is more difficult to articulate these days, a more indirect or discourse level of sexism has developed which manages to express sexism whilst at the same time denying responsibility for it. For example, sexist terms are now often used in newspapers, and on certain radio and television programmes, whilst at the same time being

undercut by humour or irony, signalled by, for example, exaggerated or marked intonation or stress (Mills 2008: 12).

Obviamente este sexismo indireto surge do facto de cada vez mais se denunciarem casos de sexismo e de visões estereotipadas, resultado de uma evolução das mentalidades, para a qual contribuíram as feministas e as mulheres em geral.

Por conseguinte, o sexismo direto, presente na linguagem foi o que levantou verdadeiramente as lutas contra o sexismo, uma vez que o sexismo na linguagem “[...] works at the disadvantage of women, not men” (Cameron 1992: 100). De facto, este foi o ponto de partida para o estudo das diferenças comunicativas entre homens e mulheres, uma vez que a linguagem é um espelho da comunidade / sociedade que fala. Deste modo, também a linguagem reflete as diferenças sociais entre homens e mulheres, acentuando a superioridade do homem relativamente à mulher, ou seja, uma sociedade patriarcal, na qual só os homens dominam e controlam a linguagem do poder (seja no direito, na religião, na investigação ou na política). Não podemos deixar de referir aqui o papel que as religiões ocidentais tiveram na perpetuação da sociedade patriarcal (Miller e Swift 1976: 76). Para Casey Miller e Kate Swift, estas religiões, para além de serem patriarcais, encaram o seu deus como masculino, sendo que o homem foi feito à sua imagem e semelhança:

[...] these religions have insisted for tens of centuries, the symbolization of a male God must not be taken to mean that God really *is* male. In fact, it must be understood that God has no sex at all. But inevitably, when words like *father* and *king* are used to evoke the image of a personal God, at some level of consciousness it is a male image that takes hold (Miller e Swift 1976: 77).

Neste contexto, uma língua é sexista se der a perceber que a mulher é relegada para segundo plano em termos sociais e culturais. O mesmo pode perceber-se, por exemplo, por um sem número de termos que designam a mulher de forma pejorativa, tal não acontecendo com tão grande incidência no que diz respeito ao homem. Mesmo quando as palavras designam o mesmo estado ou condição, quer para o homem quer para a mulher, podem assumir sentidos diferentes:

The word for women assumed negative connotations even where it designated the same state or condition as it did for men. *Spinster* and *bachelor*, for example, designate an unmarried adult but when this word is marked for males it is positive while when it is marked for females it is negative. The only variable is that of sex and this variable is crucial to the semantic system (Spender 2001: 17).

Neste aspeto, as próprias palavras para referir o homem e a mulher passam por aquilo que Casey Miller e Kate Swift (1976) designam “semantic polarization” (polarização semântica), ou seja, as palavras adquirem um sentido que está mais relacionado com um sexo do que com o outro, tendendo a reforçar a importância masculina e a inferioridade feminina:

[...] words according to their sex assignment follow a pattern that might be called semantic polarization. Having acquired a sense that is related more to one sex than the other, words tend to fit into and reinforce the male-positive-important and female-negative-trivial cultural categories. *Master* and *mistress* are striking categories (Miller e Swift 1976: 69).

Esta polarização semântica, e conseqüente desvalorização das palavras de acordo com o seu uso, acontece também com algumas palavras que originalmente eram somente

masculinas e que, na sua forma feminina, ridicularizam e acentuam negativamente a mulher. Temos por exemplo atualmente a palavra *presidenta*.

Para Deborah Cameron (1992), efetivamente, verifica-se no dia-a-dia sexismo na linguagem, nomeadamente:

- 1) Nos pequenos insultos enquanto termos que transmitem carinho;
- 2) Nos insultos (*piropos*) enquanto violência verbal contra as mulheres;
- 3) Nos insultos para exercer controlo social;
- 4) E também na linguagem institucionalizada nos dicionários e nas gramáticas.

Assim, no que diz respeito ao primeiro ponto - *pequenos insultos enquanto termos que transmitem carinho* - Deborah Tannen refere-se ao facto de as mulheres se queixarem de serem tratadas por termos carinhosos, que muitas vezes as deixam envergonhadas, como *querida, docinho, anjo, bebé, fofinha, amor, patanisca, pequenina*, entre outros. Embora estes termos conotem intimidade entre as pessoas, a verdade é que são muitas vezes utilizados pelos homens para demonstrar a sua superioridade. Tal como sublinha Cameron, não existe paralelo entre homens e mulheres no uso destes termos e diminutivos como formas de tratamento. De facto, as mulheres também utilizam estes termos entre si e com o homem, mas maioritariamente quando os utilizam têm intimidade com ele e uma idade similar, demonstrando carinho e afetividade. Tal é o caso de *querido*. Por sua vez, o homem utiliza mais indiscriminadamente o termo *querida*, exceto se a mulher em questão for uma superior direta. Caso contrário, “it doesn’t matter if the woman is older, of higher status or a total stranger. Men may still presume familiarity and superiority in their choice of address forms” (Cameron 1992: 106). Por conseguinte, para além de conotarem intimidade e familiaridade entre as pessoas, estes termos carinhosos também podem ser extremamente desrespeitadores.

No que concerne aos *insultos (piropos) enquanto violência verbal contra as mulheres*, Cameron está aqui a referir-se os *piropos* que as mulheres ouvem quando circulam na rua por exemplo. Estes *piropos* podem ser considerados ambíguos: se por um lado, em certas circunstâncias, podem ser considerados como uma espécie de elogio, por outro, podem ser hostis e desagradáveis. No fundo, estes *piropos* de rua podem ser entendidos como uma forma do homem controlar o espaço público e excluir dele a mulher. Mas uma vez mais, também estes termos são utilizados em maior número pelos homens, pois a mulher sente que é olhada e observada de uma maneira que o homem não é:

All women, including those who find street remarks ‘flattering’ are aware of being watched and assessed in a way men are not, and it makes women self-conscious in a way men do not need to be. At times, self-consciousness can shade into actual fear; for many street remarks are not ambiguous but clearly hostile (Cameron 1992: 107).

E, talvez por isso, “[...] many commentators have noted that more words are available to insult women than men, especially in sexual terms, and that words for women’s bodies are more taboo than those for men’s” (Cameron 1992: 107). A maioria dos insultos que existem

para o homem são considerados como tal porque conotam homossexualidade. “This reflects not only homophobia but also sexism, since gay men are stereotyped as effeminate, too much like women” (Cameron 1992: 108).

Quanto ao terceiro aspeto - *insultos para exercer controlo social* - tem a ver com o facto de as mulheres terem atenção ao modo como se apresentam, se vestem e se comportam sexualmente por forma a evitar serem insultadas. “In other words, the proliferation of terms that function as sexual slurs on women’s reputation is used as a weapon to keep women in line” (Cameron 1992: 109). Como já referimos, por seu turno, a mulher não consegue usar tanto essa arma linguística para também atacar o homem, ou seja, não tem termos para denegrir o homem como ele tem para a denegrir a ela e, conseqüentemente, controlar. Também Casey Miller e Kate Swift (1976) sublinharam o maior número de palavrões para referir e denegrir a imagem da mulher⁷. Mesmo os insultos que existem para os homens insultam de certa forma as mulheres (como por exemplo, filho da puta). Por outro lado, verifica-se ainda na linguagem “the semantic derogation of woman” (Schulz 1975), ou seja, existem muitos termos usados para referir a mulher que foram degenerando para um valor pejorativo depreciativo (como acontece, por exemplo, com os títulos: dama, princesa, baronesa...).

Em suma, tal como sublinhou, Laurel A. Sutton (1995: 280), muitos dos insultos que as mulheres recebem são criados em função da visão sexual que o homem tem dela. De acordo com este ponto de vista, a mulher só existe para o homem como objeto sexual. Os termos pejorativos usados para nomear a mulher são criados pelo homem porque receia que o poder sexual da mulher ameace o seu poder hegemónico. Este poder sexual da mulher está associado ao seu papel de progenitora, aquela que dá a vida e permite a continuação da vida humana e que é, no fundo, o fundamento das antigas e atualmente raras sociedades matriarcais (Sanday 2002: 237).

Obviamente está qui presente uma generalização feminista bastante redutora, que recorre à generalização chocante para chamar a atenção dos nichos de sexismo presentes no uso da linguagem.

O último ponto - *a linguagem institucionalizada nos dicionários e nas gramáticas* - afasta-se dos três primeiros, que ocorrem em contextos não regulados, uma vez que diz respeito ao que está estabelecido através de normas e regras os dicionários e gramáticas. Para Deborah Cameron, será a partir do sexismo institucionalizado e codificado que se poderão levar a cabo alterações na linguagem de modo a torná-la menos sexista (Cameron 1992: 112). O que se pretende é deixar de passar a “[...] message to school students that men were more important than women” (Cameron 1992: 115), criando dicionários e gramáticas que sejam mais representativos dos dois sexos. Alma Graham (1975) apresenta o dicionário *The American Heritage School Dictionary*, publicado em 1972, como o primeiro dicionário

⁷ Cf. “Words used to insult men differ in several ways from those used to insult women. In the first place, there are not as many” (Miller e Swift 1976: 127).

publicado “in which lexicographers made a conscious effort to correct the sex biases that exist in English as it is commonly used” (Graham 1975: 57). Um outro exemplo é o dicionário de Cheri Kramarae e Paula Treichler, *A Feminist Dictionary* (1985).

No que concerne às gramáticas, a grande questão sexista da linguagem centra-se no uso genérico dos pronomes masculinos (eles, todos) e da palavra homem como representativos de ambos os sexos indiferenciadamente. Estes dois aspetos são algo que as feministas se têm esforçado para mudar, de modo a alcançar uma linguagem não sexista, mais inclusiva (Graham 1975: 117). Assim, por exemplo, a palavra Homem deveria ser substituída por humanidade. De facto, cada vez mais, principalmente no mundo dos negócios, da educação e da publicidade, se procura uma linguagem inclusiva.

Como já referimos, Sara Mills (2008) distingue dois tipos de sexismo: o sexismo direto e o indireto, resultado do combate ao sexismo. Assim, o sexismo direto engloba as seguintes categorias:

- 1) palavras e significados (inclui nomes, dicionários, pronomes, insultos, nomes depreciativos, os apelidos e os títulos);
- 2) processos (inclui uma análise da transitividade, do discurso indireto e das piadas) (Mills 2008: 42).

No que diz respeito às *palavras e significados*, importa relembrar a distinção que Sara Mills (2008) faz entre o sexismo institucional e o individual. A linguagem sexista foi institucionalizada através de dicionários e gramáticas, documentos políticos e relatórios dos governos, através do uso de pronomes genéricos e termos mais particulares para referir a mulher. Portanto, este discurso convencional, baseado em estereótipos, vem atestar o sexismo individual presente nas conversações do dia-a-dia.

Dentro desta categoria - palavras e significados -, muitas teóricas feministas, debruçando-se sobre o sexismo da linguagem nos anos de 1970-1980, centraram-se nos nomes, argumentando que a linguagem era “man-made” e que a mulher era excluída do processo de nomear e definir. Dale Spender afirmou:

Males, as the dominant group, have produced language, thought and reality. Historically it has been the structures, the categories and the meanings which have been invented by males - though not of course by *all* males - and they have then been validated by reference to other males. In this process women have played little or no part (Spender 2001: 143).

Portanto, a visão determinista de Dale Spender estabelece uma relação entre a linguagem e a realidade, sendo que a linguagem foi criada pelo homem, que tem mais poder, a linguagem representa e nomeia a mulher como inferior e negativamente. Dale Spender aparece assim como representativa daqueles que consideram a linguagem causa da opressão feminina e não somente sintoma dela (Cameron 1992: 104). Cameron (1992) conclui assim que “[...] all words embody sexism because their meaning and usage is fixed by men from an antifeminist perspective” (Cameron 1992: 104).

Embora pareça claro para Dale Spender (2001) que o sexismo da linguagem é o reflexo de uma sociedade patriarcal, para Sara Mills (2008) a linguagem é um sistema sujeito à

mudança. Por isso, as crenças e estereótipos sobre a mulher podem vir a mudar. Do mesmo modo, os termos sexistas que existem na linguagem para designar a mulher também podem ser alterados (Mills 2008: 44). Da mesma forma, também Janssen-Jurreit (1982) alertou que nem sempre as sociedades foram patriarcais (Janssen-Jurreit 1982: 70).

Por outro lado, como os dicionários e as gramáticas são sítios onde se regista a língua e a linguagem e as suas regras, também eles foram alvo de crítica por representarem e preservarem uma linguagem sexista, nomeadamente através das regras do uso dos nomes e dos pronomes genéricos (cf. capítulo seguinte).

Dentro da categoria das *palavras e significados*, Sara Mills (2008) apresentou, tal como Cameron (1992), os insultos e os nomes semanticamente depreciativos usados para referir a mulher. No atinente aos insultos, estes estão maioritariamente ligados à sexualidade da mulher (por exemplo, *puta, vaca, cabra,...*). Já os nomes que ganham um valor semântico depreciativo são termos que têm vindo a ser associados à mulher e à sua feminilidade e que, historicamente, têm vindo a tornar-se depreciativos e pejorativos. Por exemplo, *menina, dama, madame, rainha, patroa* eram termos que inicialmente eram usados para designar mulheres com poder, mas que degeneraram para outros significados mais depreciativos.

Por último, nesta categoria das *palavras e significados*, Mills (2008) inclui ainda os apelidos e os títulos. O sexismo dos apelidos está presente no facto de as mulheres adotarem o apelido dos maridos e ser o apelido dos maridos que permanece na família. Efetivamente é o apelido do homem que designa a família e que perdura na transmissão de geração e geração, pois é o nome que passa de pais para filhos. Por outro lado, as mulheres passavam a ser designadas pelo apelido do marido. Lakoff (1975) havia alertado para o facto de as mulheres serem referidas ou chamadas em função do homem próximo delas. Eakins e Eakins (1978), partindo desta ideia de Lakoff, afirmam que as mulheres são muitas vezes designadas em função do seu parceiro masculino. Assim, é muito comum escutar *a mulher ou esposa do João, a namorada do Pedro, a irmã do António, a filha do Joaquim, etc.* Quanto aos títulos, existe também sexismo. As mulheres são chamadas por *Menina* ou *Senhora* consoante o seu estado civil, ou seja, aqui o título depende sempre da sua relação com o homem. Tal diferenciação não existe relativamente ao homem.

No que concerne à segunda categoria, *os processos*, Sara Mills (2008) aborda a transitividade dos verbos, o uso do discurso indireto e as piadas. As mulheres são apresentadas como mais passivas e submissas na ação. Mary Ritchie Key acrescenta que esta passividade e submissão das mulheres são ainda reiteradas pela sua linguagem não verbal, já que normalmente as mulheres estão com a cabeça inclinada, ou seja, cabisbaixas (Key 1996: 105). Os homens usam mais a voz ativa, apresentando-se como agentes da ação. Por outro lado, as mulheres usam também o discurso indireto, tal como Lakoff (1975) já havia defendido. Enquanto os homens dão ordens diretas, as mulheres fazem sugestões ou mesmo pedidos; os homens fazem afirmações, as asserções das mulheres aparecem disfarçadas de perguntas. Por último, as piadas são uma forma complexa de excluir a mulher como um grupo minoritário, sem, no entanto, assumir qualquer responsabilidade dessa exclusão.

Normalmente as piadas sexistas permitem dar visões inaceitáveis da mulher, uma vez que o contador da anedota não se responsabiliza pela sua autoria, uma vez que foi também alguém que lhe contou (cf. “Sexist jokes allow generally unacceptable views of women to be expressed, because the person who tells the joke generally can claim that they themselves did not make up the joke” (Mills 2008: 71)).

Assim sendo, embora seja difícil eliminar o sexismo presente na linguagem e nas línguas, a verdade é que foram as feministas que apelaram à atenção para esse sexismo e para as suas implicações no uso das muitas línguas. No fundo, o que acontece é uma má representação do mundo, onde a mulher tem um papel secundário, meramente sexual, e muitas vezes encarada como fonte do mal:

There has been widespread protest against what is seen as a constant and damaging misrepresentation of the world by sexist language. In that language women are portrayed as second class citizens, neither seen or heard, eternal objects and personifications of evil (Cameron 1992: 128).

Esta é a visão dada por um “feminismo radical”, que encara a linguagem de uma forma determinista. De acordo com este determinismo, a linguagem determina as nossas perceções do mundo e do que nos rodeia. Assim, a linguagem determina a nossa realidade, a nossa perceção dessa realidade e o nosso pensamento sobre ela. Do mesmo modo, como se vive numa sociedade patriarcal, é o homem que controla a linguagem e todos os recursos desta sociedade. “Men determine how language is used and what it means; and consequently language enshrines a male and misogynist view of the world” (Cameron 1992: 130). Logo, para este feminismo radical, as mulheres ficam em desvantagem enquanto usuárias da língua, na medida em que “[...] they may use the ‘male’ language, thus falsifying their experience and perceptions” (Cameron 1992: 130). De acordo com este ponto de vista, a mulher vive, fala, escreve e assina num mundo criado pelo homem e à sua semelhança. Por isso, a mulher tem mais dificuldade em expressar-se em público, sendo menos participativa em conversas públicas do que em situações de conversação mais privadas.

Um exemplo deste feminismo radical pode ler-se na obra de Dale Spender, *Man Made Language*, publicado pela primeira vez em 1980. Nesta obra, Dale Spender apresenta o homem como aquele que controla os significados da linguagem e impõe a sua visão e perceção do mundo. A mulher, por sua vez, está impossibilitada de simbolizar / representar a sua experiência através da linguagem masculina, uma vez que vive a realidade masculina e é incapaz de dizer alguma coisa da sua realidade. De facto, este conflito entre a experiência da mulher e a linguagem força a mulher ao silêncio, uma vez que se encontra de fora não só da realidade criada pelo homem mas também da linguagem. Portanto, para a autora, existe um perpetuar da linguagem sexista através desta ordem patriarcal existente na sociedade, conduzindo a uma alienação da mulher perante a linguagem. A mesma ideia foi corroborada por Andrea E. Goldsmith, que afirmou que “the ideology of the patriarchy has been perpetuated through the development of a carefully structured language usage” (Goldsmith 1980: 181). E concluiu “Language is the guardian of the patriarchy” (Goldsmith 1980: 181). No fundo, tal como apresenta Sherry B. Ortner, o estatuto secundário da mulher na sociedade

ocidental é um facto pan-cultural universal (Ortner 1974: 67), resultado da organização social e económica das sociedades.

Seguindo esta ordem de ideias, Cheri Kramarae (1981) defendeu a teoria “women as a muted group”⁸, segundo a qual a linguagem, ou língua de determinada cultura, não serve, nem é usada de igual forma por todos os indivíduos. As mulheres, como grupo subordinado, não são livres e capazes, como os homens, de dizer o que querem, quando e onde querem, uma vez que estão a usar uma linguagem criada pelo homem.

Women (and members of other subordinate groups) are not as free or as able as men are to say what they wish, when and where they wish, because the words and the norms for their use have been formulated by the dominant group, men. So women cannot as easily or as directly articulate their experiences as men can (Kramarae 1981: 1).

Kramarae (1981) apresenta uma lista de características, que considera caracterizar a sua “teoria da mulher silenciada”, revelando a coexistência de diferentes visões do mundo por parte da mulher e do homem:

1. Females are more likely to have difficulty expressing themselves fluently within dominant (public) modes of expression.
2. Males have more difficulty than females in understanding what members of the other gender mean.
3. Females are likely to find ways to express themselves outside the dominant public modes of expression used by males in both their verbal conventions and their nonverbal behavior.
4. Females are more likely to state dissatisfaction with the dominant public modes of expression.
5. Women refusing to live by ideas of social organizations held by the dominant group (example: women who are active in the modern Women’s Liberation movement) will change dominant public modes of expression as they consciously and verbally reject those ideas.
6. Females are not as likely to coin the words that become widely recognized and used by both men and women.
7. Females’ sense of humor - what relationships between persons, places, and things they consider incongruous - will differ from males’ sense of humor (Kramarae 1981: 4).

Portanto, a ideia de que as mulheres têm mais dificuldade em expressar-se parece implícita na teoria da “mulher silenciada”, embora outras teorias e investigadores considerem que a mulher fala mais do que o homem. Por outro lado, não podemos esquecer que os estudos sobre a organização do cérebro apresentam a mulher como possuindo mais competências linguísticas, uma vez que usa ambos os hemisférios do cérebro, enquanto a capacidade linguística do homem aparece mais lateralizada no hemisfério esquerdo (cf. Moir e Jessel 1992; Maccoby 2003).

Por seu turno, Dale Spender acrescenta que as próprias investigações e estudos sobre a *linguagem da mulher* têm sido elaborados sob a premissa de que a *linguagem da mulher* é inferior e enquanto não se provar o contrário, permanecer-se-á neste ciclo vicioso:

Experiments and theories have been constructed on the premise that women’s language is inferior and by some strange ‘logic’ where this premise has remained unproven, the result is *not* the rejection of the initial premise, but the ‘explanation’ that researchers have been ‘looking in the wrong place’ (Spender 2001: 10).

⁸ Também Shirley Ardener se havia referido às mulheres como um “muted group” (Ardener 1978: 20), uma vez que as mulheres, para se fazerem ouvir, teriam de falar a linguagem / discurso do grupo dominante, os homens. As mulheres ocupam, assim, uma posição inferior e subalterna na sociedade (Ardener 1975^a: xxi).

Na verdade, para Dale Spender, numa sociedade que desvaloriza a mulher não é de admirar que também a sua linguagem seja desvalorizada, “[...] but few have suggested (apart from feminists) that this might be a function of judgements based on sex and not on language” (Spender 2001: 10). A mesma ideia é defendida por Cheri Kramarae, que considera que o discurso feminino tem sido desvalorizado ao longo dos tempos, uma vez que tem sido excluído dos lugares públicos de conversação (Kramarae 1981: xiii). Na mesma linha de pensamento, Julia T. Wood acrescenta e defende que a linguagem masculina não é norma absoluta, mas aquela que é socialmente construída e ensinada como a norma (Wood 1996^b: 8).

Nesta corrente de pensamento, estiveram ainda antes Casey Miller e Kate Swift quando escreveram *Words and Women*, em 1976, onde postulam o sexismo do discurso, defendendo que a linguagem é incapaz de expressar a mulher e a sua experiência na globalidade, uma vez que o homem é que é a norma e a mulher tem um estatuto secundário. Por isso, propuseram uma mudança / reforma na linguagem, para que esta dê voz à mulher. Admitiram que essa mudança já estava a acontecer devido, sobretudo, à emancipação da mulher no mundo do trabalho e às leis que entretanto se foram redigindo. No entanto, reconhecem que a transformação da linguagem numa linguagem mais inclusiva é um processo moroso e difícil, passando obrigatoriamente pela socialização e formação das crianças:

Our vocabulary is already being affected by the increasing equality of women and men under the law. As women continue to gain recognition in commerce, government, the professions, the arts, and higher education, the process will be accelerated. Most important, children acquiring language in their formative years will be free to imagine and explore a full range of their human potential (Miller e Swift 1976: 167).

O facto de os últimos milhares de anos terem sido dominados por sociedades patriarcais faz com que as ideologias se mantenham mais arraigadas e a evolução seja constantemente travada, quer por ideais culturais, quer sociais, políticos ou religiosos. Não podemos esquecer que estas ideologias começam em casa, na família, onde o homem vive com a sua mulher e os filhos. Nesse sentido, Sara Mills (2008) argumenta que o sexismo está ainda mais estigmatizado que no passado:

Language does indeed reveal to us the values of groups and institutions within our culture in the past who were instrumental in encoding their own perspectives within the language. However the language as it is used at present and the resources available within it, reveal to us the struggles, both political and moral, over whose voices should be represented and mediated. Thus, sexist usages are still available but they are more stigmatised than they were in the past (Mills 2008: 9).

Porém, o sexismo perdura e sobrevive nesta constante luta de vozes contra a discriminação e exclusão pela linguagem através de um sexismo indireto, como o denomina Sara Mills (2008), decorrente do desenvolvimento do conceito do “politicamente correto”. Neste contexto, muitas instituições tentam irradiar todo o tipo de sexismo das suas organizações. Isto não quer dizer que todo o sexismo aberto ou direto tenha sido eliminado na interação, mas pelo menos no discurso público e oficial tornou-se estigmatizado. Concomitantemente, como reação à pressão da estigmatização, desenvolveu-se o sexismo

indireto, ou seja, o sexismo prevalece mas encoberto pelo humor, pela ironia e pela pressuposição, que livra de qualquer responsabilidade sobre esse sexismo (Mills 2008: 133). Para Sara Mills (2008) este novo sexismo deve ser apelidado indireto porque ele é remeniscente do antigo sexismo, só diferindo pelo modo como é expresso. Por sua vez, Lazar (2005) chama-lhe sexismo subtil (“subtle sexism”). Por isso, Mills acrescenta “[...] the fact that humour and irony are used when being sexist does not change the nature of the sexism itself, but rather changes the way it can be responded to” (Mills 2008: 134).

Em suma, para Mills (2008), o sexismo indireto é também um produto do modo como alguns homens lidam com a sua masculinidade face aos desafios do feminismo. Portanto, este sexismo indireto resulta da reação provocada entre os homens pelo novo papel que a mulher vai conquistando no mundo do trabalho, nas relações interpessoais e no poder que vai alcançando. Ao mesmo tempo pode também ser visto como um novo modo de expressar sexismo, mais sofisticado pela ironia e pelo humor, retirando qualquer responsabilidade sobre esse sexismo. No fundo, tanto o sexismo direto como o indireto emanam da mesma insegurança sobre o estatuto da mulher na sociedade:

Both of these types of sexism spring from the same insecurity around women’s position within society, and institutions, whilst challenging overt sexism on the whole, continue to promulgate indirect sexism (Mills 2008: 160).

Portanto, este sexismo indireto é um tipo de sexismo mais difícil de eliminar. No entanto, o facto de o sexismo direto/aberto ser, hoje em dia, recriminado e eliminado da linguagem institucional é uma grande mudança. Porém, muitos estereótipos e ideologias prevalecem. Enquanto referir homem e mulher não é sexista, as palavras masculino e feminino são sexistas, uma vez que é impossível usá-las sem invocar os estereótipos culturais e sociais que lhe estão associados. O mesmo se passa com as restantes palavras, já que linguagem nomeia e constrói uma realidade em que a mulher foi ignorada e ainda continua discriminada. Por isso, se continuam a discutir questões relacionadas com uma linguagem gramaticalmente mais inclusiva, do mesmo modo que ainda se distingue a linguagem tipicamente masculina e a linguagem tipicamente feminina, enumerando as suas características (vejam-se pontos seguintes).

2.4.2. O género na gramática

Alguns teóricos, pioneiros no estudo do género na linguagem (Cf. Lakoff 1975; Spender 2001 [1.ª ed. 1980]); Coates 1986; entre outros), considerarem que a mulher vive / convive / fala a linguagem / língua usada no dia-a-dia, uma vez que ela fala uma espécie de “women’s dialects” (Baron 1986: 6). “In extreme cases, women are thought to speak an alien tongue, a language altogether different from that of men” (Baron 1986: 6). Neste sentido, o género masculino, em termos gramaticais, é tido como a norma / regra, excluindo, dessa forma, a mulher da linguagem. Dale Spender (2001) interpreta esta regra como uma forma de perpetuar o poder e o domínio do homem sobre a linguagem. Da mesma forma, o uso da

palavra ‘homem’, muitas vezes maiusculizada, para referir toda a humanidade (homens e mulheres), é encarado como uma forma de excluir a mulher da sociedade e da linguagem (cf. Spender 2001: 150). O mesmo se passa com o uso do pronome pessoal, terceira pessoa do plural, para referir homens e mulheres. Tal como acentua Jeanette Silveira (1980), tanto o uso da palavra homem como do pronome pessoal genéricos são o reflexo da tendência masculina da língua, que fomenta o pensamento sexista e a alienação da mulher (Silveira 1980: 171 e 176). Muitas feministas, e não só, defendem uma linguagem mais inclusiva, que abdique do uso do plural na forma masculina para fazer as generalizações, que, afinal, não são entendidas como tal, excluindo a mulher. Efetivamente, o masculino genérico é ambíguo e, embora os linguistas digam ser apenas uma característica da gramática, “[...] it is more than a feature of grammar, but a factor which both reflects and maintains societal sexism” (Martyna 1983: 26). No fundo, estas questões gramaticais reiteram as diferenças sociais existentes, daí a necessidade de mudar estas regras, tal como já alguns teóricos tentaram na língua inglesa, no entanto, até agora sem efeito (Martyna 1983: 30-33). De facto, o grande argumento apresentado contra o uso de termos masculinos como genéricos diz respeito à perpetuação cultural de que o homem é a norma e a mulher uma variação ou derivação (Miller e Swift 1976: 142).

Por outro lado, vários foram também os teóricos que assinalaram que a atribuição de género, masculino ou feminino, aos objetos, animais ou plantas, está associado às características físicas do homem e da mulher (cf. Jespersen 1922; Correia 1927; Baron 1986). No fundo, parece haver uma personificação das plantas e dos animais à semelhança das características do homem e da mulher. No entanto, o género masculino é sempre o primeiro, sendo que o feminino é sempre criado a partir do masculino (Baron 1986: 92), nem que não seja pela adição de algum sufixo ou alteração de uma simples letra. Porém, quando se pretende englobar toda uma comunidade volta-se a usar o plural no género masculino, sublinhando assim uma linguagem patriarcal.

Outra questão pertinente tem a ver com os nomes próprios dos homens e das mulheres, mais especificamente os apelidos. Casey Miller e Kate Swift afirmam mesmo que os nomes das mulheres são menos importantes do que os dos homens, uma vez que elas ocupam um papel secundário na sociedade (Miller e Swift 1976: 2). Na nossa sociedade, o nome de família que prevalece é sempre o apelido do homem, o pai e chefe de família. No caso de Portugal, a situação é curiosa, pois só tivemos legislação sobre os apelidos em 1928. A primeira saiu no Código do Registo Civil de 1928, art. ° 213, que continha uma adenda na qual se determinava que “[...] o número de apelidos não deverá ser superior a quatro e serão escolhidos de entre os nomes de família dos pais dos registados, devendo os últimos ou último ser do pai”. Entretanto, sai Código do Registo Civil de 22 de Dezembro de 1932, que retoma, no art.° 242, a questão dos apelidos, com uma única alteração ao disposto no antes citado código de 1928: “o número de apelidos não deverá ser superior a três e serão escolhidos de entre os nomes de família dos pais dos registados, devendo os últimos ou último ser do pai”. (cf. Monteiro 2008: 46). Contudo, antes destes códigos, não vigorava em Portugal qualquer norma legal, sendo que muitas vezes o último apelido era o materno:

Na verdade, não vigorando em Portugal quaisquer normas legais sobre o assunto, o apelido ou conjugação de apelidos mais importantes eram em regra, até ao século XIX, os primeiros que se usavam depois do nome próprio, deixando-se frequentemente cair os restantes. O primeiro apelido era geralmente o paterno, embora se pudessem escolher livremente de entre os usados pelos pais ou pelos quatro avós, sendo frequentes os casos de irmãos que não usavam o mesmo apelido, como adiante se verá. Em síntese, as práticas dominantes em Portugal eram, até então, genericamente semelhantes às que se usavam no resto da Península Ibérica, ao contrário do que é usual pensar-se. Um exemplo paradigmático é o do próprio António de Oliveira Salazar (1889 / 1970), filho de António de Oliveira (1839 / 1932) e de Maria do Resgate Salazar (1845 / 1926) (Monteiro 2008: 47).

Acresce ainda que muitas mulheres, quando casam, adotam o apelido do marido. Em Portugal, “[...] também parece datar do século XIX o costume de as mulheres adoptarem o apelido do marido” (Monteiro 2008: 47), sendo que a primeira disposição legislativa que contempla essa possibilidade é, curiosamente, a lei republicana da família de 25 de Dezembro de 1910.

Para Dale Spender, a valorização do nome próprio do homem e o seu domínio na família e na descendência é um sinal de uma sociedade patriarcal, que continua a corroborar uma ideia de mulher invisível na sociedade e na linguagem (Spender 2001: 24, 28; Thorne *et al.* 1983: 10). Por seu turno, para Julia T. Wood, “The still-prevalent tendency of women to assume the names of their husbands is a practice that reflects the belief that a woman’s identity is based on her relationship to a man” (Wood 1996^b: 10). Esta assimetria na representação da mulher e do homem na família e na sociedade pode também verificar-se, como sublinhou Philip M. Smith (1985), na ordem de precedência dada aos homens e mulheres quando são nomeados juntos. Deste modo, é comum surgir: *homem e mulher, marido e mulher, irmão e irmã, filho e filha, rei e rainha, Adão e Eva*, pondo de lado a etiqueta que postula “as senhoras primeiro” ou “as senhoras antes dos senhores”. Sherry Ortner e Harriet Whitehead consideram que as relações de parentesco e o casamento são formas para perceber como tem sido construído culturalmente o género na sociedade (Ortner e Whitehead 1981: 11). Por outro lado, o prestígio do homem na sociedade, onde este domina a esfera pública e a mulher, a esfera doméstica, faz com que “[...] cross-sex relations in general are organized into the base that supports the larger (male) prestige” (Ortner e Whitehead 1981: 19).

Por conseguinte, as diferenças comunicativas entre homens e mulheres estão também presentes na questão do género gramatical, uma vez que este corrobora as ideias e os ideais da sociedade / comunidade que fala a língua. Nesse sentido, o predomínio do género masculino é uma herança da sociedade patriarcal que lhe deu origem e revela também uma gramática prescritiva que, de certa forma, continua a perpetuar uma linguagem sexista (Mackay 1983: 38). Barrie Thorne e Nancy Henley destacam o maior número de entradas de formas masculinas nos dicionários (Thorne e Henley 1975^b: 21). Também Penelope Eckert e Sally McConnel-Ginet (2003) consideram que o género presente na gramática e aplicado nas formas linguísticas usadas no dia-a-dia são uma forma de conservar as ideologias de género e de o manter vivo na interação discursiva e social:

By incorporating gender in linguistic forms, social gender is “called up”. On occasion the language makes it difficult for a speaker to ignore gender, or to speak about specific people without reference to gender. Of course, while the grammar may make gender marking obligatory, speakers can construct their discourse in such a way as to choose, avoid or emphasize their reminders of gender (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 69).

Por conseguinte, o género gramatical e as alterações que ele traz consigo (sufixos, novas palavras) acentuam que existem diferenças linguísticas entre os géneros e, simultaneamente, eterniza o género na comunicação entre os indivíduos. Este é então um aspeto fundamental de análise para partir para o estudo das diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

2.4.3. A linguagem do homem

Casey Miller e Kate Swift (1976) apresentam o homem como a norma na sociedade e na linguagem. Efetivamente, tal como se referiu no ponto anterior, embora seja gramaticalmente correto usar a palavra *homem* para referir a espécie humana, para Miller e Swift, tal simboliza a inferioridade feminina, uma vez que *homem* é usado maioritariamente para distinguir homem de mulher:

The use of *man* to include both women and men may be grammatically “correct”, but it is constantly in conflict with a more common use of *man* as distinguished from *woman*. This ambiguity renders *man* virtually unusable in what was once its generic sense - a sense all-too-accurately illustrated in Tennyson’s line, “Women is the lesser man” (Miller e Swift 1976: 22-23).

Esta ambiguidade no uso do termo *homem* como genérico, englobando homem e mulher, acentua a exclusão da mulher, uma vez que é grandemente interpretado como referindo-se somente ao género masculino. O mesmo se passa com o pronome pessoal *ele/eles*, e Miller e Swift reconhecem o “[...] exclusionary power of these words or their failure to communicate reality” (Miller e Swift 1976: 38). Neste seguimento, “[...] given the male norm, it becomes natural to think of women as an auxiliary and subordinate class, and from there it is an easy jump to see them as a minority or a special-interest group” (Miller e Swift 1976: 41).

Também Dale Spender (2001) sublinhou o facto de o homem ser a norma no uso da linguagem, considerando mesmo que “[...] women appear as deficient - or deviant - in studies of language and sex” (Spender 2001: 7). A autora destaca mesmo que os próprios estudos e teorias sobre a linguagem da mulher têm sido construídos sob a ideia da inferioridade da mulher (Spender 2001: 10). Esta superioridade masculina na linguagem tem como suporte fundamental a posição dominante que o homem ocupa na sociedade, uma sociedade patriarcal. Sendo o ator principal desta sociedade, é o homem que controla e domina o discurso público. Embora haja a crença de que as mulheres são muito conversadoras, são os homens que controlam as conversas públicas, revelando-se oradores confiantes e seguros (Spender 2001: 78).

Por outro lado, Dale Spender defendeu que a linguagem foi criada pelo homem (Spender 2001: 143). Portanto, os termos, os significados, as estruturas são caracteristicamente masculinas, fazendo com que o homem se sinta completamente à vontade com a linguagem e a mulher se tenha de adaptar à linguagem do homem:

Males, as the dominant group, have produced language, thought and reality. Historically it has been the structures, the categories and meanings which have been invented by males - though not of course by *all* males - and they have been validated by reference to other males. In this process women have played little or no part (Spender 2001: 143).

A mesma ideia é defendida por Cheri Kramarae, que afirma que “[...] women are seldom identified as participants in the construction [...] of English language” (Kramarae 1981: 33). Esta visão determinista da linguagem explica o domínio masculino na linguagem e, conseqüentemente, a exclusão da mulher. Este ponto de vista é também defendido por Marie Louise Janssen-Jurreit, que defende que a linguagem do homem é a linguagem do poder (Janssen-Jurreit 1982: 280).

Jennifer Coates (2003) apresentou um estudo onde analisa e caracteriza a linguagem do homem a partir da análise de várias gravações de conversações entre homens e conversações mistas (onde estão presentes homens e mulheres). Um dos primeiros aspetos que Coates sublinhou é o envolvimento de todos os membros do grupo na conversação, todos contribuem para a discussão de determinado assunto (Coates 2003: 5). A autora também salienta que este resultado é, de certa forma, condicionado porque as gravações foram feitas entre grupos de homens amigos e/ou familiares que aceitaram que as suas conversações fossem gravadas, revelando um certo cooperativismo como característica comum (Coates 2003: 195). Do mesmo modo, as interações conversacionais foram condicionadas pelo próprio facto de os falantes saberem que as suas conversações estavam a ser gravadas e quem as ia escutar e analisar era uma mulher.

Nas conversações gravadas, os homens apresentam-se como “[...] achievement-oriented, competitive and unemotional” (Coates 2003: 78). De acordo com estas características, as conversações dos homens distinguem-se relativamente à conversação feminina por uma certa agressividade na discussão dos assuntos, recorrendo muitas vezes ao insulto e à blasfémia, e, por outro lado, são demasiado meticolosos na exploração dos detalhes e das técnicas de algo ou alguma coisa (Coates 2003: 11). Acrescente-se ainda a tendência masculina para contar histórias no desenrolar de uma conversa. Todos os homens, a propósito de alguma coisa, têm uma história pessoal para atestar o que se fala. Nessas histórias, os protagonistas masculinos são retratados como heróis solitários. A competição é um tema constante, seja em histórias sobre um feito desportivo ou um confronto violento. As histórias sobre os feitos banais do dia-a-dia, como encontrar um bom vinho a metade do preço, comprar um novo telemóvel, etc., são comuns. A ênfase no feito de conseguir levar a melhor perante a autoridade (como um polícia) é também uma história para contar, que conota a grande consciência que os homens têm do poder e da autoridade. Poder é ainda um tema constante em histórias mais sexistas e homofóbicas, em que as mulheres e os

homossexuais são tidos como inferiores. Portanto, nas conversações masculinas há uma constante apologia da heterossexualidade.

A propósito das conversações entre homens, Cheris Kramarae reiterou também que, nas suas conversas, os homens tendem a contar histórias baseadas na agressão e na superioridade masculinas, revelando pouco sobre si próprios, contrariamente ao que fazem as mulheres:

In the all-male groups men told more stories with themes of aggression and superiority, and revealed less about themselves, than did women in same-gender groups, who were more likely to establish a sense of intimacy through self-revelation (Kramarae 1981: 147).

Uma outra característica que sobressai é o facto de os homens nunca falarem de sentimentos e emoções nas suas conversas, evitando mostrar vulnerabilidade. Tal pode ser resultado da constante associação do homem à racionalidade e da mulher às emoções. No entanto, apesar de evitarem expressar sentimentos, os homens também estabelecem conexões e relações, por exemplo através do contar histórias colaborativamente e em sequência (Coates 2003: 198). Estas histórias em sequência constituem-se como estratégia para construir amizades, uma vez que contar uma segunda história implica espírito de partilha e de cooperação e, obrigatoriamente, ter escutado as histórias anteriores com atenção⁹. Esta é uma forma de mostrar respeito e entendimento pelas situações que os outros relatam. Porém, Jennifer Coates destaca que os homens, quando querem expressar emoções, ou seja, desabafar, procuram mulheres como interlocutoras (Coates 2003: 199).

De facto, em conversas com os amigos, os homens falam e riem de assuntos banais do dia-a-dia. Quando em grupos mistos, os homens tendem a exhibir-se e a querer impressionar as mulheres presentes. Por outro lado, quando em conversas de família, os homens ocupam uma posição dominante, com poder para avaliar as contribuições conversacionais dos outros. Os pais e os avós têm ainda oportunidade de contar histórias do passado, o que não acontece com as mulheres (Coates 2003: 195-196).

Em síntese, da análise que fez das gravações, Coates conclui que o resultado “[...] gives an impression of order and stability and is, in many ways, surprising traditional” (Coates 2003: 195), conotando a presença dos estereótipos tradicionais sobre a linguagem dos homens e realçando as diferenças de género na comunicação. Efetivamente, na maioria das conversas, os falantes masculinos pautam-se pelas normas dominantes, ou seja, normas associadas à masculinidade. Assim, este “dominant mode of being a man” está tipicamente associado à heterossexualidade, à dureza, ao poder e autoridade, à competitividade e à subordinação dos *gays* (Coates 2003: 196). Jennifer Coates acrescenta ainda, para a caracterização das interações conversacionais masculinas, a seguinte reflexão:

Men, as I have shown, normally choose to present themselves in alignment with the norms of hegemonic masculinity.

⁹ Cf. “I have argued that telling a second story involves co-participants in paying careful attention to what each other is saying. By telling a relevant second story, a co-participant communicates ‘My mind is with you’ (Coates 2003: 104); “The capacity of stories told in sequence to testify to the closeness of participants means that telling second stories can be a powerful way of ‘doing’ friendship” (Coates 2003: 105).

I have tried to bring into focus men's inexpressivity and their seeming preference for friendships with other men which stress sociability rather than intimacy. Men enjoy having a laugh with each other and mulling things over, but they avoid self-disclosure and any behaviour that could be constructed as feminine (Coates 2003: 200).

De facto, cada vez mais, se nota um certo receio masculino de as amizades entre homens serem identificadas com a homossexualidade. Por isso, Stuart Miller (1983) considera que as amizades entre homens em idade adulta começam a rarear (Miller 1983: 4). Concomitantemente, Coates (2003) frisou que se verifica uma espécie de crise de masculinidade, mas também de feminidade, uma vez que os valores tradicionais, as ideologias e os estereótipos têm vindo a ser desafiados pelas mulheres e pelas suas lutas por direitos iguais:

All this suggests that there is a problem. At the heart of the problem seems to be the fact that 'the old certainties about the male role' are disappearing and that traditional assumptions about gender identity are being challenged. Much of this challenge has come from feminism and from the social changes resulting from women's struggle for equal rights. Although popular commentators use the phrase 'crisis masculinity', it is clear that this is short-hand for a phenomenon that involves women as well as men, femininity as well as masculinity (Coates 2003: 194).

Efetivamente, vários são os aspetos que concorrem para a mudança, desde mudanças nos padrões de emprego, passando pelo sucesso educacional e profissional, até às mudanças no casamento e no acompanhamento dos filhos. Mas, mais importantes são ainda as mudanças dos valores e das ideologias associados aos homens e às mulheres.

2.4.4. A linguagem da mulher

As discussões e os debates sobre a linguagem da mulher têm as suas raízes nos trabalhos de Robin Lakoff (1975) e de Dale Spender (1980). Ambas exploraram a linguagem da mulher em função da sua posição social relativamente ao homem, uma posição de subalternidade, que se refletia na linguagem. No entanto, ambas foram unânimes na apologia de estudos mais fundamentados, pois têm consciência da influência dos estereótipos na análise da linguagem da mulher.

Antes de procurarmos fazer um levantamento das características atribuídas à linguagem da mulher, sublinhamos que, tal como já havia afirmado Cheri Kramer (1975), as mulheres enquanto falantes têm sido ignoradas pela investigação, proliferando, por isso, uma série de ideias pré-concebidas transmitidas pela tradição sobre como a mulher fala ou deve falar:

[...] women as speakers have been largely ignored in communication research, but that there is a sizable amount of information that can be called folk-view: how people think women speak or how people think women should speak (Kramer 1975: 54).

Assim, tendo em conta que vivemos numa sociedade predominantemente patriarcal, a mulher é encarada sob um ponto de vista sexual, ou seja, é encarada basicamente com uma função sexual reprodutora. Nesse sentido, a mulher não é igual ao homem na sociedade, usando a língua também de forma diferente. Dale Spender (2001) argumentou que a

linguagem da mulher era considerada, numa sociedade patriarcal, como perigosa e ameaçadora da ordem instituída:

When a society is structured so that it permits male primacy and produces male dominance, it is quite reasonable to classify women talk as dangerous because the whole fabric of that social structure could be undermined if the expression of the subordinates were allowed free voice. Because woman talk is dangerous and a threat to patriarchal order numerous means have been developed to preempt it (Spender 2001: 106).

Por isso, em capítulo anterior, abordámos a questão do sexismo na linguagem, uma forma de discriminar a mulher e a sua participação na linguagem, subalternizando-a e tornando invisível através da linguagem (Spender 2001: 64).

Também Robin Lakoff (1975) reiterou que as mulheres falavam uma linguagem própria, “women’s language” (Lakoff 1975: 8), diferente da do homem. Esta “women’s language” caracterizava-se, por exemplo, pelo uso de *tag questions*; entoação interrogativa em declarações; o uso de expressões (“Hedges”) que não comprometam; expressões ou palavras intensificadoras; discurso indireto; diminutivos; eufemismos; e ainda muita cortesia. Portanto, estas características centram-se numa linguagem sem poder, uma linguagem que demonstra o poder inferior e mais fraco dos que a usam.

Porém, como sublinham Miller e Swift, com a evolução social e cultural, as mulheres, cada vez em maior número, estão a impor-se, ignorando os padrões de linguagem estritamente masculinos (Miller e Swift 1976: 117). No entanto alertam que essa mudança é lenta e severa. Por exemplo, enquanto um miúdo que diz palavrões é incentivado e aplaudido, uma vez que está a mostrar que se está a formar homem, uma rapariga não pode fazer o mesmo, sendo logo discriminada porque esse não é o comportamento adequado para uma menina, condicionando o seu modo de falar. Não obstante, não podemos deixar de lembrar que tem havido uma grande evolução neste campo, pois os palavrões fazem, cada vez mais, parte do vocabulário feminino. Contudo, como sublinham Miller e Swift (1976), ainda continuam a ser as mulheres as mais recriminadas¹⁰. Desta forma, os homens são mais diretos e impõem mais facilmente as suas ideias, já que nunca se sentiram restringidos na sua linguagem; as mulheres, por seu turno, sendo muitas vezes limitadas no seu discurso, criam um discurso indireto, demonstrando mais incertezas:

Little girls are not permitted such freedom. Verbally as well as their physical actions they are expected to be more restrained and considerate than boys, and in time these expectations affect the speech patterns of both sexes. Males adopt a more direct, forceful way of talking, females a more tentative, questioning approach. What one typically phrases as a statement or command the other is apt to formulate a request (Miller e Swift 1976: 124).

Desta forma, Robin Lakoff afirmou que a mulher se torna mais cortês que o homem, pois torna-se mais colaborante e apoiante, nunca ameaçando a face do interlocutor (Lakoff 1975: 18). Lakoff acrescenta ainda que estas diferenças comunicativas entre homens e

¹⁰ Cf. “Society, of course, still censures women more harshly than men for using “improper” language, and probably many more women than men continue to shy away from words they themselves identify as blasphemous or vulgar” (Miller e Swift 1976: 124).

mulheres refletem também as desigualdades no acesso ao poder, restringido e acessível maioritariamente ao grupo masculino¹¹.

Essa desigualdade de poder reflete-se no uso da linguagem na conversação, daí que a conversação entre as mulheres seja, muitas vezes, nomeada negativamente como *coscuvilhice*, *conversa para encher chouriços*, *mexericos*, *intriguices*, *alcoviteirice...* da mesma forma, as mulheres são consideradas *coscuvilheiras*, *mexeriqueiras*, *intriguistas e alcoviteiras*. Portanto, as conversas femininas são vistas como triviais e, como os nomes acima sugerem, a sociedade desvaloriza essas práticas culturais das mulheres (Coates 1996: 1). As próprias amizades entre mulheres são baseadas na conversação, contrariamente às dos homens, que são baseadas em atividades em conjunto (Wright 1998: 49). A conversação é efetivamente fundamental para as amizades entre as mulheres, pois é através da conversação que estabelecem e mantêm as suas relações baseadas na igualdade, na lealdade e na intimidade (Maltz e Borker 1982: 205). Através da conversação partilham histórias e experiências e apoiam-se mutuamente:

To a large extent friendships among girls are formed through talk. Girls need to learn to give support, to recognize the speech rights of others, to let others speak, and to acknowledge what they say in order to establish and maintain relationships of equality and closeness (Maltz e Borker 1982: 205-206).

Assim, as conversas e as amizades entre as mulheres são mais intimistas do que as dos homens, havendo uma maior abertura e partilha de sentimentos e emoções entre as mulheres (Wright 1998: 50-51).

Jennifer Coates (1996), na obra *Women Talk*, apresentou os resultados da análise de um *corpus* de 20 conversações de amigas e de 15 entrevistas etnográficas a mulheres sobre a amizade. A partir daí, Jennifer Coates procurou caracterizar a conversação da mulher e demonstrar o significado das interações conversacionais na amizade entre mulheres.

Primeiramente, Jennifer Coates (1996) começa por destacar a importância da amizade na vida das mulheres. Como a amizade é uma relação entre iguais não implica relações de poder, por isso as mulheres são mais participantes nas conversações entre amigas, pois sentem-se mais seguras e confiantes. Não obstante, Coates frisa que a amizade pode ser encarada como uma forma de perpetuar o domínio masculino, uma vez que as conversações servem para desabafar sobre os problemas que as mulheres têm com o sexo oposto:

Those that argue that female friendship is a conservative force acknowledge the strengths of women's friendships but claim that these friendships serve as an emotional outlet for women who are frustrated in their marriages or partnerships with men, and that they therefore help to support heteropatriarchy. In other words, by taking up the slack in male-female relationships, female friendship helps to prop up the institution of marriage, and thus helps to perpetuate male dominance of women (Coates 1996: 41).

¹¹ Cf. "The ultimate effect of these discrepancies is that women are systematically denied access to power, on the grounds that they are not capable of holding it as demonstrated by their linguistic behaviour along with other aspects of their behaviour; and the irony here is that women are made to feel that they deserve such treatment, because of inadequacies in their own intelligence and / or education." (Lakoff 1975: 7).

Por outro lado, há quem defenda também que a amizade pode ser uma forma de resistência, sendo encarada como “the relationship of the future” (Coates 1996: 41), uma vez que, contrariamente às outras relações mais próximas, esta não implica contratos, nem rituais sociais, e, acima de tudo, é fundamentada na igualdade, mesmo que haja diferenças de idade, de classe, étnicas ou económicas. Esta é a posição de Pat O’Connor (1992: 14) que defende que quanto mais a sociedade minorizar e discriminar as mulheres, mais os laços de amizade entre si se fortalecem. Do mesmo modo, Pat O’Connor (1992: 177) também considera que a amizade é uma forma de construir a identidade da mulher na realidade sociocultural envolvente, erigindo a sua afirmação social perante o homem / marido, que vê, muitas vezes, na amizade uma ameaça à sua estabilidade.

Na amizade entre mulheres revela-se fundamental a conversação que têm entre si¹². De facto, como sublinham Fern L. Johnson e Elizabeth J. Aries (1998: 216), a conversação é a substância e fundamento da amizade entre as mulheres, constituindo como a sua principal característica, à volta da qual a amizade perdura no tempo. É no domínio da conversação que as amizades entre mulheres se distinguem das amizades masculinas. Para os homens, as conversas são triviais e não são a base da sua amizade, como acontece entre as mulheres (Johnson e Aries 1998: 216).

Nas suas conversações, as mulheres falam de si e das suas experiências, de outras pessoas (companheiros, amigos, filhos, etc.) e “everything and nothing” (Coates 1996: 49). Esta última citação, expressão proferida por uma das entrevistadas de Jennifer Coates, vem corroborar, de certa forma, a desvalorização tradicional que a sociedade atribui às conversas femininas. Por outro lado, pode ser interpretada como o fez Jennifer Coates: “what she wants to emphasize is the possibility offered by friendship that you can say anything at all” (Coates 1996: 50). As mulheres falam ainda de outros assuntos tidos como ‘tipicamente femininos’, como sejam receitas de culinária, roupas, maquilhagem. Porém, estes assuntos não parecem ocupar muito tempo das suas conversas (Coates 1996: 52-53). É este tipo de conversa que Jones (1980) define como “gossip”, uma vez que em termos de tempo é uma conversa breve e fragmentada e é, essencialmente, sobre o que uma mulher faz usualmente enquanto mulher (Jones 1980: 194-195). Por seu turno, Johnson e Finlay (1997) ultrapassam esta noção de “gossip”, pois, para além de ser uma conversação casual, breve, fragmentada e fácil, envolve também falar de rumores e com malícia dos outros. Assim, provavelmente por essa razão, o “gossip” enquanto coscuvilhice, ou seja, discurso ou conversa sem interesse e sem valor, está associado à mulher e não ao homem:

It is probably because of the inherent connotations of gossip as discourse characterized by predominantly meaningless, yet frequently spiteful talk, perpetrated by those with little else to do, that the genre has often been associated with women. One rarely hears all-male interaction referred to as gossip (Johnson e Finlay 1997: 130).

¹² Cf. “What surprised me was the completely unequivocal way in which women acknowledge the primacy of talk in their relationships with their women friends” (Coates 1996: 44); “For grown women too, the essence of friendship is talk, telling each other what they are thinking and feeling, and what happened that day” (Tannen 1990: 80).

Um outro tema que, por vezes, aflora nas conversações femininas é a discussão de ideias, embora também não seja central. Desta forma, as conversas entre mulheres caracterizam-se por serem íntimas, fáceis, agradáveis e de partilha, não de competição, onde não há necessidade de agradar ou impressionar os outros. As conversas femininas estão organizadas por histórias e por discussões, havendo uma flutuação das duas em qualquer conversa entre amigas. Por história entende-se aqui como contar alguma coisa ou acontecimento autobiográfico ou sobre os outros. A discussão, por sua vez, corresponde a todas as partes da conversa em que todos participam e dão a sua opinião ou visão sobre algo. Enquanto a história envolve uma só falante, a discussão envolve todos os participantes (Coates 1996: 72). As histórias têm um papel fundamental na construção da amizade, uma vez que através delas que a pessoa se dá a conhecer. Segundo Jennifer Coates (1996), “[...] when women friends meet, they talk. And when women friends talk, they tell each other stories” (Coates 1996: 94). Por conseguinte, as histórias “[...] have an important function in keeping in touch with each other’s lives, and in the construction of our identity (or subjectivity)” (Coates 1996: 95). Estas histórias que as mulheres contam às suas amigas são sobre as experiências, sobre elas próprias ou sobre alguém próximo delas, mas também se podem focar em rotinas, ritmos e rituais da vida do dia-a-dia.

Visto isto, notam-se completamente as diferenças entre as narrativas contadas pelas mulheres e as contadas pelos homens, mais centradas no perigo, na competição, na violência, no conflito e nas conquistas. Nas histórias femininas, a ideia de heroísmo não está presente, muitas vezes as suas histórias focam-se no que corre mal e nos seus medos e anseios, em detrimento dos grandes feitos e das conquistas (Coates 1996: 99). Não obstante, também contam histórias que narram as suas conquistas.

Subjacente a esta estrutura conversacional está o carácter colaborativo das interlocutoras, que mesmo na narração de histórias são participantes, colaborando para o desenrolar da história. Isto porque a narração de histórias tem como escopo a partilha de experiências, sejam elas boas ou más.

One of the primary aims of women’s story-telling is to share experience, and women use stories to share pleasant experiences with each other, as well as experiences that are more painful (Coates 1996: 113).

Portanto, a conversação é uma construção que resulta do esforço de conjunto e de partilha, existindo, por isso, uma cooperação constante entre as interlocutoras. Uma vez habituadas a este universo de partilha e de colaboração, as mulheres conseguem adivinhar o que as outras querem dizer, ficando, por isso muitas ideias e frases por acabar, mas que foram entendidas pelas outras mulheres (Coates 1996: 122). Estas ideias e frases inacabadas não querem dizer hesitação ou insegurança na comunicação, mas compreensão e cooperação entre as falantes. Nesta ordem de ideias, é também muito comum nas conversas femininas a sobreposição de discursos, ou seja, várias vozes a falar ao mesmo tempo. Porém, também esta característica não deve ser vista como competição, mas como cooperação, uma vez que todas as falantes querem contribuir para a conversação:

Overlapping speech is an important feature of women friends' talk, and one that immediately strikes anyone who listens to a recording of women friends' conversation. Women friends combine as speakers so that two or more voices may contribute to talk *at the same time*. This kind of overlapping speech is not seen as competitive, as a way of grabbing a turn, because the various contributions to talk are on the same theme (Coates 1996: 128).

Desta forma, no que concerne à tomada de vez na conversação, as mulheres revelam-se colaborantes e cooperantes na tomada de vez, uma vez que todas tomam a vez e participam na conversação, mesmo que seja simultaneamente, pois nunca é seu objetivo impedir as outras de participar. Por isso, as respostas mínimas - *sim, mhm, claro, pois* - são muito comuns nas conversas femininas, demonstrando que as interlocutoras estão envolvidas e participantes na conversa.

Por outro lado, as conversas entre mulheres tornam-se muito repetitivas, pois como todas participam, repetem-se ideias, frases, expressões, assuntos, etc. (Coates 1996: 203). Não obstante, deve destacar-se que estas repetições conotam solidariedade entre falantes e envolvimento na conversa, corroborando o caráter colaborativo do discurso feminino e a conexão que se estabelece entre as mulheres.

O riso é também outro elemento significativo nas conversas femininas. E pode ocorrer como resposta a uma série de situações na conversa, desde em momentos anedóticos e divertidos de uma discussão, até no final de um desabafo ou de uma história dolorosa. O riso “[...] can signal amusement, surprise, horror, sympathy or catharsis” (Coates 1996: 145). Por outro lado, o riso ou sorriso pode ter também um papel semelhante às respostas mínimas, demonstrar que se está envolvido na interação conversacional.

Uma outra característica feminina apresentada por Coates são os chamados “hedges”, ou seja, expressões ‘barreira’ ou de ‘apoio’ como *tu sabias que, talvez, do tipo, provavelmente, quero dizer, bem, penso que, acho que se calhar, tu sabes que...* Estas expressões permitem evitar que se diga algo de definitivo e definido, deixando as nossas opções em aberto. Coates atesta que este tipo de expressões é frequentemente usado pelas mulheres nas suas conversas (Coates 1996: 152), sendo usado quando existe dúvida ou falta de confiança no que se está a dizer, para não ferir suscetibilidades ou os sentimentos dos outros, quando não se encontra a palavra certa ou ainda para evitar ser-se tido como perito no assunto. Coates (1996) considera que estas expressões são uma característica da conversação feminina devido a outras três características da comunicação feminina: i) a discussão de assuntos sensíveis e controversos; ii) a expressão mútua de emoções, sentimentos e informações pessoais; iii) e o caráter colaborativo do discurso feminino:

Why are hedges a significant feature of the talk of women friends? Their use, it seems to me, is crucially related to three aspects of our talk: we often discuss sensitive topics; we practise mutual self-disclosure; and finally we establish, and therefore need to maintain, a collaborative floor (Coates 1996: 162).

Por conseguinte, desde que Robin Lakoff (1975) inclui estas expressões (“hedges”) como característica da linguagem da mulher, estas têm sido consideradas estereotipicamente femininas, como conotando dúvida, incerteza e inseguranças, três características tipicamente femininas também. No entanto, deve sublinhar-se que estas expressões procuram também

evitar ameaçar a *face* dos interlocutores e simultaneamente proteger a *face* do falante. Por isso, afirmar que as mulheres usam mais estas expressões ‘barreira’ não quer dizer que elas sejam mais inseguras e pouco assertivas, contrariamente aos homens.

Um outro aspeto abordado por Jennifer Coates (1996) é a formulação de perguntas nas conversas femininas. A linguista verificou que as mulheres em interação conversacional usam uma variedade de questões com diferentes objetivos:

- procurar saber informação;
- encorajar outra falante a participar na conversa;
- para introduzir um novo assunto;
- para evitar o papel de entendida / perita no assunto;
- para verificar a opinião das outras participantes na conversa;
- para convidar a contar uma história;
- valor retórico;
- entre outros.

A par deste variado leque de tipos de perguntas, as mulheres socorrem-se ainda das chamadas *tag questions*. Tendo sido também consideradas característica tipicamente feminina, desde a obra de Robin Lakoff (1975), as *tag questions* estão também associadas a uma certa insegurança e fraqueza da mulher refletidas no seu discurso. No entanto, tal como postula Jennifer Coates (1996), as *tag questions* também têm outros objetivos, para além de não comprometerem a pessoa que fala. Assim, as *tag questions* podem também procurar saber informações, ser usadas com valor retórico, incentivar os outros para participar na conversa, facilitar a tomada de vez na conversação, confirmar se o que foi dito foi entendido. Neste sentido, Jennifer Coates entende que as *tag questions* não são usadas nas conversas entre amigas da mesma forma que são usadas entre pessoas com diferente poder, uma vez que nas conversas entre amigas não está presente a ideia de poder (Coates 1996: 201).

Portanto, apesar de primeiramente as perguntas terem uma função de demarcar papéis, entre quem é mais poderoso e menos poderoso; no caso das conversas entre amigas, as perguntas ou questões são usadas para levar as outras a participar na conversa, a minimizar o estatuto de peritas e a afirmar a importância do grupo em detrimento do individual. Por isso, as perguntas são um instrumento poderoso para promover a conexão:

[...] when they are used primarily to draw others into conversation, to minimize expert status, and to affirm the importance of the group rather than the individual, then questions are a powerful tool for prompting connection (Coates 1996: 201).

Por outro lado, as perguntas são usadas para manter o caráter colaborativo das conversas entre as amigas e ainda para manter uma ética de reciprocidade, em que se evita falar como se se fosse um perito no assunto que se fala. Assim, as perguntas promovem a igualdade entre os falantes, minimizando a distância social. Em suma, nas conversas entre amigas, “questions are a way of expressing solidarity and connection” (Coates 1996: 202).

Assim sendo, subjacente a todas as particularidades analisadas nas conversas entre mulheres (desenvolvimento contínuo e participativo de assuntos, respostas mínimas, “hedges”, perguntas, *tag questions* e discurso simultâneo) está a cooperação conversacional

entre as mulheres. Como reitera Jennifer Coates, “[...] it seems that in conversations between women friends in an informal context, the notion of co-operativeness is not a myth” (Coates 1989^b: 119).

Em suma, todas estas características, salientes nas conversas entre mulheres, constroem e distinguem o género feminino, sendo que a construção da amizade com base na conversação é tipicamente feminino, daí que “[...] the primary goal of talk between women friends is the construction and maintenance of close and equal social relationships” (Coates 1996: 264). Da mesma forma, para Jennifer Coates (1996), esta conversação entre amigas pode ser também uma fonte de resistência e mudança, já que se podem alimentar e criar discursos subversivos que desafiem o discurso masculino:

And it is the talk that we do with friends that makes resistance and change possible. Women friends talking are women friends playing: playing provides a context for risk-taking and experimentation. So in the playful conversational practices of women friends, we can try out different discourses, different positions in relation to the world. Subversive discourses can be nurtured and patriarchal discourses can be challenged (Coates 1996: 26).

Estas asserções são corroboradas por Pat O’Connor (1992), que encara a amizade como criadora de discursos e estruturas discursivas que incentivam a mulher a entrar na esfera pública, ainda sob domínio masculino, abandonando a esfera doméstica, o que pode acarretar a mudanças sociais e culturais:

Nevertheless, they (like sociable friendships) can play an important part in challenging the equation of feminity with marriage and domesticity. In addition, by creating structures and discourses which encourage women’s participation in the public arena, they can play an important part in acting as a lever for wider cultural and structural change (O’Connor 1992: 183).

Fern L. Johnson e Elizabeth J. Aries (1998) referem que a amizade entre as mulheres é uma forma de elas definirem a sua própria identidade, subvertendo a desvalorização social que sofrem.

Their friendship may well provide a strength-giving buffer between themselves and the persistent social denial of female integrity. If female friendship functions this way, whether consciously or unconsciously, it has tremendous subversive value; it subverts the devaluation of women by allowing them to develop a self-defined identity (Johnson e Aries 1998: 223).

As mesmas investigadoras apontam ainda que os homens veem nas conversas e na amizade entre as mulheres uma ameaça à assimetria instituída entre homem e mulher, pondo em causa a base das relações humanas, o casal homem e mulher:

The threat that female friendship poses for men is the possibility that it can disrupt the asymmetry between male and female and ultimately lead females to reject male - female pairing as the pinnacle of human relationships (Johnson e Aries 1998: 223).

Fern L. Johnson e Elizabeth J. Aries (1998: 224) alertam ainda que, devido ao facto de as mulheres entrarem cada vez mais no mundo do trabalho, na esfera pública, vão acumulando funções, o que as obrigam a fazer mais esforços para manterem as suas conversas entre amigas.

Por último, tal como Coates (1989^b) sublinhou, o discurso feminino não é igual quando usado em grupos do mesmo género ou em grupos mistos. Consoante o contexto

conversacional, e mesmo que seja igual para ambos os géneros, quer as mulheres quer os homens socorrem-se de estratégias comunicacionais diferentes, revelando competências comunicativas diferentes. Nesse sentido, Cheri Kramarae (1981) acrescentou que são os homens que têm mais dificuldades em compreender a linguagem das mulheres, e não o contrário (Kramarae 1981: 8). Esta dificuldade de compreensão da linguagem feminina não pode estar dissociada do forte pendor da mulher para o uso da linguagem não verbal, que ela desenvolveu e compreende em maior grau do que o homem. Este domínio exímio da linguagem não verbal pela mulher foi também corroborado por Eakins e Eakins (1978: 149), que sublinham a sensibilidade e a facilidade com que as mulheres interpretam a linguagem não verbal, que, na maior parte dos casos, não é interpretada pelo homem. Esta capacidade terá também sido desenvolvida devido ao facto de a mulher ter ocupado, ao longo dos tempos, uma posição mais submissa na sociedade e, por isso, mais observadora e atenta. Do mesmo modo, os homens têm sempre uma postura mais relaxada e descontraída, pois são eles que detêm o poder. Por sua vez, as mulheres têm uma postura mais contraída, em que braços e pernas estão sempre mais juntos. Não obstante, Cheri Kramarae também considera que a mulher procura mais vezes se adaptar e acomodar ao discurso e postura masculinos (Kramarae 1981: 103). No fundo, resultado da sua emancipação, a mulher procura usar a linguagem do poder, a linguagem masculina.

2.5. Ideias correntes sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres

Já falámos anteriormente que a mulher se constituía como um grupo social com características próprias, embora de certa forma inferiorizado numa sociedade patriarcal, onde o homem cria a linguagem e onde o estereótipo ainda domina. Por isso, muitos pensadores, filólogos e pensadores se debruçaram e refletiram sobre as suas especificidades no que diz respeito ao uso da língua e da linguagem. Falamos aqui de Cícero, Fernão de Oliveira, Nyrop, Otto Jespersen, João da Silva Correia, entre outros. De facto, muito antes de a Sociolinguística demonstrar a importância do estudo da variação linguística, já Fernão de Oliveira, no esplendor do Renascimento, sublinhava a diversidade social do falar e da língua, destacando que os diferentes grupos e as camadas sociais não falavam da mesma forma (Torres e Assunção 2000: 59).

Não obstante o reconhecimento da mulher enquanto grupo social, “[...] women appears as deficient - or deviant - in studies of language and sex” (Spender 2001: 7). Edward Sapir (1968) incluía mesmo a linguagem da mulher nos tipos de discurso anormais, equiparando-a mesmo à linguagem dos bebés, dos covardes, dos homens circunscizados, dos anões, entre outros. Efetivamente, o interesse pela linguagem da mulher encarava-a como inferior relativamente à linguagem do homem, e, por isso, esses estudos baseavam-se, genericamente, na comparação relativamente à linguagem masculina. Por isso, nunca lhes foi dada prioridade nos estudos da linguagem (Spender 2001: 10). Neste contexto, procurando

caraterizar a linguagem da mulher, reconhecidamente distinta da do homem, irromperam uma série de ideias preconcebidas sem fundamentação científica, que foram alastrando e que chegaram aos nossos dias.

De facto, estas diferenças entre homens e mulheres sempre foram um tópico de interesse para a espécie humana, daí terem surgido um pouco por todo o mundo provérbios com mensagens alusivas a essas diferenças, como os seguintes provérbios portugueses:

- Ainda está para nascer quem de mulheres e ovelhas há de entender.
- Do homem a praça, da mulher a casa.
- Melão e mulher difíceis são de conhecer.
- Guarda-te de traseiro de mula e de língua de mulher.
- Mulher sem marido é como barco sem leme.
- Mulher tem força na língua como boi tem no cangote.

Estes provérbios portugueses ilustram bem a sociedade portuguesa como uma sociedade patriarcal, com diferentes papéis para homens e mulheres, e as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, que conduzem à incompreensão da mulher por parte do homem. Obviamente estes provérbios refletem as ideias do tempo e do contexto social que se vive, mas não têm qualquer fundamento académico. No entanto, a par dos provérbios, têm vindo a ser debatidas outras ideias preconcebidas sobre as diferenças entre homens e mulheres. Entre estas ideias vindas da tradição, destacamos:

- 1) A questão da inovação/mudança da língua: quem introduz os novos termos na língua? O homem ou a mulher?
- 2) A cortesia: quem é mais cortês? O homem ou a mulher?
- 3) Correção gramatical: a mulher preocupa-se mais com a correção do que o homem?
- 4) Parataxe e hipotaxe: a mulher usa mais a parataxe e o homem a hipotaxe?
- 5) Pronúncia: quem é mais rigoroso na pronúncia das palavras? O homem ou a mulher?
- 6) A mulher fala mais do que o homem? Ou a mulher permanece mais tempo em silêncio do que o homem?
- 7) A mulher é mais conservadora linguisticamente do que o homem, ou será o contrário?

Estas são algumas das questões que estão popularmente divulgadas sobre as diferenças linguísticas entre homens e mulheres. Realmente, elas são o resultado da época em que surgiram, mas, como vamos ver, de acordo com o contexto vai haver contradições.

Assim, no que diz respeito à inovação na língua, Otto Jespersen, no capítulo “The Women” da sua obra *Language: Its Nature, Development and Origin*, afirma que são os homens que introduzem “new and fresh expressions” na língua, são eles os “chief renovators of language” (Jespersen 1922: 247). Sublinhamos aqui o facto de Jespersen considerar a inovação como algo inevitável e criativo na língua, logo atribuível ao homem. De acordo com Jennifer Coates,

This chapter has the merit of summarising extent research on women's language in many different parts of the world. It has been justifiably criticised, however, for its uncritical acceptance of sexist assumptions about male/female differences in language (Coates 1986: 18).

Efetivamente, muitas das ideias que a tradição linguística transmitiu sobre a linguagem da mulher baseavam-se em ideias sexistas presentes na própria língua. Da mesma forma, tal como Robin Lakoff mais tarde também afirmou, Jespersen expressa que, apesar de a mulher ter um leque mais reduzido de vocabulário (Jespersen 1922: 248), utiliza em maior número os adjetivos e os advérbios.

Por outro lado, a ideia de que a linguagem feminina é mais cortês e refinada, isto é, mais delicada, “more ladylike”, está muito divulgada desde há vários séculos (Coates 1986: 19). Este aspeto está intimamente relacionado com o facto de o homem utilizar vulgarmente uma linguagem grosseira e blasfema, enquanto, pelo contrário, a mulher fala num tom de voz mais baixo e recorre muito a termos carinhosos e diminutivos (ex. querido). Jespersen reitera

There are great differences with regard to swearing between different nations; but I think that in those countries and in those circles in which swearing is common it is found much more extensively among men than among women (Jespersen 1922: 246).

No atinente ao tom de voz, Cheri Kramer (1975: 49) afirma que outra das ideias pré-concebidas é a de que as mulheres, para esconder que falam muito (outra visão estereotipada), falam entre si num tom de voz baixo, sendo por isso apelidadas de “galinhas” ou “coscuvilheiras”. No entanto, Cheri Kramer (1975) destaca também que os “[...] etiquette books warn women to avoid loud, high-pitched speaking” (Kramer 1975: 49). Assim sendo, parece haver uma contradição: as mulheres entre si falam alto ou baixinho?

Indo ao encontro de Jespersen (1922), que sublinha a preferência da mulher “[...] for refined and (in certain spheres) veiled and indirect expressions” (Jespersen 1922: 246), Robin Lakoff destaca que “women don't use off-color or indelicate expressions; women are the experts at euphemism” (Lakoff 1975: 55). Esta delicadeza da mulher é ainda associada por Lakoff à preocupação feminina com a correção gramatical.

Ainda dentro da questão gramatical, muitos foram os que chamaram a atenção para o uso dos pronomes, especificamente do pronome pessoal da terceira pessoa do singular. Para muitos, particularmente feministas, o pronome pessoal quando utilizado para representar o género não definido é extremamente sexista, pois aponta logo para o masculino. Por isso, foram surgindo várias propostas para substituir o pronome sexista, sem nenhuma, até agora, ter vingado. Para Robin Lakoff, “[...] an attempt to change pronominal usage will be futile” (Lakoff 1975: 45).

Apesar da referida preocupação com a correção gramatical, Jespersen frisa que as mulheres têm maior tendência para deixar frase inacabadas, principalmente exclamativas, devido ao facto de começarem a falar sem pensarem no que vão dizer (Jespersen 1922: 250). Também o português João da Silva Correia, na sua obra, *A Linguagem da Mulher*, considera que a mulher fala mais rápido do que o homem, “[...] o que significa por ventura, por parte da mulher, superficialidade, irreflexão, precipitação nervosa” (Correia 1927: 13). Partindo desta irreflexão e precipitação, Otto Jespersen afirma também que, para transmitirem ideias

organizadas e múltiplas, os homens recorrem à hipotaxe e as mulheres socorrem-se da parataxe. Jespersen salienta que no que concerne a este aspeto não está tanto a falar de diferenças, mas mais de preferências. E sintetiza:

If we compare long periods as constructed by men or by women, we shall in the former find many more instances of intricate or involute structures with clause within clause, a relative clause in the middle of a conditional clause or vice versa, with subordination and sub-subordination, while the typical form of long feminine periods is that of co-ordination, one sentence or clause being added to another on the same plane and the gradation between the respective ideas being marked not grammatically, but emotionally, by stress and intonation, and in writing by underlining. In learned terminology we may say that men are fond of hipotaxis and women of parataxis (Jespersen 1922: 251).

No fundo, há aqui uma valorização da hipotaxe por parte de Otto Jespersen (1922). No entanto, não podemos deixar de sublinhar que “[...] scholarly comments on sex differences in language reflect the ideas of their time” (Coates 1986: 15). Por isso, não podemos deixar de referir que, até ao século XX, “women had less access to literacy than men” (Coates 1986: 26), e quando falamos aqui em literacia, estamos a falar de formação inicial no domínio vernacular somente. As mulheres, contrariamente aos homens, não tinham tantas oportunidades para aprender a sua língua, nem línguas estrangeiras tão pouco. No entanto, já no século XVIII, Francisca de Chantal Álvares, a primeira autora de uma gramática portuguesa (Cf. Kemmler *et al.* 2010), sublinha, na sua gramática *Breve Compendio da Gramatica Portuguesa para uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação de Lisboa* (1786), a importância da educação na formação das mães de família. Esta educação passaria não só pela aprendizagem da língua materna, mas também de línguas estrangeiras (Álvares 1786: III-IV).

Por outro lado, no que diz respeito à pronúncia das palavras, Jespersen não apresenta diferenças. “On the whole we must say that from the phonetic point of view there is scarcely any difference between the speech of men and that of women: the two sexes speak for all intents and purposes the same language” (Jespersen 1922: 245). No entanto, Dennis Baron sublinha que “[...] many commentators on The English language considered women to be poor spellers; others found them to be better spellers than men” (Baron 1986: 56). E, mais à frente, acrescenta “women are often thought of as careful pronouncers of words” (Baron 1986: 63).

Também prevalece a ideia de que a mulher está constantemente a falar¹³. Talvez por isso, se crê, tal como sublinha o provérbio inglês, que “Silence is the best ornament of a woman” (Coates 1986: 33), uma vez que o silêncio é sinónimo de obediência e, como reiterou Deborah Tannen, é uma prova de como a mulher não tem poder (Tannen 1990: 229). Logo, a mulher teria um papel subalterno, remetendo-se ao silêncio nas conversas de domínio público, tornando-se mesmo invisível na interação (Lakoff 1995: 29). Também Dennis Baron sublinhou esse ideal de mulher: “The silent woman has actually been held [...] to be the ideal woman, and tracts to codify the behaviour of women often praise silence as one of the highest virtues that the sex may aspire to” (Baron 1986: 57). De facto, embora não exista

¹³ “There is an age-old belief that women talk too much” (Coates 1986: 31).

“*evidence* that women talked more than men, yet there is no doubt that Western European culture is imbued with the belief that women *do* talk a lot, and there is evidence that silence is an ideal that has been held up for women for many centuries” (Coates 1986: 34). E, por isso, desde há séculos, os próprios livros de etiqueta aconselhavam as mulheres a permanecerem caladas:

Since the fourteenth century, works of literature as well as etiquette books have advised women to speak as little as possible, partly because it was assumed that women would naturally misuse the language and partly because discourse was seen as the prerogative of men alone (Baron 1986: 56).

No fundo, os próprios livros de etiqueta encorajavam a mulher a usar uma linguagem diferente da do homem, distinguindo-se dele:

Women are directed to modulate their tones, enunciate clearly, listen well, and learn about male topics of conversation. These behavior tracts take the position that women do not and should not talk like men, and in their attempt to preserve a separate women’s language they catalogue the taboos that apply to women’s speech, advising women to avoid slang, gossip, emotional speech, and excessive loquacity (Baron 1986: 62).

Por último, no que diz respeito à conservação da língua, vários foram os estudiosos que consideraram a mulher como conservadora da Língua. Cícero referiu-o no seu *De Oratore ad Quintum Fratrem Libri Tres*; Fernão de Oliveira também o fez na sua *Gramática da Linguagem Portuguesa* (Torres e Assunção 2000: 128); e Otto Jespersen também o postulou (Jespersen 1922: 237), tal como Dennis Baron¹⁴. No entanto, por exemplo, Edward Sapir considera que “the men’s language seems to preserve historically older forms” (Coates 1986: 36).

Também Borisoff e Merrill (1998) apresentam, como ponto de partida para o estudo das diferenças comunicativas entre homens e mulheres, uma série de estereótipos que caracterizam a competência comunicativa das mulheres e dos homens. Desta forma, para os referidos autores, entre as ideias estereotipadas mais divulgadas sobre a linguagem da mulher estão:

- 1) a mulher fala suave e baixo, uma vez que sempre foi ensinada que era preferível para ela ser vista do que ser ouvida;
- 2) a mulher quando fala é ignorada e interrompida, uma vez que sempre foi ensinada a falar “like a lady”;
- 3) a mulher é vista como insegura na conversação, pois o poder da linguagem é reconhecido ao homem;
- 4) a mulher é emocional e subjetiva na conversação, afetando a sua credibilidade (Cf. Borisoff e Merrill 1998: 10-12).

Por sua vez, tendo em conta os estereótipos da comunicação masculina, os homens são:

- 1) o homem é mau ouvinte, uma vez que a escuta é para ele algo passivo, só a conversação é ativo;
- 2) o homem não pode expressar emoções ou sentimentos pela conversação;

¹⁴ “Women are also cast in the role of preservers of linguistic tradition” (Baron 1986: 2).

- 3) o homem faz afirmações categóricas, indo ao encontro da autoconfiança e autoridade masculinas;
- 4) o homem domina a discussão / conversação (Cf. Borisoff e Merrill 1998: 13-15).

Estes são alguns dos muitos estereótipos que acentuam a diferença entre o masculino e o feminino, valorizando a diferença. Contudo, é necessário ter presente que tudo não passa de estereótipos, necessitando, por isso, de confirmação, pois é sempre da regra que nasce a exceção. Portanto, sente-se a necessidade de fazer um trabalho fundamentado que venha sustentar ou refutar estas ideias passadas pela tradição linguística. De facto, embora no passado a mulher parecesse aceitar o seu estatuto inferior, “nowadays women are more aware that they do not have equal status with men, and they are less prepared to accept this state of affairs” (Coates 1986: 9). Talvez por isso, muitas vezes, as mulheres redefinam a sua forma de comunicar em função da linguagem caracteristicamente masculina e das ideias estereotipadas sobre a sua linguagem. Tem de se conhecer melhor as diferenças para melhor serem compreendidas e interpretadas.

2.6. Os estudos da sociolinguística e o género

A sociolinguística, que emergiu nos anos de 1960, é um ramo da linguística que se pode definir como o estudo da linguagem/discurso no seu contexto social, ou seja, a sociolinguística aparece como “[...] an interdisciplinary field of interest, bringing systematic attention to language as a social phenomenon” (Thorne e Henley 1975^b: 6). O estudo da linguagem/discurso no seu contexto social implica essencialmente o estudo da variação linguística. A sociolinguística estuda o discurso no sentido de demonstrar que a variação linguística não ocorre ao acaso, mas é estruturada. Dessa forma, o seu objetivo é apresentar de forma ordenada a heterogeneidade presente no discurso de determinada comunidade. Joan Swann e Janet Maybin (2008) consideram que a sociolinguística engloba uma plêiade de áreas de estudo:

[...] contemporary variation and change; language choice in multilingual contexts; the socially and culturally oriented study of language-in-interaction; applied concerns such as language policy and planning - and a range of methodologies, both quantitative and qualitative (Swann e Maybin 2008: 21).

Dentro da variação linguística, a sociolinguística vai debruçar-se sobre a variação estilística e a variação social, principalmente no discurso vernacular, isto é, discurso do dia-a-dia. Esta variação foi exatamente o ponto de partida para o nascimento da Estilística, através de Charles Bally, no início do século XX. Bally (1965) permanece fiel à distinção saussureana entre *langue* e *parole*, mas acrescenta-lhe um outro domínio de estudo: a língua falada tendo em conta o seu conteúdo afetivo ou subjetivo, objeto de estudo da estilística, sempre fazendo parte da linguística geral:

En somme, je reste fidèle à la distinction saussurienne entre la langue et la parole, mais j’annexe au domaine de la langue une province qu’on a beaucoup de peine à lui attribuer: la langue parlée envisagée dans son contenu affectif e subjectif. Elle réclame une étude

spéciale: c'est cette étude que j'appelle stylistique. Un des objets de mon enseignement sera de montrer comment la stylistique s'emboîte dans la linguistique générale (Bally 1965: 159).

A variação estilística diz respeito às diferentes formas e estilos com que o indivíduo utiliza a linguagem em diferentes contextos sociais. A variação social tem a ver com o facto de os falantes diferirem uns dos outros em termos de idade, sexo, classe social, grupo étnico, tendo, por isso, diferentes estilos conversacionais, embora o contexto seja o mesmo. Por último, a sociolinguística interessa-se, principalmente, pelo discurso vernacular, isto é, o discurso espontâneo e natural entre pessoas que se conhecem bem (Cf. Coates 1986: 4-5). Portanto, a sociolinguística preocupa-se com o estudo do discurso de todos os membros de uma comunidade e não somente com o dialeto privilegiado ou norma. Este estudo linguístico da variação ficou conhecido o paradigma quantitativo (Cameron 1989: 3). Portanto, o estudo da variação não teve, inicialmente, intenção de estudar a linguagem e o género, mas sim, primeiramente, verificar a variação regional (Romaine 2003). Todavia, a partir dos estudos realizados, apercebeu-se que o género se constituía como uma categoria ou variável a ter em conta na variação da linguagem. Até então, os estudos de variação incluíam, por norma, sempre grupos de indivíduos masculinos (Cf. Eakins e Eakins 1978: 14). Para Elaine Showalter, “one of the most striking changes in the humanities in the 1980s has been the rise of gender as a category of analysis” (Showalter 1989: 1).

Por conseguinte, a mulher passou a constituir-se como um grupo de estudo desta ciência, uma vez que deixa de ser entendido como um grupo minoritário e insere-se dentro da relação de variação na linguagem pelo sexo. Até então, a mulher constituía-se como um grupo inferior ao do homem. Contudo, “nowadays women are more aware that they do not have equal status with men, and they are less prepared to accept this state of affairs” (Coates 1986: 9). Efetivamente, a par do movimento feminista, a sociolinguística foi também uma das causadoras do desenvolvimento dos estudos e investigações sobre a “women’s language”, tal como foi apelidada por Robin Lakoff, em 1975 (O’Barr e Atkins 1998: 377). Mary Ritchie Key (1996) considerou mesmo que antes do desenvolvimento da sociolinguística, nenhum investigador estava preparado para estudar as diferenças entre homens e mulheres, uma vez que estas estão relacionadas com uma série de variáveis:

Before the development of sociolinguistics, linguists were not truly ready to talk about male / female differences because none of these differences operates alone and without intricate connections to other variables (Key 1996: 5).

Resumindo: as diferenças de género na linguagem começaram então a ser estudadas pelos estudos quantitativos da sociolinguística, que principiaram por examinar a correlação entre a variação linguística e outras variáveis, nomeadamente a classe social dos falantes. Assim, estes estudos revelaram a estratificação social e levantaram dois conceitos associados a ela e ao uso da linguagem: o prestígio e o estigma. O prestígio está ligado às formas linguísticas normalmente usadas pelo grupo social com mais *status*, passando a ser considerada a norma e de correcto. Contrariamente, estigma está ligado às formas não pertencentes à norma. São estas formas linguísticas não pertencentes à norma que vão ser

alvo de interesse, constituindo-se como o discurso vernacular, que interessa especialmente à sociolinguística.

Como já referimos, a maioria dos primeiros estudos sociolinguísticos interessaram-se primeiramente pelas diferenças entre as classes sociais. No entanto, a partir daqui foram consideradas como implicadas na variação linguística outras variáveis não linguísticas, como o grupo étnico, a idade e sexo ou género. Esta última variável revelou-se “[...] fundamental to any system of social categorization” (Eckert 2000: 55), uma vez que “sex is a variable central to language” (Thorne e Henley 1975^b: 10). Marjorie Swacker (1975) defende mesmo que o sexo / género do falante é uma variável tão importante que se algum estudo sociolinguístico a desconsiderar, não será válido e fiável.

[...] the adoption of speaker sex as a separate sociolinguistic variable - a variable as important, as methodologically necessary, and as valid as education or region or socioeconomic level. Indeed, any sociolinguistic research which does not, at least, specifically give consideration to the sex of the informant might well be of questionable validity (Swacker 1975: 82).

A partir do relevo dado à variável sexo / género, começou a sublinhar-se que, em muitas comunidades falantes, as mulheres tinham mais tendência para usar as formas linguísticas de prestígio do que os homens. “In other words, the prestige norms seem to exert a stronger influence on women than on men” (Coates 1986: 64).

Estudos sociolinguísticos quantitativos levados a cabo na Grã-Bretanha por Peter Trudgill (em Norwich, 1974), Ronald Macaulay (em Galsgow, 1977), Mark Newbrook (em West Wirral, 1982) e Suzanne Romaine (em Edinburgh, 1978) concluíram que:

- 1) Em todas as classes sociais e estilos, as mulheres tendiam a usar menos formas estigmatizadas do que os homens;
- 2) Em contextos formais, as mulheres são mais sensíveis ao uso das formas de prestígio do que os homens;
- 3) Nas classes médias mais baixas é onde os estilos das mulheres varia mais agudamente: no estilo menos formal, elas usam em grande proporção formas estigmatizadas; porém, quando estão em situações mais formais tendem a corrigir o seu discurso, procurando fazê-lo corresponder ao da classe social imediatamente acima;
- 4) O uso das formas não estandardizadas (isto é, do vernacular) parece estar associado não só aos falantes das classes trabalhadoras, mas também a falantes do sexo masculino (Cf. Coates 1986: 65-66).

Estes quatro estudos britânicos demonstraram a regularidade que a variante sexo tem na diferenciação do discurso, na medida em que os falantes masculinos e os falantes femininos escolhem diferentes variantes, sendo que a variante de prestígio é mais vezes usada pelos falantes do sexo feminino.

Jennifer Coates (1986) apresenta como explicação para os dados levantados pelos quatro investigadores referidos que a sensibilidade das mulheres para com a norma linguística é verificada e é atribuída à sua posição social insegura, que faz com que elas se procurem

afirmar procurando corrigir-se por forma a falar e acordo com as classes superiores e, dessa forma, se distinguem dos homens. De facto, homens e mulheres distinguem-se pela linguagem porque eles pertencem a grupos diferentes. É importante para os grupos manterem a sua identidade e a variação linguística contribui de duas formas:

- As diferenças linguísticas podem reforçar a unidade do grupo (ou seja, os membros do grupo reconhecem as semelhanças linguísticas entre si e as diferenças das pessoas fora do grupo);

- Por outro lado, as diferenças linguísticas também podem acentuar a distância entre os grupos (o que ajuda a manter a identidade distintiva do grupo).

Neste contexto, “linguistic differences between women and men can be seen as functioning to maintain their separate identities” (Coates 1986: 77). Mais uma vez se reitera o valor da variante sexo na variação linguística. Não obstante, por vezes o problema reside no facto de “women appear as deficient - or deviant - in studies of language and sex” (Spender 2001: 7).

Não obstante, este paradigma quantitativo utilizado na sociolinguística começou a ser criticado pelas feministas, uma vez que as mulheres eram muitas vezes excluídas das pesquisas, pois raramente faziam parte do grupo de informantes (Cameron 1989: 6). Por outro lado, muitas das explicações dadas para as diferenças linguísticas entre os géneros eram baseadas em ideias estereotipadas, generalizando resultados localizados (Cameron 1989: 11). Entre essas explicações mais comuns para as diferenças de género surgiram a questão social e ideia de *status*, o conservadorismo e a soliariedade (Cameron e Coates 1989: 13-14).

Tal como já foi comentado, a questão da classe social e do estatuto postula que a mulher acredita que, seguindo a norma padrão ou de prestígio, estará a conseguir ganhar *status* através do discurso. Revelando mais consciência de *status* que o homem, a mulher esforça-se por usar a norma de prestígio, procurando falar sempre corretamente.

O conservadorismo está também associado a uma visão tradicional e estereotipada da mulher. No entanto, não existe consenso se realmente a mulher é mais conservadora que o homem. Porém, tendo em conta que a mulher procura seguir a norma de prestígio e que tem consciência de *status*, ela estará ligada a toda a mudança na norma de prestígio (Cameron e Coates 1989: 15).

A questão da soliariedade estava relacionada com o facto de a mulher não sofrer a mesma pressão que o homem para aderir às formas vernaculares da língua. Acrescente-se ainda que o uso de formas linguísticas fora do padrão está associado à masculinidade (Deuchar 1989: 28). Esta pressão surge essencialmente no mundo do trabalho, nas redes de amigos que se criam:

[...] the importance of **solidarity** as a factor influencing language use. The concept of **social network**, by enabling us to see the individual in relation to the group, refines our understanding of linguistic variation. The evidence is that a tight-knit network is an important mechanism of language maintenance. The close-knit networks to which working-class men have traditionally belonged serve to maintain vernacular norms (Cameron e Coates 1989: 19).

Como a mulher não tinha criado tantos laços e redes no mundo do trabalho, não sofria tanta pressão para falar formas vernaculares, podendo seguir a norma de prestígio.

Assim, para Cameron e Coates, “the three explanations most commonly put forward to account for sex-difference findings are inadequate, as well as being implicitly sexist” (Cameron e Coates 1989: 24).

A estas três explicações, Margaret Deuchar (1989) apresenta uma outra razão para justificar o maior uso por parte das mulheres da norma de prestígio - a questão da face e do poder. Pegando na noção de face¹⁵ e de poder relativo de Brown e Levinson (2001), Deuchar (1989) conclui 4 asserções:

- 1) os participantes em interação desejam proteger a sua própria face;
- 2) a atenção que se tem relativamente à face do outro é afetada pelo poder relativo que se tem em relação ao outro;
- 3) a atenção que se tem relativamente à face do outro pode prejudicar a nossa própria face;
- 4) a mulher tem menos poder relativo que o homem (Deuchar 1989: 30).

Portanto, segundo Brown e Levinson (2001), se temos ou não em conta a face do outro depende de vários fatores, nomeadamente o poder relativo do locutor e do interlocutor. Por isso, quanto mais poderoso for o interlocutor, mais atenção será tida em conta pelo locutor no que diz respeito à face do interlocutor. Tendo em conta que “women are relatively powerless speakers [...], then they will receive little attention to their own faces, and will damage their own while paying attention to the face of others” (Deuchar 1989: 31). Neste contexto, o uso da norma padrão, com a sua conotação de prestígio, surge como apropriada para proteger a face de locutoress relativamente com menos poder sem atacar a face do interlocutor. Assim, quando a mulher usa a norma padrão, ela está a proteger a sua própria face, mas também está a prestar atenção à face dos seus interlocutores, sem, no entanto, lhes ameaçar a face (Deuchar 1989: 32).

Não obstante, convém realçar que esta quarta explicação ultrapassa o domínio da sociolinguística, entrando no ramo da pragmática.

Assim sendo, foi a partir dos anos de 1970 que a investigação sociolinguística começou a substituir os velhos mitos e visões estereotipadas por ‘factos’ (Coates 1998: 2). Foi então que o interesse pelo modo como homens e mulheres falavam, bem como pelas suas diferenças no uso da linguagem, cresceram astronomicamente em diferentes culturas.

Inicialmente, a investigação sobre as diferenças de género na linguagem começaram por centrar-se principalmente em conversas mistas, isto é, conversas que envolviam tanto homens como mulheres. Os investigadores procuravam investigar aquilo que consideravam as características principais da linguagem: fonética e fonologia, sintaxe e morfologia. Depois,

¹⁵ Cf. “face, the public self-image that every member wants to claim for himself, consisting into two related aspects:

- (a) negative face: the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction - i.e. to freedom of action and freedom from imposition
- (b) positive face: the positive consistent self-image or ‘personality’ (...) claimed by interactants” (Brown e Levinson 2001: 61).

voltaram para aspetos mais abrangentes, como as estratégias de conversação características de homens e mulheres. Mais recentemente, os investigadores têm procurado centrar-se na interação conversacional entre indivíduos do mesmo gênero.

Obviamente, estas mudanças de ponto de vista da investigação foram acompanhadas por mudanças na perspectiva teórica. Assim, enquanto nos primeiros anos (décadas de 1960-1970), a investigação sobre a relação entre o gênero e a linguagem se baseava num paradigma que categorizava os indivíduos primeiramente de acordo com o seu sexo biológico, usando desse modo métodos quantitativos (paradigma quantitativo); a partir das décadas 1970-1980, surgiu um período que reconhecia já a construção cultural de categorias como o gênero, recorrendo predominantemente a abordagens qualitativas e etnográficas. Mais recentemente, uma abordagem social construcionista mais dinâmica concilia a investigação quantitativa e a qualitativa (Coates 1982: 3; Swann e Maybin 2008: 21). No fundo, o que ocorreu foi uma mudança no paradigma de análise, os estudos já não se focam tanto nas diferenças de gênero, mas como o gênero pode influenciar a comunicação em determinados contextos comunicacionais¹⁶. No entanto, embora a linguagem e o gênero sejam práticas contextualizadas, Joan Swann (2002) alerta para que a linguagem e o gênero sejam analisados como transcendendo sempre os contextos específicos em análise (Swann 2002: 62). O gênero passa assim a ser encarado como uma variável no estudo da variação da linguagem (Sunderland e Litosseliti 2002: 6) e, a partir daí, podem verificar-se as diferenças comunicativas entre os gêneros sob diferentes perspectivas e métodos de análise.

2.7. O gênero investigado no domínio da competência comunicativa - etnografia da comunicação

A par da sociolinguística, novas disciplinas, como a análise do discurso e a pragmática, emergiram e ganharam relevo no estudo das diferenças comunicativas entre os gêneros, partindo do conceito criado por Dell Hymes (1971), a competência comunicativa. Portanto, não estamos já no paradigma quantitativo, mas na etnografia da comunicação, como lhe chamou Jennifer Coates (1989^a: 64), e que se preocupa com a competência comunicativa. Para Dell Hymes (1971), este termo refere tudo o que o falante necessita saber e conhecer para ser um indivíduo comunicativo efetivo e funcional na sua comunidade. Portanto, esta competência envolve mais do que o conhecimento das regras gramaticais e fonológicas indispensáveis para falar, o indivíduo tem também de dominar normas sociais e culturais que lhe permitam usar as formas linguísticas apropriadamente, de acordo com a situação e contexto comunicacional.

A noção de que homens e mulheres podem constituir-se como discursos diferenciados conduziu a investigações sobre diferenças de gênero na competência comunicativa (Coates

¹⁶ Cf. Swann e Maybin: “At a general level, this shift can be seen as running from an earlier focus on gender differences language to a more contemporary preoccupation with the contextualized performance of gender” (Swann e Maybin 2008: 22).

1989^a: 64). Como e porquê homens e mulheres seguem diferentes normas comunicativas é o grande problema sob investigação. Para responder a este problema confluem duas visões do estatuto da mulher na sociedade: uma que encara a mulher como um grupo minoritário, que é oprimido e marginalizado; outra que vê a mulher simplesmente como diferente do homem. Estas duas visões refletem duas abordagens na investigação das diferenças de género quanto à competência comunicativa: a abordagem do domínio e a abordagem da diferença. Jennifer Coates (1989^a) clarifica as duas abordagens como:

The first - the **dominance** approach - interprets linguistic differences in women's and men's communicative competence as a reflection of men's dominance and women's subordination. The second - the **difference** approach - emphasises the idea that women and men belong to different subcultures: the differences in women's and men's communicative competence are interpreted as reflecting these different subcultures (Coates 1989^a m: 65-66).

No entanto, Sara Mills (2002) alerta para o facto de teóricos e investigadores do género e da linguagem continuarem a discutir o género simplesmente em termos de comportamento linguístico diferente entre dois grupos. Para a linguista, devem analisar-se melhor as várias estratégias que homens e mulheres adotam, tendo em conta o género, a raça ou etnia e a classe social, em determinadas circunstâncias e com determinados objetivos e interesses. Tal não quer dizer que não se podem fazer generalizações, mas que se tem de ter em atenção que determinados resultados não dizem respeito ou aos homens ou às mulheres como um todo (Mills 2002: 69).

Também sobre as diferenças de género no que diz respeito à competência comunicativa, há uma série de ideias divulgadas pelo senso comum, como sejam:

- as mulheres falam mais do que os homens;
- as mulheres têm mais tendência para a “coscuvilhice” e para murmurar;
- os homens são mais blasfemos do que as mulheres;
- as mulheres são mais cortesias;
- entre outros.

Partindo destas ideias, uma série de estudos e investigações foram levados a cabo no intuito de provar ou refutar estas teorias. Jennifer Coates (1986) nomeou uma série de estudos sobre a tomada de vez na interação conversacional, sobre o ‘estilo da mulher’ (nomeadamente no que respeita à loquacidade / verbosidade, às perguntas e *tag questions*, às ordens e às diretivas, às blasfémias e à linguagem *taboo*) e sobre a cortesia.

1) Tomada de vez na conversação: interrupções e controlo do assunto

Quando se fala em análise da conversação, mais especificamente nas tomadas de vez, temos de ter presente o modelo normal da estrutura conversacional. Ou seja, durante a conversa, aquele que fala pode selecionar aquele que vai falar a seguir (fazendo-lhe uma pergunta ou dirigindo-se a ele, por exemplo), ou os outros participantes podem optar por tomar a vez e falar, quando o falante terminar. Toda a interação conversacional tem assim regras, regidas também pelo princípio da cortesia.

Não obstante, existem dois tipos de irregularidades que podem acontecer quando não se respeita a tomada de vez na conversação: as sobreposições de fala e as interrupções. As sobreposições acontecem quando um dos participantes na conversação começa a falar ao mesmo tempo que o falante, havendo uma sobreposição de falas. As interrupções, por seu turno, são mais graves, uma vez que um participante começa a falar enquanto o falante ainda está a falar, interrompendo a sua vez. As interrupções durante a interação verbal são consideradas fonte de irritação para ambos os sexos (Eakins e Eakins 1978: 66).

Aparentemente, existem algumas diferenças entre os sexos no que respeita a estas práticas, nomeadamente que os homens falam mais do que as mulheres em grupos mistos de conversação, tal como interrompem mais vezes as mulheres, do que elas interrompem os homens e respondem, muitas vezes, a questões que não lhe são dirigidas. Tal como sublinham Eakins e Eakins, “many women have a difficult time getting and keeping attention in a group” (Eakins e Eakins 1978: 66), talvez, como acrescentam, devido ao menor poder das suas vozes, a que se acrescenta uma tendência para falar baixo. Para os referidos autores, esta tendência para falar baixo resulta do facto de as mulheres ocuparem uma posição mais subordinada do que os homens. Estes, por sua vez, tendem a falar mais alto, sinal de poder e da autoridade que têm na sociedade (Eakins e Eakins 1978: 104-105).

Zimmerman e West (1975) conduziram um estudo para verificar a ideia estereotipada se os homens interrompiam mais as mulheres. Para isso, recorreram a 31 gravações envolvendo conversas entre dois participantes: 10 conversas eram entre duas mulheres; 10 eram entre dois homens; e 11 eram entre uma mulher e um homem.

Depois de analisarem as gravações, os investigadores chegaram às seguintes conclusões no que diz respeito às sobreposições e às interrupções:

	Falante 1	Falante 2	Total
Sobreposições	12	10	22
Interrupções	3	4	7

Tabela 2. As irregularidades na tomada de vez em 20 conversas entre falantes do mesmo sexo (Zimmerman e West 1975: 115).

	Homens	Mulheres	Total
Sobreposições	9	0	9
Interrupções	46	2	48

Tabela 3. As irregularidades na tomada de vez em 11 conversas entre falantes dos dois sexos (Zimmerman e West 1975: 116).

Da análise dos gráficos, Zimmerman e West (1975) verificaram que:

- a) quando as conversações decorrem entre falantes do mesmo sexo, as interrupções e as sobreposições estão distribuídas equitativamente entre os dois participantes;
- b) no entanto, quando as conversas decorrem entre falantes de sexo diferente, todas as sobreposições foram causadas por homens e das 48 interrupções que existiram, 46 foram provocadas pelos homens.

Estes resultados demonstram que os homens, em conversas mistas, infringem o direito da mulher para falar, nomeadamente o direito de terminar a sua vez. Tal não acontece quando estão a falar com outro homem, pois raramente um homem interrompe outro homem.

Por outro lado, Zimmerman e West (1975) também concluíram que era a mulher que permanecia mais tempo em silêncio. No entanto, era também a mulher que era mais rápida a fornecer as respostas mínimas (como *mm* ou *yeah*), como forma de demonstrar escuta ativa ou de dar apoio ao falante, revelando interesse pelo assunto. Por seu lado, os homens foram mais demorados a fornecer esse tipo de *feedback*, revelando ou falta de compreensão ou falta de interesse pelo que o falante (mulher) disse.

Por outro lado, James e Clarke (1993), ao se debruçarem sobre a relação do género e da interrupção, não encontraram um padrão claro da interrupção masculina. Especialmente curioso é que ao comparar a interrupção entre grupos de falantes masculinos e grupos femininos, os mesmos investigadores salientaram que a interrupção é mais comum na interação conversacional entre grupos femininos. Efetivamente, para Coates (1997), a interação conversacional entre grupos de amigos do sexo masculino pauta-se pela tomada de vez, em que cada um fala na sua vez, sendo as interrupções pouco frequentes. É neste ponto que, para a investigadora, se distinguem as conversas femininas das masculinas. Embora a amizade seja uma relação de igualdade para ambos os géneros, homens e mulheres veem a interação conversacional de forma diversa. Os homens não se interrompem e falam cada um na sua vez como sinal de respeito; as mulheres veem a interrupção como forma de dar atenção à outra e de colaborar na construção discursiva:

Friendship is a relationship of equals, but women and men draw on differential modes of conversational organization to 'do' same-sex friendship. Men, through scrupulous adherence to a one-at-a-time floor, avoiding overlap and thus avoiding interruption, maintain equality by respecting each other's right to the solo floor, and acknowledging the individual ownership of ideas. Women, by contrast, draw on a collaborative mode of conversational organization where their shared ownership of the floor symbolizes collective rather than individual values, solidarity rather than separateness (Coates 1997: 126).

Para Tannen (1994), esta questão da interrupção é um caso ambíguo, pois não se consegue discernir quando é que simboliza o poder ou a solidariedade na interação conversacional. Esta posição deve-se ao facto de parte dos falantes considerarem a conversação como um momento de participação conjunta, em que todos participam e são solidários, contribuindo com a tomada de vez; outra parte, contudo, vê a conversação como devendo haver só uma voz a falar, por isso interpretam a sobreposição de falas (*overlap*) não como contribuições, mas como interrupções, que vão ao encontro do jogo do poder. Assim sendo, mesmo quando os falantes participam de forma entusiástica e cooperante, por forma a

estabelecer *rapport*, são percebidos como pessoas que interrompem constantemente os outros.

My analysis makes clear that some speakers consider talking along with another to be a show of enthusiastic participation in the conversation, of solidarity, creating connections; others, however, assume that only one voice should be heard at a time, so for them any overlap is an interruption, an attempt to wrest the floor, a power play. The result, in the conversation I analyzed, was that enthusiastic listeners who overlap cooperatively, talking along to establish rapport, were perceived by overlap-resistant speakers as interrupting (Tannen 1994: 35).

Do mesmo modo, Tannen (1994) sublinha que a interrupção não é uma produção individual, mas conjunta, já que a conversação é uma atividade conjunta. Para que a interrupção ocorra têm de existir dois falantes: um deve começar a falar e o outro deve parar. Se o primeiro falante não para, não existe interrupção. Portanto, só existe interrupção se outro permitir:

[...] conversation is a joint production: everything that happens is doing of all participants. For an interruption to occur, two speakers must act: One must begin speaking, and another must stop. If the first speaker does not stop, there is no interruption. Thus even if an overlap is experienced as an interruption by a participant, it is wrongheaded for a researcher to conclude that the interruption is doing of one party (Tannen 1994: 59).

Desta forma, se volta à questão do poder e da solidariedade, uma vez que para haver interrupção, alguém interrompe e alguém permite ser interrompido.

Ao estudo da interrupção e do silêncio na tomada de vez, Norma Mendoza-Denton (1995) acrescenta a noção de “gap length”, ou seja, a duração do silêncio entre os contributos discursivos de dois falantes. Para Mendoza-Denton, analisar a duração temporal desse silêncio é importante porque “[...] gap length may reflect important power dimensions within a discourse; it may be used in different ways to legitimize, acknowledge, support, or cast doubt on the statements of the previous speaker” (Mendoza-Denton 1995: 54).

Por conseguintes, quer as interrupções, quer o atraso das respostas mínimas podem ser interpretadas como um sinal do homem querer controlar o tema da conversação. Assim, nas conversas entre membros do mesmo género a interação permanece equilibrada, enquanto em conversas entre elementos dos dois géneros, o homem tende a dominar.

Noutro estudo, Zimmerman e West também concluíram que as conversas entre homem e mulher eram similares às dos pais com as crianças, em que a mulher tem um estatuto semelhante ao de uma criança junto dos pais. Primeiro, o homem interrompe a mulher em situações em que o comportamento verbal e não verbal da mulher está a correr mal (Zimmerman e West 1998: 171); segundo, o homem interrompe a mulher para demonstrar controlo e domínio sobre a mulher (tal como faz o pai com um filho) (Zimmerman e West 1998: 172); terceiro, a ocorrência de interrupções assimétricas, ou seja, o homem interrompe muito mais vezes a mulher para demonstrar o seu poder. Por outro lado, a mulher socorre-se de estratégias iguais às das crianças para participar ou iniciar uma conversa, como por exemplo através de expressões como *Sabes uma coisa? Sabias que...?* (Zimmerman e West 1998: 165).

No mundo do trabalho, a tomada de vez e o controlo da conversa estão ligados aos conceitos de poder e estatuto. Nicola Woods (1989) debruçou-se sobre as diferenças de

género nas conversas de trabalho relacionando os conceitos de poder e estatuto com o género. Assim, Nicola Woods gravou nove conversas triádicas entre colegas de trabalho com diferentes estatutos ocupacionais na organização. A partir da análise dessas gravações, verificou que quando existem duas pessoas com o mesmo poder no trabalho, mas de géneros diferentes, o género tende a ser a maior influência na tomada de vez e no controlo da conversação (Woods 1989: 149). Assim, a base de poder e o estatuto na organização influenciam o modo como homens e mulheres organizam a conversação. Geralmente, os falantes, sejam homens ou mulheres, que ocupam os cargos mais altos nas organizações, tomam em maior número a vez para falar e falam durante mais tempo do que os subordinados e são menos interrompidos por estes. Do mesmo modo, recebem mais assentimento por parte dos subordinados do que o que dão. Contudo, mesmo quando as mulheres ocupam os cargos mais altos, os subordinados homens procuram organizar a interação de modo a serem eles a dominar, por exemplo pelo facto de interromperem mais vezes, mudarem de assunto e fornecerem menos assentimento às mulheres participantes (Woods 1989: 149).

Por conseguinte, apesar de o poder e o estatuto concorrem como condição para se dominar uma interação conversacional, o género surge como fundamental para compreender quem domina a conversa:

Results showed that, while the power base of occupational status did affect floor holding, nevertheless, gender exerted by far the stronger influence. It is therefore possible to conclude that when the two conflicting power bases of gender and occupational status are at work, the the former - gender - will have the stronger and overriding effect upon floor apportionment (Woods 1989: 156).

Candace West (1998^a) também se debruçou sobre as diferenças de género no mundo do trabalho. Estudou interações entre médicos e médicas e paciente, mais especificamente as diretivas que os médicos davam aos seus pacientes. Da sua análise verificou que os médicos davam os seus conselhos e diretivas de uma form mais direta e imperativa, enfatizando as relações de hierarquia entre médico e paciente. As médicas, por seu turno, forneciam conselhos e diretivas de forma mais mitigada, estabelecendo uma relação mais próxima e solicitando a participação do paciente:

Among physicians in this collection, men used more aggravated forms that emphasized differences between their patients and themselves, and proposed hierachical physician - patient relationships. Women physicians employed mitigated directives, which minimize status differences between physician and patient and stressed their connectedness to one another (West 1998^a: 122).

Candace West (1998^b) também examinou que os médicos interrompem mais os pacientes do que as médicas. Do mesmo modo, as médicas são mais interrompidas pelos pacientes do que os médicos:

Face-to-face with one another, male doctors interrupted their patients far more often than the reverse, and they appeared to use interruptions as devices for exercising control over interaction. However, where female physicians were involved, the asymmetrical relationship as exactly reversed: patients interrupted their female doctors as much as more than these doctors interrupted them (West 1998^b: 408).

Por sua vez, Joan Swann (1989) estudou a conversação em sala de aulas, considerando-a um espaço importante porque “the classroom is also one place in which children learn social roles” (Swann 1989: 128). No entanto, o linguista tem presente uma característica que distingue a sala de aulas de outros contextos de conversação, “is that this is often mediated (if not directly controlled) by the teacher” (Swann 1989: 129). Não obstante, depois de analisar as gravações de vídeo, Joan Swann aferiu algumas diferenças de gênero na conversação, que não pôde considerar categóricas. Assim, verificou que:

- em média, os rapazes tomam mais a vez para falar, no entanto “there are quiet boys (and more talkative girls)” (Swann 1989: 138).

- os rapazes, que tendem a dominar a conversa da sala de aulas falando mais vezes, usam diferentes mecanismos interacionais para cada contexto. Assim, em contextos mais informais, os rapazes participam e falam mais do que as raparigas. Num contexto mais “carregado”, ou seja, sob o controle e mediação do professor, ambos os gêneros se tornam menos participativos. Porém, os rapazes são mais vezes selecionados pelo professor para falar, mas “this seems to be related to their ability to raise their hands more decisively and fractionally earlier than girls” (Swann 1989: 138).

Assim, este estudo de Joan Swann revela que os rapazes dominam a conversação na sala de aula, tal deve-se não só a questões de gênero, mas também a outros fatores como a mediação do professor, que presta mais atenção aos rapazes (Swann 1989: 139). Por outro lado, este estudo revela-se inovador porque concilia, nas suas gravações, o suporte áudio e o visual, permitindo analisar estratégias conversacionais verbais e não verbais, como por exemplo o levantar o braço.

2) “Estilo feminino”

A ideia de que a mulher tem um estilo conversacional diferente engloba questões como a verbosidade, as ‘tag questions’, as perguntas, as ordens e diretivas, as blasfêmias e a linguagem *taboo*.

a) verbosidade

A ideia de que a mulher fala mais do que o homem é uma crença bastante divulgada na nossa sociedade. No entanto, os teóricos que se têm debruçado sobre o assunto não se têm demonstrado unânimes. Dale Spender (2001) explica, desde logo, a persistência no mito da mulher faladora, sugerindo que se têm diferentes expectativas relativamente ao homem e à mulher enquanto falantes: enquanto o homem tem o direito de falar, da mulher espera-se que esteja calada - portanto, quando fala é logo considerado um exagero:

The concept of women as the talkative sex involves a comparison: they must talk too much against some sort of standard or yardstick and we have erroneously assumed that the measurement of women as talkers in relation to men. But this appears not to be the case. The talkativeness of women has been gauged in comparison not with men but with *silence*. Women have not been judge on the grounds of whether they like more than men, but of whether they talk more than silent women. When silence is the desired state for women [...] then any talk in which a woman engages can be too much (Spender 2001: 42).

Por outro lado, outros teóricos sugerem que os homens falam mais do que as mulheres, por exemplo, em locais públicos. Obviamente, a somar ainda temos o assunto de que se fala, em que os gostos e tendências são diferentes nos dois sexos e, por isso, o interesse e a participação na conversa variam:

However, the fact that topics such as sport, politics, cars are seen as 'serious' while topics such as child-rearing and personal relationships are labelled 'trivial' is simply a reflection of social values which define what men do as important, and conversely what women do as less important (Coates 1986: 103).

Eckert e McConnell-Ginet (2003) afirmam que, de acordo com as investigações feitas, "[...] not only do men talk more overall than women, but that women and men tend to talk more in different kinds of situation" (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 115). De facto, o assunto de que se fala revela-se crucial para a participação dos falantes. Se se falar de avarias em carros, os homens participarão mais na conversa; se se falar de maquilhagem ou penteados, obviamente serão as mulheres as principais falantes.

Na mesma linha, Deborah Tannen (1990) argumenta que homens e mulheres falam com diferentes objetivos e em maior grau consoante falem num domínio público ou privado. Enquanto as mulheres se sentem mais confortáveis a falar em espaços privados, os homens sentem-se mais à vontade para falar em espaços públicos. Por outro lado, as mulheres falam para estabelecer relações e os homens para mostrar a sua independência e negociar o seu estatuto social:

For most women, the language of conversation is primarily a language of rapport: a way of establishing connections and negotiating relationships. Emphasis is placed on displaying similarities and matching experiences. [...]

For most men, talk is primarily a means to preserve independence and negotiate and maintain status in a hierarchical social order. This is done by exhibiting knowledge and skill, and by holding center stage through verbal performance such as story-telling, joking, or imparting information (Tannen 1990: 77).

Deborah Tannen acrescenta ainda que outra explicação para o facto de os homens acharem que as mulheres falam muito reside nos contextos em que se vê a mulher a falar, situações essas em que o homem falaria muito menos: "[...] on the telephone; or in social situations with friends, when they are not discussing topics that men find inherently interesting; or, [...], in private speaking" (Tannen 1990: 78).

b) *Tag questions*

Robin Lakoff (1975) também falou nas *tag questions*, enquanto conotando a insegurança das mulheres na conversação, tornando as suas declarações menos assertivas. Lakoff afirmou que aquelas eram uma característica do discurso feminino, uma vez que eram as mulheres que as utilizavam em maior número do que os homens.

Segundo Jennifer Coates, existem uma série de estudos que confirmam que os falantes ingleses assumem a conexão entre as *tag questions* e o seu uso pelas mulheres (Coates 1986: 104). No entanto, a mesma autora também considera que tal asserção não está devidamente provada, uma vez que existem investigações em que as pessoas com mais poder usam alguns tipos de *tag questions* em maior número do que as pessoas com menos poder (Coates 1989^a:

67). De facto, Cameron *et al.* (1989) consideram que a análise de certas formas linguísticas, como as *tag questions*, não envolvem só questões de gênero, mas também “include the role taken by participants in interaction, participants’ relative status on a number of dimensions, and so on” (Cameron *et al.* 1989: 91).

c) Perguntas

Fishman (1980), após a análise da transcrição de conversas entre casais, verificou que as mulheres usavam mais questões do tipo resposta sim / não e as *tag questions*. Por outro lado, um estudo realizado numa estação de Amesterdão conclui que as mulheres faziam mais perguntas do que os homens, especialmente se o vendedor de bilhetes fosse homem (Brouwer *et al.* 1979 *apud* Coates 1986: 106). Tal facto deve-se “[...] perhaps women feel less inhibited about asking for information, since this does not conflict with the sex-role prescribed by society” (Coates 1986: 106).

Por outro lado, tendo em conta o estudo de P. Fishman (1980), pode-se dizer que a mulher usa mais vezes as formas interrogativas porque se sente um pouco mais insegura nas situações de interação e, por isso, explora as perguntas e as *tag questions* para manter a interação conversacional.

d) Ordens e diretivas

Segundo Jennifer Coates (1986), os pais dão mais ordens do que as mães, e são mais diretivos com os filhos do que com as filhas. Estas diferenças linguísticas têm a ver com as características de cada um: a mãe vê na interação uma maneira de ajudar os filhos a escolher, o pai não se preocupa com os desejos dos filhos, mas procura ensinar-lhes algo novo.

Por outro lado, por uma questão de cortesia, muitas das ordens e diretivas dadas pelas mulheres surgem sob a forma de pergunta, por forma a não ameaçar a face do outro. No fundo, estamos a falar do uso do discurso indireto, ou atos ilocutórios indiretos, como forma de salvaguardar a face. Sublinhamos que este discurso indireto foi também apresentado por Robin Lakoff (1975) como característica da linguagem feminina.

e) Blasfémias e linguagem *taboo*

Ainda existem poucos estudos sobre as diferenças entre os géneros no que respeita às blasfémias. Embora a tradição linguística advogue que os homens blasfemem mais e recorram mais à linguagem *taboo*¹⁷ do que as mulheres, não existem evidências que o comprovem. No entanto, Robin Lakoff afirmou que o homem tem mais tendência para dizer palavrões do que a mulher (Lakoff 1975: 10), porque esse tipo de linguagem não se insere no padrão “talking like a lady”. Por seu turno, Mary Ritchie Key afirmou que não era permitido à mulher dizer blasfémias ou usar linguagem *taboo*. Por isso, o homem também deveria evitar blasfemar na presença de mulheres (Key 1996: 96). Não obstante, a mesma autora considera que este

¹⁷ Por linguagem *taboo* entenda-se um tipo de linguagem mais grosseiro e agressivo, que passa pelo uso de palavrões e outras expressões, maioritariamente ligadas aos órgãos e práticas sexuais.

afastamento da mulher das blasfêmias e da linguagem *taboo* seria uma forma de a manter no mesmo sistema de castidade e ingenuidade (Key 1996: 96).

Também Otto Jespersen referiu que a mulher se afastava de expressões grosseiras e preferia usar expressões mais suaves e de forma indireta:

There can be no doubt that women exercise a great and universal influence on linguistic development through their instinctive shrinking from coarse and gross expressions and their preference for refined and (in certain spheres) veiled and indirect expressions (Jespersen 1922: 246).

Jespersen acrescenta também que os homens blasfemam mais do que as mulheres (Jespersen 1922: 246). Por sua vez, Penepole Eckert e Sally McConnell-Ginet (2003) referem que as blasfêmias são expressões com poder, logo são maioritariamente usadas pelos homens, que detêm o poder, devendo o seu uso ser evitado por mulheres e crianças:

Swearing is widely considered an expression of very strong emotion: anger at specific others or simply deep frustration often manifest as anger directed at the closest available target. It is viewed as potent language and can indeed sometimes achieve impressive effects. Profanity is also considered unsuitable for women and children (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 181).

Kuiper (1998) analisou de que modo os insultos e a humilhação sexual, que certamente são considerados ameaçadores da face pelas mulheres, aparecem como forma de mostrar solidariedade entre os homens, nomeadamente entre os elementos de uma equipa de rãguebi da Nova Zelândia. De facto, muitas vezes alguns insultos que os homens usam entre si são sinal de amizade e de camaradagem (Kuiper 1998: 291).

3) Princípio da cortesia e as diferenças comunicativas entre géneros

A tradição linguística também acredita que as mulheres são mais corteses do que os homens. Neste aspeto, os estudos já são mais abrangentes.

O termo cortesia, como o próprio sugere, remete etimologicamente para o conceito de corte, pois os cortesãos criaram um sistema de regras de comportamento e postura que os distinguiram do povo. Hoje em dia, falar-se-ia em etiqueta, uma vez que se estavam a abarcar regras de comportamento em público e em privado (Haverkate 1994: 11). Há também que lhe chame “manuais de urbanidade ou de civilidade” (Bastos 2008) e neles podiam encontrar-se “[...] conselhos, orientações, regras precisas, modelos a serem copiados, que visam transmitir e ensinar como cada indivíduo deve dirigir a si mesmo e aos outros, no espaço privado e público, de forma a estabelecer redes de sociabilidades, segundo os padrões de cada momento” (Bastos 2008). Nesse seguimento, distinguiram-se os urbanos dos camponeses ou rurais, tendo em conta o conhecimento que tinham dos manuais de urbanidade.

Portanto, a cortesia pode ser entendida como um conjunto de normas sociais estabelecidas numa sociedade, que regulam o comportamento dos seus membros de acordo com cada circunstância. Assim, aquele que seguir essas regras será considerado cortês, quem não se ajustar a elas será considerado não cortês ou descortês (Sopeña-Balordi 2004: 304).

No atinente à cortesia verbal, esta reside fundamentalmente no que se chama de “contrato conversacional”. Este contrato diz respeito aos direitos e deveres das pessoas que

estão em conversação, sendo que aqueles têm um caráter universal, embora possam variar sensivelmente de cultura para cultura, de grupo para grupo, de situação para situação, de indivíduo para indivíduo (Cf. Brown e Levinson 2009: xiii). Por conseguinte, a cortesia verbal inscreve-se no domínio da produção discursiva e parte da consideração de que a comunicação verbal só existe por uma atitude intencional do locutor, que se dirige ao alocutário para alcançar determinado objetivo, e que o uso adequado da linguagem constituirá um elemento determinante para o alcance do objetivo estipulado. Esta adequação obviamente refere-se não somente às intenções do locutor, mas essencialmente ao modo como as transmite, ou seja, aos recursos linguísticos de que se socorre para manter uma relação convenientemente cordial entre si e o alocutário (Sopeña-Balordi 2004: 304).

Portanto, as normas de cortesia verbal determinam o estilo da conversação, mas não afetam o conteúdo do que se comunica. Porém, podem condicionar a recepção e/ou interpretação que o alocutário faz do conteúdo comunicacional. Assim sendo, de acordo com Haverkate “[...] el expresar cortesía no es un acto autónomo; es un acto que se efectúa como un subacto del acto de habla” (Haverkate 1994: 15).

Fundamentais para a compreensão da cortesia verbal são o conceito de “*face*” e o princípio da cooperação de Grice e as suas máximas conversacionais. Assim, o conceito de *face*, cunhado por Brown e Levinson (2009) a partir de Goffman (1967), diz respeito à imagem metafórica que o indivíduo tem em interação. Assim, a face do indivíduo pode ser encarada sobre dois lados complementares entre si: o positivo e o negativo. O primeiro diz respeito à imagem positiva que o indivíduo tem de si mesmo e que deseja que seja reconhecida e reforçada pelos outros membros da sociedade. A face negativa refere-se ao desejo de cada indivíduo de que os seus atos não sejam impedidos pelos outros (Haverkate 1994: 18). Portanto, nas interações conversacionais, o locutor vai procurar realçar a sua imagem positiva, por forma a ser reconhecida pelo interlocutor. A esta teoria, Goffman denominou de “*face-work*”, uma vez que, durante a conversação, o locutor investe na sua imagem social, de modo a manter a face (*have face, be in face, maintain face*) e não a perder (*be in wrong face, be out of face*) (Fernandes 2010: 39).

Por outro lado, segundo o princípio da cooperação de Grice, existem quatro máximas conversacionais que regem o intercâmbio conversacional, sendo aceites tacitamente pelos interlocutores: a máxima da qualidade, a máxima da quantidade, a máxima da relação e a máxima de modo (Sopeña-Balordi 2004: 304). Assim:

- a máxima da qualidade diz respeito à sinceridade do locutor, ou seja, pressupõe que:
 - a) este não diga o que crê ser falso; b) não diga o que não pode provar adequadamente;
- a máxima da quantidade prescreve que se proporcione a quantidade de informação requerida pelo objetivo do intercâmbio conversacional, nem mais, nem menos;
- a máxima da relação prevê que as contribuições do locutor sejam sempre relevantes;
- a máxima de modo tem a ver com o modo como o locutor comunica, que deve ser o mais claro possível, evitando usar expressões obscuras e ambíguas.

Para além do “*face-work*” e do princípio da cooperação, a cortesia têm ainda em conta a identidade do alocutário, a sua função ou estatuto social, o tipo de relação que existe entre

locutor e alocutário, as coordenadas espaço-temporais, bem como o contexto e situação de conversação (Sopeña-Balordi 2004: 304). Assim, no que concerne à realização de um ato cortês, estão presentes as seguintes correlações:

- a) A cortesia aumenta à medida que é maior a distância entre falante e ouvinte;
- b) A cortesia aumenta à medida que é maior o poder do ouvinte sobre o falante;
- c) A cortesia aumenta à medida que é maior o grau de imposição (Haverkate 1994: 40).

Por último, deve ainda sublinhar-se que a cortesia envolve não somente a linguagem verbal, mas também a linguagem não verbal, sendo que podem existir variações de cultura para cultura. Diana Bravo (1999) advoga esta variação cultural e situacional da cortesia, sublinhando como fundamentais os conceitos de *autonomia* e *afiliação* que, relacionados com os conceitos de *ego* e *alter*, se relacionam com a face/imagem como duas necessidades ou requisitos do indivíduo. Assim, na *autonomia*, o indivíduo percebe-se e é percebido como diferente do grupo; na *afiliação*, vê-se como parte do grupo (Bravo 1999). Será em função destes conceitos que se será mais ou menos cortês.

No que diz respeito às diferenças de género, afinal quem respeitará mais o princípio da cortesia? Homens ou mulheres? Esta questão, aparentemente simples, suscita uma série de respostas completamente díspares entre si. No entanto, todas têm presente que realmente existem diferenças entre homens e mulheres no domínio da linguagem. Por conseguinte, também se verificam diferenças no uso do princípio da cortesia (Holmes 1995: 2). Como já abordámos, várias são as razões apresentadas para justificar as diferenças de género no que diz respeito ao uso da linguagem:

- 1) Alguns teóricos afirmam que as diferenças de interação entre homens e mulheres residem nas diferenças biológicas, que fazem com que haja diferenças na aquisição da linguagem;
- 2) Outros apontam diferenças psicológicas, pois homens e mulheres têm diferentes orientações relativamente aos outros: as mulheres estão mais preocupadas em estabelecer conexões e relações; os homens, por sua vez, estão mais preocupados em sublinhar a sua autonomia, procuram a independência e focam-se nas relações hierárquicas;
- 3) Outros ainda sublinham a socialização como explicação, uma vez que rapazes e raparigas têm diferentes padrões de socialização, conduzindo a que tenham diferentes formas de usar e interpretar a linguagem;
- 4) Por último, outra explicação atribui essas diferenças à desigual distribuição do poder na sociedade, onde o homem tem mais poder que a mulher, tornando-o dominante, nomeadamente na interação social.

Segundo esta última explicação, quem tem menos poder tem mais necessidade de ser cortês (Brown e Levinson 2009). Ora, nas sociedades europeias, onde o homem ainda assume os cargos de maior poder, a mulher, como tem menos poder, sente necessidade de ser mais cortês para conseguir ser ouvida (Holmes 1995: 8). Tendo presente que maioria das mulheres gosta de falar e encara a conversação como um meio importante para se manter em contacto

com pessoas, amigos e familiares, falar é uma forma de estabelecer contacto e de criar relações afetivas. Por seu turno, os homens encaram a linguagem mais como um meio/uma ferramenta para obter e transmitir informação. Portanto, eles veem a interação conversacional como um meio para alcançar determinado fim/objetivo (Holmes 1995: 8). São estas diferentes percepções sobre o principal objetivo da conversação que faz com que haja uma série de diferenças no modo como as mulheres e os homens usam a linguagem. Por exemplo:

- Os homens tendem a dominar as conversas em público, enquanto as mulheres têm grande dificuldade em os fazer participar em conversas do domínio privado;
- As mulheres têm tendência para utilizar perguntas e frases do tipo “tu sabes/sabe que” para encorajar os outros a falar; os homens, por seu lado, usam essas estratégias para validar e dar credibilidade ao que estão a proferir;
- As razões que levam os homens à interação conversacional prendem-se com o conteúdo da conversação e com os objetivos da mesma e não como ela vai afetar os sentimentos dos outros; as mulheres valorizam mais este lado afetivo da conversação;
- As mulheres cumprimentam mais os outros do que os homens, tal como pedem mais vezes desculpa do que os homens.

Estas são algumas das ideias, já divulgadas, que remetem para as diferenças no uso da linguagem pelas mulheres e pelos homens e, conseqüentemente, diferenças no recurso ao princípio da cortesia.

Mas antes de abordarmos o uso do princípio da cortesia, convém sublinharmos duas das funções da linguagem primordiais na comunicação: a função referencial e a função emotiva. Tendo em conta que a função referencial se centra na mensagem/informação a transmitir e a emotiva no uso da linguagem para transmitir emoções e sentimentos. Assim, os cumprimentos, o pedido de desculpas, as felicitações, domínios da cortesia, englobam-se predominantemente na função emotiva e social. Por conseguinte, “the analysis of linguistic politeness focuses on this effective or social function of language” (Holmes 1995: 4). Isto porque “Politeness is an expression of concern for the feelings of others” (Holmes 1995: 4), aquilo que Goffman (1967), Brown e Levinson (2009) descreveram como a preservação da “face”. Por isso, tal como já foi referido:

Politeness involves showing concern for two different kinds of face needs: first, negative face needs or the need not to be imposed upon; and secondly, positive face needs, the need to be liked and admired (Holmes 1995: 5).

Desta forma, todo comportamento que evita impor-se aos outros é tido como cortesia negativa; enquanto o comportamento/atitude sociável e cordial perante o outro é cortesia positiva. Conseqüentemente, todo o comportamento verbal ou não verbal que exija alguma coisa ou impeça a autonomia do outro pode ser encarado como um ato ameaçador da face (“face-threatening act”). Mesmo sugestões, conselhos e pedidos podem ser encarados como atos ameaçadores da face, desde que possam potencialmente impedir a liberdade de ação do outro. Deste modo, as pessoas ditas corteses evitam ameaçar a face do outro/interlocutor:

Polite people avoid obvious face-threatening acts, such as insults and orders; they generally attempt to reduce the threat of unavoidable face-threatening acts such as requests or warnings by softening them, or expressing them indirectly; and they use positively polite utterances such as greetings and compliments where possible (Holmes 1995: 5).

Neste contexto, as mulheres são consideradas, regra geral, mais corteses porque se preocupam mais com os sentimentos e com as relações que estabelecem com os outros, fornecendo, por isso, mais cortesia positiva. Da mesma forma, tendo em conta a percepção que têm da conversação, podemos dizer que os homens estão mais ligados à função referencial da comunicação e a mulher à emotiva.

Por outro lado, quando se pretende analisar a cortesia linguística não se podem deixar de lado três dimensões sociais a ela associadas: i) a dimensão da distância social; ii) a dimensão do poder e do estatuto hierárquico; iii) e a dimensão da formalidade. Quanto mais presentes estiverem estas três dimensões, paralelamente maior será o grau de cortesia usado na interação. Esta é uma verdade universal que, no entanto, sofre variações nas diferentes culturas, tanto que “[...] what is considered polite behaviour differ from one culture to another” (Holmes 1995: 23). Também não podemos esquecer que a cortesia não é só de carácter linguístico, mas também comportamental (Mills 2003: 33). Mais, “[...] a further observation is that politeness is not only a set of linguistic strategies used by individuals in particular interactions, it is also a judgement made about an individual’s linguistic habits” (Mills 2002: 76). Por isso, Sara Mills considera que a cortesia é invisível na análise linguística (Mills 2002: 76).

Entre os estudos conduzidos para verificar se realmente as mulheres são mais corteses do que os homens, destacam-se os estudos sociolinguísticos de William Labov (1972) e de Peter Trudgill (1998). Estes estudos sublinharam a hipercorreção da mulher e que esta fala mais formalmente do que o homem em situações de equivalente grau de formalidade. Esta ideia foi também defendida por Robin Lakoff (1975), que justificou esta propensão feminina para a cortesia como resultante do seu estatuto secundário e inferior. Como se sente insegura, a mulher procura falar as formas mais corretas e procura ser cortês para se afirmar.

Também Penelope Brown (1998) veio corroborar a ideia de Lakoff ao afirmar que:

Now intuitively it seems reasonable to predict that women in general will speak more formally and more politely, since women are culturally relegated to a secondary status relative to men and since a higher level of politeness is expected from inferiors to superiors (Brown 1998: 82).

Porém, para reforçar esta afirmação levou também a cabo um trabalho de campo de análise das diferenças entre o discurso do homem e da mulher em Tenejapa, uma comunidade maia do México (Brown 1998: 83). Dessa análise concluiu que:

- a cortesia negativa prevalece se ou onde existe uma posição de vulnerabilidade ou inferioridade na sociedade. Uma vez que a mulher está numa posição inferior, com menos poder do que o homem, tende a recorrer mais à cortesia negativa. Contudo, se a mulher estiver numa posição tão inferior que não lhe permita ter *face* (como crianças, ou pedintes, ou escravas, que em muitas comunidades não têm *face*), as estratégias de cortesia negativa que usam serão diferentes das usadas por uma mulher com alguma estima social.

- a cortesia positiva prevalece se ou quando as redes sociais envolvem múltiplas relações, ou seja, os diversos membros têm diferentes relações com cada um dos membros com quem interagem regularmente, por isso cada relação envolve cada pessoa (Brown 1998: 98).

Janet Holmes (1998), por sua vez, alerta para a importância dos cumprimentos como estratégia de cortesia positiva e assinala as diferenças entre homens e mulheres nesse campo. Primeiramente, os cumprimentos têm um caráter maioritariamente afetivo e social do que referencial ou informativo, sendo que se recorre a eles para fazer os outros sentirem-se bem (Holmes 1998: 101). Porém, podem ter interpretações diferentes quando se fala de homens ou de mulheres. Na maior parte das vezes, as mulheres usam os cumprimentos para expressar cortesia positiva, os homens nem sempre usam os cumprimentos dessa forma, podendo mesmo ser considerados ameaçadores da face:

Women tend to perceive and use compliments as positively affective speech acts and expressions of solidarity, whereas the responses of men may be more ambivalent. It seems possible that in some situations, at least and with some types of compliment in particular, men may be more likely to interpret compliments as face-threatening acts (Holmes 1998: 117).

Por outro lado, a maneira como o homem recorre aos cumprimentos com a mulher reflete o estatuto da mulher enquanto subordinada. Tal como os sinais de carinho, os cumprimentos só têm sentido no contexto da relação em que são usados. Quando usados numa situação não recíproca, pelos superiores relativamente aos subordinados, os cumprimentos sublinham os padrões do poder na sociedade, que colocam a mulher num papel de subordinada. Não obstante, quando usados entre iguais e amigos, especialmente entre mulheres iguais e amigos, um cumprimento é considerado fundamental enquanto estratégia de cortesia positiva (Holmes 1998: 118). Portanto, para Janet Holmes (1995), na generalidade, as mulheres são mais corteses do que os homens, uma vez que elas se preocupam mais com o lado afetivo da conversação do que com o referencial. Já que “politeness is an expression of concern for the feelings of others” (Holmes 1995: 4), Janet Holmes sugere que as mulheres têm mais probabilidade de usar cortesia positiva do que o homem. Assim, “[...] women’s utterances show evidence of concern for the feelings of the people they are talking to more often and more explicitly than men’s do” (Holmes 1995: 6).

Por seu turno, Sara Mills (2002), argumentando que não se devem analisar as diferenças comunicativas de género como um todo, ou seja, em dois blocos, considera que as asserções de Janet Holmes sobre o facto de a mulher ser, na globalidade, mais cortês do que o homem correspondem a uma visão estereotipada das diferenças de género (Mills 2002: 78). Tal ideia conduz a que o homem seja mais vezes perdoado por ser incortês, uma vez que faz parte do estereótipo de estilo masculino de interação. Por sua vez, tal não acontece se a falta de cortesia for responsabilidade da mulher, pois ela, estereotipicamente, é sempre mais cortês do que o homem (Mills 2002: 84). Portanto, para Sara Mills (2002), a relação do princípio da cortesia com o género deve ser analisado tendo sempre em conta os estereótipos que já se criaram.

Assim, deve partir-se da análise de algumas ideias já estabelecidas. Primeiro, são os homens que tendem a dominar as conversas em público, pois geralmente eles são mais participativos, falam mais do que a mulher em público, fazem mais perguntas, interrompem mais vezes e não se sentem tão reticentes a discordar do interlocutor como as mulheres. Por outro lado, as mulheres, inclinadas para a função emotiva da comunicação e procurando sempre estabelecer relações, mostram-se mais atentas e apoiantes do que os homens e encorajam mais o *feedback*, evitando interromper os outros sem ser a sua vez. De certa forma, as mulheres têm mais presente a cortesia negativa e positiva, preocupando-se mais com a face. No fundo, estas diferentes formas de estar na comunicação refletem as diferenças psicológicas de género: a mulher preocupada em estabelecer ou reforçar relações no grupo, sendo cooperante e cortês na comunicação; o homem, que vê a linguagem como uma forma de sublinhar o seu poder, sendo por isso mais competitivo.

Já no que diz respeito às conversas privadas ou informais, mais propícias às relações e à expressão de emoções, estas são mais participadas pelas mulheres, que neste campo já falam mais do que os homens. Nos contextos informais de comunicação, os homens não veem necessidade de se afirmar, de mostrar o seu poder e, por isso, são menos participativos. Daí que Allan e Barbara Pease (2006) justifiquem a velha questão “porque é que as mulheres falam tanto?”. Esta questão surge da conversação entre mulheres em contexto informais ou íntimos, os quais lhes são mais familiares, uma vez que, desde tempos pré-históricos, a mulher conviveu sempre em situação de grupo, com outras mulheres e crianças. Portanto, a conversação é, para elas, um meio de estabelecer e fortalecer laços (Pease e Pease 2006: 189).

Assim, mesmo em contextos mais familiares, a mulher aparece como mais preocupada com a cortesia e com a questão da face. Um exemplo desta preocupação surge através da linguagem indireta da mulher (Pease e Pease 2006: 205), isto é, a mulher socorre-se muitas vezes de atos de fala indiretos para pedir ou solicitar alguma coisa ou mesmo para afirmar alguma coisa. Por exemplo, em interação com o homem em contextos informais:

Quando a mulher diz...	O que ela quer dizer é...
Podíamos ir ao cinema? Que te parece?	Vamos ao cinema.
Tu é que sabes...	Desde que eu concorde...
Não estou aborrecida...	Claro que estou aborrecida!
Precisamos de ir às compras!	Eu quero ir às compras!

Tabela 4. Discurso indireto das mulheres com os homens (Fonte: Pease e Pease 2006: 205).

Este discurso indireto, que caracteriza as mulheres e que pode ser considerado no âmbito da cortesia negativa, dificulta a interpretação do locutor masculino que, centrado na função referencial, interpreta a mensagem literal, não conseguindo uma comunicação eficaz. Neste sentido, as mulheres vão encontrar ainda mais dificuldades de comunicação nos

contextos formais de comunicação, onde os laços estabelecidos são mais diminutos, condicionando, assim, a participação feminina. Esta dificuldade comunicativa é também sentida pelos homens, que sentem muitas vezes dificuldades em entender as mulheres.

Por outro lado, reconhecendo a sensibilidade da mulher e o seu pendor emotivo, o homem revela-se mais cortês quando interage com uma mulher do que com um homem. Isto porque, de certa forma, ele sente que com a mulher não precisa de marcar o seu poder, pois este já lhe é conferido socialmente, sendo, por isso, uma necessidade mais vincada entre membros do gênero masculino, detentor do poder. Assim, os homens expressam mais cortesia para com as mulheres do que entre si. Por isso se advoga tanto o conceito de cavalheirismo, que mais não é do que cortesia. Daí que o homem abra a porta a uma senhora e a deixe passar à frente e não o faça no mesmo contexto a um homem. No entanto, estes gestos de cortesia mais não são do que realçar também a superioridade do homem, ou melhor, a subalternidade da mulher que, por isso, é tratada de forma especial e diferente [relativamente ao homem].

Por outro lado, tal como referiu Lakoff (1975), é muitas vezes a insegurança que a mulher sente que a leva a ser mais cortês. Por isso, quanto mais formal e pública for a situação de conversação, mais se acentua a sua tendência para ser cortês, uma vez que como está num ambiente mais estranho, tem mais dificuldade em estabelecer laços. Mas tal também acontece com o homem, quanto maior for o grau de formalidade, mais cortês se torna, mas essa cortesia é usada por este para se impor enquanto indivíduo, recorrendo maioritariamente à cortesia negativa de forma a ser delicado, respeitando as hierarquias. A mulher não, para além da cortesia negativa, usa abundantemente a cortesia positiva para se mostrar cooperante e solidária com aquele que fala, não só verbalmente, como através de linguagem não verbal (acenar a cabeça em sinal de acordo). Por isso, num contexto formal de comunicação, se torna comum ouvir uma mulher, depois de tomar a vez para interagir, a dizer “peço desculpa” ou “lamento”¹⁸. A mesma expressão surge quando discorda, acompanhada de um manancial de justificações. Tal não quer dizer que o mesmo não faça um homem, mas este para além da preocupação com a *face* do outro, preocupa-se também com o manter a sua *face*.

Na verdade, a própria cortesia passa pela escolha das próprias palavras, pois nós podemos transmitir a mesma mensagem através de diferentes palavras, mas cujo impacto e interpretação poderá ser diferente. Por exemplo:

- a) Um café.
- b) Um café se faz favor...
- c) Queria um café, se fizesse o favor.

¹⁸ Mary Ritchie Key (1996) fala em “language of apology” (‘linguagem das desculpas’), considerando-a uma característica da linguagem da mulher, já que a mulher parece estar sempre a pedir desculpas:

The language of apology belongs predominantly to the female. Women are always being sorry or asking pardon for something. Whether or not they are to blame for something is not the issue. Men also say, “I’m sorry” or “Excuse me” occasionally, but it is a way of life for females (Key 1996: 29).

Estamos perante o mesmo pedido, mas com o uso de diferentes palavras e, consequentemente, cortesia e respeito pela face do outro diversos. Obviamente, esta escolha das palavras terá sempre em conta as três dimensões já referidas, nomeadamente a da distância social, a do poder e hierarquia e a da formalidade, não esquecendo as diferenças de género no que diz respeito à forma como é encarada a comunicação: o homem vê-a no seu lado referencial e informativo; a mulher, no seu lado social e afetivo. Portanto, de acordo com esta ordem de ideias, a mulher optará mais vezes pelo uso da alínea c) do que o homem.

Efetivamente, indo ao encontro do que defende Diana Bravo (1999), o homem preocupa-se mais com a autonomia e o *ego*, a mulher com a afiliação e o *alter*, a partir daí a interação conversacional e a cortesia diverge quanto ao género ou géneros em interacção.

Em suma, estas diferenças entre homens e mulheres no uso da cortesia refletem diferenças no modo de comunicar de ambos, demonstrando que cada sexo tem as suas regras próprias de interação. Como sublinha Janet Holmes, “[...] the possibility that women and men have different rules of interaction, and that they interpret interactive behaviour differently. Being linguistically polite may involve different behaviour for females and males.” (Holmes 1995: 59). Na verdade, eles utilizam estratégias linguísticas diferentes.

Por outro lado, as diferenças de cortesia entre os sexos aqui referidas não são categoricamente genéricas e distintivas de cada género. Por isso, não se podem fazer asserções universais, pois surgem exceções [Margaret Thatcher, Angela Merkel, Hillary Clinton, entre outras] e, cada vez mais, não podemos esquecer a evolução das sociedades e a luta constante pela igualdade de género, que trazem consigo novos homens e novas mulheres.

Por fim, convém sublinhar que a questão da cortesia e o ser cortês na conversação pode contribuir para uma melhor compreensão da comunicação, contribuindo para que todos os elementos do processo comunicacional se sintam melhor e mais reconhecidos. Esse é o valor da cortesia: reconhecer e valorizar a imagem do outro.

No que concerne ao português europeu, também o princípio da cortesia está vincadamente presente nas suas dimensões sociais, refletindo o contexto sócio-cultural português. Deste modo, a sociedade portuguesa, arraigadamente carregada de valores culturais, políticos e religiosos, reflete as dimensões da distância social, do poder e da formalidade no uso da linguagem e do princípio da cortesia na interação entre os indivíduos.

2.8. Linguagem do poder (homem) vs linguagem sem poder (mulher)

Robin Lakoff afirma que a “Language is powerful; language is power” (Lakoff 1990: 13). Portanto, quem dominar/controlar a linguagem e a interação discursiva terá o poder, usará a linguagem do poder. Desde logo, a questão da cortesia fornece-nos dados sobre quem tem mais poder ou quem domina a linguagem / conversação. De facto, aqueles que usam mais a cortesia negativa - seja por pedidos de desculpa por interromper, seja por *tag questions*, seja por expressões supercortesias (como se fizesse o favor, gostaria de...), etc. - são aqueles que se encontram numa posição inferior na sociedade (Coates 1986: 112). Neste sentido, como se

afirma que as mulheres são mais corteses do que os homens, se afirma que a mulher tem menos poder, e o seu discurso /linguagem não tem poder.

Para verificar se o discurso masculino era mais poderoso do que o feminino, Pamela Fishman (1983) analisou 52 horas de gravação de conversas privadas de três casais. Conclui que as diferentes estratégias conversacionais usadas sugerem “that there is inequality in talk between the sexes” (Fishman 1983: 93). Entre essas diferenças, Pamela Fishman aponta, primeiramente, que as mulheres colocam mais perguntas do que os homens. No entanto, contrariamente ao que tinha defendido Lakoff (1975), as perguntas não demonstram insegurança, mas uma forma de garantir que a interação não vai falhar (Fishman 1983: 94). Uma outra diferença é o uso, maioritariamente feminino, da expressão “D’ya Know” (“Sabia que... / Sabes que...”), usada também para assegurar a interação conversacional. Com o mesmo intuito, as mulheres usam duas vezes mais expressões introdutórias que chamem a atenção do ouvinte, como por exemplo “this is interesting” (Fishman 1983: 95). Uma outra diferença reside no uso das respostas mínimas, como “yeah”, “umm”, “huh”, etc. Embora tanto os homens como as mulheres as usem, usam-nas de forma diferente: enquanto a mulher as usa para mostrar apoio ao que escuta; quando os homens as usam é como resposta ao contributo da mulher, revelando falta de interesse pelo que é dito (Fishman 1983: 95-96). No que respeita a declarações e asserções, “[...] in the transcribed material, the men produced over twice as many statements as the women, and they almost got a response, which was not true for the women” (Fishman 1983: 96). Por último, no que concerne à iniciação ou começo de um assunto de conversa, as mulheres revelam mais problemas do que os homens, socorrendo-se, na maior parte das vezes, das estratégias mencionadas anteriormente. Por outro lado, também têm mais problemas em manter a conversa.

Desta forma, Pamela Fishman (1983) conclui que existe uma distribuição desigual do trabalho na conversação, sendo que a mulher se esforça muito mais para assegurar a interação conversacional, enquanto o homem, sem se esforçar tanto, vê os seus interesses conversacionais vingarem:

Compared with the men, the women tried more often and succeeded less often in getting conversations going, whereas the men tried less often and seldom failed in their attempts. Both men and women regarded topics introduced by women as tentative; many of these were quickly dropped. In contrast, topics introduced by the men were treated as topics to be pursued; they were seldom rejected. The women worked harder than the men in conversation because they had less certainty of success with the topics they raised (Fishman 1983: 98).

Estes resultados refletem, segundo Pamela Fishman, a dimensão do poder e do trabalho de ambos na sociedade, onde o homem é dominante. À mesma conclusão chegaram West e Zimmerman (1983), ao afirmarem que o maior número de interrupções por parte do homem nas conversas mistas é o resultado da posição de subordinada que a mulher ocupa na sociedade (West e Zimmerman 1983: 110).

Neste seguimento, fica assente a ideia de que o homem tende a dominar as conversas em que entram ambos os géneros, sendo isso um sinal do poder masculino. O’Barr e Atkins (1998), a partir do estudo da linguagem usada em tribunal, vêm dizer que a “so-called women’s language is in large part a language of powerlessness” (O’Barr e Atkins 1998: 377),

uma vez que o tribunal enquanto instituição é um reflexo da sociedade que o sustenta, onde a mulher é menos poderosa do que o homem, no entanto, sublinham que tal facto é o resultado “[...] of their position in society rather than of their sex” (Coates 1986: 114).

O’Barr e Atkins (1998) partiram da análise de livros escritos por advogados com experiência, onde aconselham outros advogados como proceder e falar em tribunal. Entre esses conselhos, que aparecem neste tipo de manuais, destaca-se “the special treatment which should be accorded to women” (O’Barr e Atkins 1998: 378) e que implica:

1. Be especially courteous to women. [...]
2. Avoid making women cry. [...]
3. Women behave differently from men and this can sometimes be used to advantage (O’Barr e Atkins 1998: 378-379).

Partindo destes comentários feitos nos livros de aconselhamento de advogados e nas ideias de Robin Lakoff (1975), estes investigadores partiram para a análise da gravação de 150 horas de julgamentos em tribunal e descobriram que muitas mulheres se aproximavam do modelo de linguagem de mulher descrito por Lakoff¹⁹ (ou seja, as mulheres usam correntemente *hedges*, *(super) polite forms*, *tag questions*, *speaking in italics*, *empty adjectives*, *hipercorrect grammar and pronunciation lack of sense of humour*, *direct quotations*, *special lexicon*, *question intonation in declarative contexts*). Estas características da linguagem da mulher, apresentadas por Lakoff (1975), ilustram uma linguagem sem poder, usada por alguém mais fraco e sem poder social. Não obstante, O’Barr e Atkins (1998) também verificaram que estas características de linguagem não eram exclusivas das mulheres, uma vez que também foram encontradas em homens (O’Barr e Atkins 1998: 384). Tal facto questiona que estas características sejam exclusivas de um género. Portanto o sexo não será aqui a variável em questão, mas sim a posição social, pois as características da “women’s language” “may be related more to social powerlessness than to sex” (O’Barr e Atkins 1998: 385).

Nesse sentido, O’Barr e Atkins (1998) sugerem que a designação “women’s language”, criada por Lakoff, seja substituída por “powerless language”, uma vez que é mais descritiva das características apresentadas. Por último, sublinham que a mulher fala a “powerless language” devido à posição que ocupa na sociedade:

[...] we would suggest that the tendency for more women to speak powerless language and for men to speak less of it is due, at least in part, to the greater tendency of women to occupy relatively powerless social positions. What we have observed is a reflection in their speech behavior of their social status. Similarly, for men, a greater tendency to use more powerful variant (which we will term *powerful language*) may be linked to the fact that men much more often tend to occupy relatively powerful positions in society (O’Barr e Atkins 1998: 385).

Não obstante, apesar de a linguagem da mulher ser considerada uma linguagem sem poder, a mulher sabe usar essa linguagem em seu favor. Kira Hall, no seu artigo “Lip servisse on the fantasy lines” (1995), estuda a linguagem da mulher nas linhas eróticas. Para Kira Hall,

¹⁹ “Our observations show a continuum of use of the features described by Lakoff” (O’Barr e Atkins 1998: 380).

a mulher, tendo consciência da sua linguagem estereotipada, usa a linguagem sem poder para ganhar poder económico:

On the fantasy lines [...], women's language is bought, sold and custom-tailored to secure caller satisfaction. This hightech mode of linguistic exchange complicates traditional notions of power in language, because the women working within the industry consciously produce a language stereotypically associated with women's powerless in order to gain economic power and social flexibility (Hall 1995: 183).

Também Mary Talbot (2003) aponta para uma reviravolta na perceção das capacidades verbais da mulher, uma vez que começa a deixar de ser encarada como inferior no uso da linguagem.

Por conseguinte, tal como Norman Fairclough (1989) defendeu, a linguagem e o poder estão relacionados socialmente, uma vez que são aqueles que têm mais poder social que dominam e controlam a linguagem / discurso, controlando também a interação discursiva dos participantes mais fracos (Cf. “[...] we can say that power in discourse is to do with powerful participants *controlling and constraining the contributions of non-powerful participants*”, p. 46). Por conseguinte, se os homens são aqueles que ocupam os cargos sociais mais importantes, sendo também ideologicamente mais poderosos, são eles também que controlam o discurso e a linguagem. Daí que a mulher, em grupos mistos de conversação, seja menos participativa do que os homens. Por outro lado, muitas vezes a mulher foi encarada como um grupo minoritário e oprimido (Henley 1975: 184). Por isso, Deborah Tannen (1990) sustenta que “ways of talking associated with masculinity are also associated with leadership and authority. But ways of talking that are considered feminine are not” (Tannen 1990: 240).

Podemos ainda dizer que esta linguagem do poder está também ligada ao domínio masculino na sociedade, como apresentam Barrie Thorne e Nancy Henley (1975^b). Este domínio masculino reflete-se no uso da linguagem, que, por sua vez, transmite a desigualdade entre os sexos:

[...] the fact of male dominance - built into the economic, family, political, and legal structures of society - is also central to language and speech. Language helps enact and transmit every type of inequality, including that between the sexes (Thorne e Henley 1975^b: 15).

Efetivamente, para Barrie Thorne e Nancy Henley (1975^b), parece claro o domínio masculino na linguagem, uma vez que o masculino é associado ao universal e geral, sendo as mulheres excluídas ou um caso especial. Da mesma forma, as palavras associadas ao homem têm conotações positivas: demonstram poder, prestígio e liderança; em contraste, as palavras ligadas à mulher revelam pendor mais negativo, conotando fraqueza, inferioridade, imaturidade e sentido de vulgar e trivial. Por outro lado, muitos dos nomes designativos das mulheres têm um valor depreciativo (Thorne e Henley 1975^b: 15). Nancy Henley (1975) acrescenta ainda que as mulheres são controladas por este poder, uma vez que são socializadas para serem dóceis e passivas e para ocuparem cargos perto do poder (como ser esposas, secretárias), o que faz com que estejam em constante interação com o poder:

[...] women are likely targets for this subtle form of social control for two reasons: they are particularly socialized to docility and passivity, and their physical integration around centers

of power (as wives, secretaries, etc.) ensures their frequent interaction (verbal and non verbal) with those in power (Henley 1975: 184-185).

Nancy Henley (1975) defendeu ainda que a mulher sente ainda mais o poder através da linguagem não verbal, devido à sua facilidade de interpretação e compreensão da linguagem não verbal. Segundo a referida autora, “[...] the evidence is that the nonverbal message greatly overpowers the verbal one” (Henley 1975: 186). Por isso, a comunicação não verbal ajuda a manter a estrutura e as relações de poder, já que contribui para manter o *status quo*. Por exemplo, em interação verbal, as mulheres são mais vezes alvo de contacto por homens e mulheres do que os homens. Isto quer dizer que são mais vezes alvo de contacto físico do que os homens, o que reflete a posição superior dos homens na sociedade (Eakins e Eakins 1978: 174). Do mesmo modo, quando se cruzam a caminhar, é maioritariamente a mulher que se desvia para dar passagem ao homem (Eakins e Eakins 1978: 172). Desta forma, os referidos autores concluem que “[...] perhaps women give gestures of submission because they have been shown gestures of dominance” (Eakins e Eakins 1978: 176-177).

Por sua vez, os homens são ensinados a ser inexpressivos emocionalmente, por isso sorriem pouco, contrariamente às mulheres. Segundo Jack W. Sattel (1983), os homens aprendem desde crianças a ser inexpressivos porque, mais tarde, irão ocupar posições de prestígio e poder. Para Sattel, essa será uma característica fundamental para ocupar o poder:

Keeping cool, keeping distant as others challenge you or make demands upon you, is a strategy for keeping the upper hand. This same norm of political office - an image of strength and fitness to rule conveyed though inexpressiveness - is not limited to the public sphere; all men in this culture have recourse to this style by virtue of their gender. The structural link usually overlooked in discussions of male inexpressiveness is between gender and *power*, rather than gender and inexpressiveness (Sattel 183: 120).

Por conseguinte, a inexpressividade não é uma característica masculina, mas uma característica resultante do poder, que é maioritariamente masculino. Por isso, a inexpressividade masculina nas conversas é resultado da posição dominante que o homem ocupa, aparecendo como um método usado para conseguir controlar e dominar a interação homem-mulher e homem-homem.

Segundo Judith A. Hall (1998), a sensibilidade vs insensibilidade perante a linguagem não verbal e o sorriso aparecem como as duas grandes diferenças entre os homens e as mulheres em termos comunicativos, ultrapassando qualquer outra diferença (cf. “Thus, we can say that these two nonverbal sex differences exceeds many other sex differences [...]”, p. 170). Concomitantemente, Judith Hall (1990) sistematiza mais diferenças no recurso a expressões não verbais, sendo que a mulher se assume como mais expressiva e mais dotada perante a linguagem não verbal:

Females also have more expressive faces, smile more (except, apparently, children), gaze more, receive more gaze (at least, adults), employ smaller approach distances to others when observed unobtrusively, and are approached closer by others. Women use body movements and positions that appear to be less restless, less expansive, more involved, more expressive, and more self-conscious than men do (Hall 1990: 143).

Por sua vez, Tannen (1994), através da observação e análise de algumas gravações, conclui também que as mulheres olham mais para a pessoa com quem estão a falar e, entre si, falam mais próximas e mais alinhadas do que os homens:

The girls and women are more physically still, more collected into the space they inhabit, and more directly aligned with each other through physical proximity, occasional touching, body posture, and anchoring of eye gaze. The boys and men do not touch each other except in playful aggression, do not anchor their gaze on each other's face, and spread out rather than gather themselves into the space they inhabit (Tannen 1994: 98-99).

Desta forma, o homem ainda continua ligado à linguagem do poder, pois é ele quem maioritariamente domina e detém o poder na sociedade, seja a nível político, como económico, como mesmo religioso. Efetivamente, os grandes líderes organizacionais e económicos são maioritariamente homens. A política é também maioritariamente dominada por homens. Por último, a religião é também comandada por homens, que veem a mulher como fonte de mal e adoram um deus, que embora sem sexo, caracterizam e apelidam como semelhante ao masculino. Por isso, deus é tratado por *Ele, Rei, Pai, Mestre*, etc.

Nesse sentido, todas as estratégias linguísticas, usadas pelos homens, na interação conversacional são resultado da sua posição dominante e uma forma de manter essa mesma posição. Essa posição dominante é ainda incrementada por uma sociedade industrializada e capitalista, que vinca a divisão entre a esfera pública e a esfera privada ou doméstica, diferenciando atividades e trabalhos de acordo com o género (Kramarae 1981: 118-119). Como resultado, acentuam-se as diferenças nos papéis de género, conduzindo a diferenças de género em relação ao poder. Desta forma, o homem ainda continua a ter um acesso mais facilitado ao poder, uma vez que não se encontra tão cingido à esfera privada ou doméstica. Na verdade, ainda que a mulher já comece a ser valorizada na esfera pública, pelo reconhecimento do seu trabalho, ainda prevalece ligada tradicionalmente como a “rainha” do reino doméstico, da esfera privada.

2.9. Consequências das diferenças comunicativas de género

O discurso humano é um processo constante de fazer significados, para o qual cada indivíduo, sozinho ou em grupo, contribui, dependendo da sua habilidade de se fazer ouvir e entender. Obviamente que este processo envolve direitos e deveres, bem como diferentes categorias de pessoas ou indivíduos envolvidos na interação. Por exemplo, enquanto em algumas culturas, as crianças devem permanecer caladas, em outras, podem exprimir-se livremente. O mesmo se passa em culturas onde a mulher não fale / participe nas esferas públicas, as suas ideias não contam. Ou seja, a mulher que não comunica torna-se invisível para a sociedade (Eakins e Eakins 1978: 51). Por outras palavras, os direitos de falar não estão simplesmente relacionados com os indivíduos que falam, mas também com as situações e atividades (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 92). Portanto, para entendermos plenamente como homem e mulher interagem, convém aceder a situações e às estruturas de interação dessas situações e ter presente o conceito de competência comunicativa. Por competência

comunicativa pode entender-se como a capacidade que uma pessoa tem de comunicar eficaz e efetivamente. Porém, mesmo que um indivíduo tenha competência comunicativa, pode não ser escutado, nem participar do discurso, se não aceder a essas situações de comunicação.

Por conseguinte, podemos afirmar que a linguagem é algo social, resultado da nossa vivência em sociedade, e, por isso, a competência comunicativa implica também o conhecimento das normas culturais de interação discursiva (Coates 1986: 121). Desta forma, aprender ou saber falar é aprender a ser um membro de uma determinada comunidade e cultura. Por isso, a ordem social é reproduzida através do discurso. Neste sentido se distinguem os papéis de homem e mulher, aprendidos desde cedo pelas crianças quando aprendem a falar. Assim, “when children adopt linguistic behaviour considered appropriate to their sex, they perpetuate the social order which creates gender distinctions” (Coates 1986: 122). As distinções de género, por sua vez, são regidas como oposições, levando a que se caracterize os discursos de forma polarizada de acordo com o género. Como vimos, por exemplo, enquanto o discurso ou linguagem da mulher está orientado para o interlocutor, apresentando-se como cooperativo; o discurso do homem é competitivo e individualista.

Assim, as crianças aprendem uma competência comunicativa baseada na diferenciação de sexos, nomeadamente no que diz respeito à verbosidade, às interrupções, à cortesia, aos assuntos e ao já referido “estilo feminino”.

No que respeita à verbosidade, Jennifer Coates (1986) refere que as meninas, até à idade de 4 anos, falam mais, quer com as suas mães, quer com as outras crianças. A partir daí, essas diferenças comunicativas desaparecem e, tal como já foi referido em capítulos anteriores, em adultas, as mulheres tendem a falar menos do que os homens em grupos mistos de conversação. No entanto, não podemos esquecer que o facto de determinado género falar mais ou menos em interação também depende do contexto e, principalmente, do assunto de que se fala.

No atinente às interrupções e discurso simultâneo, não se verificam grandes diferenças entre rapazes e raparigas. Porém, estudos referem que os pais (homens) interrompem mais os filhos do que as mães e, por outro lado, as meninas são mais interrompidas do que os meninos (Greif 1980). Portanto, como já referimos anteriormente, o uso das interrupções ou do discurso simultâneo é uma maneira de controlar a conversação, sendo que os pais tentam controlar mais a conversação do que as mães.

Quanto à cortesia, os pais desde cedo ensinam e insistem para que as crianças falem com cortesia, nomeadamente através de saudações (olá! Bom dia! Adeus! Até logo! Etc.) e agradecimentos. Embora não se verifiquem grandes diferenças no uso da cortesia entre crianças de diferentes sexos, as crianças, por exemplo a fazer um pedido, tendem a ser mais corteses com membros do sexo feminino do que com o masculino, porque reconhecem mais cortesia nas mulheres (Coates 1986: 130). Não esqueçamos que vários investigadores, nomeadamente Janet Holmes (1995), reconheceram que o discurso da mulher era mais orientado para a cortesia.

No que concerne aos assuntos de conversação, os meninos entre si falam mais de desporto e posições; as meninas, da escola, da identidade, de desejos e necessidades. Os

rapazes fazem pedidos diretos, enquanto as meninas sorriem²⁰ mais e são mais cooperantes. Por outro lado, as meninas são mais penalizadas no seu discurso, através da conhecida expressão “uma menina não diz isso!”. Como podemos ver, as diferenças comunicativas de género afloram cedo nas crianças. Uma vez que a linguagem é parte importante do processo de socialização da criança, é através desta que a criança aprende os papéis sociais do seu género. Aprender a ser homem ou mulher na sociedade é, entre outras coisas, aprender a falar a linguagem apropriada ao seu género (Coates 1986: 133). Por isso, já em idade adulta, em situações de conversação, em que estão presentes homens e mulheres, ambos se adaptam às diferenças de género e falam de assuntos que interessem a ambos, deixando de lado os seus preferidos para falarem com os seus pares (cf. “When women and men got together, they tended to avoid the topics that each group liked best and settle on topics of interest to both” (Tannen 1990: 236)). Assim, por exemplo, quando estão a falar com homens, as mulheres falam de comida no mesmo sentido dos homens, ou seja, falam do que estão a comer ou de restaurantes, mas não de dietas e de alimentos saudáveis. Por conseguinte, Deborah Tannen (1990) salienta que, embora ambos os sexos façam reajustes nas conversas mistas, são as mulheres que se esforçam e fazem mais reajustes ao estilo masculino (cf. “So when women and men talk to each other, both make adjustments, but the women make more”, p. 237).

Num outro ângulo, uma consequência das diferenças de género na linguagem é a mudança linguística. Embora tradicionalmente os linguistas preferissem tratar a linguagem como um sistema fechado, separado de fatores externos, a verdade é que ela não existe independentemente da comunidade que a fala. Por isso, a mudança linguística ocorre num contexto de heterogeneidade linguística. A variação linguística existe em todas as sociedades: seja através da distinção dos discursos de diferentes grupos sociais (variação social), seja na distinção que se estabelece no discurso de determinado indivíduo em diferentes contextos (variação estilística).

A mudança linguística pode dizer-se que ocorre quando uma nova forma linguística, usada comumente por um subgrupo numa comunidade, é adotada pelos outros membros da comunidade e é aceite pela norma. Foi o que aconteceu com termos como deputada, senadora, advogada, etc., que são termos femininos que não existiam na forma feminina na língua portuguesa, mas que surgiram porque as mulheres começaram a exercer esses cargos profissionais (Correia 1927: 19-20).

Nesta mesma linha da mudança linguística, vários são os teóricos que discutem e argumentam qual o género mais associado à mudança linguística. Uns defendem que é a mulher, pelo seu papel de cuidadoras das crianças, tendo um papel propício ao início da mudança. Outros defendem o papel crucial do homem, argumentando que a mulher é mais conservadora, pois como está num ambiente mais doméstico e privado, não tem tanto contacto com a inovação e a mudança. Por outro lado, Milroy e Milroy (1998) defendem que o género está ligado à mudança, não de forma isolada, mas em conexão estreita com as classes

²⁰ Mary Ritchie Key (1996) destacou que vários estudos têm verificado que as mulheres sorriem mais do que os homens (Key 1996: 106).

sociais. Coates (1986) acrescenta que existem diferenças nas mudanças introduzidas por homens e mulheres. As mulheres introduzem mudanças tendo em conta a norma de prestígio; os homens, por sua vez, introduzem mudanças descurando a norma:

Women seem to initiate changes above the level of social awareness: such changes tend to be in the direction of the prestige norms. Men, on the other hand, seem to initiate changes below the level of social awareness: such changes tend to be away from the accepted norms (Coates 1986: 147)

Independente de qual o género responsável pela mudança, é importante sublinhar que a mudança linguística ocorre sempre num contexto de variação, sendo que a variação linguística é meramente um reflexo da variação social. Como as sociedades variam de todos os modos e formas, mas os papéis de género de homem e mulher também se distinguem em todas as sociedades, parece normal que a variação linguística surja das diferenças sociais contruídas à volta do género, contribuindo também para a evolução linguística. Portanto, não é importante dizer que o homem ou a mulher é o género responsável pela mudança. Na verdade, há mudanças introduzidas pelos falantes femininos e mudanças introduzidas pelos falantes masculinos. No entanto, o que importa sublinhar é que “male / female differences in language seem to be intimately involved in the mechanism of the linguistic change” (Coates 1986: 150).

William Labov (1998), indo ao encontro de que postulou Jennifer Coates (1986), refere que, entre os estudos mais consistentes da sociolinguística, se encontram os resultados encontrados sobre as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, que podem ser resumidos a dois princípios fundamentais:

- (I) In stable sociolinguistic stratification; men use a higher frequency of nonstandard forms than men.
- (II) In the majority of linguistic changes, women use a higher frequency of the incoming forms than men (Labov 1998: 7).

Labov complementa estes princípios, advogando que os homens usam mais formas não estandardizadas porque são menos influenciados pelo estigma social; as mulheres, pelo contrário, usam mais as formas da norma porque têm em conta que estas têm mais prestígio (Labov 1998: 12)²¹. No entanto, embora considere válidas estas diferenças entre homens e mulheres no que concerne à mudança linguística, não vê como estas diferenças afetam o curso da história da língua. Por isso, tal como Milroy e Milroy (1998), Labov associou as diferenças de género às classes sociais existentes, porque o comportamento linguístico do homem e da mulher variam consoante a classe social a que pertencem:

We also need them to map the interaction of sex and social class, because the behaviour of men and women in these various social groups has been found to be quite different in almost every case that has been studied (Labov 1998: 21).

²¹ Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet (2003) não consideram estas conclusões tão linearmente, afirmando mesmo que a relação entre o género e o uso de formas estandardizadas e /ou vernaculares é algo problemático, embora assumam que este tipo de generalizações abunda na sociolinguística (Cf. “(...) the relation between gender and the use of standard or vernacular features will be highly problematic. Nonetheless, such generalizations abound in the sociolinguistic literature”, p. 292).

Porém, Labov (1998) alerta que se deve procurar estudar estas diferenças sexuais separadas de cada grupo social, seja ele económico, étnico, urbano ou rural.

Para além das mudanças linguísticas, as diferenças de género na linguagem também trazem consigo consequências sociais. De facto, a má comunicação entre homem e mulher será a grande consequência destas diferenças comunicativas. Por outro lado, esta má comunicação trará desvantagens para os dois géneros em interação conversacional.

Assim, Deborah Tannen (1990) considera mesmo que a conversação afasta os géneros, pois distinguem-se dois estilos em interação. Por um lado, Tannen caracteriza a mulher como mais interessada em promover a intimidade com os outros, estabelecendo laços e promovendo a solidariedade. Por outro lado, os homens estão mais interessados em demonstrar a sua independência dos outros e a sua autonomia.

Também o(s) assunto(s) e a gestão da conversação é diferente entre homens e mulheres. Para Tannen (1994), as mulheres têm mais facilidade em escolher os temas da sua conversa e centram-se em poucos temas, enquanto os homens falam de várias coisas, sem perder muito tempo em cada tema, nem desenvolvendo e especificando o assunto. Enquanto num grupo de mulheres, elas estão mais de um quarto de hora a falar do mesmo assunto, um grupo de homens está sempre a mudar de assunto, intercalando com piadas e anedotas. Por outro lado, enquanto as mulheres falam de si, dos seus problemas e sentimentos e das suas relações; os homens raramente falam de si próprios e competem entre si para mostrar quem está mais informado sobre desporto, viagens e outros assuntos do dia-a-dia. Por conseguinte, enquanto o homem encara a conversa como uma troca de informação, a mulher vê a conversa como fonte de interação e do estabelecimento de relações (Tannen 1990: 81). Não esqueçamos que a conversa é a essência e fundamento da amizade entre as mulheres.

Também já referimos que as mulheres respeitam mais as tomadas de vez na conversação e tendem a pedir desculpa quando tomam consciência que falaram tempo demais. Num grupo de mulheres, procuram que todas participem na conversa e não gostam que uma pessoa domine a conversa. Pelo contrário, numa conversa de homens, eles competem pelo domínio e ao longo do tempo vão estabelecendo uma hierarquia, em que uns dominam mais que outros. Enquanto os homens se dirigem, na maior parte das vezes, para todo o grupo, as mulheres preferem ter conversas de carácter interpessoal, envolvendo somente duas interlocutoras.

Por outro lado, estas diferenças comunicativas entre homens e mulheres podem prejudicar a mulheres em termos de carreira profissional. Jennifer Coates fala mesmo em marginalização da mulher em diferentes profissões, uma vez que esta sente mais dificuldades em progredir na carreira do que o homem (Coates 1995: 13). Em termos comunicativos, esta diferenciação ou marginalização decorre do facto de, a nível profissional, a linguagem dominante ser a masculina, uma linguagem do domínio público, que valoriza a troca de informação e os objetivos, diferente da da mulher, que fala uma linguagem típica da esfera privada e íntima, que valoriza as relações entre os indivíduos (Coates 1995: 21-22). Por isso, o que se tem vindo a verificar, apesar da constante adaptação feminina à linguagem masculina, é uma má comunicação entre os dois géneros.

Entre os principais motivos de mau entendimento ou má comunicação entre homens e mulheres, Jennifer Coates (1986) enumera:

1) O significado das perguntas

As perguntas ou questões parecem ter significados diferentes para homens e mulheres. Como também já abordamos, as mulheres fazem mais perguntas do que os homens, uma vez que elas usam as perguntas como estratégia de manter o fluir da conversa. Os homens, por sua vez, parecem interpretar estas perguntas como simples pedidos de informação. Estamos aqui perante um aspeto que pode ser motivo de má comunicação, uma vez que os homens utilizam as perguntas só no seu sentido direto, e as mulheres usam com um valor indireto, ou seja, para fazer fluir a onversação.

2) As ligações que os falantes estabelecem na tomada de vez

Quando um falante toma a vez na conversa, pode começar por agradecer a contribuição do falante anterior e pode depois começar a falar de um assunto diretamente relacionado com o que foi dito anteriormente. Normalmente este é o padrão adotado pelas mulheres. Por seu turno, os homens consideram que não têm de estabelecer ligação com a contribuição do falante anterior. Os homens têm mais tendência para ignorar o que foi dito anteriormente e concentram-se em fazer valer o seu ponto de vista. Em conversações mistas, as mulheres veem os seus comentários ignorados e os homens tenderão a conduzir a conversa de acordo com as suas regras.

3) Mudanças de assunto

As mudanças de assunto costumam ser rápidas e abruptas nas conversas masculinas, enquanto as mulheres normalmente desenvolvem a conversa com contribuições de todas as outras, por isso os assuntos desenvolvem-se progressivamente e a mudança de assunto ocorre gradualmente. Por isso, a continuidade é uma característica da conversação das mulheres, mas é irrelevante para os homens.

4) Falar de si próprio

As mulheres tendem a encarar a conversação como uma oportunidade para discutir problemas, partilhar experiências, construir a confiança e amizade e dar conselhos. Neste sentido, todas as conversas das mulheres têm um lado terapêutico. Para os homens, a discussão de problemas pessoais não é um assunto normal de conversa. Por isso, respondem à abertura dos problemas dos outros como um pedido de aconselhamento, e tomam, não uma atitude de partilha também dos seus problemas, mas de perito no assunto, dando conselhos. Portanto, a exposição de um problema tem diferentes significados para o homem e para a mulher; enquanto para o primeiro é uma procura de uma solução, para a segunda é uma partilha de emoções com um efeito terapêutico.

5) Agressividade verbal

Falar alto e discutir agressivamente é uma característica comum do discurso dos homens. No entanto, estas discussões centram-se sempre em assuntos triviais e fá-los sentir-se bem. Berrar, chamar nomes, fazer ameaças e insultar fazem parte da agressividade verbal masculina. Contudo, as mulheres procuram evitar sempre discussões agressivas e consideram estas discussões tipicamente masculinas desagradáveis e muitas vezes como ataques pessoais. Enquanto para as mulheres, estas discussões significam o fim da conversa, para os homens faz parte da estrutura conversacional.

6) Interrupções

As interrupções fazem parte da conversação normal entre iguais. Deborah Tannen (1990) considera que a interrupção é uma intrusão ao direito de fala do outro com o objetivo de dominar²². Vários são os estudos que apresentam o homem como aquele que interrompe mais, maioritariamente as mulheres. As mulheres geralmente entremeiam comentários, oferecem comentários de incentivo, bem como acenam com a cabeça ou pronunciam sons mínimos de apoio (como *mhm*, *sim*). Nas conversas entre as mulheres, estes comportamentos são sinónimo de escuta ativa e empática. Por seu turno, as interrupções masculinas parecem ter como objetivo fazer terminar a vez do falante e encaminhar a conversa. Em conversas mistas, como já abordámos, as interrupções masculinas fazem calar a mulher, porque se sente incapaz de fazer interrupções tal como o fazem os homens. Tal como sublinhou Deborah Tannen (1990), as interrupções revelam-se um problema nas conversas entre homens e mulheres porque eles têm diferentes estilos e usam as interrupções e /ou sobreposições de fala com intentos diversos. Enquanto as mulheres interrompem ou sobrepõe falas com o intuito de dar apoio e incentivo a quem fala, o homem interrompe para acrescentar informação, para enriquecer a conversa ou para a encaminhar para outra direção (Tannen 1990: 215). Mais uma vez, se corrobora a ideia de que a mulher encara a interação comunicacional na sua função afetiva, ou seja, tendo como base o estabelecimento de conexões; o homem, por seu turno, vê a interação sob a perspetiva da função referencial, ou seja, baseada na troca de informações.

7) Escuta

Na conversação, os participantes têm dois papéis: falar e escutar. Nas conversas entre mulheres, estas revelam-se boas ouvintes e demonstram-no acenando com a cabeça, respondendo, sorrindo, etc. Nas conversas masculinas, os homens não se mostram tão bons ouvintes, parecem construir a conversa com base numa competição cujo objetivo é ser o falante. Isto significa que vai haver problemas de comunicação em grupos mistos. Os homens vão entender a postura da mulher como de fracas, uma vez que estão sempre a acenar com a cabeça, que entendem como sinal de concordância, mas que elas entendem como sinónimo de *sim*, *estou a ouvir!* Do mesmo modo, numa conversa telefónica, por exemplo, a mulher repete infinitamente *pois* ou *sim*. Enquanto para as mulheres estas palavras fornecem apoio

²² Cf. “[...] interruptin is an intrusion, a trampling on someone else’s right to the floor, an attempt to dominate” (Tannen 1990: 189).

ao falante e mostram-lhe que está a ser ouvido; para os homens, estas palavras são sinal de concordância, só as usando quando concorda com o falante. Por outro lado, os homens criticam as mulheres porque estas não conseguem ganhar o direito de falar. As mulheres vão encarar os homens como insensíveis ao seu direito de falar e ao seu dever de escutar, uma vez que eles não fornecem aquele aceno de cabeça ou monossílabos para mostrar que estão a ouvir. Por isso, em grupos de conversação mistos, as mulheres participam menos.

A estes sete tópicos a partir dos quais se notam as diferenças comunicativas entre homens e mulheres, Deborah Tannen (1990) acrescenta mais alguns, como: falar sobre problemas, dar informações e felicitar. No que diz respeito ao primeiro ponto, homens e mulheres falam sobre os seus problemas de forma diferente e esperam também respostas distintas. Enquanto as mulheres gostam de falar e explorar os problemas, esperando apoio e compreensão, os homens gostam de encontrar soluções. Aí reside o problema. Enquanto os homens esperam soluções, as mulheres esperam compreensão e apoio, sendo isso que, enquanto interlocutores, vão fornecer em troca ao sexo oposto.

Também na procura de informações existe assimetria. Enquanto as mulheres não se importam de pedir informações, os homens “[...] resist receiving information from others, especially women” (Tannen 1990: 63). Do mesmo modo, as mulheres felicitam mais do que os homens os feitos e sucessos dos outros, talvez porque “[...] the stance of expert is more fundamental to our notion of masculinity than to our concept of femininity” (Tannen 1990: 69).

Em suma, estas são áreas a partir das quais podem surgir problemas de comunicação entre homens e mulheres, que conotam diferentes estilos conversacionais:

Women tend to organise their talk co-operatively, while men tend to organise their talk competitively. These different modes of organisation entail different conversational rules. In particular, women and men differ in their expectations of what constitutes a normal component of conversation, of how conversations should progress, of how important it is to respect current speaker's right to finish a turn, and of how important it is to actively support the current speaker (Coates 1986: 154).

Portanto, tendo em conta estas diferenças de estilo na conversação, Coates (1986) considera que a mulher se encontra em desvantagem nas conversas em que participem os dois géneros, sendo que os homens dominam as conversações. Não obstante, acrescenta que, no âmbito geral, ambos ficam em desvantagem, uma vez que: as mulheres são dominadas pelo estilo masculino em conversações mistas, e os homens perdem competência em aspetos valorizados no estilo feminino. Estes problemas de comunicação de género, tal como se refletem nas conversas informais e nas discussões do dia-a-dia, também se refletem ao nível do discurso formal das instituições, ainda dominado por um discurso tipicamente masculino, já que os homens ocupam a maioria dos cargos mais elevados (Eckert e McConnel-Ginet 2003: 93). Não obstante, já se defende a incorporação, a nível institucional, de um discurso cooperativo ao estilo feminino, promovendo assim as boas relações e o cooperativismo entre todos os membros de qualquer instituição (Coates 1995: 29). Da mesma forma, muitos procuram e defendem uma reforma da linguagem, que faça desaparecer todos os elementos discriminatórios, tornando a linguagem mais inclusiva.

2.10. Mudanças: a linguagem “politicamente correta” ou linguagem inclusiva

Tendo presente a existência de sexismo na linguagem, as feministas, desde os anos de 1960, têm procurado lutar por uma linguagem mais inclusiva, como forma de alcançar uma representação mais equilibrada do homem e da mulher na sociedade (Pauwels 2003: 554). Este combate estendeu-se até aos nossos dias e deixou de estar restringido a uma luta feminista. Acreditar na conceção de que a linguagem reflete a sociedade é fácil, contudo, não é assim tão fácil verificar o contrário, ou seja, como a linguagem pode afetar a sociedade (Eakins e Eakins 1978: 21). A ideia de reforma da linguagem encontra-se bem escrutinada na obra de Deborah Cameron, *Verbal Hygiene*, publicada em 1995. “Verbal higiene” é um termo que engloba um conjunto de práticas metalinguísticas normativas que apareceram da convicção de que existem determinadas formas de usar a linguagem que, funcional, estética e moralmente, são as preferíveis (Cameron 1996: 36). No fundo, explora-se a questão do “politicamente correto”, abolindo práticas discriminatórias individuais e institucionais (Mills 2008: 6).

O “politicamente correto” caracteriza-se como uma atenção excessiva de não ferir sensibilidades daqueles que são diferentes da norma (como mulheres, lésbicas, homossexuais, pessoas deficientes e pessoas negras)²³. Tendo em conta esta noção de “politicamente correto”, corrobora-se o estatuto inferior da mulher na sociedade. No entanto, Sara Mills (2008) alerta para os interesses políticos associados à questão do “politicamente correto” que, muitas vezes, mais do que pretender uma reforma da linguagem, procura ser um movimento político das minorias. Por outro lado, Deborah Cameron (1995) sublinha que este movimento tem como objetivo dar tratamento especial a certos grupos sociais (como às mulheres e grupos étnicos), construindo *curricula* educacionais diferentes dos habituais:

The movement’s specific objectives include giving preferential treatment to members of certain social groups (e.g. women, ethnic minorities) in schools and universities; constructing educational curricula in which the traditional ideas of cultural heritage and artistic excellence are replaced with an emphasis on non-western, non-white and female cultural contributions; and prescribing the kind of language that may or may not be used to talk about the differences between humans, especially gender and racial / ethnic differences (Cameron 1995^a: 124).

De certa forma, entra-se assim numa discriminação positiva, como lhe chama Calero Fernández (1999: 29).

Deborah Cameron (1995^a) chama ainda a atenção para o facto de não haver entendimento sobre o que realmente constitui o “politicamente correto”. Para as feministas, o “politicamente correto” é um termo abusivo e ridículo, um assunto ficcional inventado pelos *media*²⁴; para muitos outros o “politicamente correto” refere-se a um conjunto real de

²³ Cf. “To clarify, in its general usage, ‘political correctness’ is characterised as an excessive attention to the sensibilities of those who are seen as different from the norm (women, lesbians, gays, disabled people, black people)” (Mills 2008: 100).

²⁴ Cf. “For many feminists, ‘PC’, as I mentioned above, is simply a media invention used to denigrate feminist anti-sexist campaigns, and, thus, it is a term to be contested or at least used with

termos e crenças. Paradoxalmente, este termo aparece associado às campanhas feministas, principalmente por aqueles que são seus opositores (Mills 2008: 116). Neste sentido, Sara Mills (2008) considera que sexismo, anti-sexismo e “politicamente correto” devem ser considerados três termos completamente distintos, embora operando uns com os outros:

Sexism, anti-sexism and ‘PC’ should be seen as functionally different, as - respectively - a set of discursive practices interpreted by some as discriminatory, a set of metadiscursive practices aimed at combating discrimination, and a negative characterisation of that position of critique. However, whilst functionally different, these discourses operate in relation to one another (Mills 2008: 119).

Sara Mills (2008), centrando-se no percurso histórico do sexismo, distingue, como já abordámos, entre sexismo direto e sexismo indireto. O sexismo direto é aquele sexismo facilmente identificável nas marcas linguísticas que deixa e está historicamente associado com a expressão de opiniões discriminatórias da mulher, revelando o seu estatuto inferior na sociedade. É este tipo de sexismo na linguagem que tem sido maioritariamente contestado pelas feministas e que se tem tornado estigmatizado pelos falantes.

Overt or direct sexism is the type of usage which can be straightforwardly identified through the use of linguistic markers, or through the analysis of presupposition, which has historically been associated with the expression of discriminatory opinions about women, which signals to hearers that women are seen as an inferior group in relation to males. This is the type of language usage which has been most contested by feminists and which has, as a result, become stigmatised by most language users (Mills 2008: 11).

Não obstante, este tipo de sexismo direto ou aberto ainda existe, mas é encarado anacrónico, revelando visões muito conservadoras da mulher, tendo-se tornado, por isso, condenado.

Os protestos feministas implicaram algumas mudanças no modo como as pessoas se sentiam ao expressar ideias ou preconceitos sexistas. Nesse seguimento, surgiu a ideia do “politicamente correto” e da linguagem inclusiva. Exemplos desta luta contra o sexismo são os livros de Margaret Doyle (1995), *The A - Z of Non-Sexist Language*, de Ruth King (1991), *Talking Gender: A Guide to Nonsexist Communication*, e, mais centrado na escrita literária, o de Casey Miller e Kate Swift (1989), *The Handbook of Non-Sexist Writing*. Margaret Doyle publica a obra *The A - Z of Non-Sexist Language* como estandarte de uma linguagem inclusiva, por oposição ao sexismo e à linguagem “exclusiva” dominante, que exclui e discrimina a mulher (Doyle 1995: 1). Para esta autora, a promoção e o uso de uma linguagem mais inclusiva, para além de evitar a discriminação a mulher, eliminaria também os estereótipos que a linguagem sexista transporta consigo:

The reason for avoiding sexist language is that it can be used to discriminate against women not only by reinforcing harmful stereotypes but also by rendering women’s presence and achievements invisible (Doyle 1995: 2).

Efetivamente, segundo este ponto de vista, a língua influencia os nossos comportamentos e atitudes. E uma vez que os termos sexistas têm alternativa, sendo

great care. Feminists do not wish to have their political action denigrated by being associated with a set of practices which are characterised as ridiculous and the object of scorn, and with which they would not agree.” (Mills 2008: 118).

substituídos facilmente, “[...] the result will be clearer, more accurate, and more widely received language” (Doyle 1995: 2).

Na mesma linha de pensamento, esteve também Ruth King, que apela à reforma da linguagem, por forma a eliminar estereótipos e dar valor à experiência e papel da mulher na sociedade: “Language change involves both altering old usage to eliminate negative stereotyping of women and women’s roles and creating new words to describe women’s experiences” (King 1991: 1). Para esta autora, a língua reflete ainda a desigualdade de poder que o homem e a mulher têm na sociedade, em que o homem é ainda considerado a norma, arrastando a mulher para a invisibilidade (King 1991: 3).

No entanto, por oposição, a resposta à luta contra o sexismo foi o já referido sexismo indireto. Este é um tipo de sexismo que domina nos *media*, mas que é disfarçado através do humor ou da ironia:

[...] because overt sexism is more difficult to articulate these days, a more indirect or discourse level of sexism has developed which manages to express sexism whilst at the same time denying responsibility for it. For example, sexist terms are now often used in newspapers, and on certain radio and television programmes, whilst at the same time being undercut by humour or irony, signalled by, for example, exaggerated or marked intonation or stress (Mills 2008: 12).

Obviamente este sexismo indireto surge do facto de, cada vez mais, se denunciarem casos de sexismo e de visões estereotipadas, resultado de uma evolução das mentalidades, para a qual contribuíram as feministas e as mulheres em geral. As feministas destacam-se sobretudo pela sua análise crítica do discurso (“Critical discourse analysis - CDA”), cujo objetivo primeiro é contestar uma sociedade patriarcal, onde a mulher surge como um grupo social excluído:

As feminist critical discourse analysts, our central concern is with critiquing discourses which sustain a patriarchal social order: that is, relations of power that systematically privilege men as a social group and disadvantage, exclude and disempower women as a social group (Lazar 2005^b: 5).

Não obstante, a ideologia de género e de relações de poder assimétricas continuam, mas de uma forma mais subtil (Mills 2008: 1). Por isso, o grande objetivo é a transformação social. Efetivamente, a sociedade tem mudado grandemente no que diz respeito à mulher, devido maioritariamente ao crescente número de mulheres a trabalhar fora de casa a tempo inteiro. Claro que esta mudança acarreta mudanças na forma como a mulher é vista, mas também pode ser encarada como uma ameaça para aqueles homens que persistem em ter uma visão estereotipada da mulher e que continuam a contestar o acesso que, hoje em dia, as mulheres têm a carreiras profissionais e à respetiva ascensão ou promoção profissional. A mudança também tem impacto no modo como as mulheres se comportam e se veem a elas próprias. Por isso, devido à sua crescente independência financeira e estatuto no mercado de trabalho, que conduz a que “women are less likely to tolerate sexist comments and discrimination” (Mills 2008: 19). No entanto, isto não quer dizer que as mulheres sejam tratadas como iguais relativamente aos homens. Também não podemos esquecer que, muitas

vezes, são as próprias mulheres que adotam e têm posturas e comportamentos baseados em visões esterotipadas e sexistas.

De facto, a reforma da mentalidade sexista não passa somente por mudanças em palavras particulares (como no caso dos pronomes) ou expressões da língua. Uma verdadeira reforma implica que esta seja aceite e promovida por aqueles que detêm o poder (cf. “Reform can only be effective if it is accepted and promoted by those in positions of influence” (Mills 2008: 17)), pois as mudanças são sempre difíceis de aceitar e, neste caso em particular, também encontraram resistência por parte de muitos homens.

Nesse sentido, a integração da mulher na esfera pública não foi facilmente aceite, principalmente por parte do homem. Michelle Zimbalist Rosaldo (1974) considera fundamental a diferenciação entre esfera pública e esfera doméstica para compreender o estatuto da mulher na sociedade. Enquanto a mulher se cingir à esfera doméstica e privada terá sempre um estatuto mais baixo do que o homem. Por outro lado, também argumenta que quanto mais a sociedade diferenciar estas esferas de atividade, mais diferenciação existe entre o estatuto e valor das atividades masculinas e femininas. Por isso, também Rosaldo (1974) defende que a mulher conseguirá mais estatuto entrando na esfera pública, domínio ainda masculino. Desta forma, as sociedades tornar-se-iam mais igualitárias se não existisse uma diferenciação tão vincada entre esfera pública e esfera doméstica (Rosaldo 1974: 36).

Como entretanto a mulher tem vindo a entrar na esfera pública, é claro que a mulher também já não é tratada da mesma forma, teve de haver uma mudança na linguagem a usar. Por exemplo, hoje é impensável começar uma reunião de departamento por “Meus senhores, vamos começar!?” Houve, de facto, uma série de mudanças institucionais e legais para eliminar muitas expressões sexistas, que as feministas nunca deixaram de denunciar. Não obstante, tal não quer dizer necessariamente, como Susan Ehrlich e Ruth King (1998: 179) frisam, que a linguagem ou os falantes deixem de ser sexistas. Estas investigadoras sugerem mesmo que o desaparecimento de determinados termos sexistas será substituído por outros mais subtis. Nesta linha de ideias está, como vimos, Sara Mills (2008), que argumenta que estas mudanças na linguagem fizeram com que o sexismo aberto desaparecesse, mas surgisse um muito mais subtil, mas também discriminatório:

It could be argued that these changes have meant that overt sexism has been ‘driven underground’ and that other more subtle forms of expression which are equally pernicious and discriminatory have been used instead (Mills 2008: 21).

Portanto, pode-se reiterar uma evolução do sexismo. Originalmente o termo sexismo implicava uma relação antagonística entre os sexos, resultado de uma sociedade patriarcal, cujo sistema favorecia o homem em detrimento da mulher. Embora continuem a persistir desigualdades estruturais entre homens e mulheres, realçando a existência de sexismo, a noção de patriarquia fica aqui muito simplificada. Patriarquia é uma noção muito mais complexa porque envolve um sistema de ideologias. Nesse sentido, Sara Mills (2008) arremata:

Thus, we need a much more complex notion of male power and the way it is buttressed by other forces. Sexism is better understood as a set of discursive practices and stereotypical knowledge which changes over time and which can be challenged, rather than as the reflection of a fixed and unchanging patriarchy (Mills 2008: 21).

Efetivamente, temos de ter presente que o sexismo é fruto do homem, mas nem todos os homens são sexistas. Portanto, é necessário continuar a reforma da linguagem que já começou e que tem como condição *sine qua non* a ascensão da mulher na sociedade e no mercado de trabalho, demonstrando o seu valor e poder. Assim, a mulher poderá falar com mais assertividade, pois, como já Robin Lakoff (1975) havia postulado, a forma de a mulher falar refletia a sua insegurança e estatuto inferior na sociedade. Por conseguinte, ao conquistar um lugar na sociedade, a mulher poderá falar com mais segurança e assertividade. Neste contexto, tal como refere Deborah Cameron (1995), já surgem livros a aconselhar as mulheres para a assertividade. Estes conselhos vão ao encontro do conceito de “verbal hygiene”, que, para Cameron (1996), chega às mulheres por dois meios: aconselhamento ao nível profissional, com o objetivo de melhorar a competência e assertividade linguísticas da mulher no mundo do trabalho, postulando que as mulheres terão mais sucesso se adotarem estratégias linguísticas mais associadas aos homens; e, por outro lado, aconselhamento para as relações interpessoais, principalmente nas relações com os sexo oposto (como faz, por exemplo, Deborah Tannen (1990), em *You Just Don't Understand: Women and Men in Conversation*):

Verbal hygiene for women comes in two varieties which are strikingly contradictory: career advice, which aims to improve the linguistic effectiveness of professional women, and relationship advice, which deals with communication difficulties in male-female interaction, particularly in the context of heterosexual relationships (Cameron 1996: 37).

Falar com assertividade é também equiparado a saber falar como o homem. Robin Lakoff (1975) já havia afirmado que as mulheres que falassem como os homens eram levadas mais a sério. De facto, contrariamente aos homens, que se falarem com um estilo semelhante ao das mulheres são considerados “afeminados”, as mulheres podem adotar livremente o estilo masculino, sendo mesmo valorizadas por isso (Thorne e Henley 1975^b: 19). Neste contexto, Shigeko Okamoto (1995: 317) verificou que as mulheres japonesas têm vindo a mudar o seu discurso feminino para um discurso mais masculino.

Porém, Mary Ritchie Key (1996) não segue essa linha, em que a mulher deve procurar falar como o homem, a investigadora defende uma linguagem andrógina, na qual “[...] women should not try to copy the language of the male” (Key 1996: 144). Assim, “[...] an androgynous language will be complementary rather divisive” (Key 1996: 144), uma vez que se podem mudar estilos e formas linguísticas que criam desconforto, elevando a consideração e o respeito pela mulher sem denegrir a imagem do homem (Key 1996: 136).

Todavia, como a mulher ainda encontra entraves, desde as ideias esteotipadas e tradicionais que ainda prevalecem, até à sua condição física, regra geral, mais fraca que a do homem, ainda continua motivo de exclusão. Calero Fernández (1999) defende que a verdadeira reforma, para desaparecimento do sexismo, deve passar por duas instituições fundamentais: a escola e a família, pois estes constituem-se como modeladores da

personalidade e de comportamentos, bem como veiculadores de conhecimentos imprescindíveis para se participar na vida pública e privada (Calero Fernández 1999: 31). Contudo, Deborah Tannen (1990) alerta “because people are different, not only in gender but in cultural background, differences in attitudes toward verbal opposition will persist among friends, lovers, and strangers (Tannen 1990: 187).

2.11. Síntese

Tendo em conta o exposto, vemos que sexo não é o mesmo que género, enquanto o primeiro é biológico, o último é socialmente construído. Assim, desde o momento em que o médico informa que é um menino ou uma menina, a vida das crianças é definida em função do género e, a partir daí, através da socialização, elas aprendem e ganham uma identidade ou papel de género masculino ou feminino. Os papéis de género são os comportamentos, posturas, traços de personalidade, emoções e atitudes sociais e culturais tidos como apropriados para o homem ou para a mulher:

Gender roles are culturally defined behaviours that are seen as appropriate for males and females, including the attitudes, personality traits, emotions, and even postures and body language that are considered fundamental to being male or female in a culture. Gender roles also extend into social behaviours, such as the occupations we choose, how we dress and wear our hair, how we walk (men traditionally walk on the street side, open doors, etc.), how we talk (men often interrupt more, women defer more), and the ways in which we interact with others (Carroll e Wolpe 1996: 163).

São estes papéis de género que se tornam estereótipos e que são fundamentais na nossa forma de pensar, influenciando como entendemos os outros e o que esperamos dos outros:

[...] *stereotypes* that influence how we perceive others, leading us to assume they will behave in the ways that they expect and unconsciously overlooking their unique characteristics as individuals (Beal 1994: 5).

Desta forma, os estereótipos guiam o nosso comportamento tendo em conta os papéis de género e delineiam o desenvolvimento do comportamento das crianças, que aprendem a seguir os adultos e os respetivos papéis de género. Segundo Basow (1992), mais do que se refletirem em comportamentos diferentes, os estereótipos de género originam diferentes comportamentos, funcionando como “regra” ou “padrão” que as pessoas aprendem:

[...] rather than reflecting real behavioural differences, it is more likely that belief in the stereotypes may give rise to some behavioral differences. If the stereotypes function as part of sex role expectations, then people will learn them and be influenced by them. Even though sex-typed distinctions between the sexes may not fit individuals, stereotypes themselves have power as standards to which to conform, against which to rebel, or with which to evaluate others (Basow 1992: 11).

Partindo destas diferenças de papéis, o género reflete-se também no uso da linguagem Deborah Tannen (1990) sugere que existem grandes diferenças entre a forma como o homem e a mulher comunicam, distinguindo-se mesmo aquilo que ela chama “genderlects”. Para Tannen (1990), os homens tendem a ver o mundo como um lugar onde existe ordem

hierárquica e, por isso, eles têm de lutar para manter a sua posição e, dessa forma, eles interpretam e veem a interação comunicativa como um desafio em que têm de defender a sua posição e a sua independência. As mulheres, por sua vez, encaram o mundo como uma teia de relações e o seu objetivo na comunicação é formar conexões e evitar o isolamento. Neste sentido, os homens centram-se mais no conteúdo informacional da comunicação e as mulheres, por seu turno, centram-se mais nas relações que podem estabelecer. A partir daqui, notar-se-ão diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

O estudo da relação entre a linguagem e o género depende muito da compreensão do comportamento e da ideologia de género, bem como do contexto onde ocorre a comunicação (Brown 1993: 144). Assim, como as linguagens variam no mundo, também variam os papéis de género, pois, embora a distinção entre homens e mulheres comece por ser de ordem biológica e psicológica, o género é um constructo social e cultural e os papéis de género são socialmente determinados (Beal 1994: 4).

Deste modo, embora partindo de uma fundamentação teórica geral e abrangente, o nosso trabalho de investigação vai culminar na realidade do português europeu e nas diferenças comunicativas entre homens e mulheres em português europeu.

3. Estudos sobre o gênero na linguagem em português europeu

Os estudos portugueses centrados na relação entre o gênero e a comunicação são ainda poucos, existindo ainda pouca investigação na área. Daí o relevo que consideramos que este trabalho de investigação tem no panorama nacional. Não obstante, ainda surgem nomes com destaque na área. Também estes refletiram sobre a importância das diferenças comunicativas de gênero a partir de estereótipos e ideologias sobre a identidade de gênero comuns a muitas línguas.

3.1. Ideias tradicionais sobre o gênero na linguagem

Em Portugal, destaca-se como primeiro investigador sobre questões de gênero e a linguagem o professor João da Silva Correia. João da Silva Correia, professor, escritor e filólogo, escreveu, em 1927, a obra intitulada *A linguagem da mulher*, à qual acrescentou, em espécie de subtítulo, *em relação à do homem*. Portanto, João da Silva Correia aparece-nos aqui como um vanguardista na investigação das diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

João da Silva Correia foi linguista e professor universitário, nasceu a 21-01-1891, em Espariz, Tábua, e faleceu a 01-06-1937, em Lisboa. Licenciou-se em 1917 e depois doutorou-se (1929) em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa, onde foi professor catedrático de Filologia Portuguesa, entre 1930 e 1937. Influenciado pela Escola Francesa e pela “estilística” de Charles Bally, a sua investigação e obras “incidem de modo muito particular sobre a semântica e especialmente sobre os meios de expressão da língua viva, coloquial e literária, sobretudo contemporânea” (AA.VV. 1999: 116), tal como se verifica na obra *A Linguagem da Mulher*, onde são explorados os modos de expressão da mulher e do homem.

Este livro foi o produto de uma conferência realizada na Associação dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra. Como o autor desde logo afirma, na contra-capla, esta obra explora a linguagem da mulher em relação à do homem no que concerne às:

[...] diferenças no campo dos auxiliares da linguagem, no do léxico, no da gramática e no do estilo, acrescidas de algumas observações no domínio da etimologia dos vocábulos designativos da mulher e no da produtividade literária feminina, - todas acompanhadas de breves comentários psicológicos (Correia 1927).

João da Silva Correia começa por realçar a “curiosidade” que o tema (“diferenças de linguagem dos dois sexos”) suscita, realçando que poucos estudos se têm debruçado sobre o tema, e que os poucos estudos que têm sido feitos dizem respeito às diferenças de linguagem entre homens e mulheres em povos ditos selvagens (Correia 1927: 1). Por isso, considera “lícito lembrar [...] da insegurança ou dessolidez do terreno que vamos pisar, reza inclusivamente a sabedoria popular: ‘O melão e a mulher são maus de conhecer’” (Correia 1927: 1). Não obstante, não hesita em afirmar que embora homem e mulher falem a mesma

linguagem e “entre os dois sexos não haja divergências essenciais, o modo de expressão não é no entanto rigorosamente o mesmo” (Correia 1927: 3), uma vez que “a mulher tem ocupações e preocupações diferentes das do homem” (Correia 1927: 3) e também se distingue daquele fisiologicamente e psicologicamente:

Distingue-se dele: fisiologicamente - pela sexualidade, pelo menor peso e altura, pela mais débil compleição anatómica; e psicologicamente: - pelo sentimento, mais profundo que amplo com que se devota, não a princípios abstractos, mas a pessoas, principalmente fracos e pequenos que necessitam de protecção maternal, - pelas qualidades altruísticas que não excluem o pendor para defeitos como a dissimulação e gosto de brilhar, avolumados talvez na mulher pela condição social, que a fez ou subalterna escravizada, ou rainha de artifício; pela inteligência, maravilhosamente subtil e plástica, tão inclinada à assimilação do concreto e à visão do caso particular ou do pormenor, quanto avessa às generalizações e sínteses (Correia 1927: 3).

Neste contexto, “os dois sexos não de divergir naturalmente também na linguagem que falam ou escrevem” (Correia 1927: 3). Assim, João da Silva Correia vai agrupar estas diferenças em quatro grupos:

- 1) Auxiliares da linguagem;
- 2) Léxico;
- 3) Gramática;
- 4) Estilo.

No atinente aos auxiliares da linguagem, “a mulher, mais impressionável que o homem, usa, em maior proporção que ele, quasi todos os auxiliares da linguagem - os sonoros como os surdos” (Correia 1927: 4), como o suspiro, o gemido, o pranto e gestos. Efetivamente, quanto à linguagem não verbal, a mulher revela uma grande vivacidade gesticulatória, superior à do homem, sendo de sublinhar que “os gestos religiosos e supersticiosos então são vulgaríssimos na mulher, principalmente na inculta” (Correia 1927: 4). Não obstante, é também expressiva pelo olhar, pela posição dos lábios, pelo sorriso. No fundo, “a mulher toda ela fala; ela é a própria linguagem” (Correia 1927: 6).

No que concerne ao léxico, também este difere do do homem. Para o autor, o vocabulário da mulher é pobre em domínios como: o dos neologismos técnicos ou científicos, pois “a mulher prefere o vocabulário popular ao erudito” (Correia 1927: 7); o das palavras abstratas; o das conjunções ou locuções subordinativas, e o da sinonímia e da polissemia. O filólogo português, recorrendo ao filólogo Nyrop e a sua *Grammaire historique de la langue française*, diz que esta pobreza de vocabulário se deve ao facto de as mulheres serem mais conservadoras e se confinarem à língua que aprenderam (Nyrop *apud* Correia 1927: 8). Também Otto Jespersen sublinhou esta característica feminina:

Women are more conservative than men, and that they do nothing more than keep to the traditional language which they have learnt from their parents and hand on to their children, while innovations are due to the initiative of men (Jespersen 1922: 242).

Contudo, João da Silva Correia refere que o léxico da mulher não é pobre em tudo, existindo áreas nas quais é rico e abundante, como no campo dos arcaísmos, no campo das interjeições e locuções exclamativas, no das palavras e locuções diminutivas, hipocorísticas e

onomatopaicas, no campo dos estrangeirismos da moda e do viver mundanal e, como é óbvio, no domínio da vida do lar (cozinha, vestuários, mobiliário, doenças e enfermagem, etc.). Para o autor, são as mulheres que conservam a língua antiga, pois são bastante arcaizantes e tradicionalistas na linguagem (Correia 1927: 9), também pelo facto de os homens saírem mais de casa por causa do serviço militar e/ou para trabalhar, e ainda porque as “famílias menos abastadas mandavam educar os rapazes de preferência às raparigas” (Correia 1927: 10).

Ainda neste ponto, o filólogo afirma que também existem diferenças consideráveis no domínio da memória:

A do sexo feminino é, além de mais precoce, mais apta para a retenção verbal, principalmente quando as palavras designam ideias visuais.

É inegável que a mulher possui apurado sentido e memória cromática, distinguindo e retendo muito bem as tonalidades, quer na infância quer na idade adulta (Correia 1927: 12).

No que concerne ao domínio gramatical, as diferenças tocam a fonética, a morfologia, a sintaxe e a semântica.

No que diz respeito aos aspetos fonéticos, o linguista realça logo as diferenças de timbre e altura da voz da mulher em relação à do homem. Também a velocidade verbal é para ele “[...] maior no sexo feminino que no masculino - o que significa por ventura, por parte da mulher, superficialidade, irreflexão, precipitação nervosa” (Correia 1927: 13). Apresentando também esta justificação, Otto Jespersen destaca que a mulher tem uma tendência para deixar as frases inacabadas devido à precipitação com que fala. Citando as suas palavras, “I think, that women much more often than men break off without finishing their sentences, because they start talking without having thought out what they are going to say” (Jespersen 1922: 250). Da mesma forma, a mulher utiliza muito mais a voz cochichada. Concomitantemente, também é mais usual ouvir, entre as mulheres, berros ou gritos, sem que estes signifiquem raiva, cólera ou discussão. Ainda neste ponto, o filólogo sublinha que “[...] sendo mais actriz que o homem é actor, a mulher parece assinalar e variar mais largamente as inflexões ou modulações de valor semântico em palavras como em frases” (Correia 1927: 14).

No que concerne ao ponto de vista morfológico, salienta-se, desde logo, o maior uso dos superlativos pela mulher, talvez pela “[...] sua índole impressionável e pendor para a exibição” (Correia 1927: 16), bem como o constante uso do pronome pessoal “eu”, revelando algum egocentrismo (Correia 1927: 16). Por outro lado, o filólogo afirma que, em português, à semelhança de outras línguas românicas, “[...] apresenta nos últimos tempos numerosas formas femininas que ainda em épocas não distantes eram desconhecidas” (Correia 1927: 19), como por exemplo advogada, médica, doutora. Nesta sequência, ele aventa a possibilidade de aparecimento de palavras femininas como *candidata*, *deputada*, *senadora*, *bacharela*, *estudenta*, tudo na área das novas profissões emergentes, resultado das “[...] conquistas das

mulheres à face do costume e do código” (Correia 1927: 20). Também Deborah Cameron sublinhou este aspeto²⁵. Por isso conclui, citando Nyrop:

A língua moderna apresenta um grande número de formas femininas desconhecidas das épocas anteriores: é o reflexo filológico dos progressos do feminismo, do acesso da mulher a postos, empregos ou funções, donde outrora era excluída (Nyrop *Apud* Correia 1927: 20).

Acrescenta, ainda, que todos estes novos termos femininos na língua contribuem também para a igualdade jurídica e profissional dos sexos (Correia 1927: 21). Não obstante, sublinha que não está a falar de questões feministas, mas de verificar a subalternidade da mulher, que coloca o masculino como a designação do tipo genérico, que obedece à ordem estabelecida na sociedade, na qual o homem é o elemento principal (Correia 1927: 22). Por isso, João da Silva Correia confirma que estes femininos têm “[...] geralmente uma vaga função depreciativa ou irónica - que mostra que não vemos com bons olhos a associação ou imiscuição da mulher nos altos serviços públicos” (Correia 1927: 22).

Por outro lado, os nomes atribuídos a seres vegetais e animais ora masculinos ora femininos indicam-nos o modo como homem e mulher são encarados ao longo dos tempos pela sociedade:

[...] a ideia, que a cada uma das formas corresponde, indica-nos talvez que ao homem foi assimilado, por seu vigor, compleição e natureza, o que é mais robusto ou violento, mais esgalhado ou seco, e menos produtivo ou fecundo; e à mulher, pela maternidade, doçura de maneiras e de trato, delicadeza física, e inda maior volume no sentido transversal, ao menos em certos períodos, o que é produtivo, suave, gentil, asadinho ou amplo (Correia 1927: 24).

Também Jakob Grimm, na sua *Deutsche Grammatik*, reflectiu sobre o género no que dizia respeito aos princípios que distinguiam o masculino do feminino. Assim, o masculino representava o que era maior, mais rápido, mais forte, mais inflexível, mais veloz, mais ativo e mais produtivo. Por sua vez, o feminino representava o mais pequeno, o mais lento, o mais suave, o mais sossegado, o mais sofrido e o mais recetivo (Grimm *apud* Janssen-Jurreit 1982: 292). Da mesma forma, mais tarde, o português Rodrigues Lapa afirmou sobre o género que:

Se examinarmos estas parselhas de substantivos, notaremos que, dum modo geral, o masculino representa maior grandeza no sentido do comprimento, o feminino maior grandeza no sentido da largura. O português viu nos objectos a imagem do homem e da mulher: o homem, mais forte, mais alto e esbelto; a mulher, mais baixa, mais larga, de curvas arredondadas (Lapa 1945: 135).

No fundo, como diz Deborah Cameron, estas análises do género identificam o género gramatical com o sexo e, por isso, atestam que “[...] the three genders - masculine, feminine and neuter - embodied a hierarchy of value” (Cameron 1992: 92).

No atinente à sintaxe, “[...] a sintaxe da mulher apresenta também certas diferenças em relação à do homem” (Correia 1927: 25). Em primeiro lugar, João da Silva Correia salienta o facto de a mulher usar mais do que o homem a construção paratática ou coordenativa, “[...] como se lhe faltasse disciplina espiritual ou alento para longas series de pensamentos”

²⁵ “Titles for women often bear a feminine ending such as the German *-in* or Italian *-essa*. As women enter traditionally in male positions of power, this has led to new coinings like *Stadtssekretärin* and *dottoressa*. However, many women in this position do not like having a feminine title” (Cameron 1992: 92-92).

(Correia 1927: 25). Por outro lado, refere ainda que, de um modo geral, a expressão feminina é mais pleonástica e anacolútica:

[...] de um modo geral, a expressão feminina é em relação à masculina:

- 1) mais pleonástica - e portanto mais impressiva e cheia de viveza;
- 2) mais anacolútica, - o que porventura será mais uma achega probativa de que da parte da mulher há predomínio da imaginação sobre o mecanismo lógico (Correia 1927: 25).

No que respeita aos aspetos semânticos, o filólogo afirma paulatinamente que “[...] as palavras não têm para a mulher a mesma significação que tem para o homem” (Correia 1927: 27), como por exemplo a palavra *ciúme*, que para a mulher não é mais que o amor próprio ferido e que para o homem é tortura profunda como o sofrimento moral e físico, e ainda a *negação*, que muitas vezes é afirmação para as mulheres. Por outro lado, o autor atesta que a mulher recorre muito ao eufemismo para evitar falar em coisas ou termos sujos ou condenáveis:

A mulher, por seu carácter delicado e tímido, faz uso largo de expressões eufémicas, que, graças a ela, entram depois na linguagem geral. [...] Enquanto o homem, mais audaz e deslavado, não tem pejo de chamar pelo nome aos bois, a mulher abriga-se por detrás da trincheira do eufemismo (Correia 1927: 29).

Não obstante, “[...] a verdade é que, para as almas delicadas e sedentas de arte, seria intolerável a mulher que se exprimisse sem pára-raios eufemizante” (Correia 1927: 30).

Neste seguimento, João da Silva Correia afirma que “[...] o estilo feminino também é diferente do masculino” (Correia 1927: 32):

O estilo da mulher é, de modo geral, cortado e fácil; o vocabulário é restricto e familiar; a proposição curta e desenredada; e ao período, articulado com muita simplicidade, e numericamente pobre em elementos oracionais, falta arcabouço sintáxico, - o que é mais um índice de pouco fôlego mental, ou de diminuta capacidade para o encadeamento de séries lógicas (Correia 1927: 32).

Contudo, isto não quer dizer que o estilo feminino não tenha algo de relevo:

[...] perfuma-o no geral uma espiritualidade, uma leveza e delicadeza, por ventura um misticismo e uma ingenuidade; tem às vezes uma riqueza de sensibilidade e uma viveza de imaginação - que não são habituais no escrever masculino (Correia 1927: 33).

Também a escrita feminina caracteriza-se muito pela sentimentalidade, em detrimento da lógica. Porém, a mulher destaca-se porque possui o sentido “[...] do pormenor artístico em grau muito mais elevado do que o ser masculino” (Correia 1927: 34), tendo, por isso, um elevado sentido estético, mais do que criador.

O autor salienta ainda a etimologia dos nomes designativos da mulher, uma vez que também eles podem indicar a maneira como a mulher era encarada pela sociedade ou, de acordo com as palavras de João da Silva Correia, “[...] pela mente colectiva da nação” (Correia 1927: 38). Ora, assim enumera dona, senhora, mulher, patroa e fêmea:

- 1) *dona*, que representa o latim *domina*, ou melhor *domna*, termo em relação com *domus*, casa, e *dominatio*, dominação - isto é a pessoa que manda no lar, e, por consequência, deve ser obedecida e considerada;
- 2) *senhora*, no português arcaico uniformemente *senhor*, de *senior*, que representa o comparativo ou intensivo de *senex*, velho, e está em relação com *senectus*, a decrepitude, e

com *senatus*, o encanecido corpo senatorial - ou seja, em suma, uma palavra impregnada toda ela do respeito devido às pessoas idosas.

3) *mulher*, do latim *mulier*, em relação com *mollis*, *mollire*, *mollities*, mole, amolecer, moleza, - por conseguinte, um vocábulo designativo de um ser, cujas qualidades essenciais são a doçura e a ternura. [...]

4) *patrôa*, do latim *patrona*, protectora, em relação com *patres*, que significa a um tempo antepassados e senadores, e com *pátria*, a terra dos nossos pais e dos pais dos nossos pais na série avoenga - quer dizer um nome cheio de ideias nobres de protecção do lar e da família. A palavra *fêmea* não serve entre nós para designar senão a mulher de vida repreensível - ao contrário do que se dá no francês moderno - o arcaico teve *moillier* - e no rumeno, em que as palavras *femme* e *femea* servem como designativos gerais do sexo frágil (Correia 1927: 39).

Ainda dentro do campo da etimologia, João da Silva Correia explica o surgimento de termos e expressões ligados à mulher, como por exemplo *almazona* e *cabelo à garçona*:

Assim, a deformação da palavra *amazona* em *almazona*, pelo processo da etimologia popular, parece revelar que para o espírito nacional não é simpático o acto da mulher andar a cavalo: a mulher que faz equitação como que se desfemina, passando a ser uma alma grande, uma espécie de alma-bisarma, uma almazona enfim. [...]

Também na expressão *cabelo à garçona*, porque o vulgo sem letras designa a mulher de cabelos francêsmemente cortados à *la garçonne*, a locução modal, aliás natural foneticamente, parece semanticamente ligar-se à *garça* - por metáfora a mulher pernalta, esgrouviada, desfavorecida de bens estéticos e de algum modo perversa: *garçona* vem a funcionar para o espírito do vulgo como aumentativo de *garça* - e isso de algum modo contribuirá para insinuar a suspeita e o desamor com que ela vê as manifestações capilares da independência feminina (Correia 1927: 41-42).

João da Silva Correia revela ainda interesse pelas diferenças entre o homem e a mulher no campo das produções literárias. Deste modo, afirma que a mulher, no domínio da poesia, “prefere a rimada - mais artística ou musical à branca, e foge dos gêneros de grande fôlego, como a epopeia, em benefício do lirismo sentimental e místico” (Correia 1927: 42).

Já no campo da narrativa, a mulher prefere os contos, cartas, narrativas históricas ou lendárias e pequenas peças teatrais:

No campo da prosa a mulher parece fugir das obras de pensamento - não cria nem sistemas filosóficos, nem doutrinas morais, nem orientações estéticas - em benefício das obras de imaginação: atinge uma superior beleza e relevo na feitura de contos, cartas, narrativas históricas ou lendárias, e pequenas peças teatrais (Correia 1927: 43).

Ainda neste contexto, o filólogo realça o papel da mulher, não só como criadora literária, mas principalmente como conservadora, uma vez que foram as mulheres as grandes transmissoras da literatura de tradição oral (Correia 1927: 44-45). Por outro lado, “[...] a própria literatura masculina deve muito à mulher, - por ter sido a sua inspiradora” (Correia 1927: 45).

Por fim, João da Silva Correia realça a importância da mulher no campo da educação, pois é ela que cria e educa os filhos, rapazes e raparigas. Por isso, mais que o homem, a mulher, pelas suas qualidades de carinho, paciência e infantilidade, está mais apta para certas profissões, como enfermagem, educadora de crianças e professora. Por isso, o linguista aponta uma das nossas cantigas populares:

No coração da mulher
Por muito frio que faça
Há sempre calor bastante
Para aquecer a desgraça (Correia 1927: 46).

E termina alertando o homem:

Esforcem-se os homens porque a mulher valha o mais possível - visto como quanto mais ela valer tanto maior será o adiantamento deles. (Correia 1927: 51).

Isto porque “[...] a mulher é o estímulo e guia do homem no campo do viver social e prático, como no campo da idealidade e da acção desinteressada e generosa” (Correia 1927: 52).

Portanto, do exposto, podemos concluir que a análise que João da Silva Correia faz da linguagem da mulher é resultado de uma constante comparação e análise relativamente à linguagem masculina, sempre dependente do contexto social, económico, político e cultural dos inícios do século XX. Porém, esta obra revela-se fulcral nos estudos sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres no português europeu. De facto, tem um carácter extremamente vanguardista porque aborda uma temática (diferenças de género na comunicação/linguagem) que só começou a ser verdadeiramente explorada a partir da década de 70, com a emancipação do movimento feminista e dos estudos do género. Por isso, acreditamos que esta obra seja um bom ponto de partida para a reflexão sobre as questões de género no que concerne às diferenças comunicativas entre homens e mulheres em português europeu.

3.2. O género e as diferenças entre homens e mulheres

À semelhança do que se passa no restante mundo ocidental, em Portugal Continental, o género remete obrigatoriamente para a ideia da diferença entre homens e mulheres e, conseqüentemente, para a questão da desigualdade ou discriminação. Esta é uma velha questão investigada por vários teóricos, nomeadamente os da área da psicologia social. O estudo das diferenças entre os sexos rapidamente conduziu à conclusão da inferioridade do sexo feminino relativamente ao masculino. Para justificar essa inferioridade psicológica e social das mulheres, a psicologia começou por apresentar razões de ordem biológica (Amâncio 1994: 17).

No entanto, mais tarde, percebeu-se que, associado ao sexo biológico, eram criadas representações e contruídas as identidades masculina e feminina, sendo que a identidade feminina é subalterna da masculina. Neste seguimento, Lígia Amâncio (1994), investigadora da área da psicologia social, partindo da premissa que o homem e a mulher são constructos sociais, analisou a situação da mulher no mundo do trabalho em Portugal, procurando verificar se esta é alvo de discriminação. Desde logo, apurou que, apesar de as estatísticas mostrarem que, em Portugal, a participação das mulheres na vida ativa é elevada, existe uma discrepância na distribuição de homens e mulheres por atividades profissionais e níveis hierárquicos (Amâncio 1994: 14). Por outro lado, os interesses profissionais entre homens e mulheres são diferentes, revelando diferentes aptidões e preferências, resultado das diferenças psicológicas entre eles.

Para Lígia Amâncio, “estes dados não diferem muito dos dados relativos a outros países [...], tanto no que diz respeito à marginalização das mulheres dos lugares de chefia e prestígio social, como no que diz respeito às expectativas e orientações que elas manifestam relativamente ao mercado de trabalho” (Amâncio 1994: 15). Por conseguinte, corrobora-se a inferioridade feminina na sociedade portuguesa e sociedades ocidentais, nomeadamente no que diz respeito ao mundo do trabalho.

3.3. Estudos sociolinguísticos e de comunicação e o género

À semelhança do que aconteceu com a análise sociolinguística de outras línguas, também a análise sociolinguística da língua portuguesa se apercebeu da importância do género enquanto variável a ter em consideração.

Embora de forma breve, João Nuno Paixão Corrêa Cardoso (1998), Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, também abordou a questão do género na língua portuguesa. Este linguista levou a cabo “[...] uma interessante investigação sociolinguística urbana” (Cardoso 1998: 72), durante a qual se debruçou sobre o estudo das estruturas de subordinação, mais especificamente o uso da locução conjuncional integrante *de que* e o *que*, enquanto simplificador da locução, pois, segundo ele, “os falantes nativos do português começam a optar, cada vez mais, pelo simples emprego do complementador *que*” (Cardoso 1998: 72).

Na sua investigação, João Nuno P. C. Cardoso (1998) verificou que existe uma oscilação no uso das duas estruturas, verificando-se uma grande difusão do complementador *que* sem o nexos prepositivo *de* na variedade culta de Coimbra. Na análise dos dados, em que os informantes estão divididos por género, em três estratos sociais (Médio, Médio-alto e Alto) e em três grupos etários (25-39 anos, 40-59 anos, 60-79 anos), verificou que:

- utilizam apenas o complementador *que* ambos os géneros da geração mais nova (25-39 anos) dos três estratos sociais e ainda as outras duas camadas etárias (40-59 anos e 60-79 anos) do estrato social Médio;

- a oscilação na preferência por uma das realizações sintáticas acontece nos estratos sociais mais elevados (Médio-alto e Alto), entre os informantes mais velhos, existindo uma clara diferença entre os géneros.

Assim, tendo em conta este último dado, o professor afirma:

- no estrato sociocultural Médio-alto, ao contrário dos seus pares, os elementos femininos, com as idades compreendidas entre os 40 e os 59 anos, optam muito mais frequentemente pela locução conjuntiva, aproximando-se das práticas discursivas dos homens do estrato alto;
- os informadores masculinos mais velhos da amostra e pertencentes aos dois grupos sociais mais altos usam geralmente a construção DE+Q nos seus enunciados, o que não acontece com as informadoras dos mesmos grupos, tendencialmente simplificadoras (Cardoso 1998: 73).

A partir destes resultados, João Nuno Paixão Corrêa Cardoso conclui que o comportamento verbal feminino, apontado no primeiro ponto, sublinha “[...] o reconhecimento do prestígio atribuído à figura masculina no círculo dos falantes cultos

urbanos, e o desejo de afirmação, através do jogo linguístico, da mulher em apertados contornos conservadores” (Cardoso 1998: 73). Já Robin Lakoff (1975) tinha postulado o esforço da mulher para falar correctamente como forma de afirmação social. Da mesma forma, Jennifer Coates sublinhou que as mulheres tendem a seguir a norma-padrão e evitam falar as variantes com menos prestígio (Coates 1986: 65). O mesmo reiterou Penelope Eckert ao afirmar que “[...] the use of standard language is a mechanism for maintaining face in interactions in which women is powerless” (Eckert 1997: 215). Por seu turno, Peter Trudgill defendeu que as mulheres eram mais conscientes do seu estatuto social do que homem e por isso, “[...] are therefore more aware of the social significance of linguistic variables” (Trudgill 1997: 182). O linguista apresentou duas razões para argumentar a sua teoria de que as mulheres são mais conscientes do seu estatuto social: 1) a posição social das mulheres na sociedade, ou seja, subordinadas ao homem e, por isso, sentem-se mais inseguras e necessitam de afirmar a sua posição social linguisticamente; 2) o homem é que tem o poder na nossa sociedade, sendo, por isso, ele que domina e aparece (Trudgill 1997: 183).

No fundo, o trabalho de João Nuno Paixão Corrêa Cardoso sobre a relação entre a escolha de uma estrutura sintáctica e o género vem frisar que, na sociedade portuguesa, o homem ainda tem um poder mais destacado relativamente à mulher. Por isso, consciente ou inconscientemente, esta adopta estratégias linguísticas para se afirmar socialmente, como seja procurar falar de acordo com os estratos socioculturais mais elevados.

Por outro lado, os estudos de comunicação e género surgiram por ação dos estudos feministas sobre os *media*. Segundo Silveirinha (1997), os estudos feministas começaram por analisar os *media* como transmissores de uma sociedade que exclui a mulher:

[...] poder-se-à dizer que uma parte da acção feminista consiste, por um lado, em avaliar criticamente os discursos construtores de uma teia de significado, de uma visão do mundo socialmente construída, que historicamente têm excluído ou secundarizado a experiência das mulheres (Silveirinha 1997: 3).

Dessa forma, para Silveirinha (1997), as feministas debruçam-se sobre duas linhas de investigação: “[...] os estudos feministas dos *media*, e outra de investigação em torno da esfera pública” (Silveirinha 1997: 3). Os estudos feministas dos *media* consideram que estes são centrais para os estudos de género, uma vez que moldam a realidade cultural e social. Nesse sentido, “[...] os estudos feministas dos *media* interessam-se pelas audiências, pelo exame das práticas sociais da mulher em relação aos textos mediáticos: consumo cultural, leitura feminina, contextos quotidianos da recepção, etc.” (Silveirinha 1997: 4). Por seu turno, os estudos feministas sobre a esfera pública lutam pelo reconhecimento público das mulheres, criticando a exclusão das mulheres da esfera pública (Silveirinha 1997: 6).

Foi sobre influência feminista que o género adquiriu relevo nos estudos de comunicação, nomeadamente através da análise dos meios de comunicação social, dos seus discursos e representações:

A forte influência que a teoria feminista exerceu no campo das ciências sociais a partir dos anos 60 reflectiu-se, especialmente a partir dos anos noventa, nos estudos da comunicação. A utilização do ‘género’ como categoria de análise favoreceu a consolidação de um campo de estudo sobre comunicação e género centrado na análise crítica dos meios de comunicação,

dos seus discursos e representações dos actores sociais, bem como das relações entre estes (Álvares e Silveirinha 2005: 919).

A partir daqui, os estudos focaram-se na presença ou ausência do género e seus estereótipos nos meios de comunicação (Álvares 2005: 949), pois os *media* funcionam como espelho da sociedade ainda patriarcal. Neste mesmo âmbito, a nossa investigação procura verificar como os *media* refletem as diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

3.4. Em busca de uma linguagem inclusiva

O feminismo, enquanto movimento de luta contra a opressão das mulheres, estimulou uma série de estudos que procuravam explorar as desigualdades de sexo / género. Entre estes, destacam-se muitas disciplinas sociais, como a psicologia social. Nesta área de estudo enquadra-se a investigação de Conceição Nogueira, com a obra *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Género* (2001).

À semelhança de outros investigadores internacionais, Conceição Nogueira distingue os conceitos de sexo e género, sublinhando o carácter meramente biológico do primeiro e apresentando o género como “[...] uma classificação que as sociedades construíram para exacerbar as diferenças entre homens e mulheres” (Nogueira 2001: 9). Portanto, o género diz respeito a todas as características psicológicas, sociais e culturais associadas às categorias biológicas de homem e mulher, categorizando assim o indivíduo em masculino e feminino. A partir daqui, Nogueira concorda com “[...] a construção social do género através da linguagem utilizada nos discursos com os quais é construída a realidade social” (Nogueira 2001: 10). É então através da linguagem que se transmite a ideologia dominante e se mantém a ordem social, perpetuando as desigualdades de género, conducentes ao sexismo.

Desta forma, Conceição Nogueira analisa a história e a luta feminista, procurando verificar em que medida o feminismo contribui para a construção de uma sociedade mais igualitária pela linguagem. Efetivamente, o movimento feminista postula que a diferenciação de género não é natural, mas decorre da interação entre os indivíduos, daí a importância da linguagem na construção do género. Por isso, Nogueira destacou o papel de muitas feministas inglesas “[...] no sentido de tornar as mulheres mais visíveis na linguagem” (Nogueira 2001: 218), uma vez que a linguagem estava ao serviço do poder e do domínio masculino. Por isso, tal como compreendeu o movimento feminista, não basta mudar leis, é preciso mudar “[...] as concepções subjacentes de papéis de género que criaram e sustentaram essas leis” (Nogueira 2001: 242), o que “[...] implica assumir um posicionamento reflexivo, crítico, e de comprometimento, isso é, a necessidade de um novo vocabulário de valores” (Nogueira 2001: 245).

Por conseguinte, estamos, atualmente, num momento em que se procura uma sociedade mais inclusiva, onde o género não seja motivo de desigualdade social. Efetivamente, apesar de uma das grandes conquistas do século passado ter sido, “[...] sem dúvida, a transformação que se operou na situação social das mulheres e, do mesmo passo,

nas relações sociais entre os dois sexos” (Silva 1999: 15), ainda subsistem práticas sociais discriminatórias, decorrentes “da tirania dos preconceitos que continuam a pesar negativamente sobre as mulheres e do próprio modo (masculino) como a atividade humana e as relações sociais estão organizadas” (Silva 1999: 18). Entre essas práticas discriminatórias está o uso da linguagem, onde o gênero é fonte de distinção entre homens e mulheres.

Capítulo 3

1. O género e as diferenças comunicativas em português europeu

Tendo em conta os estudos de género já efetuados, referenciados nos capítulos anteriores, vamos, neste trabalho de investigação, procurar verificar se existem diferenças comunicativas entre os homens e mulheres em português europeu, especificamente no âmbito de textos da comunicação social. O português europeu entende-se como o idioma usado pela comunidade portuguesa de Portugal e dos arquipélagos, Madeira e Açores. Não obstante, este trabalho centra-se somente no português usado em Portugal continental, uma vez que o *corpus* de investigação tem origem em Portugal continental. Portugal, à semelhança de outros países, revela também assimetrias de género, nomeadamente, como asseverou Stanley Brandes, “[...] women are much more secluded from public view than are men” (Brandes 1981: 217), conotando uma diferenciação de papéis e de poder do género, onde, como já sublinhámos também, a esfera pública é dominada pelo homem e a esfera doméstica pertence à mulher.

Nesse sentido, vamos partir também das ideias estereotipadas sobre estas diferenças comunicativas, para proceder à análise de um *corpus* linguístico para verificar a validade dessas visões. Tal como sublinharam Eckert e McConnell-Ginet, as ideias estereotipadas devem ser alvo de estudo e investigação, uma vez que fazem parte da nossa vida sociolinguística:

Stereotypes are the starting point of much research on language and gender for a reason. First of all, any research begins with a focus or a hypothesis, and foci and hypotheses have to come from somewhere. If gender stereotypes are part of our sociolinguistic life, the need to be examined - not simply as possible facts about language use, but as components of gender ideology (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 85).

Assim, procuramos debruçar-nos basicamente sobre as seguintes ideias estereotipadas, criadas a partir do trabalho de Lakoff (1975):

- 1) A linguagem da mulher baseia-se na função emotiva da comunicação, ligada às emoções, sendo subjetiva; a do homem à função referencial da comunicação, sendo, por isso, mais objetivo no seu discurso;
- 2) No discurso da mulher predomina a parataxe e no do homem a hipotaxe;
- 3) A mulher tem um discurso desordenado de acordo com as regras da lógica;
- 4) A mulher hesita mais e deixa mais frases inacabadas;
- 5) A mulher usa mais frequentemente perguntas, incluindo afirmações disfarçadas em perguntas;
- 6) A mulher fala menos que o homem em grupos mistos de conversação;
- 7) A mulher fala mais de assuntos privados e domésticos e o homem de assuntos públicos, de negócios, de política, etc.;

- 8) A mulher fala mais do que os homens;
- 9) A mulher é mais cortês e cooperante na conversação do que o homem, que tende a interromper a mulher e a dominar as conversas;
- 10) As mulheres são mais conservadoras e procuram usar mais a língua padrão, pois esta é a que confere mais prestígio social.

Estas ideias estereotipadas são o ponto de partida para as hipóteses que levantamos:

1. homens e mulheres comunicam de forma díspar;
2. as mulheres usam uma linguagem mais subjetiva do que os homens;
3. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se nos *media* e nos textos produzidos pelos *media*;
4. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se na escolha dos temas a abordar e no uso das diferentes classes de palavras.

Procurando respostas para estas hipóteses, partimos para a nossa investigação, centrada maioritariamente na análise de textos de opinião produzidos pelos *media* portugueses escritos e radiofónicos, sendo em igual número de autoria feminina e masculina, mas distribuídos por quatro décadas distintas, mais especificamente pelos anos de 2009, 1999, 1989 e 1979. O objetivo é assim verificar se as diferenças comunicativas entre homens e mulheres se refletem nos *media* observados. Escolhemos analisar textos publicados no pós 25 de Abril, numa altura em que os valores democráticos estão novamente instaurados em Portugal, uma vez que só em democracia se desenvolvem os meios de comunicação social (Traquina 2007). Por outro lado, é também a partir deste momento que a mulher portuguesa ascende a um lugar na esfera pública, pois começa a sair de casa para trabalhar, conquistando a sua independência económica e, conseqüentemente, social. Escolhemos os textos de opinião por permitirem a expressão de opiniões e pontos de vista, bem como a adoção de um estilo discursivo próprio do seu autor. Esta análise de textos dos *media*, transversal a quatro décadas, permite-nos fazer uma análise diacrónica tendo em conta a evolução do contexto sociocultural e político português.

Por isso, tendo em conta estas premissas e os estudos já realizados em outros países europeus e americanos, partimos para a análise de textos escritos e orais em português europeu. Dessa forma, levamos a cabo um trabalho de pesquisa, baseado na análise do discurso, recorrendo a dois programas informáticos de análise estatística de dados - *Tropes Semantic* e *Lexicon* - que nos permitirão fazer uma análise de conteúdo do nosso *corpus* linguístico, procurando comparar e estabelecer diferenças entre o discurso masculino e o feminino.

Convém sublinharmos que a noção de discurso aqui presente é muito mais abrangente do que a conceção linguística, que entende o discurso como a linguagem em uso, isto é, não estamos no domínio da análise sintática e semântica de frases, mas do modo como se produz significado quando se usa a linguagem em determinados contextos com objetivos específicos (Cameron e Kulick 2003: 16). Temos ainda presente o conceito de Michel Foucault, que define discurso como “[...] practices that systematically form the objects of which they speak”

(Focault 1972: 149). Portanto, embora estejamos perante duas concepções diferentes de discursos, ambas vão estar presentes no nosso estudo, uma vez que a análise crítica do discurso, para além da análise linguística do mesmo, envolve o contexto situacional, socialmente localizado, em que foi construído esse discurso e que o justifica e explana. Neste caso específico, não podemos esquecer que estamos no domínio dos *media*, onde os textos devem ser redigidos num registo corrente, com uma linguagem clara, concisa e correta, procurando chegar ao maior número de público.

1.1. Metodologia: técnicas e métodos de investigação

O nosso trabalho de investigação insere-se no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, mais especificamente nas Ciências da Comunicação, por isso, a escolha da metodologia revela-se fundamental para o sucesso do mesmo. Por outro lado, sendo que estamos no âmbito dos estudos de género e das diferenças comunicativas torna-o ainda mais complexo. Tal como sublinharam Barrie Thorne e Nancy Henley, “[...] diverse disciplines, methods, and frameworks have been used for exploring the sexual differentiation of language” (Thorne e Henley 1975^a: 9). Efetivamente, as investigações levadas a cabo têm enveredado por uma plêiade de metodologias e áreas, desde estudos etnográficos e sociolinguísticos, passando por análise gramatical, análise do discurso, linguística antropológica, análise da conversação, psicologia discursiva, análise textual, pragmática, etc. Esta diversidade de áreas de estudo e de metodologias atesta a complexidade do tema e a interdisciplinaridade que este exige. Por isso, é importante traçar uma abordagem e uma metodologia para trabalhar o tema.

Jane Sunderland e Lia Litosseliti enumeram sete abordagens ou metodologias para conduzir a investigação na área das diferenças comunicativas de género: “(1) sociolinguistics and ethnography, (2) corpus linguistics, (3) conversation analysis (CA), (4) discursive psychology, (5) critical discourse analysis (CDA), (6) feminist poststructuralist discourse analysis (FPD) and (7) queer theory” (Sunderland e Litosseliti 2008: 5). As mesmas autoras sublinham que, atualmente, já se combinam abordagens e metodologias para enriquecer e tornar o trabalho de investigação mais produtivo.

Desta forma, o nosso trabalho de investigação vai ser guiado por uma abordagem de (2) *corpus linguistics*. Este utilizará uma metodologia de análise mais quantitativa, mas também qualitativa. Desta forma, o *corpus* linguístico trabalha-se com “[...] frequencies and probabilities in its analysis of corpora of up to several million words” (Sunderland e Litosseliti 2008: 6). Por isso, “[...] corpus linguistics is ideally placed to investigate whether a particular word or phrase is used more by men or women. It thus has the potential to make claims which other approaches cannot” (Sunderland e Litosseliti 2008: 6).

Seguindo esta abordagem, a nossa investigação obedece a três métodos de investigação científica: o método indutivo, o descritivo e o correlacional. O método indutivo “[...] defende que na investigação se deve começar por uma observação para que, no final de um processo,

se possa elaborar uma teoria” (Freixo 2009: 95). De acordo com este método, será então importante reunir o maior número possível de factos para observação e posterior análise.

O método descritivo, através do qual se procura identificar, observar e descrever os factos que suportam as hipóteses levantadas, “ [...] assenta em estratégias de pesquisa para observar e descrever comportamentos, incluindo a identificação de factores que possam estar relacionados com um fenómeno em particular” (Freixo 2009: 106). O objetivo principal do método descritivo é fornecer uma caracterização precisa das variáveis envolvidas num fenómeno.

Por último, usamos o método correlacional, através do qual estabelecemos interrelações entre duas variáveis, neste caso, o género e a comunicação. “Este método de investigação situa-se entre os métodos descritivos” (Freixo 2009: 115) e envolve três etapas:

- definição do problema, ou seja, as relações entre as variáveis que irão ser alvo de estudo deverão ser provenientes da teoria ou da experiência, supondo-se respetivamente dedutiva ou indutivamente que existe uma relação entre elas. Por isso, deve partir-se da formulação de uma ou mais hipóteses que estabeleçam a relação entre as variáveis, relação que irá ser verificada através do estudo;

- amostra e seleção do instrumento;

- recolha, análise e interpretação dos dados.

No atinente aos modos de recolha de dados utilizadas na investigação, socorremo-nos da análise documental, como sejam textos dos *media* impressos (artigos de opinião publicados em revistas e jornais nacionais) ou gravados (programas de rádio). A partir destes dados, proceder-se-á à análise de conteúdo qualitativa e quantitativa. Esta recolha e análise de dados será realizada com a ajuda de dois programas informáticos de análise estatística de dados - *Tropes Semantic* e *Lexicon* -, que estão longe de ser semelhantes ao programa desenvolvido por Moshe Koppel. Este matemático, especializado em Ciência da Computação a residir em Israel, desenvolveu um programa informático que permite descobrir se o autor de um texto é homem ou mulher (Fingerman 2004). O seu programa trabalha a categorização textual por forma a descobrir as combinações lexicais e sintáticas características de cada género:

[...] it is shown that automate text categorization techniques can exploit combinations of simple lexical and syntactic features to infer the gender of the author of an unseen formal written document with approximately 80% accuracy (Koppel *et al.* 2003).

Não obstante, à semelhança do programa de Moshe Koppel, neste trabalho procuramos, através do *Tropes Semantic* e do *Lexicon*, sistematizar as principais diferenças discursivas entre homem e mulher. Por outro lado, à semelhança do referido investigador, também nos vamos centrar em produções discursivas realizadas em contextos mais formais, como são os textos de opinião publicados nos *media* e os programas de rádio. Segundo alguns investigadores (cf. Berryman-Fink e Wilcox 1983; Simkins-Bullock e Wildman 1991), as diferenças entre homens e mulheres são menores em contextos mais formais de comunicação. Contudo, acreditamos também encontrar diferenças de género nessas formas discursivas, já que também Moshe Koppel conseguiu diferenciar o género autoral de diferentes textos,

apresentando características discursivas diferenciadoras dos gêneros. Assim, este investigador conseguiu sistematizar que os homens usam mais especificadores do nome, como determinantes, numerais e modificadores; já as mulheres recorrem majoritariamente à negação, a pronomes e a certas preposições.

For example, the function words which consistently appear in the final iteration training on fiction are: male features - *a, the, as*; female features - *she, for, with, not*. When training on non-fiction we find: male features - *that, one*; female features - *for, with, not, and, in*. [...] the picture that emerges is that the male indicators are largely noun specifiers (determiners, numbers, modifiers) while the female indicators are mostly negation, pronouns and certain prepositions (Koppel *et al.* 2003).

Desta forma, Koppel apresenta “[...] convincing evidence of a difference in male and female writing styles” (Koppel *et al.* 2003). Do mesmo modo, as suas investigações vão também ao encontro de estudos anteriores (Aries e Johnson 1983; Tannen 1990), que postulam que os homens falam mais de objetos e de algo concreto e as mulheres falam mais das relações afetivas (Argamon *et al.* 2003). Assim sendo, Argamon, Koppel, Fine e Shimoni postulam que a mulher tem como característica discursiva o recurso destacado a pronomes, bem como o seu envolvimento (“involvedness”) no discurso (Argamon *et al.* 2003). Por sua vez, segundo os mesmos autores, os homens têm como característica diferenciadora o uso de especificadores, como são os determinantes e nomes comuns (Argamon *et al.* 2003).

Por último, o contributo das feministas e do feminismo do século passado também foi fundamental para a procura e investigação dessas diferenças discursivas entre homens e mulheres. Segundo o ginocriticismo (“gynocriticism”), o estudo feminista da escrita das mulheres, “[...] all writing by women is marked by gender” (Showalter 1989: 4).

Deste modo, neste trabalho, também recorrendo a programas informáticos de levantamento estatístico de dados, procuramos diferenciar os discursos feminino e masculino. Assim, começamos pela aplicação do programa *Tropes Semantic*, através do qual fazemos um levantamento do estilo geral e da encenação presentes no texto. Quanto ao estilo geral, os textos podem pertencer a um de quatro estilos dominantes:

- estilo argumentativo, em que o sujeito se implica, argumenta, explica ou critica para tentar persuadir o seu interlocutor;
- estilo narrativo, em que o narrador expõe uma série de acontecimentos que sucedem num dado momento e num certo lugar;
- estilo enunciativo, em que o locutor e o interlocutor estabelecem uma relação de influência e revelam os seus pontos de vista;
- e estilo descritivo, onde o narrador descreve, identifica ou caracteriza uma realidade ou uma pessoa.

As encenações verbais possíveis são:

- dinâmica e ativa, onde predominam verbos de ação;
- ancorada no real, onde dominam verbos de existência e de posse;
- narrador objetivo, em que os verbos permitem fazer uma declaração sobre um estado, uma ação, etc.;
- narrador subjetivo, onde existem numerosos pronomes na primeira pessoa do singular.

Através do *Tropes Semantic* conseguimos também perceber, através dos universos de referência, quais são os temas e assuntos dominantes nos textos analisados. Por outro lado, obtemos ainda o número total de palavras e de frases presentes no texto, o que nos permite fazer uma média de palavras por frase, comparando a extensão destas nos textos femininos e masculinos. A par disto, o programa agrupa-nos as palavras em grandes categorias, como sejam: os verbos; os conectores; as modalizações (advérbios e locuções adverbiais); os adjetivos qualificativos e os numerais; os pronomes e os nomes. Dentro destes dados, temos ainda acesso à distribuição estatística das diferentes subclasses destas categorias.

A partir do momento em que chegamos às classes de palavras, recorreremos também ao outro programa de análise estatística de dados - o *Lexicon* -, que nos permite analisar mais ao pormenor as diferentes classes de palavras, nomeadamente o seu número de ocorrência. Com este programa, pretendemos assim destacar as palavras mais usadas pelos dois géneros dentro das diferentes classes de palavras. Portanto, enquanto o *Tropes* nos fornece o número total de palavras dos textos e o número total de palavras nas suas diferentes categorias, o *Lexicon* apresenta-nos o número de ocorrências das diferentes palavras de cada classe e formas contraídas (como no caso das preposições contraídas com artigos e pronomes).

1.2. *Corpus* de análise

Sendo que o objetivo do nosso trabalho é verificar se existem diferenças de género na comunicação social em português europeu, o *corpus* de análise da nossa investigação parte da análise dos discursos feminino e masculino nos *media* portuguesas. A escolha deste *corpus* baseou-se, primeiramente, no facto de a linguagem dos *media* ser uma linguagem estandardizada e que segue a norma-padrão, evitando, assim, que outras variáveis, como a classe social ou o estatuto, condicionem os resultados. Por outro lado, Philip M. Smith (1985) afirma que a linguagem, independentemente da forma ou modo como se utilize, mesmo que seja com o auxílio dos *media*, é o repositório e o veículo de transmissão do que se sabe e do que não se sabe sobre os sexos e o género:

Language, in the form of popular, educational, artistic and scientific literature, informal conversation and formal rhetoric, conveyed at first hand or with the aid of intervening media, is the repository of our shared wisdom (or lack of it) about the sexes. It is also the main vehicle whereby this wisdom is disseminated throughout society, between generations and across cultures - to be interpreted and accepted, or challenged, debated, transformed and rejected [...] (Smith 1985: 31).

Nesta ordem de ideias, apareceram diversos trabalhos de investigação sobre a representação dos géneros nos *media*. Por exemplo, Goffman (1976) analisou mais de 500 anúncios publicitários onde surgissem a mulher, o homem e crianças, e concluiu que os anúncios representam as convenções e os papéis sociais de cada um na sociedade. Também Kramarae (1981) estudou a representação dos sexos em publicações para adolescentes, a partir dos quais concluiu que os interesses das raparigas e dos rapazes eram diferentes de acordo com os comportamentos que são esperados deles. Por sua vez, Myra Macdonald (1995)

debruçou-se mais especificamente sobre a representação da mulher nos *media* ocidentais, tendo sublinhado a importância do discurso nos *media*, que está associado às estruturas institucionais do poder e da autoridade (Macdonald 1995: 43). Mais recentemente, Rosalind Gill (2007) também abordou a questão do género nos *media* na atualidade. Para a referida autora, a pertinência do estudo da relação entre o género e os *media* reside no facto de estes serem, simultaneamente, agentes divulgadores das ideias feministas e, por outro lado, ainda persistirem neles imagens e padrões alusivos a um sexismo latente (Gill 2007: 2). Por sua vez, para Meyers (1999), os *media* desempenham um papel de manutenção do consenso hegemónico ou do *status quo*, em que as mulheres, tal como os idosos, os negros, os homossexuais, entre outros, aparecem como grupos subordinados ou inferiores. Dessa forma, os *media* aparecem como reproduzindo a ideologia dominante da realidade envolvente:

Subordinated groups - women, people of color, the poor and working classes, lesbians and gay men, the elderly - are encourage to “buy into” the dominant ideology which, in fact, maintains the status quo by keeping them subordinated. Thus, the ideological work of the media consists, in part, of presenting a reality that appears more natural or real than the material circumstances of subordinated people’s lives [...] (Meyers 1999^b: 7).

Não obstante, a referida investigadora também ressalva que muitas das mensagens dos *media* vão além da ideologia dominante e apresentam-se bastante polissémicas, dependendo da interpretação do seu público (Meyers 1999^b: 8).

No atinente ao nosso trabalho de investigação, nós vamos ultrapassar a questão da representação dos géneros nos *media* e vamos centrar-nos, maioritariamente, na análise e diferenciação dos discursos masculinos e femininos nesses *media*, seja a nível escrito como oral. Assim, são alvo de análise textos de opinião, de autoria feminina e masculina, publicados em jornais e revistas nacionais nos anos de 2009, 1999, 1989 e 1979, percorrendo quatro décadas do pós 25 de Abril, período a partir do qual se desenvolve um novo contexto sociopolítico, que conquistou a liberdade de expressão e, conseqüentemente, da comunicação social. Ainda, como ilustração do registo oral e para comparação de resultados, analisamos também programas de rádio, com intervenientes femininos e masculinos.

2. Análise de textos de opinião publicados nos *media* portugueses

2.1. *Corpus* e metodologia

Tendo em conta as sete abordagens ou metodologias para conduzir a investigação na área das diferenças comunicativas de género propostas por Jane Sunderland e Lia Litosseliti (2008), a análise dos textos de opinião dos *media* portugueses foi guiado por uma abordagem de análise de um *corpus* linguístico, a partir do qual se procura fazer uma análise de conteúdo qualitativa e quantitativa dos dados. Esta recolha e análise de dados será realizada com a ajuda de dois programas informáticos de análise de conteúdo: *Tropes Semantic*, software distribuído por Cyberlex, ACETIC, 1994-2004; e *Lexicon*, versão 5.2, 1999-2010, do *Projecto Vercial*.

Como já referimos, tendo em conta que o objetivo do nosso trabalho é verificar se existem diferenças de género na comunicação, analisámos textos de opinião publicados nos *media* portugueses, 50% de autoria feminina e 50% de autoria masculina, publicados em jornais e revistas nacionais com data de 2009, 1999, 1989 e 1979. A escolha e seleção destes textos passou pela obrigatoriedade destes serem assinados, procurando ter-se o mais variado número de autores, constituindo-se um *corpus* por conveniência.

Aceitando a distinção tripartida dos textos jornalísticos em três géneros, informativo, interpretativo ou de opinião e ameno-literário (Rei 2000^b: 120), podemos inserir este *corpus* textual no género interpretativo ou de opinião, sendo que engloba crónicas, comentários, editoriais, críticas, ensaios e artigos de opinião²⁶. Portanto, estes tipos de texto interpretam os acontecimentos da atualidade, valorizando os factos “[...] em função de uma posição pessoal, com o objectivo de fomentar um estado de opinião favorável aos seus juízos e conclusões, quer dizer, orientar a opinião pública” (Rei 2000^b: 121). Assim sendo, embora respeitem a estereotipia, a clareza e a concisão, características, regra geral, dos textos jornalísticos, estes textos pautam-se pela subjetividade e pelo estilo próprio de cada autor, não sendo, por isso, textos estandardizados. De facto, como postula Gradim (2000), os textos de opinião são pessoais e subjetivos, mas pretendem chegar a um público alargado:

Os textos de opinião são pessoais e inteiramente subjectivos, mas também trazem em si uma pretensão de validade se não universal, pelo menos intersubjectivamente alargada. Quem escreve opinião está ciente da parcialidade das suas posições, mas simultaneamente, admite e deseja que estas sejam partilhadas e adoptadas por um grande número de receptores dessa opinião - é esse o sentido da argumentação: converter, convencer, arregimentar (Gradim 2000:75).

Por este motivo, estes tipos de texto permitem ver ideias, ideologias, crenças e maneiras de ser do seu autor. Do mesmo modo, permitem aferir as características discursivas dos seus autores tendo em conta o género.

²⁶ Se seguirmos a Escola Francesa, este *corpus* de textos em análise inserir-se-á no género de comentário, que concorre com o género informativo, de fantasia e “nobre” (Martin-Lagardette 1998: 62 e ss.).

Por outro lado, sublinhamos que todos estes textos foram publicados na imprensa nacional, regional ou local, abordando os mais diversos temas.

No total, analisámos 200 artigos de opinião, distribuídos por quatro décadas diferentes. Assim, analisámos 50 textos de opinião, 25 de autoria feminina e 25 de autoria masculina, publicados no ano de 2009, repetindo o mesmo processo, com igual número de textos publicados nos anos de 1999, de 1989 e de 1979. Desta forma, pretendemos, no final do percurso analítico, proceder a uma análise comparativa e diacrónica entre os textos publicados nas diferentes décadas para verificar se existe variação entre os resultados obtidos entre os géneros e dentro do próprio género. Começámos assim pela análise dos textos com data de publicação mais recente, por serem mais contemporâneos da nossa investigação, seguindo-se a análise dos outros textos seguindo a lógica do mais recente para o mais antigo. Depois, procederemos à já referida análise comparativa para verificarmos se existiu alguma alteração entre os discursos masculinos e femininos nos textos publicados entre 1979 e os textos mais contemporâneos. Por último, analisamos todos os conjuntos de textos masculinos e femininos em dois grandes conjuntos para aferir características gerais e que permanecem diacronicamente nos textos dos homens e nos das mulheres.

2.2. Análise dos textos

2.2.1. Textos de opinião de 2009

Estes textos de opinião, datados do ano de 2009, abordam temas de interesse nacional e, por vezes, internacional, como seja política nacional, problemas ambientais, desemprego, direito e justiça, economia nacional e europeia, etc. Por isso, têm um público-alvo bastante abrangente, todo o povo português, não se descortinando públicos específicos para determinados textos. Foram publicados em jornais nacionais diários, como o *Jornal de Notícias* (6 textos masculinos e 10 textos femininos) e o *Diário de Notícias* (1 texto masculino e 5 textos femininos); em jornais semanais, como o *Jornal de Negócios* (2 textos masculinos) e o *Expresso* (4 textos femininos); em revistas semanais de informação noticiosa, como a *Visão* (7 textos masculinos e 1 texto feminino), a *Sábado* (4 textos masculinos e 2 textos femininos), a *Notícias Sábado* (2 textos masculinos) e a *Notícias Magazine* (3 textos masculinos e 1 texto feminino); e ainda em dois jornais de imprensa regional e local, *Jornal Metro* (1 texto feminino) e *Jornal de Odivelas* (1 texto feminino).

Quanto aos autores masculinos, temos textos de: Ricardo Araújo Pereira; Pedro Norton; Filipe Luís; Edgardo Pacheco; Nuno Paixão Louro; Honório Novo; José Carlos de Vasconcelos; Pedro Camacho; Pacote de Oliveira; Mário Soares; Miguel Carvalho; Ivo Pedro Carvalho; Rafael Barbosa; Pedro Santos Guerreiro; Lima Reis; António Mega Ferreira; Luís Filipe Menezes; Joel Neto; Nuno Rogeiro; Paulo Moraes; Paulo Baldaia; Sérgio Andrade; Ferreira Fernandes; Jorge de Queirós Paiva; António Perez Metelo.

Quanto às autoras femininas, referenciamos: Áurea Sampaio; Joana Amorim; Vânia Beliz; Inês Pedrosa (2 textos); Glória Rebelo (4 textos); Ana Jorge; Maria João Xavier; Alice Vieira (4 textos); Marta Medeiros; Clara Ferreira Alves; Sofia Galvão; Maria José Nogueira Pinto (2 textos); Maria de Lurdes Vale; Maria João Avillez; Fernanda Cândia; Filomena Martins (2 textos).

Numa primeira fase da análise dos textos, agrupámos os 25 textos de cada género em um só texto de género, por forma a obter resultados mais globais. Assim, no total o texto dos homens tem 12.978 palavras e o das mulheres 13.455, tornando-se um pouco mais extenso em 477 palavras. Quanto ao número de frases, o texto dos homens apresenta 1.574 frases e o das mulheres, 1.694. Em média, os períodos de autoria masculina têm 8,25 palavras e os de autoria feminina têm 7,94 palavras. Assim, na generalidade, as frases das mulheres são menos extensas, conseqüentemente, têm uma estrutura sintática mais simples, como se pode ver pela distribuição do uso dos conectores (cf. gráfico 9), onde se pode verificar que a mulher usa mais conectores de adição, disjunção e causa, revelando um tendência para uma construção frásica paratática.

No entanto, como numa segunda fase, analisámos os 50 textos individualmente, também nos socorremos dessa análise para complementar a análise geral das diferenças de género presentes nos textos.

No que concerne os assuntos tratados, nota-se que os temas mais comuns, quer nos homens, quer nas mulheres, surgem agrupados em conceitos gerais e vida humana. Estes desdobram-se em variadíssimos tópicos, desde a vida, a morte, a saúde, a política, a sociedade, etc. Estes são também temas que vão ser também específicos, sendo aí que se nota a diferença. Desde logo, nota-se uma maior percentagem masculina no que diz respeito à abordagem de assuntos como política, geografia, sociedade, desporto e lazer e negócios, realçando o forte pendore do homem para as atividades realizadas fora de casa, no mundo exterior e dos negócios. Por sua vez, a mulher fala mais de sentimentos, da família e de saúde, conotando a preocupação das mulheres com o estabelecimento e o bem-estar das suas relações, tal como havia defendido Lakoff (1975).

Entre os sentimentos e emoções que predominam nos textos femininos, destacamos a tristeza, a insatisfação e o medo, revelando uma certa insegurança e instabilidade da mulher, asserção feita também para caracterizar a linguagem da mulher. Por outro lado, também se nota uma forte preocupação com o emprego e o trabalho, revelando que a mulher já não se cinge ao reino doméstico, tendo já conquistado um lugar no mundo do trabalho, dominado anteriormente pelo homem (Spender 2001). Nesta ordem de ideias, aparece também mais preocupada com o direito e a justiça social, sinal de quem já tinha sido considerado um grupo minoritário e oprimido por uma sociedade patriarcal (Lakoff 1975; Spender 2001).

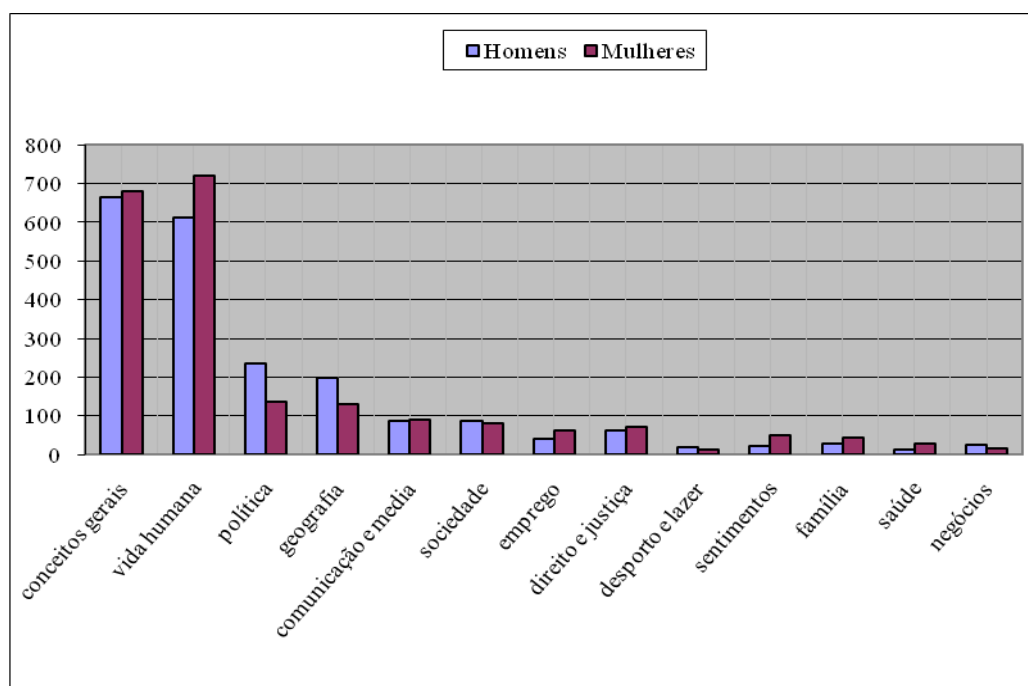


Gráfico 1. Principais assuntos abordados nos textos datados de 2009.

Assim, no seu todo, o estilo geral dos textos masculinos é descritivo e dos femininos é narrativo (cf. gráfico 2). Enquanto o estilo descritivo se caracteriza por o autor identificar e caracterizar uma realidade, acontecimento ou pessoa; o narrativo caracteriza-se pela existência de um narrador que expõe uma série de acontecimentos que se sucedem num dado momento e num certo lugar. Efetivamente, estamos perante textos jornalísticos não padronizados, em que o estilo é livre e a subjetividade do seu autor está presente. Destaca-se ainda o uso do estilo argumentativo em alguns textos, revelando que o sujeito explica ou critica para tentar persuadir o seu interlocutor ou interlocutores. O uso deste estilo argumentativo é maior nas mulheres, a que se juntam dois textos em estilo enunciativo, ou seja, um estilo em que o autor traça e revela o seu ponto de vista (cf. gráfico 2).

O estilo dominante nos textos sublinha uma maior subjetividade no discurso da mulher, que é corroborado pela existência, em vários textos, de um narrador subjetivo (cf. gráfico 3) e pelo maior recurso ao pronome pessoal “eu”(cf. gráfico 6). Por sua vez, nos textos de autoria masculina predomina uma encenação verbal dinâmica e ativa, comprovada pela existência de verbos de ação. Mais uma vez, esta subjetividade vai ao encontro das asserções feitas sobre a “woman’s language”, que se caracteriza por ser subjetiva e sentimental (Lakoff 1975), enquanto o homem aparece como mais objetivo e ativo.

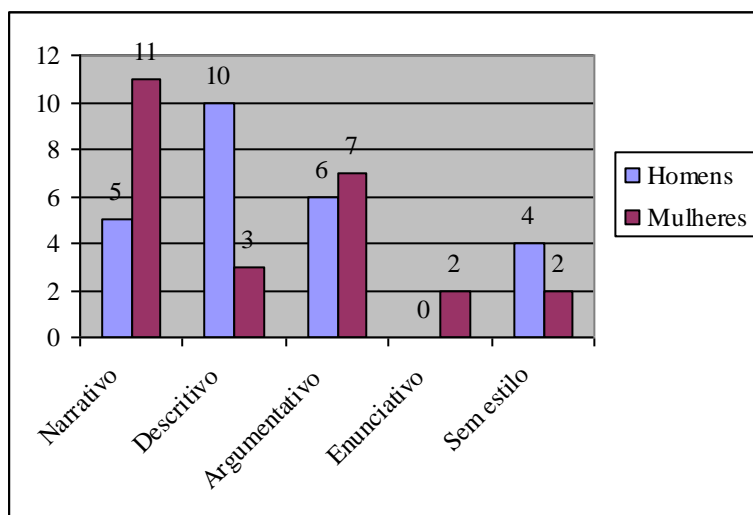


Gráfico 2. Estilos dominantes nos textos de 2009.

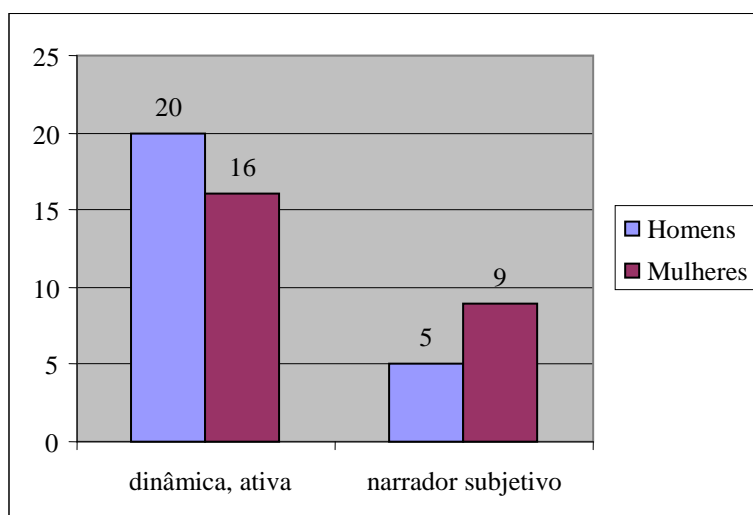


Gráfico 3. Encenações verbais nos textos de 2009.

No que diz respeito às classes de palavras, destaca-se o uso superior de adjetivos por parte da mulher relativamente ao homem, que, por sua vez, usa mais nomes (cf. gráficos 4 e 5). Também ao nível do recurso aos verbos, destaca-se que a mulher os emprega em maior número do que o homem (cf. gráficos 4 e 5). Desta forma, estes dados contrariam os apresentados no gráfico 2, em que o estilo predominante nos textos masculinos é o descritivo e nos femininos é o narrativo, sendo que, regra geral, é no estilo descritivo que dominam os adjetivos, usados para descrever e caracterizar, e no narrativo, os nomes. Estes resultados vêm acentuar, mais uma vez, o pendor subjetivo da mulher que, como já referimos, usa mais do que o homem o pronome pessoal “eu” (cf. gráfico 7), recorrendo também ao “tu” para estabelecer maior proximidade com o interlocutor, estratégia usada como forma de influência.

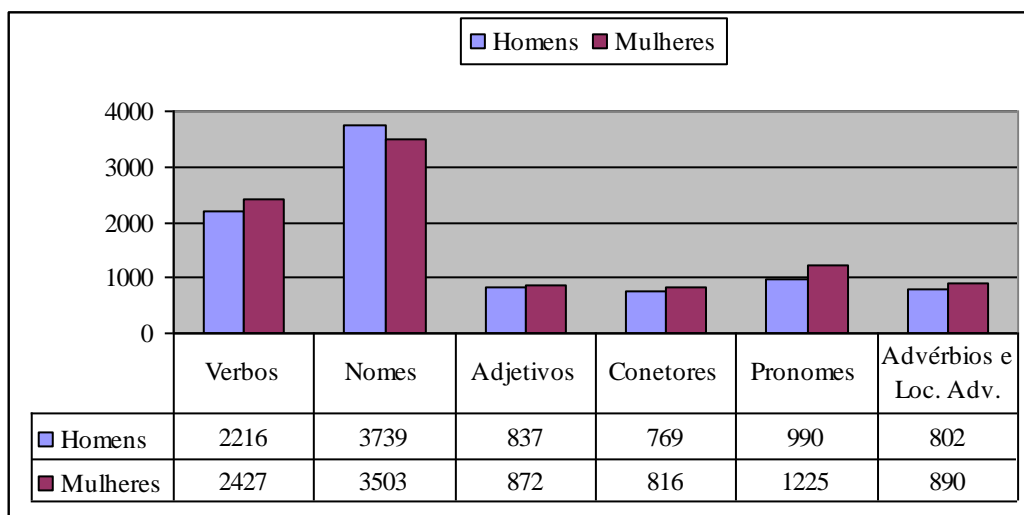


Gráfico 4. Distribuição das palavras por categorias nos textos de 2009.

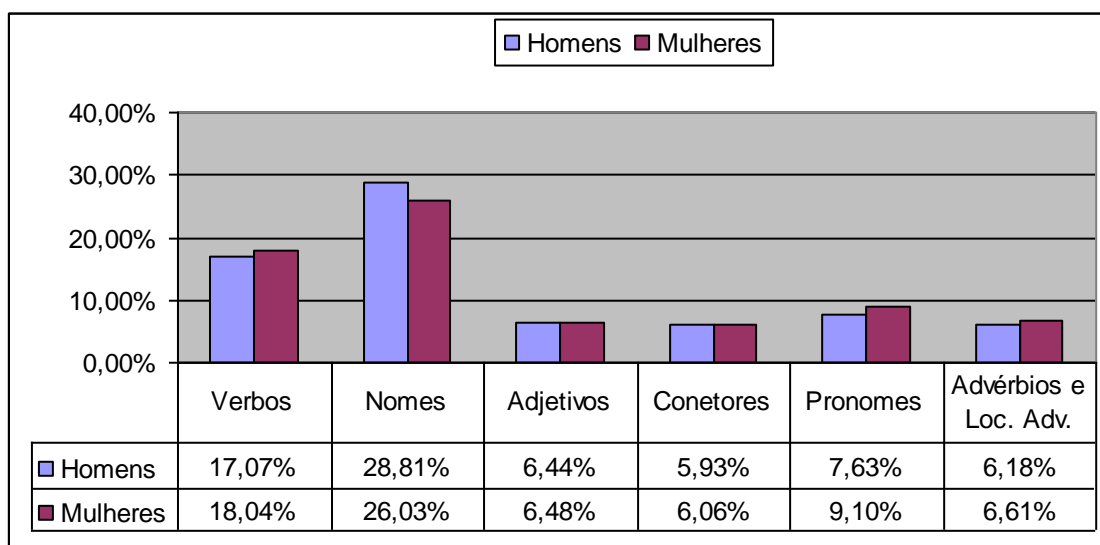


Gráfico 5. Distribuição percentual das palavras por categorias nos textos de 2009.

Mesmo no que diz respeito ao uso dos adjetivos, as autoras femininas preferem os adjetivos subjetivos, como sejam *novo, grande, bom, melhor, importante, social, maior, capaz, mau, excelente, normal, diferente, triste*, entre outros. O homem usa adjetivos mais específicos dos assuntos que trata, como, por exemplo, *social, último, global, europeu, político, nacional, democrático, ambiental, económico, civil, orçamental, institucional, municipal*, etc. Os textos masculinos também têm adjetivos subjetivos como *grande, bom, novo, difícil, fácil, forte, diferente, deprimente*, etc.

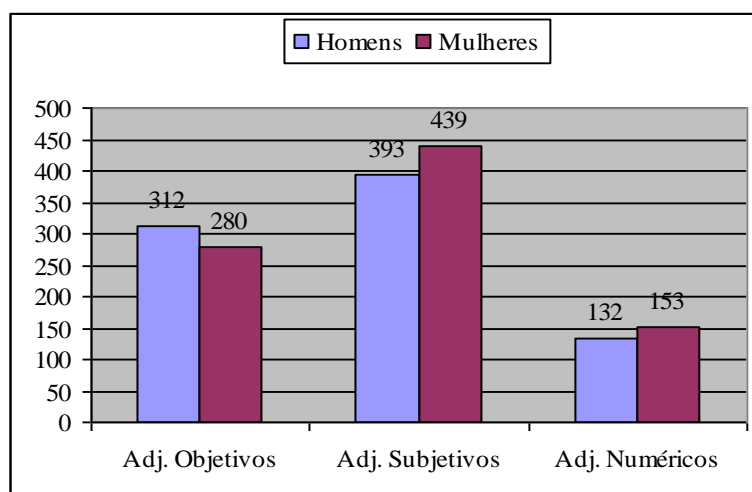


Gráfico 6. Uso dos adjetivos nos textos de 2009.

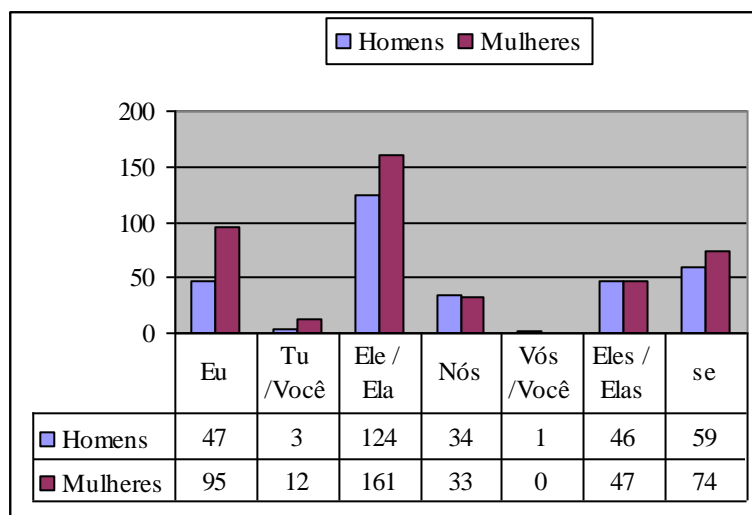


Gráfico 7. Pronomes pessoais nos textos de 2009.

No atinente aos verbos, quer nos textos masculinos, quer nos textos femininos, predominam os verbos factivos (como *fazer, dar, chegar, entrar, pôr*, etc.). No que concerne aos verbos estativos (como *ser, ter, estar*, etc.), que exprimem estados ou noções de posse, as mulheres destacam-se com maior número de uso, tal como sobressaem no uso de verbos declarativos, (como *dizer, pensar*, etc.). No entanto, as diferenças de uso dos verbos, na generalidade, não são muito discrepantes.

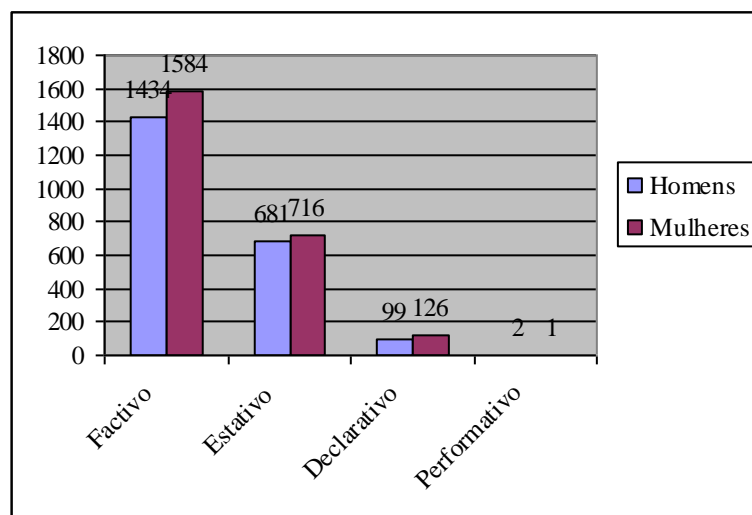


Gráfico 8. Categorias de verbos nos textos de 2009.

No atinente às modalizações (advérbios ou locuções adverbiais), estas permitem ao autor implicar-se no discurso ou situar o que diz contextualmente através de noções de tempo, lugar, modo, afirmação, dúvida, negação e intensidade. Como comprova o gráfico 9, nota-se a maior preocupação feminina em situar o seu texto no tempo e no espaço através do uso de advérbios de tempo e lugar, bem como de conectores de lugar, a que não é alheio o facto de o estilo textual predominante ser o narrativo. Por outro lado, convém realçar o elevado uso, por ambos os géneros, de modalizações de negação e de intensidade, que conotam dramatização do discurso, subjacente ao facto de serem textos jornalísticos do género interpretativo ou de opinião. Curioso é também o igual número de uso de advérbios de dúvida. De facto, tanto as mulheres como os homens recorreram 10 vezes a modalizações de dúvida. As mulheres utilizaram *talvez* (6 vezes), *se calhar* (2 vezes), *provavelmente* (1 vez) e *por acaso* (1 vez). Os homens utilizaram *talvez* (5 vezes), *provavelmente* (3 vezes), *quicá* (1 vez) e *porventura* (1 vez).

Estas expressões de dúvida foram apresentadas por Jennifer Coates (1996) como uma outra característica feminina. São os chamados “hedges”, ou seja, expressões ‘barreira’ como *talvez*, *do tipo*, *provavelmente*, *quero dizer*, *bem*, *penso que*, *acho que se calhar*, *tu sabes que...* Para Coates (1996) estas expressões permitem evitar que se diga algo de definitivo e definido, deixando as nossas opções em aberto. Por isso, atesta que este tipo de expressões é frequentemente usado pelas mulheres nas suas conversas (Coates 1996: 152), sendo usado quando existe dúvida ou falta de confiança no que se está a dizer, para não ferir susceptibilidades ou os sentimentos dos outros, quando não se encontra a palavra certa ou ainda para evitar ser-se tido como perito no assunto. Porém, como se nota, também os homens usam o mesmo tipo de expressões quando o tipo de discurso assim o exige, ou seja, quando faltam certezas sobre o que se diz ou quando não se pretende ferir susceptibilidades, como é o caso destes textos jornalísticos. Efetivamente, os textos jornalísticos do género

interpretativo são subjetivos, mas devem respeitar a honra e o bom nome das pessoas e instituições (Rei 2000^b: 121).

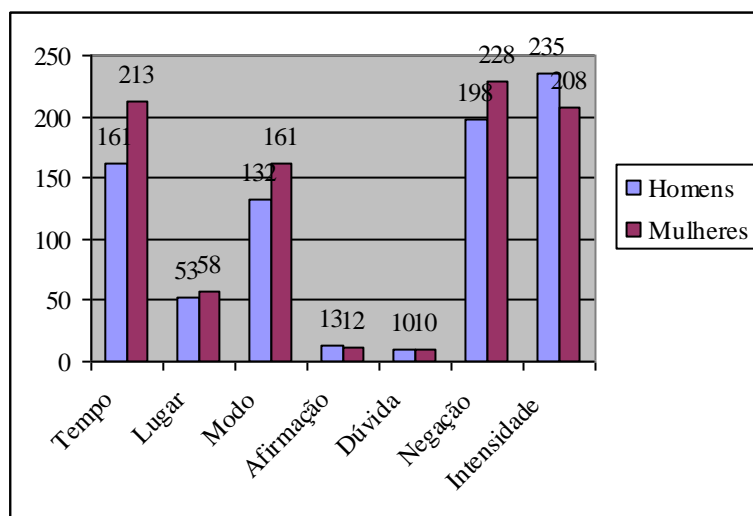


Gráfico 9. Modalização nos textos de 2009.

A análise do tipo de conectores utilizados (cf. gráfico 10) é também importante para diferenciar os estilos discursivos masculino e feminino. De facto, referimos que, a par do estilo narrativo, os textos femininos também eram dominados pelo estilo argumentativo e existiam dois textos em estilo enunciativo. A ocorrência destes estilos pode ser explicada pelo maior uso, por parte dos textos femininos, de conectores de causa e de condição, que permitem construir um raciocínio. Acrescente-se ainda o significativo recurso a conectores de oposição, que permitem, em especial, argumentar, relativizar ou apresentar pontos de vista opostos, ao mesmo tempo.

Ainda no que diz respeito aos conectores (gráfico 10), sobressai grandemente a utilização, em ambos os géneros, de conectores de adição, que permitem enumerar factos e características. Porém, tanto homens como mulheres usam sempre o mesmo conector de adição, a conjunção coordenativa copulativa *e*. Esta semelhança no uso dos conectores acontece também com os restantes conectores, uma vez que são usados os mais comuns e correntes. Assim, por exemplo, tanto homens como mulheres usam esmagadoramente *se* como conector de condição, *mas* como conector de oposição, *como* como conector de comparação, *ou* como conector de disjunção, *quando* como conector de tempo, *onde* como conector de lugar, *porque* como conector de causa, e *para que* como conector de fim. Não obstante, como estes textos foram publicados em jornais e revistas com um público-alvo bastante alargado e heterogéneo, é, por isso, utilizado um registo de língua corrente.

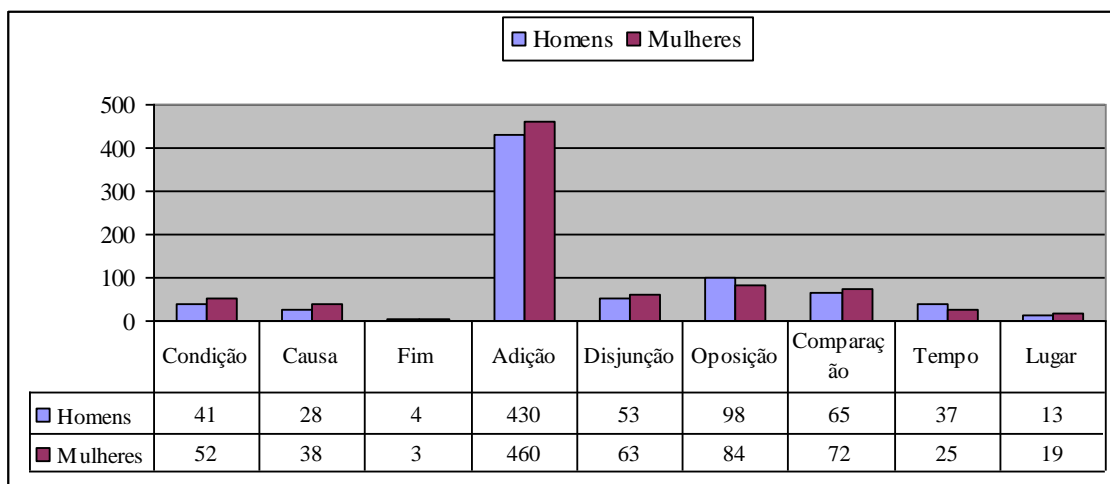


Gráfico 10. Tipos de conectores presentes nos textos de 2009.

Quanto ao número de ocorrências de diferentes palavras, verificamos que nos textos de autoria masculina surgem 4.343 termos diferentes e nos textos femininos, 4.361, distribuídos pelas diferentes classes de palavras, como se pode comprovar no gráfico 11:

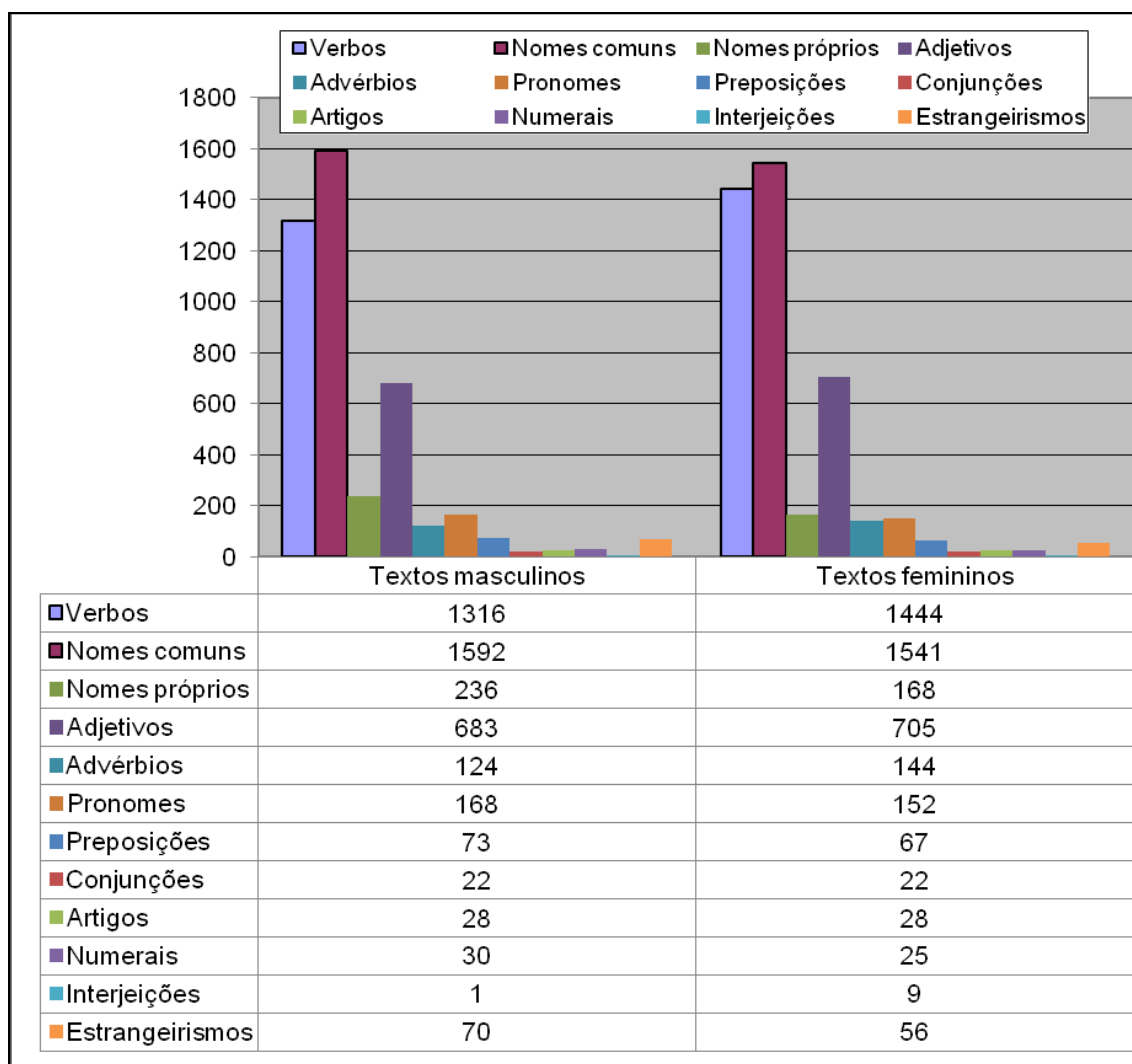


Gráfico 11. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 2009.

Tendo em conta, os resultados obtidos, rapidamente se percebe que as partes da oração em que ocorrem mais palavras diferentes são os nomes comuns, os verbos, os adjetivos e os nomes próprios, ou seja, as classes de palavras ditas abertas, por incluírem um número potencialmente ilimitado de palavras.

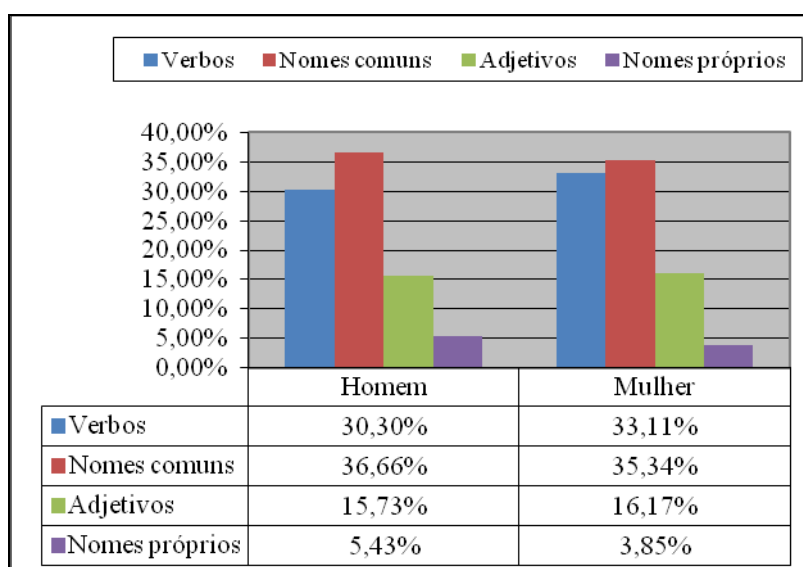


Gráfico 12. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes nos textos de 2009.

Como o gráfico 12 atesta, vemos corroborada a ideia fornecida pelo *Tropes* de que as mulheres usam mais adjetivos do que os homens. Do mesmo modo, também utilizam em maior número os verbos, conotando ter uma construção sintática mais simples, uma vez que o verbo é o núcleo gerador de uma frase. A par destas classes de palavras, os vocábulos que aparecem mais vezes são as preposições, os artigos, as conjunções e ainda o advérbio de negação “não”.

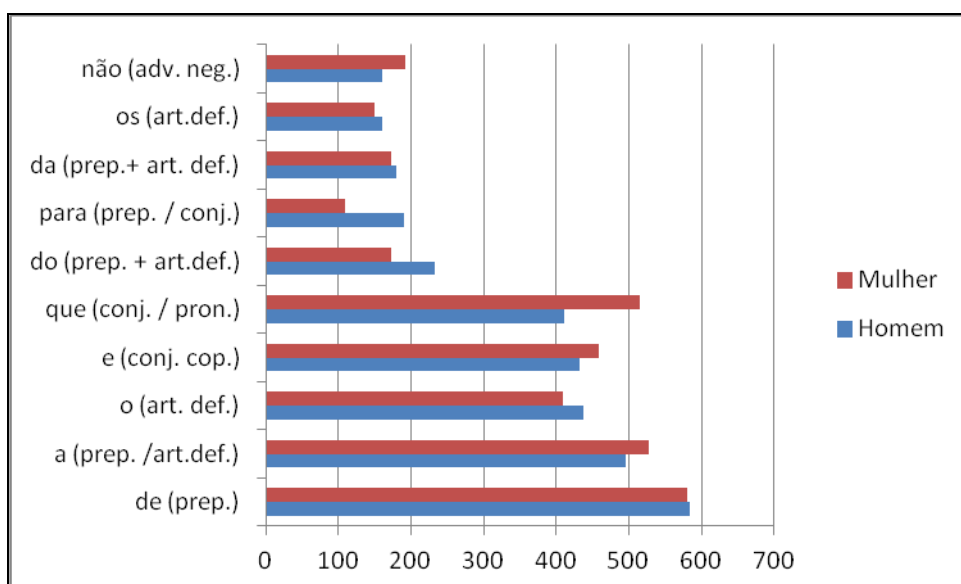


Gráfico 13. Palavras que ocorrem mais vezes no *corpus* de textos femininos e masculinos de 2009.

Com grande destaque, salientamos o uso da preposição “de”, que representa 4,50% do total das palavras dos textos masculinos e 4,32% do total de palavras dos textos femininos. Merece ainda destaque a palavra “que”, quer como conjunção, quer como pronome, surgindo de forma destacada nos textos femininos. Em termos percentuais, “que” representa 3,17% do total de palavras dos textos masculinos e 3,84% nos textos femininos.

Relativamente ao advérbio, esta classe representa nos textos masculinos 2,90% das ocorrências e nos textos femininos, 3,30%. Quanto à sua distribuição pelas diferentes subclasses, os mais comuns são os advérbios:

- de negação: *não, nem e nunca*;
- de quantidade: *mais, muito, muitos, menos, quase e nada*;
- de tempo: *já, ainda, sempre, agora, hoje e então*;
- e de modo: *apenas, assim e sobretudo*.

Textos masculinos (2009)		Textos femininos (2009)	
Advérbios	Ocorrências	Advérbios	Ocorrências
não	161	não	192
mais	87	mais	87
já	31	já	39
nem	29	agora	35
ainda	26	ainda	31
muito	23	muito	30

menos	22	nem	25
lá	19	nada	22
sempre	19	onde	21
agora	18	tão	19
apenas	16	sim	17
nunca	16	lá	17
nada	16	assim	17
além	15	nunca	16
onde	14	sempre	16
quase	14	então	16
assim	13	muitos	15
sobretudo	13	fora	13
tão	11	menos	13
hoje	11	hoje	13
aqui	8	aqui	11
sequer	7	quase	11
muitos	7	antes	11
logo	6	sobretudo	10

Tabela 5. Advérbios mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 2009.

Como demonstra a tabela 5, não se verificam grandes diferenças no recurso aos advérbios, embora se note um maior emprego do advérbio de negação *não* por parte dos textos femininos.

No que diz respeito aos pronomes, é curiosa a diferença de distribuição desta classe de palavra no total das palavras usadas e no número de ocorrências. Efetivamente, embora percentualmente, sobre o total de palavras usadas nos textos, as mulheres usem 9,10% de pronomes e os homens, 7,68%, ao nível do número de ocorrências de pronomes, os textos masculinos apresentam 3,87% do total de ocorrências e os femininos, 3,49%. Desta forma, pode concluir-se que, apesar de os textos femininos recorrerem mais aos pronomes, estes são menos variados, pois o número de ocorrências é menor.

Textos masculinos (2009)		Textos femininos (2009)	
Pronomes	Ocorrências	Pronomes	Ocorrências
todos	33	mesmo	36
sua	31	eu	36
quem	29	quem	30
seu	25	ela	28
mesmo	23	todos	27
isso	22	isso	25
tudo	17	me	25
ele	17	esta	24
isto	16	sua	23
esta	15	este	20
nosso	14	seu	19
este	13	tudo	18
eu	13	ele	18
si	12	isto	15
me	12	outro	15
seus	12	ninguém	15
qualquer	11	cada	15
todo	11	seus	15
alguns	10	todas	12
todas	10	minha	12
cada	9	meu	12
essa	9	pouco	11
lhe	9	qualquer	10
outros	8	nós	10

Tabela 6. Pronomes mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 2009.

Quanto ao emprego dos pronomes, como comprova a tabela 6, é corroborado o resultado de que os textos femininos são mais centrados na primeira pessoa, no sujeito que

comunica, uma vez que os pronomes mais usados giram à volta da primeira pessoa (cf. *eu, me, minha, meu*). Percebe-se ainda que os pronomes possessivos são uma subclasse recorrente, sendo que são mais comuns nos textos masculinos (0,81%) do que nos femininos (0,71%).

No atinente ao uso das preposições, os textos de ambos os géneros andam muito próximos, embora os textos masculinos recorram mais à variação no uso das preposições do que os textos femininos. De facto, enquanto os textos masculinos apresentam 73 preposições ou contrações de preposições diferentes (1,68% do total de ocorrências), os textos femininos somente apresentam 67 formas diferentes (1,54% do total de ocorrências. Quanto ao seu emprego, destaca-se desde logo a preposição *de*, que é líder em número de ocorrências em ambos os géneros. Do mesmo modo, analisando a distribuição desta classe de palavra (cf. tabela 7), não se conseguem discernir grandes diferenças no seu uso. No entanto, a preposição *de* e as suas contrações ocorrem mais vezes nos textos masculinos (8,70% contra 7,92% nos textos femininos). Do mesmo modo, a preposição *em* e as suas contrações ocorre em maior percentagem nos textos femininos do que nos masculinos (3,02% contra 3,05% nos textos femininos). Também a preposição *com* é mais comum nos textos masculinos (0,91%) do que nos femininos (0,81%). Por último, no que concerne à preposição *a* e as suas contrações, estas ocorrem em maior percentagem nos textos masculinos (5,09% contra 4,99% nos textos femininos).

Textos masculinos (2009)		Textos femininos (2009)	
Preposições	Ocorrências	Preposições	Ocorrências
de	584	de	581
a ²⁷	495	a	528
do	232	da	183
da	179	do	173
em	142	em	149
com	118	com	109
por	92	por	92
na	91	na	91
no	84	dos	90

²⁷ A palavra “a” pode surgir como preposição, artigo definido ou pronome, sendo que os resultados apresentados são condicionados por isso, pois englobam estas três possibilidades. Não obstante, sem alterar muito os resultados obtidos, sabemos que a ocorrência desta palavra é muito maior enquanto determinante artigo definido.

Este resultado vai acontecer nas análises seguintes dos *corpora* de 1999, 1989 e 1979, sem condicionar a análise que pretendemos conduzir.

ao	81	no	86
dos	71	ao	71
à	65	das	62
das	52	à	57
nos	38	nos	33
pelo	33	sem	31
sem	29	sobre	30
sobre	28	até	23
até	25	nas	22
nas	23	pelo	21
entre	22	entre	17
aos	19	pela	17
pela	18	aos	16
numa	14	num	15
pelas	12	numa	14
às	11	às	13
desta	10	desde	8
contra	9	pelas	8

Tabela 7. Preposições mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 2009.

No que concerne ao total de ocorrências de conjunções, também as diferenças entre os textos masculinos e femininos são muito ténues, já que nos textos masculinos as conjunções representam 0,51% do total de ocorrências e nos femininos 0,50% das ocorrências.

Textos masculinos (2009)		Textos femininos (2009)	
Conjunções	Ocorrências	Conjunções	Ocorrências
e	432	que	516
que	411	e	459
para	190	se	143
se	133	para	139

mas	77	como	73
ou	55	mas	67
porque	24	ou	65
quando	23	porque	33
também	22	também	23
depois	17	depois	20
embora	9	quando	15
enquanto	7	ora	14
portanto	5	enquanto	10
porém	5	pois	5
pois	5	embora	4
contudo	1	senão	2
senão	1	pra	2
entanto	1	contudo	1
consequinte	1	porém	1
		porquê	1
		consequinte	1

Tabela 8. Conjunções mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 2009.

Como atestam os resultados apresentados na tabela 8, as conjunções mais utilizadas são: *e*, *que*, *se* e *para*, sendo que destas os textos femininos utilizam em maior número as três primeiras. Efetivamente, no que diz respeito à conjunção *que*, esta ocorre nos textos femininos 3,84%, enquanto nos textos masculinos ocorre 3,17%. Do mesmo modo, a conjunção *e* ocorre 3,41% nos textos femininos e 3,33% nos masculinos. Já a conjunção *se* ocorre 1,06% nos textos femininos e 1,02% nos masculinos. Por outro lado, a conjunção *para*, como fazendo parte de locuções conjuncionais, ocorre 1,46% nos textos masculinos e 1,03% nos textos femininos. Por último, deve sublinhar-se o facto de os textos masculinos serem mais ricos em conjunções subordinativas do que os femininos.

No que diz respeito ao uso dos artigos, os definidos são os mais utilizados em ambos os conjuntos de textos, embora a percentagem de ocorrência seja maior nos textos masculinos (9,06% por oposição a 8,88% nos textos femininos). Quanto à ocorrência dos artigos indefinidos, esta é notoriamente maior nos textos femininos (2,41%) relativamente aos masculinos (1,93%).

Textos masculinos (2009)		Textos femininos (2009)	
Artigos	Ocorrências	Artigos	Ocorrências
a	495	a	528
o	438	o	410
os	161	um	173
um	139	os	150
uma	101	uma	143
as	82	as	107
uns	8	uns	7
umas	2	umas	1

Tabela 9. Distribuição dos artigos (sem ser contraídos com preposições) no *corpus* de textos masculinos e femininos de 2009.

Ainda relativamente ao número de ocorrências das diferentes classes de palavras, destaca-se a maior percentagem de ocorrências de numerais nos textos masculinos. Enquanto nos textos masculinos, 0,69% das ocorrências são numerais, nos textos femininos são somente 0,57%. Do mesmo modo, nos textos masculinos ocorrem mais estrangeirismos (1,61% do total de ocorrências) do que nos textos femininos (1,28%), sendo que estes são maioritariamente de origem inglesa. Por último, os textos femininos têm maior ocorrência de interjeições (textos masculinos - 0,02%; textos femininos - 0,20%), permitindo maior expressão de emoções e estados de espírito.

Do exposto, podemos concluir que detetámos diferenças entre os discursos masculino e feminino nos textos de opinião analisados. Primeiramente, sobressai uma diferença na escolha dos assuntos a tratar. Apesar de o ano de 2009 ser um ano de eleições legislativas e autárquicas, as mulheres não “abraçaram” o tema da política como os homens. Enquanto estes preferem discutir temas relacionados com a política, o desporto, problemas sociais e negócios; a mulher prefere falar da família, de saúde, de sentimentos e de problemas com o emprego e injustiças sociais.

Por outro lado, o discurso feminino revela mais subjetividade do que o masculino. Primeiramente, pelos assuntos abordados, a partir dos quais a mulher expressa mais emoções e sentimentos. Seguidamente, pelo estilo de texto seguido. Embora os textos masculinos sejam maioritariamente descritivos e os femininos narrativos, é nos textos femininos que abundam os adjetivos, especialmente adjetivos de cariz subjetivo. A isto acrescenta-se o recurso a um narrador subjetivo e à maior percentagem de uso do pronome pessoal *eu*.

Destaca-se ainda a maior preocupação feminina em contextualizar o seu texto no tempo e no espaço, bem como com a construção de raciocínios lógicos, capazes de argumentar e defender pontos de vista.

Por último, tendo em conta o número de ocorrências das palavras, novamente se sublinhou o maior uso de verbos por parte dos textos femininos. Do mesmo modo, se corroboraram os resultados de os textos femininos serem mais ricos em adjetivos e em pronomes centrados na primeira pessoa, indiciando a subjetividade do seu autor, a que acresce o maior recurso a interjeições. Por oposição, nos textos masculinos abundam em maior número nomes comuns, pronomes centrados na terceira pessoa e numerais, conotando mais objetividade.

2.2.2. Textos de opinião de 1999

Os textos de opinião recolhidos, publicados no ano de 1999, foram extraídos de revistas e jornais nacionais e regionais e locais, sendo que alguns textos se destacam por serem da autoria do público anónimo que contribui com textos de opinião sobre algum tema de interesse para a publicação. Desta forma, recolhemos as seguintes publicações: a revista mensal de viagens e lazer *Tempo Livre* (16 textos masculinos e 14 textos femininos); a revista mensal generalista *Quo* (2 textos masculinos e 5 textos femininos); a revista *Voice* (2 textos masculinos e 1 texto feminino); os jornais regionais e locais *A Voz de Trás-os-Montes* (4 textos femininos) e *Terras da Beira* (1 texto feminino); os jornais nacionais *Expresso* (1 texto masculino), *Semanário* (2 textos masculinos), *Diário de Notícias* (1 texto masculino) e *Avante* (1 texto masculino).

Quanto aos autores masculinos, referenciamos: Ruben Carvalho; João Amaral; Álvaro Marques; Artur Queirós; Baptista Bastos; Carlos Cabral; Carlos Oliveira; Gil Montalverne; Gonçalo Palma; Fernando Correia; Vítor Dias (2 textos); José Antunes; José Mendes; Luís Crespo Fabião; José Barbado; Miguel Alves; Miguel Gonçalves; Aurélio Santos; Jorge Fonseca; Pedro Soares; Rodrigo Pinto; Rodrigues Vaz; Sérgio Bordalo e Vítor Ribeiro. As autoras dos textos femininos são: Alexandra Campos; Alice Vieira; Ana da Costa Mendes; Ana Jiménez; Ana Costa; Ana Macedo; Carla Bento; Carla Fragata; Carla Pereira; Glória Cronberg; Inês Calado; Magda Pinto; Lourdes Féria; Maria Emília; Maria Fabião; Maria Vieira; Graça Henriques; Helena Aleixo; Salomé Joanaz; Sofia Filipe; Sandra Correia; Teresa Joel; Teresa Martins; Teresa Perdigão e Maria Florinda.

Assim, estes textos debruçam-se sobre diversas temáticas, indo ao encontro dos interesses de um público nacional heterogéneo, abordando temas como política, viagens, economia, lazer, geografia, entre outros.

Tal como nos propusemos fazer, este trabalho de análise é faseado em duas etapas. Numa primeira fase, agrupámos os 25 textos de autores masculinos e os 25 textos de autores femininos em dois grandes textos, um para todos os textos de homens e outro para todos os textos de mulheres. Desta forma, obtivemos uma imagem global dos resultados.

Assim, no total, o texto dos homens tem 14.686 palavras e o das mulheres 12.432, sendo que o número de frases por texto é de 1.663 no texto masculino e 1.438 no texto feminino. Assim sendo, em média, as frases de autoria masculina têm 8,83 palavras e as frases de autoria feminina têm 8,65 palavras. Ou seja, mais uma vez se nota que, na generalidade, as frases das mulheres são menos extensas do que as dos homens e, conseqüentemente, são frases com uma estrutura sintática mais simples.

Seguindo os resultados obtidos (gráfico 14), no atinente aos assuntos abordados, destaca-se que os temas mais recorrentes, quer nos textos masculinos, quer nos textos femininos, aparecem agrupados em conceitos gerais e vida humana, e subdividem-se em temas como geografia, política, sociedade, comunicação, arte e cultura, negócios, entre outros.

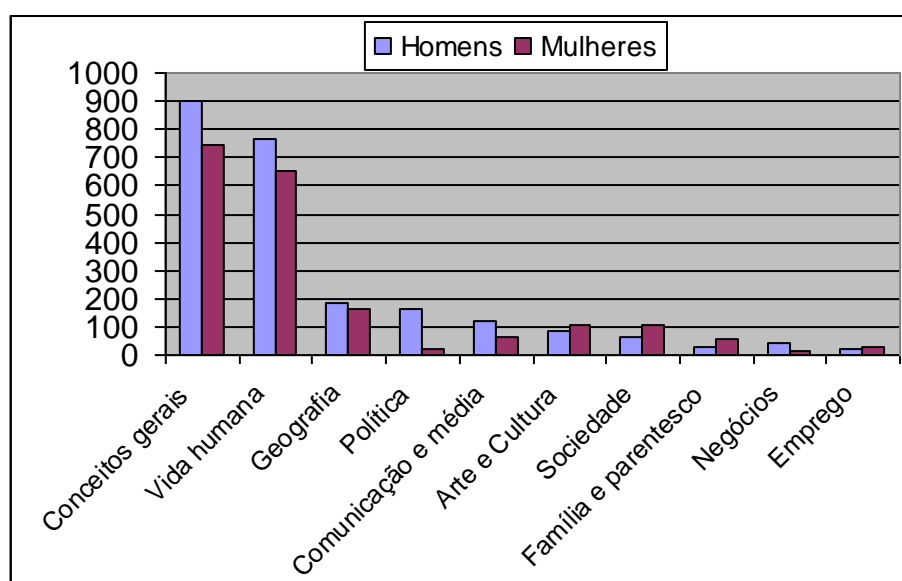


Gráfico 14. Principais assuntos abordados nos textos de 1999.

No que diz respeito às emoções e sentimentos expressos relativamente à vida humana, sobressai a satisfação nos textos masculinos, já nos femininos ganha relevo primeiramente o medo, depois, paradoxalmente, a satisfação e a insatisfação. No que concerne à especificação de temas mais comuns, salienta-se o interesse, em ambos os géneros, pela geografia, pela sociedade e pela arte e cultura, também devido ao facto de estes textos terem sido retirados de publicações muito viradas para o lazer. Não obstante, o interesse pelo tema da sociedade é diferente. Enquanto nos textos masculinos, esse interesse se centra na relação entre sociedade e política, através de reflexões sobre o estado da nação, acontecimentos sociais e negócios; os textos de autoria feminina refletem sobre a família e as relações de parentesco e o direito da família, bem como sobre o emprego e o trabalho.

No atinente ao estilo geral do texto, os textos masculinos agruparam-se num estilo dominante narrativo e os femininos num estilo descritivo, exatamente o oposto dos resultados obtidos na análise dos textos de 2009. No entanto, como demonstra o gráfico 15, o número de

textos narrativos é exatamente o mesmo para os dois géneros, não obstante, no grupo de textos femininos existem ainda de forma saliente os géneros argumentativo e descritivo, com uma forte presença de um narrador subjetivo, daí o estilo dominante nos textos femininos ser o descritivo.

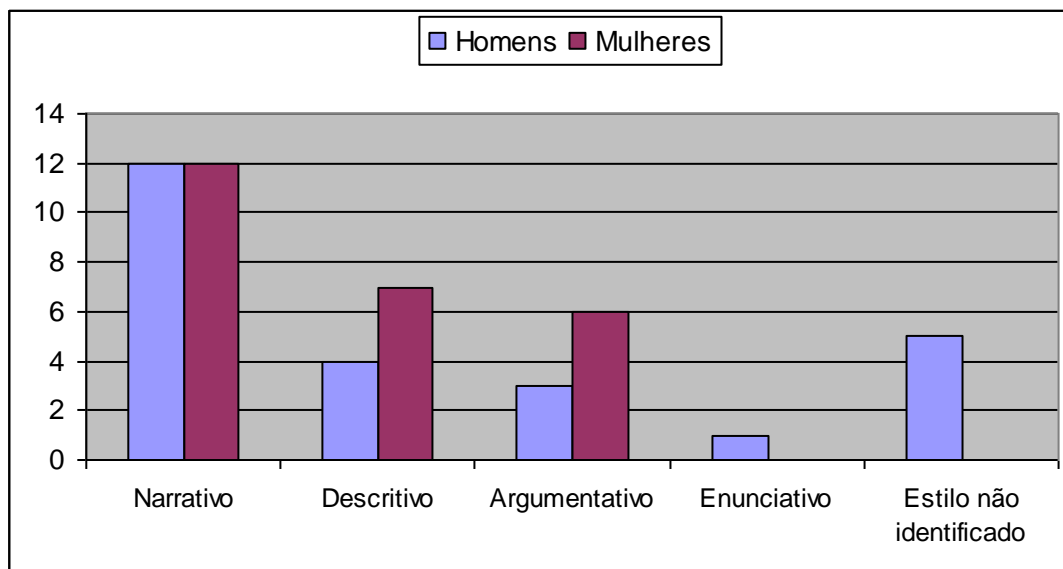


Gráfico 15. Estilos textuais dominantes nos textos de 1999.

Quanto às encenações verbais, todos os textos, quer masculinos quer femininos, têm uma encenação dinâmica e ativa, expressa maioritariamente através de verbos de ação, sendo que, por vezes, em alguns textos, aparece um narrador subjetivo (5 textos femininos e 4 textos masculinos).

Já no que respeita às partes da oração, são os nomes, os verbos e os adjetivos as classes de palavras mais utilizadas (gráfico 16).

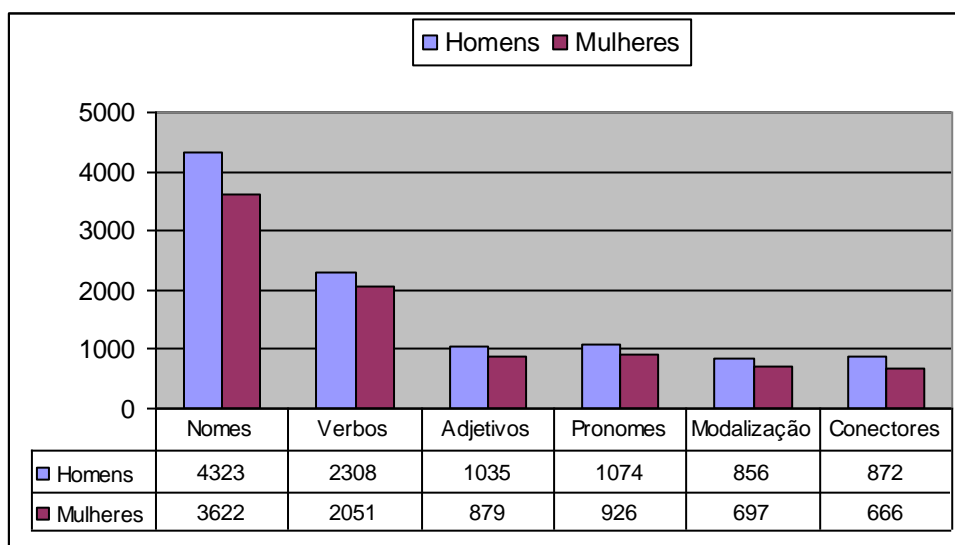


Gráfico 16. Distribuição das classes de palavras nos textos de 1999.

A par disso, destaca-se a maior percentagem de uso de conectores e de palavras de modalização (como advérbios e locuções adverbiais) nos textos masculinos (gráfico 17). Do mesmo modo, é maior a percentagem de verbos usados nos textos femininos. Estes dois aspetos vão ao encontro da tese de que as frases das mulheres são mais curtas, logo, mais simples sintaticamente.

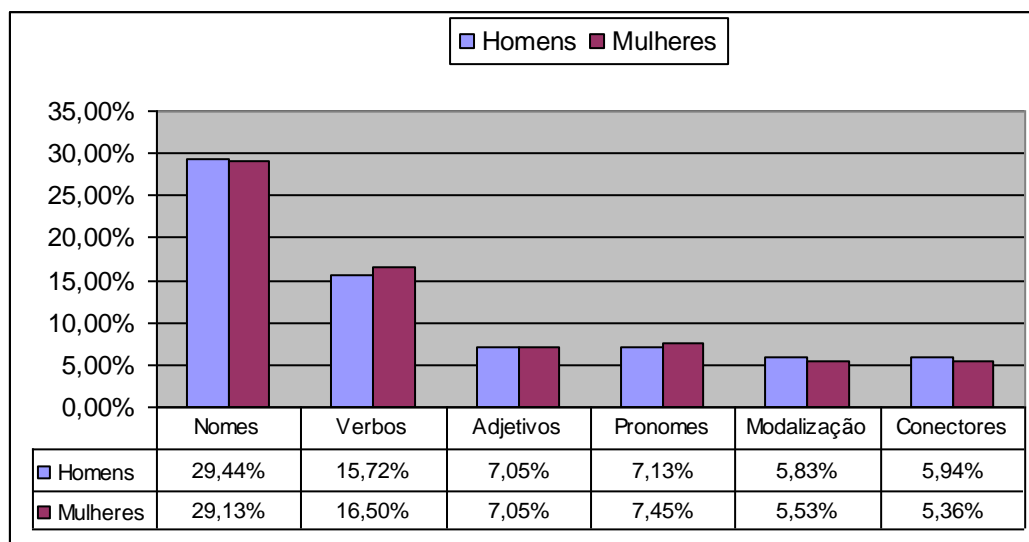


Gráfico 17. Distribuição percentual das classes de palavras nos textos de 1999.

Sobressaem ainda diferenças no que respeita ao uso dos adjetivos (gráfico 18). Embora o emprego de adjetivos subjetivos e numéricos seja maior nos homens, é de notar as percentagens no uso dos adjetivos numéricos sobre o total de uso dos adjetivos. Os adjetivos numéricos são usados nos textos masculinos numa percentagem de 22,3%, por oposição a 14,3% nos textos femininos. Por seu turno, a percentagem de uso dos adjetivos objetivos é maior nas mulheres (homens - 30,2%; mulheres - 36,5%). Já a percentagem de uso dos adjetivos subjetivos é também maior nos textos femininos (49,1%) do que nos masculinos (47,4%). Portanto, regra geral, os adjetivos são percentualmente mais usados pelos textos femininos.

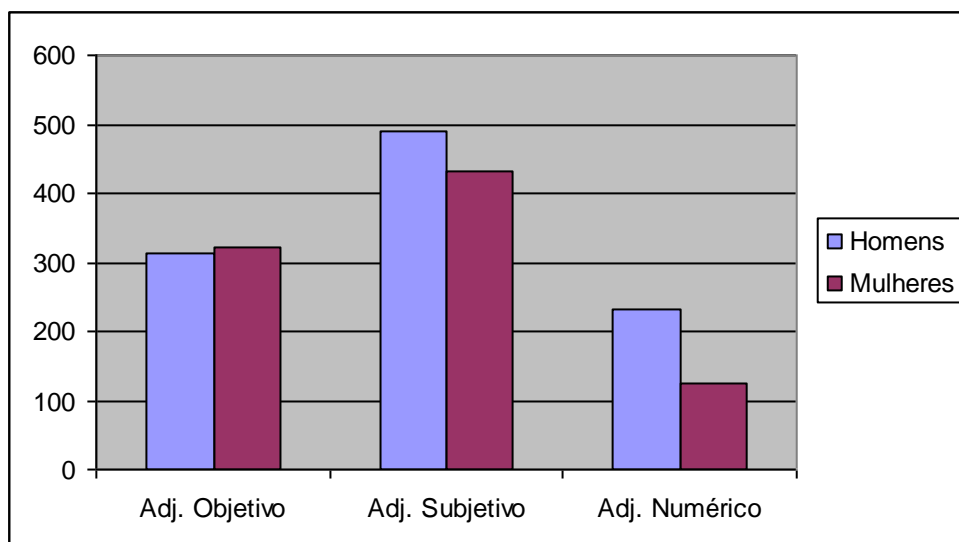


Gráfico 18. Emprego dos adjetivos nos textos de 1999.

A subjetividade associada ao discurso feminino é ainda corroborada pelo maior recurso aos pronomes pessoais de primeira pessoa, quer no singular, quer no plural. Por sua vez, no discurso masculino predominam claramente os pronomes pessoais em terceira pessoa (gráfico 19).

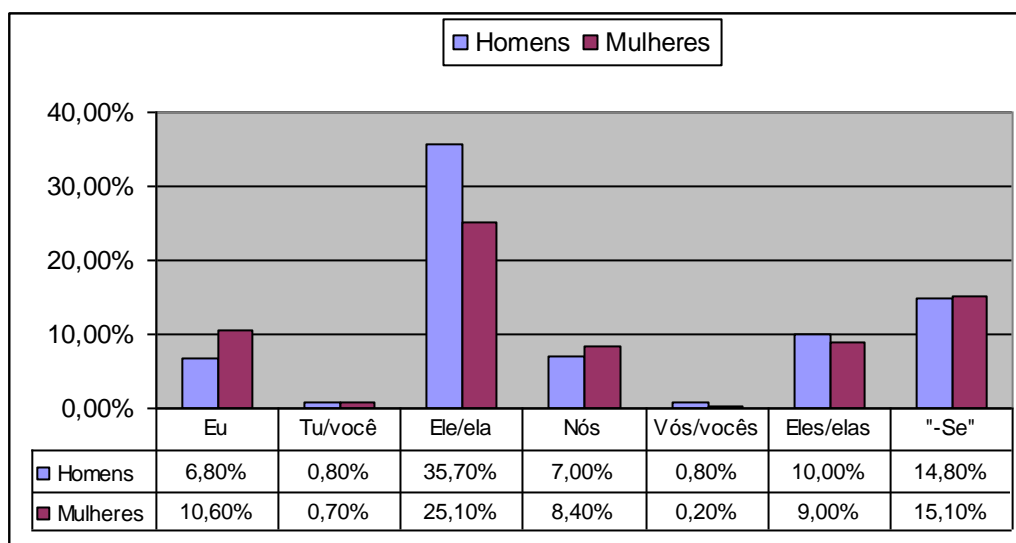


Gráfico 19. Recurso aos pronomes pessoais percentualmente nos textos de 1999.

Quanto ao emprego dos diferentes tipos de verbos (gráfico 20), somente se nota uma pequena diferença no que respeita ao uso dos verbos estativos. Efetivamente, os verbos mais usados são, nos textos masculinos, *ser, ter, estar, dizer, poder, fazer, haver e ir*. Nos textos femininos, os verbos mais usados são *ser, ter, poder, haver, estar, fazer, dar, ver e querer*. Os verbos estativos, usados para expressar sentimentos, emoções e estados de alma, bem como noções de posse, são percentualmente mais usados pelas mulheres (homens - 26,2%;

mulheres - 27,1%), a que não é alheio o facto de o estilo de texto das mulheres ser maioritariamente descritivo.

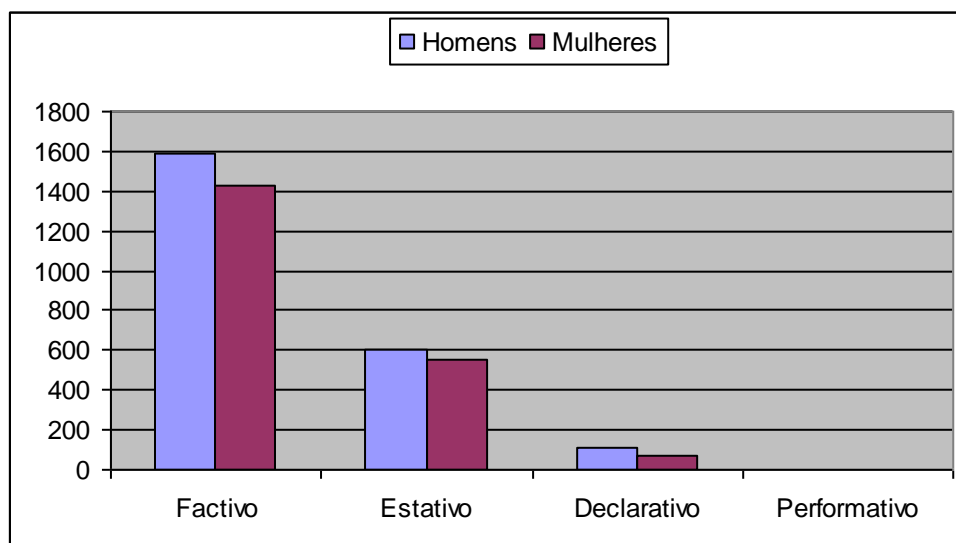


Gráfico 20. Categorias dos verbos presentes nos textos de 1999.

No atinente à modalização, que permite ao locutor implicar-se no discurso ou situar o que diz contextualmente (gráfico 21), nota-se que os homens se preocupam com as modalizações de tempo e de lugar, que permitem situar a ação espaço-temporalmente, pois os textos masculinos tendem para um estilo narrativo. Talvez por isso, também predominem nos textos masculinos as modalizações de intensidade e de negação, que permitem dramatizar o discurso. Por outro lado, as mulheres destacam-se percentualmente pela expressão de modalizações de dúvida (homens - 1,3%; mulheres - 2,6%).

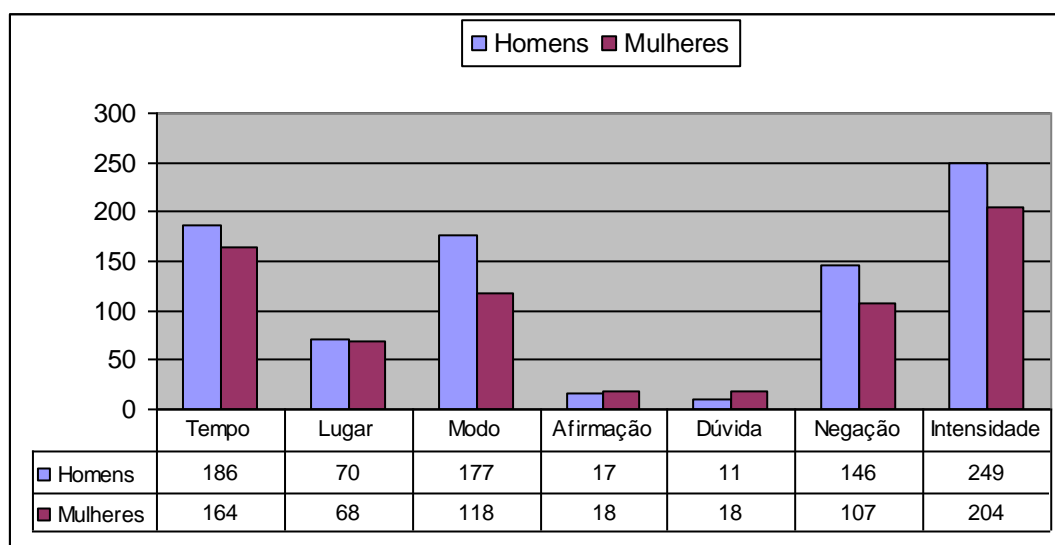


Gráfico 21. Modalização nos textos de 1999.

Quanto ao uso dos conectores, mais uma vez se destaca o uso, em ambos os géneros, de conectores de adição, usados para enumerar factos ou características (gráfico 22). Por outro lado, destaca-se ainda o maior emprego de conectores de tempo e de lugar pelos textos do género feminino, embora o estilo textual dominante seja descritivo e não o narrativo.

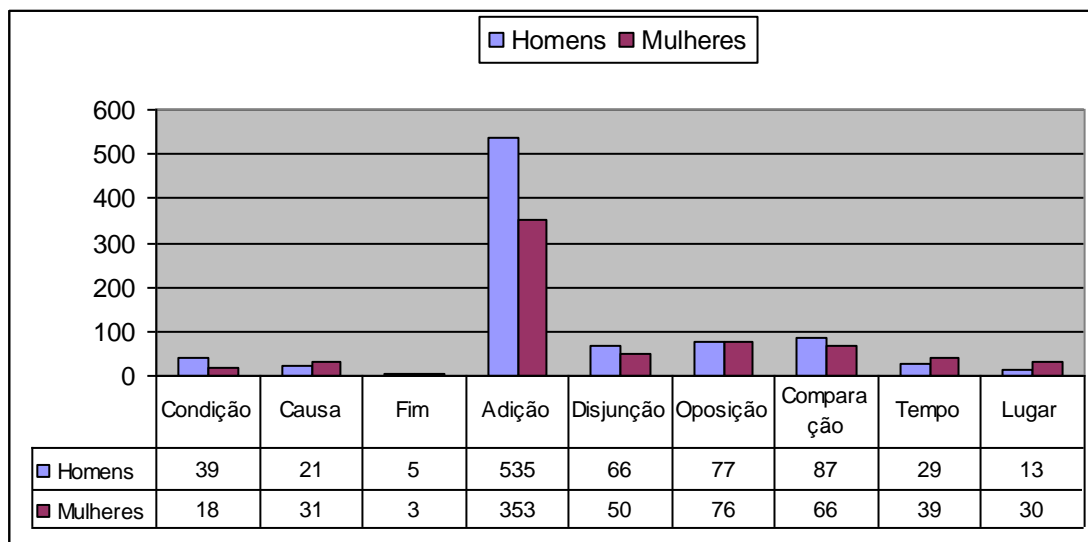


Gráfico 22. Tipos de conectores presentes nos textos de 1999.

Quanto ao número de ocorrências dos diferentes vocábulos, nos textos de autoria masculina de 1999, que têm 14.686 palavras, surgem 5.054 palavras diferentes; já nos textos femininos, que têm 12.432 palavras, sobrevêm 4.506 ocorrências de diferentes palavras. Assim sendo, embora os textos femininos apresentem menor número de palavras diferentes, têm uma maior percentagem de variabilidade (ou seja, os textos femininos têm uma variabilidade de palavras de 36,25% e os textos masculinos de 34,41%). A distribuição destas ocorrências pelas diversas classes de palavras pode ser confrontada no gráfico que se segue:

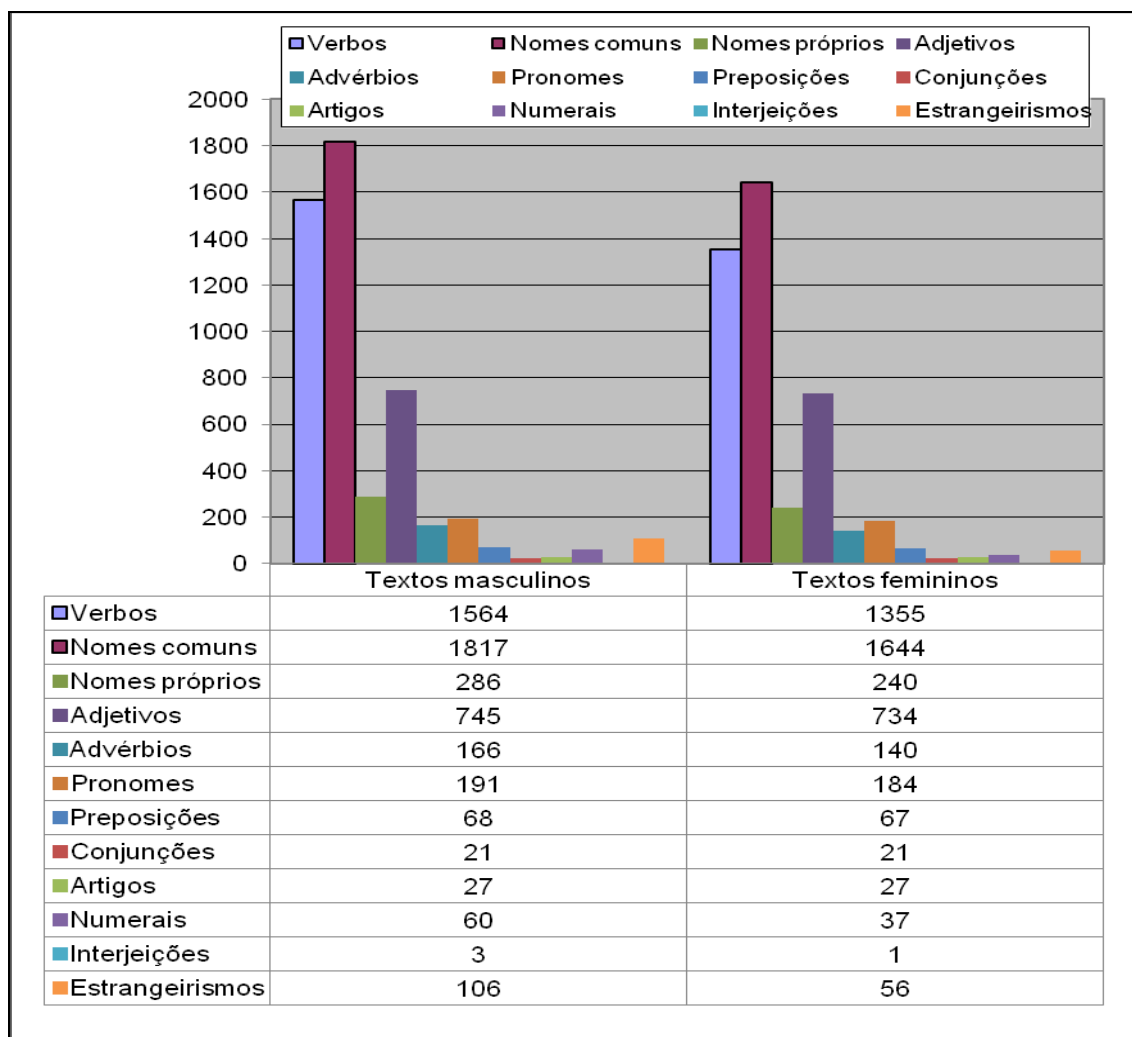


Gráfico 23. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 1999.

Tendo em conta os dados fornecidos, e à semelhança da análise feita aos textos de 2009, as classes de palavras em que ocorrem mais termos diferentes são os nomes comuns, os verbos, os adjetivos e os nomes próprios. Dentro destas quatro classes, são os textos masculinos que maior variação apresentam de verbos, nomes comuns e nomes próprios (cf. gráfico 24), indo ao encontro do estilo de texto dominante - o narrativo. Por seu turno, mais uma vez, os textos femininos destacam-se relativamente aos masculinos pela maior percentagem de emprego de adjetivos.

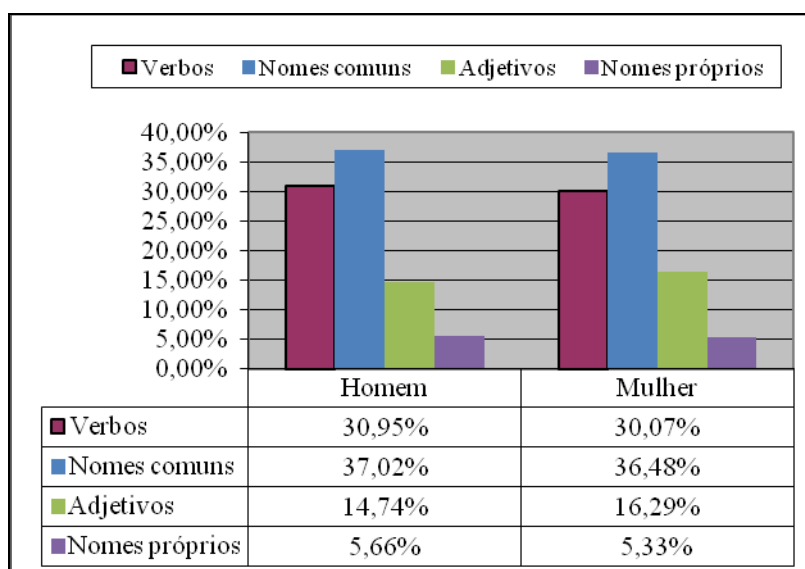


Gráfico 24. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes nos textos de 1999.

No que diz respeito às outras partes da oração, a outra classe de palavra que aparece com maior número de ocorrências é o advérbio. Esta classe surge mais nos textos masculinos do que nos femininos, já que percentualmente os advérbios representam 3,28% do total de ocorrências nos textos masculinos e 3,11% nos textos femininos. Quanto ao seu emprego, o advérbio que mais se repete é o advérbio de negação *não*, seguido do advérbio de quantidade *mais* e do advérbio de tempo *já*. Quanto à sua distribuição pelo texto, o advérbio de negação *não* é mais comum nos textos masculinos (0,91% contra 0,74% nos femininos). Do mesmo modo, o advérbio *mais* é também mais usado pelos textos masculinos (0,75% contra 0,71% nos femininos). Porém, o advérbio de tempo *já* é mais comum nos textos femininos (0,33%) do que nos masculinos (0,27%). Por outro lado, a subclasse do advérbio que mais varia é o advérbio de modo, sendo que surgem 77 advérbios de modo nos textos masculinos e 59 nos textos femininos. Por fim, são os advérbios de tempo e de lugar que têm mais variação, embora não se verifiquem grandes diferenças entre ambos os textos .

Textos masculinos (1999)		Textos femininos (1999)	
Advérbios	Ocorrências	Advérbios	Ocorrências
não	133	não	92
mais	111	mais	88
já	39	já	41
assim	26	onde	31
ainda	23	muito	28
muito	20	ainda	25

apenas	19	sempre	18
quase	17	hoje	16
nada	15	nem	15
sempre	15	agora	13
tão	14	muitos	12
menos	14	nada	12
então	14	tão	11
nem	13	ali	11
hoje	13	lá	11
onde	12	aqui	10
lá	12	assim	10
tarde	12	além	9
muitos	10	apenas	9
antes	10	menos	9
além	9	muitas	9
aqui	9	talvez	8
muitas	9	quase	7
agora	9	longe	6
talvez	8	tarde	6
nunca	8	nunca	5
longe	7	então	5

Tabela 10. Advérbios mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1999.

Relativamente aos pronomes, percentualmente, o número de ocorrências é superior nos textos femininos (4,08% contra 3,78% nos masculinos). Quanto à subclasse de pronomes que mais ocorre é, desde logo, o pronome possessivo, na variação em género *seu* e *sua* (cf. tabela 11). Nestes textos destacam-se ainda os pronomes demonstrativos, indefinidos e possessivos por surgirem em maior número, existindo alguma variação entre os textos masculinos e femininos. Efetivamente, no que diz respeito aos pronomes indefinidos e demonstrativos, os textos masculinos são mais ricos na variação, já que ocorrem 22 pronomes indefinidos diferentes nos textos masculinos e 21 nos textos femininos e 30 pronomes demonstrativos diferentes nos textos masculinos e 27 nos textos femininos. Já no que respeita ao emprego de

pronomes possessivos, os textos femininos são mais ricos (1,07%) do que os masculinos (1,01%). Isto significa que os textos masculinos variam mais nas suas escolhas vocabulares do que os textos femininos, nomeadamente no que diz respeito aos pronomes.

Textos masculinos (1999)		Textos femininos (1999)	
Pronomes	Ocorrências	Pronomes	Ocorrências
sua	49	sua	39
seu	30	todos	23
mesmo	26	seu	21
quem	21	mesmo	20
todos	20	cada	18
outros	19	este	17
outro	19	alguns	17
ele	19	minha	16
tudo	18	outro	15
nós	17	tudo	15
qualquer	16	outros	14
isso	16	me	14
outras	15	quem	14
isto	15	outras	12
este	15	esta	12
pouco	15	seus	12
suas	15	eu	11
esta	14	todas	10
esse	13	nossa	10
seus	13	isso	9
essa	12	qualquer	9
cada	11	ela	9
eu	11	ele	9
nossa	11	suas	9

lhe	10	nosso	9
alguns	9	meu	9
me	9	isto	8

Tabela 11. Pronomes mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1999.

No atinente às preposições, como já se comprovou no gráfico 23, embora o número de ocorrências seja maior nos textos masculinos (68 ocorrências contra 67 nos textos femininos), a preposição ocorre percentualmente em maior número nos textos femininos (1,49% contra 1,35%). Quanto à preposição que desde logo se destaca com maior número aparições é *de* (cf. tabela 12). Efetivamente, a preposição *de* e as suas contrações dominam ambos os textos, sendo que nos textos masculinos correspondem a 9,0% do total de palavras usadas e nos textos femininos equivalem a 8,86%. Por seu turno, a preposição *a* e suas contrações é usada em maior percentagem nos textos masculinos (5,08% contra 5,03%). Curiosa é também a percentagem de uso da preposição *em* e suas contrações, que correspondem em ambos os conjuntos de textos a 3,36% do total das palavras. Já no que diz respeito às preposições *com* e *por*, elas ocorrem percentualmente em maior número nos textos femininos (1,05% e 0,70%) do que nos masculinos (1,04% e 0,64%).

Textos masculinos (1999)		Textos femininos (1999)	
Preposições	Ocorrências	Preposições	Ocorrências
de	679	de	603
a	541	a	483
do	254	da	186
da	198	do	181
em	170	em	164
com	153	com	130
no	125	no	95
dos	117	por	87
por	94	dos	78
na	85	na	71
ao	76	ao	67
à	75	das	54

das	75	nos	53
nos	40	à	49
entre	35	até	30
até	30	pela	22
nas	30	entre	19
pelo	28	nas	18
às	27	aos	17
aos	27	num	17
sem	26	pelo	16
numa	25	sem	14
sobre	24	pelos	14
num	18	desde	13
pela	13	sobre	12
desta	11	durante	11
contra	9	apesar	9
pelas	9	às	9
durante	8	numa	9

Tabela 12. Preposições mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1999.

No que respeita às conjunções, que representam 0,42% das ocorrências nos textos masculinos e 0,47% nos textos femininos. No entanto, mais uma vez, à semelhança do conjunto de textos de 2009 em análise, também neste conjunto de textos, domina a conjunção *e* nos textos masculinos e a conjunção *que* nos textos femininos (cf. tabela 13).

Textos masculinos (1999)		Textos femininos (1999)	
Conjunções	Ocorrências	Conjunções	Ocorrências
e	536	que	416
que	474	e	354
para	127	para	134
se	121	se	118
ou	69	ou	51

mas	59	mas	51
também	32	quando	29
quando	20	também	28
porque	15	porque	16
pois	10	depois	13
depois	10	pois	8
porém	6	embora	7
portanto	5	entanto	7
enquanto	5	porém	6
entanto	5	contudo	3
embora	3	enquanto	3
contudo	1	portanto	1
senão	1	senão	1

Tabela 13. Conjunções mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1999.

Portanto, como destaca a tabela 13, as conjunções mais comuns em ambos os textos são *e*, *que*, *para* e *se*. Percentualmente, quanto à conjunção *que*, corrobora-se a ideia de que esta conjunção é usada em maior percentagem nos textos femininos (3,35% contra 3,23% nos textos masculinos). O contrário acontece com a conjunção *e*, que ocorre em maior percentagem nos textos masculinos (3,65% contra 2,85%). No atinente às conjunções *para* e *se*, estas surgem em maior percentagem nos textos femininos (*para* -1,08%; *se* - 0,95%) do que nos textos masculinos (*para* -0,86%; *se* - 0,82%). Por último, embora menos abundantes, aparecem as conjunções *ou*, *mas*, *também* e *quando*. A conjunção disjuntiva *ou* é mais comum nos textos masculinos, pois a sua percentagem de uso sobre o total de palavras é de 0,47% nos textos masculinos contra 0,41% dos femininos. Embora, com pouca diferença, a conjunção adversativa *mas* é usada em maior percentagem nos textos femininos (0,41% contra 0,40% nos textos masculinos). Já a conjunção copulativa *também* tem a mesma percentagem de uso nos dois conjuntos de textos (0,22%). Por último, a conjunção subordinativa temporal *quando* ocorre em maior percentagem nos textos femininos (0,23% contra 0,14% nos textos masculinos).

No que concerne ao recurso dos artigos (cf. tabela 14), os definidos são os mais utilizados em ambos os conjuntos de textos, no entanto a percentagem de ocorrência é maior nos textos femininos (8,89% contra 8,72%). Quanto à ocorrência dos artigos indefinidos, esta é maior nos textos masculinos (2,29% contra 2,16%).

Textos masculinos (1999)		Textos femininos (1999)	
Artigos	Ocorrências	Artigos	Ocorrências
a	541	a	483
o	493	o	358
um	170	os	169
uma	160	um	145
os	147	uma	118
as	100	as	105
uns	5	uns	4
umas	1	umas	1

Tabela 14. Distribuição dos artigos (sem ser contraídos com preposições) no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1999.

Por último, quanto aos numerais, estes ocorrem com maior variação nos textos masculinos (1,19% contra 0,82%). Do mesmo modo, nos textos masculinos ocorrem mais estrangeirismos (2,10% do total de ocorrências, contra 1,24%), sendo que estes são maioritariamente de origem inglesa. Por fim, no que diz respeito às interjeições, desta vez, estas são ainda menos abundantes.

Assim sendo, da análise comparativa dos textos de opinião femininos e masculinos publicados nos *media* portuguesas no ano de 1999, percebem-se algumas diferenças entre os discursos masculino e feminino. Desde logo, salientam-se diferenças na escolha dos temas a abordar. À semelhança do que acontece com os textos publicados em 2009, os homens tendem para temas relacionados com a política, a geografia, os negócios e a comunicação; já as mulheres destacam-se com tópicos relacionados com a sociedade, a geografia, a família, a saúde e o emprego. De igual forma, nota-se uma maior subjetividade nos textos femininos, marcada pelo maior recurso a pronomes pessoais em primeira pessoa, bem como pelo uso de adjetivos subjetivos. No atinente aos adjetivos, destaca-se o recurso abundante nos textos masculinos de adjetivos numéricos, indo ao encontro dos resultados e das teorias do matemático israelita Moshe Koppel (Koppel *et al.* 2003), que postulou que os textos de autores masculinos distinguem-se pelo uso de palavras com sentido numérico.

Por último, tendo em conta o número de ocorrências das palavras, destaca-se novamente o facto de os textos femininos serem mais ricos em adjetivos e em pronomes pessoais de primeira pessoa, enquanto os textos masculinos se distinguem pelo maior recurso

a nomes comuns e numerais, ou seja, classes de palavras mais centradas na realidade, característica já apontada ao discurso masculino.

2.2.3. Textos de opinião de 1989

Os textos de opinião datados de 1989 foram também recolhidos aleatoriamente de jornais nacionais e regionais e locais. Também estes textos abordam diversas temáticas, indo ao encontro dos interesses de um público nacional heterogéneo. Assim, recolhemos textos do jornal *Diário de Notícias* (1 texto masculino e 7 textos femininos), *d'A Voz de Trás-os-Montes* (9 textos masculinos), *d'A Voz de Azeméis* (9 textos masculinos e 12 textos femininos), do *Correio da Feira* (1 texto masculino e 1 texto feminino), do *Jornal de Ovar* (2 textos masculinos e 1 texto feminino), do *Terras da Feira* (3 textos masculinos e 2 textos femininos) e do *Jornal Actual* (2 textos femininos).

Como autores masculinos, referenciamos: Mário de Oliveira (3 textos); António Teixeira Ferreira (2 textos); António Araújo Pereira Pinto; Jaime Ferraz Gabão; Reinaldo Sancho Almirante (3 textos); José Magalhães dos Santos; Manuel Riacho; Artur Augusto; António Costa; Álvaro Santos; Fausto de Melo; Rafael Godinho; José Américo Sá Pinto; José Nuno; Albertino Pardinhas; Salvador de Figueiredo; Teixeira Castro; Jorge Azevedo; Nuno Noronha e António Rego.

As autoras femininas citadas são: Zita Seabra (3 textos); Magda Pereira Pinto (5 textos); Ângela Amorim (3 textos); Irene Lúcia Arede (4 textos); Teresa Costa Macedo; Ana Pereira (2 textos); Margarida Fonseca (2 textos); Diana Andringa; Helena Roseta; Helena Marques; Oilé Rua e Carla Tavares.

De acordo com a estratégia que delineámos, a análise destes 50 textos é realizada em duas etapas. Numa primeira fase, agrupámos os 25 textos de autores masculinos e os 25 textos de autores femininos em dois grandes textos, um para todos os textos de homens e outro para todos os textos de mulheres. Desta forma, pudemos trabalhar de forma global os textos. Assim, no total, o texto dos homens tem 12.736 palavras e o das mulheres 15.618, sendo que o número de frases por texto é de 1.523 no texto masculino e 2.024 no texto feminino. Assim sendo, em média, as frases de autoria masculina têm 8,36 palavras e as frases de autoria feminina têm 7,72 palavras. Ou seja, mais uma vez se nota que, na generalidade, as mulheres escrevem frases menos extensas do que os homens e, conseqüentemente, com uma estrutura sintática mais simples.

Assim, quanto às temáticas predominantes, destacam-se temas relacionados com a vida humana, os conceitos gerais e, depois, a geografia, a política, a sociedade, a comunicação, o urbanismo, a religião, entre outros (gráfico 25). Desde logo, sobressai a posição destacada dos textos femininos no que diz respeito a tópicos relacionados com a vida humana e conceitos gerais. Estes grandes assuntos desdobram-se em temas como a geografia, a política, a sociedade, a justiça, a saúde e o emprego, entre outros. Ganha realce aqui a temática da política que, nos conjuntos de textos anteriores, era mais abordada pelo género masculino e

agora aparece mais abordada pelos textos femininos. Não obstante, a justiça, a saúde e o emprego são temas contantes no discurso feminino nas diferentes décadas. Por sua vez, o género masculino, mais virado para o mundo exterior, centra-se em assuntos desse âmbito, como geografia, urbanismo, comunicação, negócios, entre outros.

No que respeita aos sentimentos e emoções predominantes sobre a vida humana (a grande temática dos textos), nos textos femininos predominam a insatisfação, a ira e a tristeza, mas um estado de ânimo de esperança e humor. A imagem que o autor do texto feminino tem de si é de naturalidade. Por sua vez, nos textos masculinos, predominam perante a vida humana sentimentos como a tristeza e, simultaneamente, a satisfação e um estado de espírito de entusiasmo e humor. Já a imagem que o autor tem de si é de distinção e de orgulho.

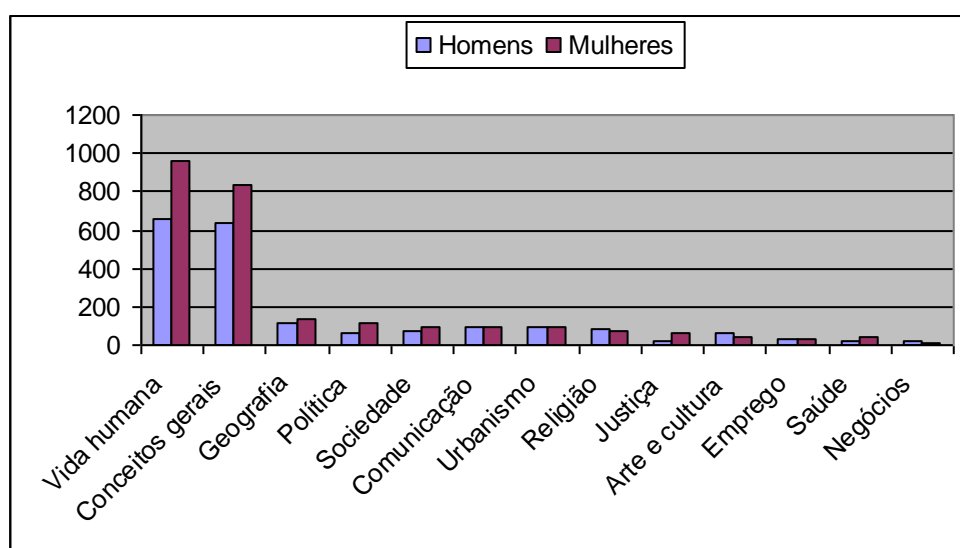


Gráfico 25. Frequência de abordagem dos principais assuntos nos textos de 1989.

Quanto ao estilo de texto dominante, em ambos os géneros predomina o texto argumentativo, ou seja, um tipo de texto em que o sujeito se implica, explica ou critica e argumenta para tentar persuadir o interlocutor, ou seja, o público leitor. Por isso, é um tipo de texto onde se defendem pontos de vista e opiniões. No entanto, destaca-se ainda o estilo narrativo, existindo 8 textos narrativos femininos e 6 masculinos (gráfico 26). De realçar ainda a existência de muitos textos masculinos com narrador subjetivo (11 textos contra somente 3 femininos). Não obstante, as encenações verbais presentes nos textos de ambos os géneros são também maioritariamente dinâmicas e ativas, predominando por isso verbos de ação ou factivos.

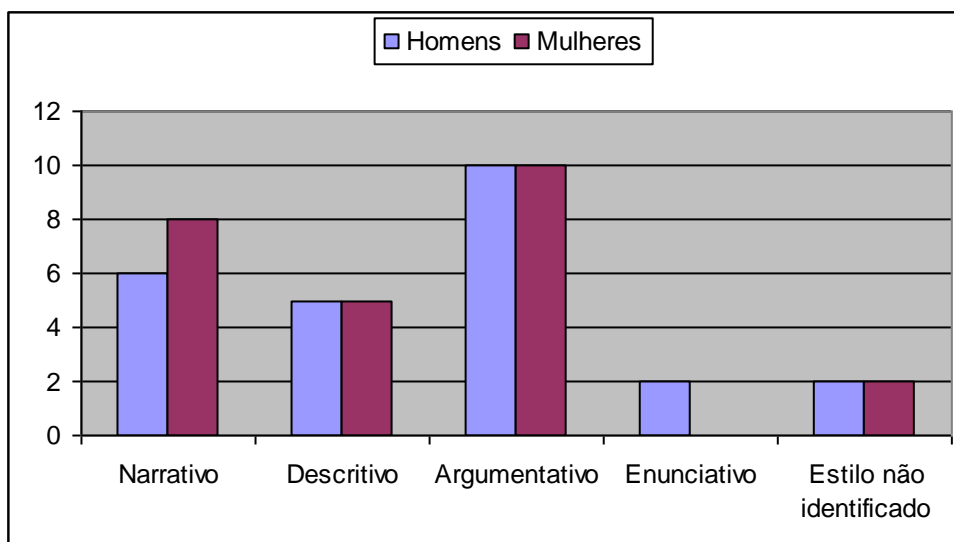


Gráfico 26. Estilos textuais dominantes nos textos de 1989.

No atinente ao emprego das diferentes partes da oração, as classes de palavras mais usadas por ambos os géneros são obviamente os nomes, os verbos e os pronomes (gráfico 27). De sublinhar que os textos do género feminino percentualmente recorrem mais aos verbos, aos pronomes e aos advérbios do que os do género masculino (gráfico 28).

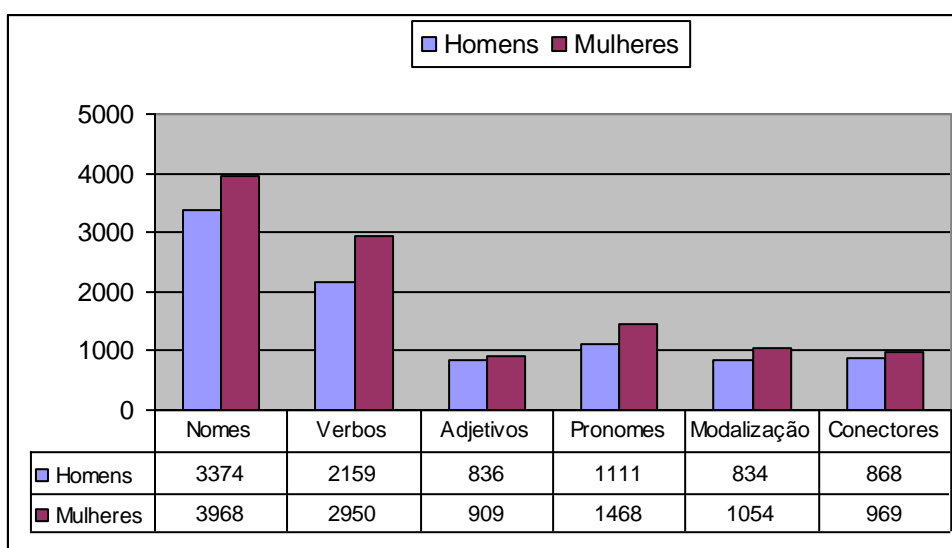


Gráfico 27. Distribuição das classes de palavras nos textos de 1989.

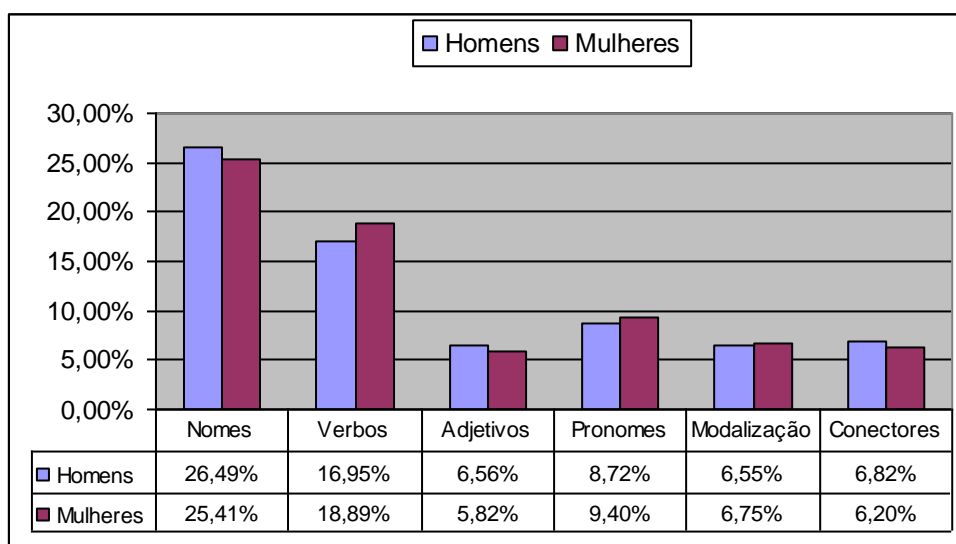


Gráfico 28. Distribuição das classes de palavras percentualmente nos textos de 1989.

No que diz respeito ao uso dos verbos, salienta-se o maior recurso por parte dos textos femininos de verbos factivos (gráfico 29). Efetivamente, nos textos femininos, depois dos verbos estativos *ser* e *ter*, aparecem verbos ligados a ações, como *ir*, *fazer*, *ver*, *dar*, entre outros. Assim, de forma ordenada, os verbos que mais aparecem nos textos masculinos são: *ser*, *ter*, *estar*, *haver*, *dizer*, *dar*, *ir* e *poder*. Já nos textos femininos, os verbos mais comuns são: *ser*, *ter*, *ir*, *fazer*, *haver*, *dizer*, *poder* e *ver*.

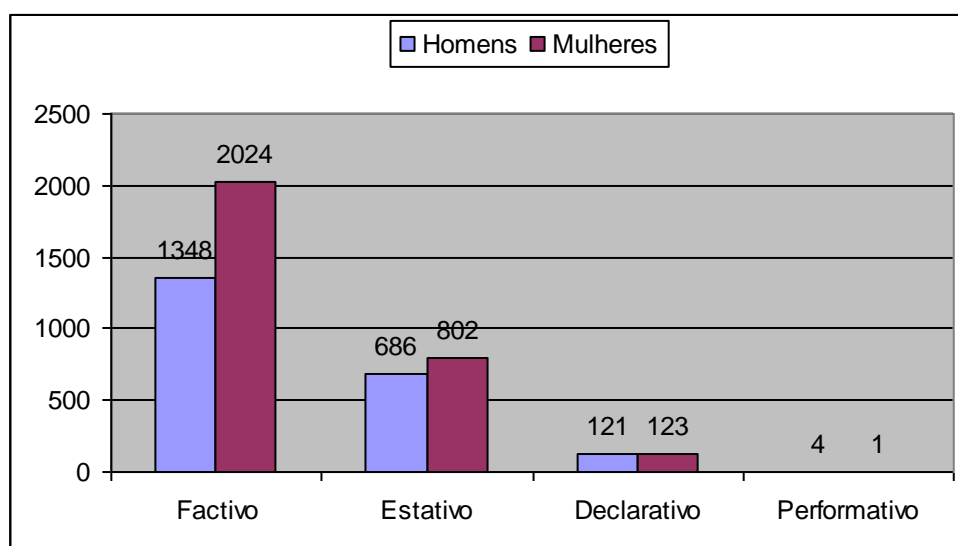


Gráfico 29. Categorias de verbos usados nos textos de 1989.

Quanto aos pronomes, distingue-se o grande recurso ao pronome pessoal “eu” nos textos masculinos, enquanto os textos femininos recorrem mais ao pronome pessoal de terceira pessoa, principalmente no singular, bem como ao pronome de segunda pessoa - “tu”- e do pronome de primeira pessoa do plural - “nós”. Esta distribuição dos pronomes pode

explicar uma maior preocupação feminina em convencer o outro, ou seja, o público leitor, abarcando-o na sua argumentação e no seu texto. Por outro lado, pode ainda ser explicada pelo contexto sociopolítico e cultural da altura, pois a década de oitenta é ainda uma época muito fechada para a mulher, pois era ainda baixo o número de mulheres que trabalhava fora de casa. Por sua vez, os textos masculinos apresentam um homem mais seguro e confiante, mais preocupado em centrar-se em si e no seu ponto de vista. Por isso, muitas vezes o narrador dos textos masculinos é subjetivo (11 textos com narrador subjetivo), sendo que a imagem que tem de si próprio é de distinção e de orgulho.

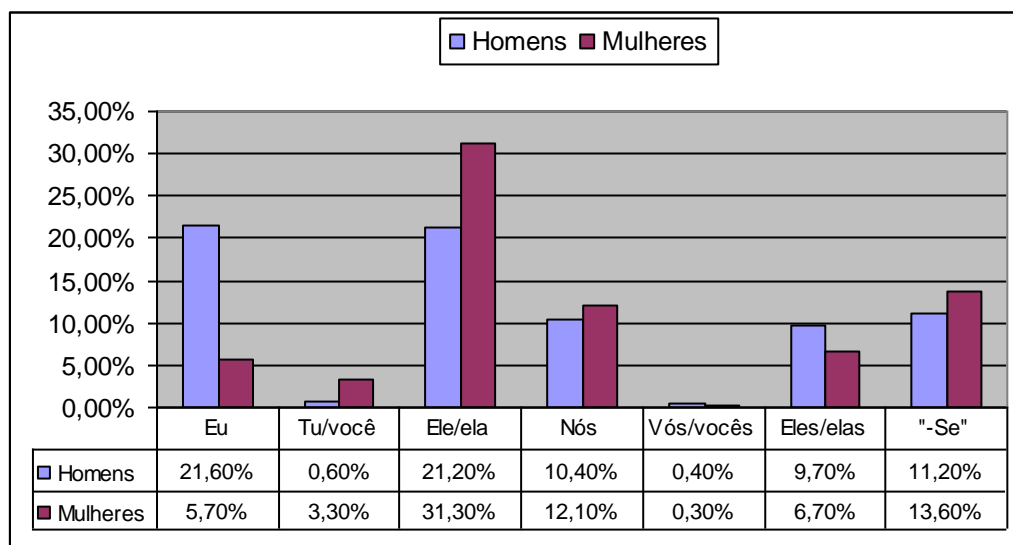


Gráfico 30. Uso dos pronomes pessoais nos textos de 1989.

No que concerne ao emprego de adjetivos, as mulheres recorrem a adjetivos mais subjetivos do que os homens, estes optam por adjetivos objetivos e numéricos (gráfico 31). Estes resultados corroboram novamente a ideia de que a mulher recorre a palavras de ordem mais subjetiva, enquanto os homens usam palavras mais objetivas e concretas.

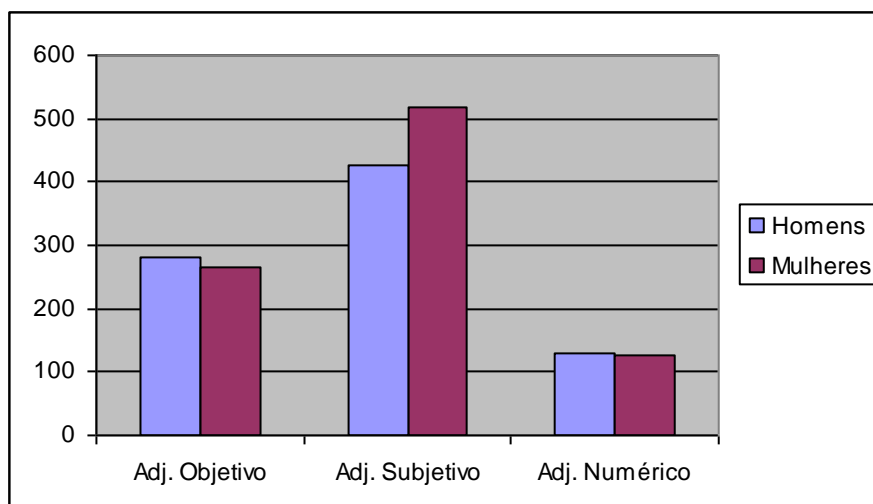


Gráfico 31. Tipos de adjetivos usados nos textos de 1989.

No atinente à modalização, os textos femininos destacam-se pelo recurso à modalização de tempo, de intensidade e de negação (gráfico 32). Embora estejamos perante um estilo argumentativo, o forte recurso às modalizações de negação e de intensidade vêm permitir dramatizar e inflamar o discurso. Também neste conjunto de textos, as mulheres expressam por mais vezes dúvidas do que os homens (homens - 0,7%; mulheres - 1,3%).

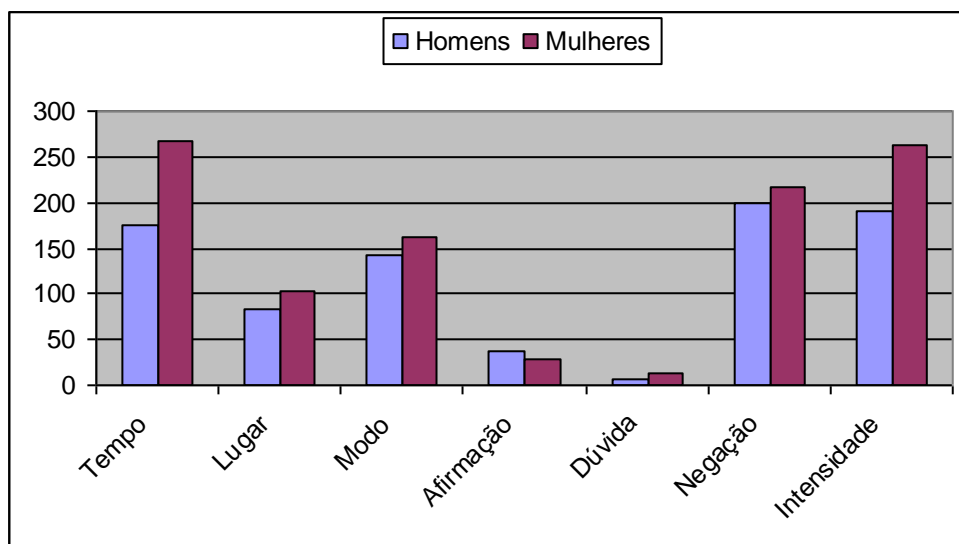


Gráfico 32. Modalização nos textos de 1989.

No atinente ao recurso a conectores, os homens usam mais conectores do que as mulheres (cf. gráfico 33: homens - 6,82%; mulheres - 6,20%). A partir da análise do gráfico 33, percebe-se que há alguma semelhança entre homens e mulheres no emprego de conectores de adição, de tempo, de lugar e de comparação. No entanto, a mulher destaca-se pelo maior recurso a conectores de condição, de disjunção e de oposição, naturalmente devido ao facto de estar a argumentar, indo ao encontro do estilo de texto dominante. Efetivamente, os conectores de oposição são fundamentais para construir uma argumentação, relativizar ou apresentar pontos de vista opostos ao mesmo tempo. Contudo, embora o estilo de texto dominante nos textos masculinos também seja o mesmo, os autores masculinos não recorrem tanto a essa classe de palavra.

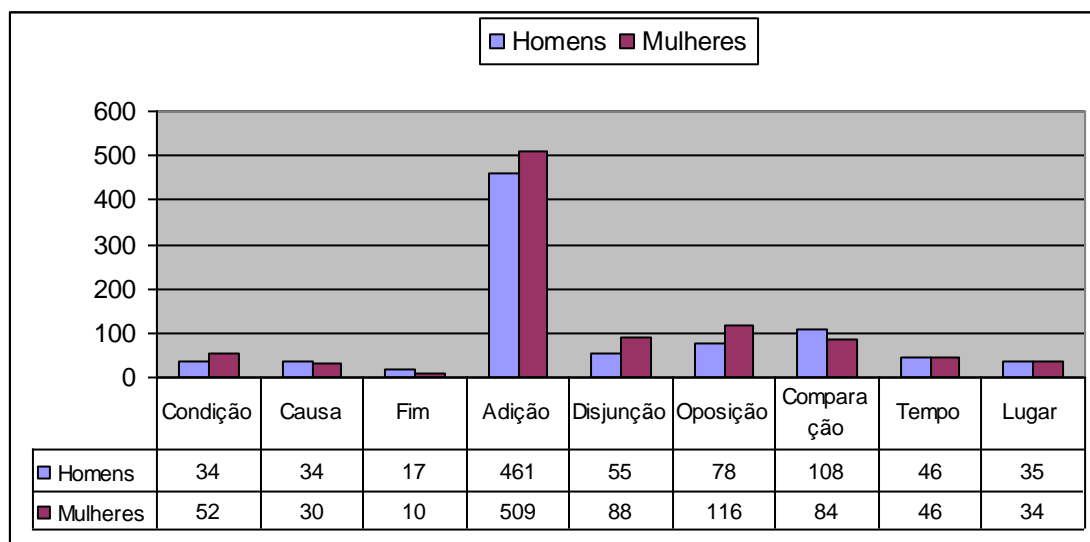


Gráfico 33. Emprego dos diferentes tipos de conectores nos textos de 1989.

De acordo com o *Tropes*, os textos de autoria masculina de 1989, com 12.736 palavras, apresentam 4.464 ocorrências de palavras diferentes; já os textos femininos, com 15.618 palavras, têm 4.898 ocorrências de diferentes palavras. Sendo assim, os textos masculinos apresentam mais variação de palavras, uma vez que têm uma taxa de ocorrências de 35,05% contra 31,36% nos textos femininos. A distribuição destes resultados pelas diversas classes de palavras pode ser confrontada no gráfico que se segue:

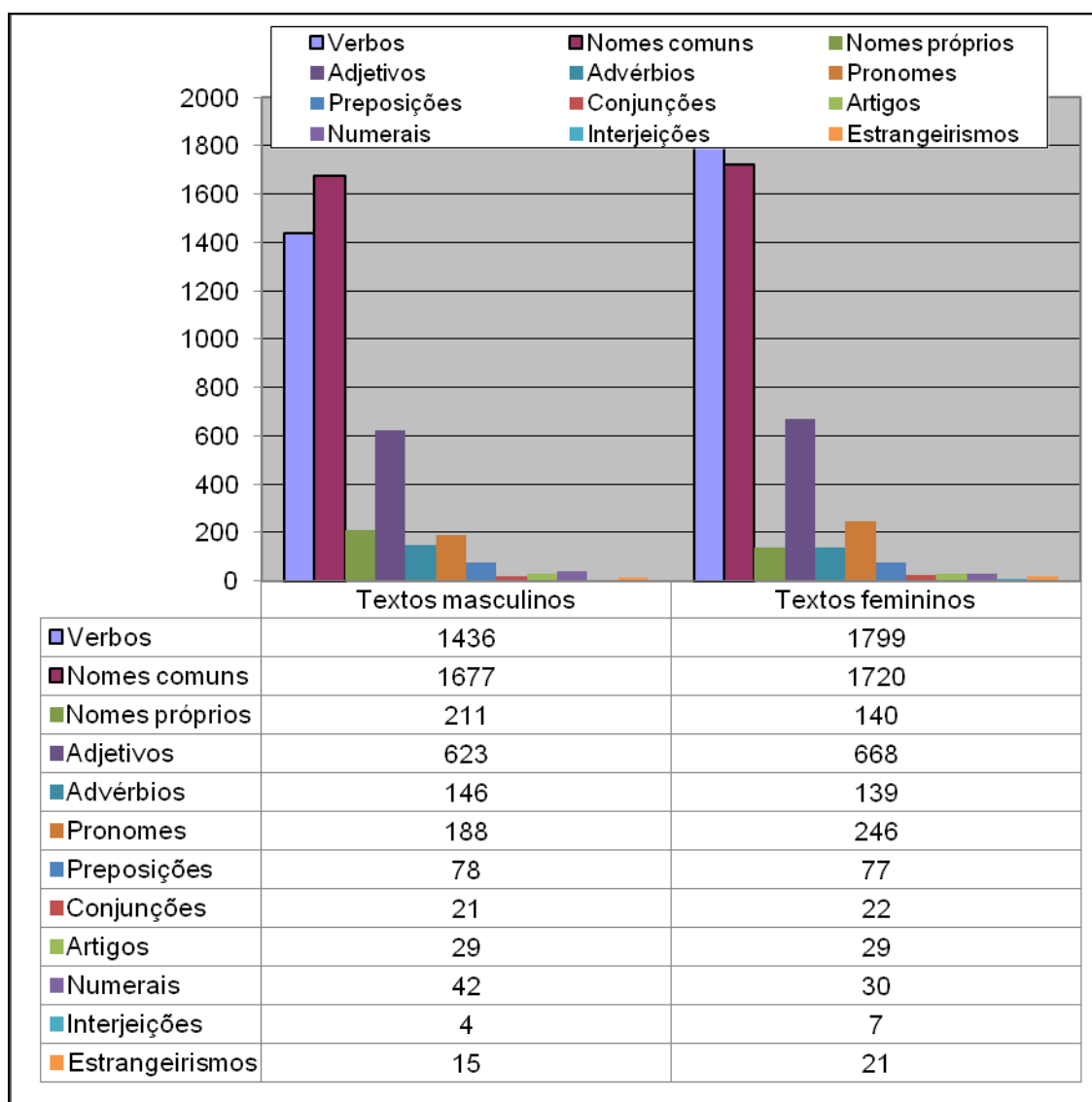


Gráfico 34. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 1989.

A partir da análise do gráfico, as classes de palavras em que ocorrem mais termos diferentes são os nomes comuns, os verbos, os adjetivos e os nome próprios, classes que maioritariamente designam a realidade linguística envolvente. Dentro destas três partes da oração, os textos masculinos apresentam maior variação de ocorrências em todas estas classes, à exceção dos verbos (cf. gráfico 35).

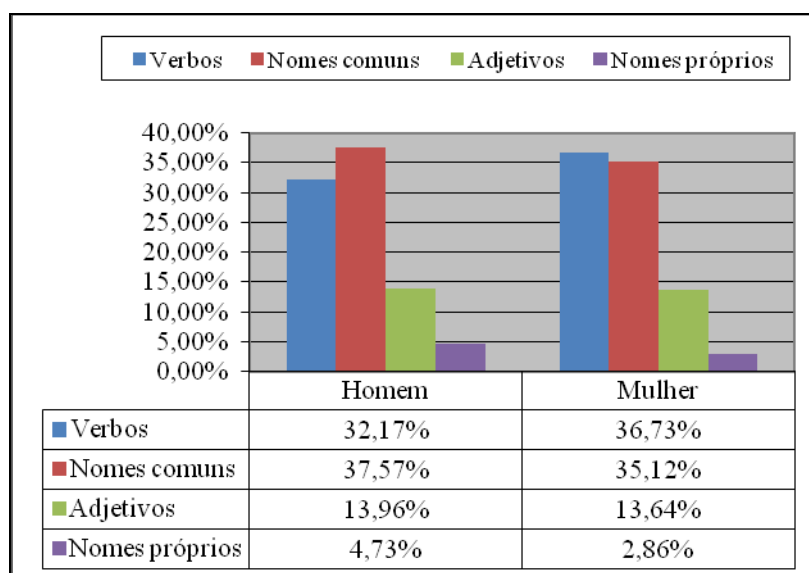


Gráfico 35. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes mais comuns nos textos de 1989.

No que concerne às outras classes de palavras, a que aparece de seguida com maior número de ocorrências é o pronome. Percentualmente, o número de ocorrências dos pronomes é, mais uma vez, superior nos textos femininos (5,02%) relativamente aos textos masculinos (4,21%). Quanto à subclasse de pronomes que mais aparece é, desde logo, o pronome possessivo, na variação em género *seu* e *sua* (cf. tabela 15), que abunda mais nos textos masculinos (1,64% contra 1,34%). Destacam-se ainda os pronomes demonstrativos, indefinidos e possessivos como aparecendo em maior número, existindo alguma variação entre os textos masculinos e femininos. Curioso é também analisar que, neste *corpus* textual de 1989, os pronomes pessoais de 1.^a pessoa predominam nos textos masculinos, sendo que o pronome “eu” ocorre cerca duas vezes mais nos textos masculinos (0,26% contra 0,10%). Efetivamente, pela análise dos resultados das ocorrências apresentados na tabela 15, percebe-se que os textos masculinos de 1989 giram à volta de uma primeira pessoa que fala, enquanto os textos femininos se centram numa 3.^a pessoa, de quem se fala.

Textos masculinos (1989)		Textos femininos (1989)	
Pronomes	Ocorrências	Pronomes	Ocorrências
sua	40	sua	57
me	38	todos	35
minha	36	ele	34
eu	33	seu	34
tudo	27	mesmo	33
todos	26	quem	32

meu	26	tudo	31
seu	22	lhe	29
tal	21	ela	26
quem	20	esse	20
mesmo	19	seus	20
qualquer	19	nossa	20
outros	18	este	19
esta	17	outros	18
este	17	todas	18
isto	17	nós	18
isso	16	outro	17
lhe	16	essa	17
nosso	16	nosso	17
nossos	15	eu	16
pouco	14	cada	15
nós	14	própria	15
todo	13	outras	14
meus	13	pouco	14
outras	12	aquela	13
nossa	12	esta	13
qual	12	alguém	13
esse	11	qual	13
alguns	11	isto	12
suas	11	suas	12

Tabela 15. Pronomes mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1989.

No que diz respeito ao advérbio, esta classe é mais solicitada pelos textos masculinos (3,27% das ocorrências contra 2,84%). Quanto à sua ocorrência, o advérbio que mais se repete é o de negação *não*, seguido do advérbio de quantidade *mais* e dos de tempo *já* e *ainda*. No que concerne ao advérbio de negação *não*, percentualmente, ele é mais usado pelos textos masculinos (1,33% do total de palavras, contra 1,28% do total de palavras dos textos

femininos). Já o advérbio de quantidade *mais* surge em maior percentagem nos textos femininos (0,69% contra 0,46% nos masculinos).

Textos masculinos (1989)		Textos femininos (1989)	
Advérbios	Ocorrências	Advérbios	Ocorrências
não	169	não	200
mais	59	mais	108
ainda	37	já	42
onde	35	ainda	37
muito	32	onde	34
já	28	muito	30
nem	26	sempre	28
sempre	23	assim	25
tão	22	lá	24
assim	20	então	21
hoje	18	tão	20
lá	16	nem	19
agora	16	agora	19
aqui	15	muitos	18
muitos	13	menos	18
ali	12	ali	15
sim	10	muitas	15
nada	9	quase	13
atrás	8	aqui	11
então	8	nada	11
nunca	7	talvez	10
demais	6	apenas	10
aí	6	cá	9
sequer	6	nunca	9
muita	6	antes	9

apenas	5	publicamente	8
menos	5	aí	7

Tabela 16. Advérbios mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1989.

No que concerne às preposições, como já se viu no gráfico 34, o seu número de ocorrências é maior nos textos masculinos (78 ocorrências, equivalente 1,75% do total) do que nos textos femininos (77 ocorrências, equivalente a 1,57%). Mais uma vez, a preposição que se destaca em ambos os conjuntos de textos é a preposição *de* (cf. tabela 17). Efetivamente, a preposição *de* e as suas contrações dominam ambos os textos, sendo que nos textos masculinos correspondem a 7,82% do total de palavras usadas e nos femininos equivalem a 7,93%. Por sua vez, a preposição *a* e suas contrações é empregue em maior percentagem nos textos femininos (5,28% contra 5,08%)²⁸. Quanto à percentagem de uso da preposição *em* e suas contrações, esta é maior nos textos masculinos (3,08% contra 2,87%). No atinente à preposição *com*, ela ocorre percentualmente em maior número nos textos masculinos (1,08% contra 0,88%). Já no que diz respeito à preposição *por*, ela é também mais comum nos textos femininos (0,81% por oposição a 0,76%).

Textos masculinos (1989)		Textos femininos (1989)	
Preposições	Ocorrências	Preposições	Ocorrências
de	501	de	708
a	456	a	620
da	177	da	207
do	154	do	193
com	138	com	137
em	127	em	133
dos	101	por	126
por	97	ao	91
na	82	na	89
no	74	no	88
à	74	dos	80
ao	69	à	70

²⁸ É curioso que a percentagem de uso da preposição *a* e suas contrações seja equivalente à verificada no *corpus* de 1999.

das	63	nos	59
nos	52	das	50
até	33	sem	37
aos	32	num	31
pela	25	até	29
pelo	25	aos	25
sem	19	pelo	24
nas	17	nas	23
às	16	pela	19
num	15	às	18
numa	14	sobre	16
sobre	11	contra	15
neste	11	entre	14
entre	9	numa	14
pelos	9	neste	12
pelas	9	desde	9
desde	8	durante	8

Tabela 17. Preposições mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1989.

No que concerne às conjunções, que representam 0,47% das ocorrências nos textos masculinos e 0,45% nos femininos, destacam-se novamente *que* e *e*. Não obstante, percentualmente as conjunções *que* e *e* ocorrem mais vezes nos textos masculinos (3,69% e 3,63%) do que nos femininos (3,64% e 3,27%). Por outro lado, também se percebe que a conjunção condicional *se* e a conjunção adversativa *mas* são mais usadas nos textos femininos (1,13% e 0,58%) do que nos textos masculinos (0,97% e 0,46%). Por sua vez, a conjunção *para* é mais comum de ocorrer nos textos femininos (1,11% das palavras) do que nos textos masculinos (1,01% das palavras).

Textos masculinos (1989)		Textos femininos (1989)	
Conjunções	Ocorrências	Conjunções	Ocorrências
que	470	que	569
e	462	e	510

para	128	se	176
se	124	para	173
mas	59	mas	91
ou	56	ou	88
quando	41	quando	37
porque	27	depois	36
também	22	também	34
depois	17	porque	29
pois	16	pois	11
porquanto	4	entanto	8
entanto	4	porém	6
porém	3	senão	4
todavia	3	todavia	3
senão	3	embora	3
portanto	2	portanto	2
embora	2	contudo	2
		enquanto	1

Tabela 18. Conjunções presentes no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1989.

Quanto ao uso dos artigos, estes surgem em igual número nos dois conjuntos de textos, embora percentualmente o número de ocorrências seja maior número nos textos masculinos (0,65% contra 0,59%) (cf. gráfico 34). Como se verifica na tabela 19, os artigos definidos são mais comuns em ambos os *corpora*, embora apareçam percentualmente em maior número nos textos femininos (9,0% contra 8,06% nos textos masculinos). Não obstante, no que concerne ao uso dos artigos indefinidos, os textos femininos são mais ricos, uma vez que aqueles representam 2,45% do total de palavras, enquanto somente representam 1,81% do total de palavras nos textos masculinos.

Textos masculinos (1989)		Textos femininos (1989)	
Artigos	Ocorrências	Artigos	Ocorrências
a	456	a	620
o	310	o	422

os	144	um	209
um	119	uma	162
as	116	os	154
uma	100	as	120
uns	9	uns	7
umas	3	umas	4

Tabela 19. Distribuição dos artigos (sem ser contraídos com preposições) no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1989.

Por fim, no que diz respeito aos numerais, mais uma vez, eles ocorrem em maior número nos textos masculinos (0,94% contra 0,61%). Por outro lado, as interjeições e os estrangeirismos ocorrem em maior número nos textos femininos. Deve-se destacar que estes estrangeirismos são maioritariamente de origem latina e francesa.

Desta forma, tendo em conta a análise aos textos de opinião publicados em 1989 nos *media* portuguesas, verificam-se diferenças nos discursos masculino e feminino. Primeiramente, existem diferenças ao nível dos assuntos tratados e dos sentimentos expressos nos textos. Do mesmo modo, também se nota uma grande subjetividade nos textos femininos, propiciada pelo recurso a adjetivos subjetivos e a pronomes. No entanto, também os textos masculinos têm presente a subjetividade, mas, neste caso, para demonstrar a segurança e a confiança com que os autores masculinos expõem os seus argumentos. Por outro lado, os textos femininos dramatizam mais a sua argumentação do que os textos masculinos, recorrendo mais as modalizações de intensidade e de negação.

Por último, tendo em conta o número de ocorrências das palavras, destaca-se novamente o facto de os textos masculinos serem mais ricos em nomes comuns e numerais, ou seja, classes de palavras mais concretas e mais centradas na realidade, características apontadas já ao discurso masculino (Koppel *et al.* 2003). Por seu turno, os textos femininos de 1989 destacam-se, relativamente aos masculinos, pelo maior uso de artigos indefinidos e de verbos.

2.2.4. Textos de opinião de 1979

Os textos de opinião datados de 1979 foram também recolhidos de jornais nacionais e regionais e locais, abordando diferentes assuntos e temáticas que eram os temas da atualidade e de interesse nacional. Assim, foram recolhidos textos de opinião do jornal nacional *Diário de Notícias* (23 textos masculinos e 19 femininos) e dos jornais regionais *Flôr do Tâmega* (1 texto masculino e 1 feminino), *A Voz de Trás-os-Montes* (4 textos femininos) e *O Vilarealense* (1 texto masculino e 1 feminino).

A assinar os textos masculinos surgem os nomes: José Abreu; Soaieiro de Faria; José Rabaça (3 textos); Carlos Macedo; Paulo de Castro; Romeu de Melo; Vasco da Gama Fernandes; Luís Sttau Monteiro (3 textos); Francisco Charais; José da Fonseca; Fausto Lopes de Carvalho; António de Figueiredo (2 textos); J. Comprido Baptista; Eduardo Lourenço; Nuno Rocha; Carlos Costa; António José Saraiva; Raul Rego; António Reis e Jorge Miranda.

Quanto às autoras dos textos femininos, temos: Maria Elisa (7 textos); Maria João Avillez (3 textos); Helena Roseta; Marília Loreto Coimbra; Raquel Souto; Maria Costa; Carmen Azevedo; Maria da Conceição Fidalgo Azevedo (2 textos); Maria Moura (2 textos); Iva Delgado; Manuela Azevedo (2 textos); Graciete Batalha; Encarnação Viegas e Ivone Reis.

No que diz respeito ao número de palavras, estes textos de 1979, quer de homens, quer de mulheres, são regra geral mais extensos do que os apresentados anteriormente. Assim, no total, o texto dos homens tem 33.127 palavras e o das mulheres 17.538, sendo que o número de frases por texto é de 3.739 no texto masculino e 2.138 no feminino. Desta forma, em média, as frases de autoria masculina têm 8,86 palavras e as de autoria feminina têm 8,20 palavras. Assim sendo, entende-se, mais uma vez, que, na generalidade, as frases das mulheres são menos extensas do que as dos homens. Consequentemente, as suas frases têm uma estrutura sintática mais simples, uma vez que as mulheres utilizam verbos em maior percentagem do que os homens, e, em menor percentagem do que os homens, os conectores²⁹.

No atinente aos assuntos abordados nestes textos, salientam-se temas relacionados com a vida humana e conceitos gerais em ambos os conjuntos de textos. Como se pode confrontar no gráfico 36, nos textos masculinos exploram-se ainda, de forma decrescente, os seguintes temas: política, geografia, comunicação e média, sociedade, direito e justiça, emprego e trabalho, urbanismo e habitação e conflito e combate. Já nos textos femininos, tratam-se, de modo decrescente, temas ligados à geografia, à política, à sociedade, à comunicação e média, à arte e cultura, à religião e mitologia, ao urbanismo e habitação e ao direito e justiça.

²⁹ Em termos percentuais, nos textos de opinião do nosso *corpus* de análise, no que diz respeito ao recurso aos verbos, estes ocorrem 17,35% nos textos femininos e 16,18% nos textos masculinos. Por sua vez, no atinente ao uso dos conectores, estes surgem 5,84% nos textos femininos e 6,72% nos masculinos.

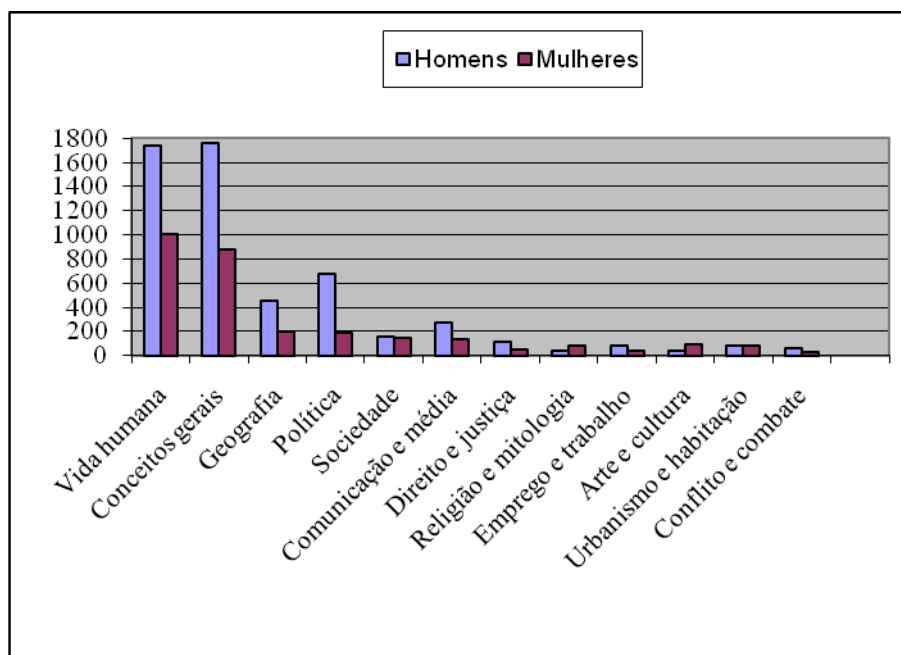


Gráfico 36. Frequência das temáticas predominantes nos textos de 1979.

No que respeita aos sentimentos e emoções perante a vida humana, nos textos femininos abundam, por ordem decrescente, a tristeza, o medo, a alegria e a satisfação. Por sua vez, nos textos masculinos, predominam também o medo, a satisfação e a tristeza. Quanto à imagem de si enquanto indivíduo, tanto nos textos femininos como nos masculinos predomina a distinção, embora acompanhada pela vergonha.

No que concerne ao estilo de texto dominante, verificam-se diferenças entre os gêneros. De acordo com o gráfico 37, enquanto nos textos masculinos prepondera o estilo descritivo, nos textos femininos domina o texto narrativo, a partir do qual o narrador expõe uma série de acontecimentos que se sucedem num dado momento e num certo lugar. Assim, quanto às encenações verbais, prevalece em ambos os conjuntos de textos uma encenação dinâmica e ativa, onde abundam verbos de ação. Não obstante, também se encontram seis textos femininos onde está presente um narrador subjetivo, contra três masculinos.

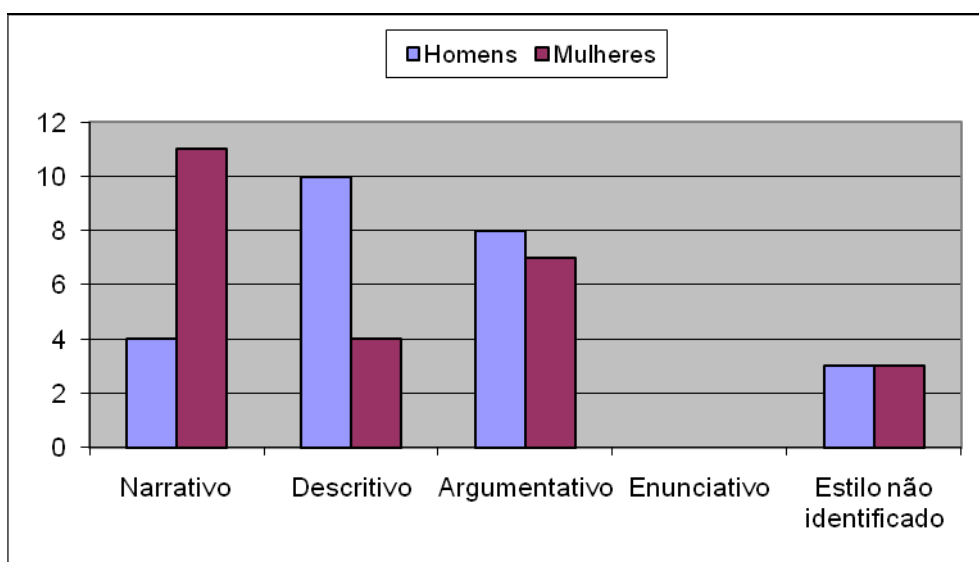


Gráfico 37. Estilos discursivo dominantes nos textos de 1979.

No atinente ao emprego das diferentes partes da oração, as mais usadas por ambos os géneros são os nomes, os verbos e os pronomes (gráfico 38). De destacar que os textos do género feminino percentualmente utilizam mais aos verbos do que os do género masculino (gráfico 39). Da mesma forma, os textos masculinos têm mais conectores e adjetivos do que os femininos.

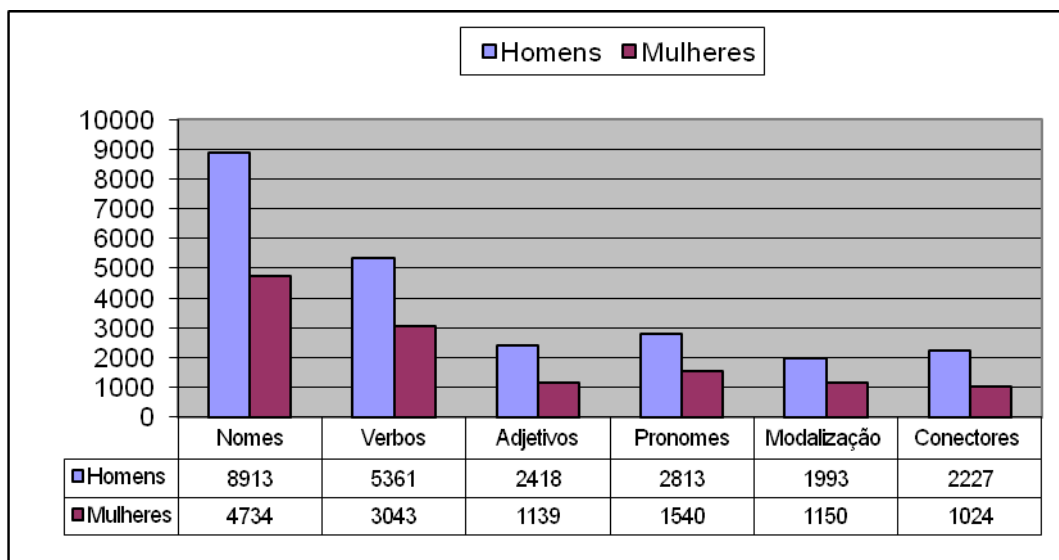


Gráfico 38. Distribuição das classes de palavras nos textos de 1979.

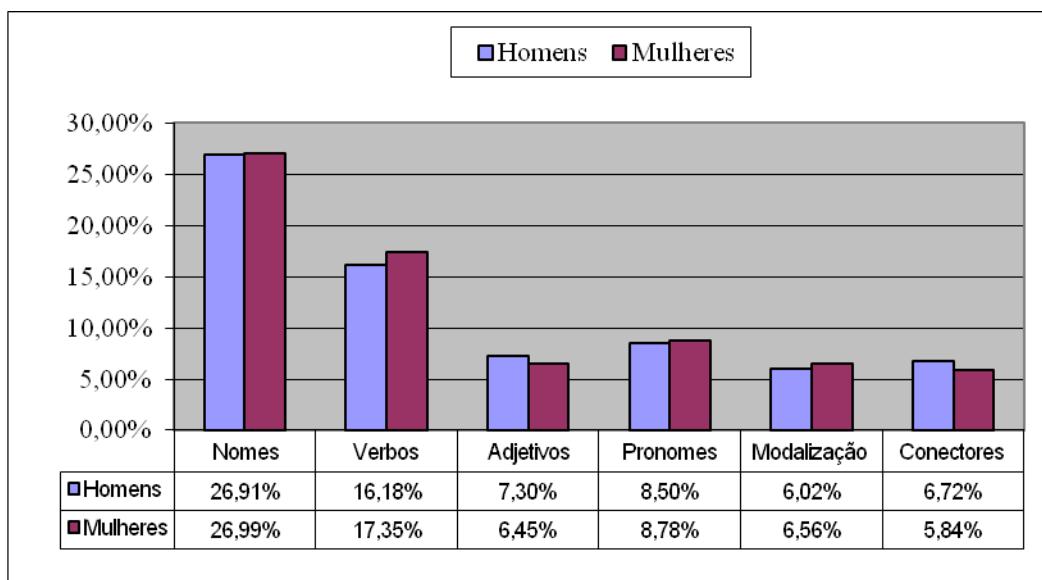


Gráfico 39. Distribuição percentual das classes de palavras nos textos de 1979.

No que diz respeito ao emprego dos verbos, salienta-se o maior recurso por parte dos textos femininos a verbos factivos (gráfico 40), a que não é alheio o facto de serem maioritariamente textos narrativos, que contam e enumeram ações. Efetivamente, nos textos femininos, depois dos verbos estativos *ser* e *ter*, aparecem verbos ligados a ações, como *fazer*, *dar*, *ir*, *passar*, entre outros. De igual modo, nos textos masculinos, abundam mais verbos estativos do que nos textos femininos.

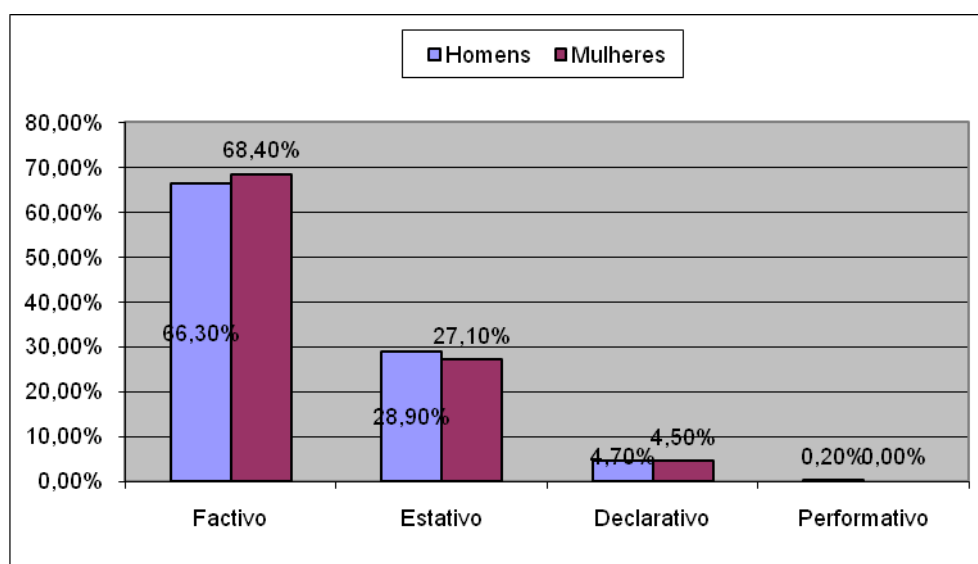


Gráfico 40. Categorias de verbos usados nos textos de 1979.

Já quanto ao uso dos pronomes (gráfico 41), distingue-se o grande recurso ao pronome pessoal de primeira pessoa - “eu” e “nós” - nos textos femininos, enquanto os textos masculinos recorrem mais ao pronome pessoal de terceira pessoa, principalmente no singular. Esta distribuição dos pronomes nos textos femininos explica o aparecimento do narrador

subjetivo em vários textos. Por sua vez, nos textos masculinos, de caráter mais descritivo, centram-se mais no outro, daí o uso do pronome de terceira pessoa. Por outro lado, é de salientar que os textos femininos recorrem muito mais aos pronomes, nomeadamente aos pronomes pessoais. Percentualmente, nos textos femininos existem 8,78% pronomes, sendo 4,17% pronomes pessoais; já nos textos masculinos, dos 8,49% pronomes, 3,76% são pronomes pessoais.

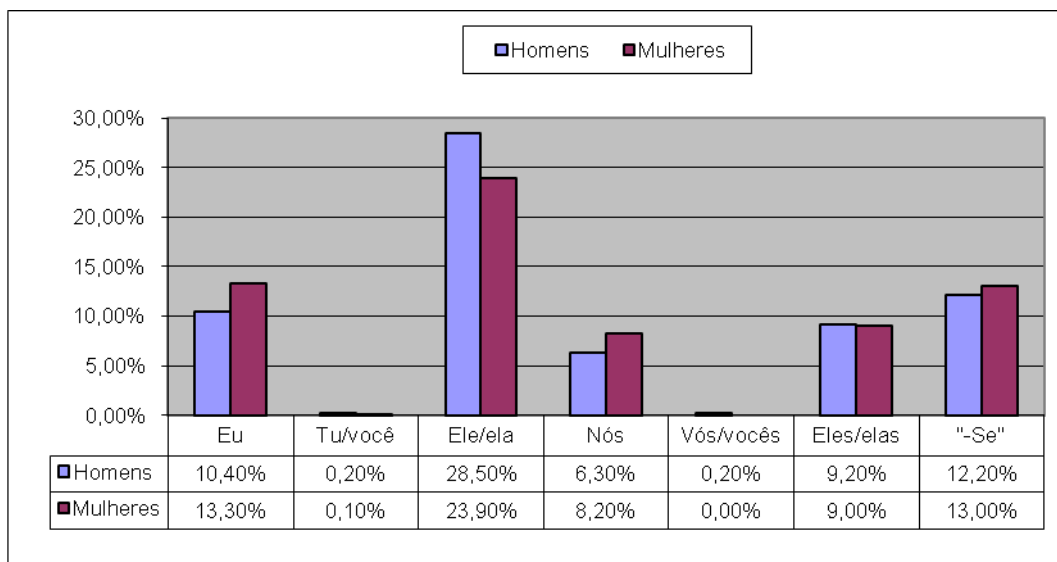


Gráfico 41. Recurso aos pronomes pessoais nos textos de 1979.

Por sua vez, no que concerne ao recurso de adjetivos, contrariamente ao que acontece na análise dos *corpora* dos anos anteriores, são os textos masculinos que mais recorrem a esta classe de palavra. Não obstante, uma vez que os textos masculinos são maioritariamente descritivos, o emprego do adjetivo é crucial neste género textual. À semelhança dos textos femininos, que recorrem maioritariamente a adjetivos subjetivos, também nestes textos masculinos surge grande número esta classe de palavra (gráfico 42). Por outro lado, contrariamente ao que se tem vindo a verificar, os textos femininos têm maior percentagem de uso de adjetivos numéricos ou numerais, talvez, como também defendeu Cardoso (1998), porque há um esforço feminino de ir ao encontro da linguagem carateristicamente masculina. Por outro lado, o ano de 1979 é um período muito próximo da Revolução de Abril, momento a partir do qual a mulher portuguesa começa a conquistar e a dar os primeiros passos na esfera pública, procurando alcançar o mesmo destaque que os homens.

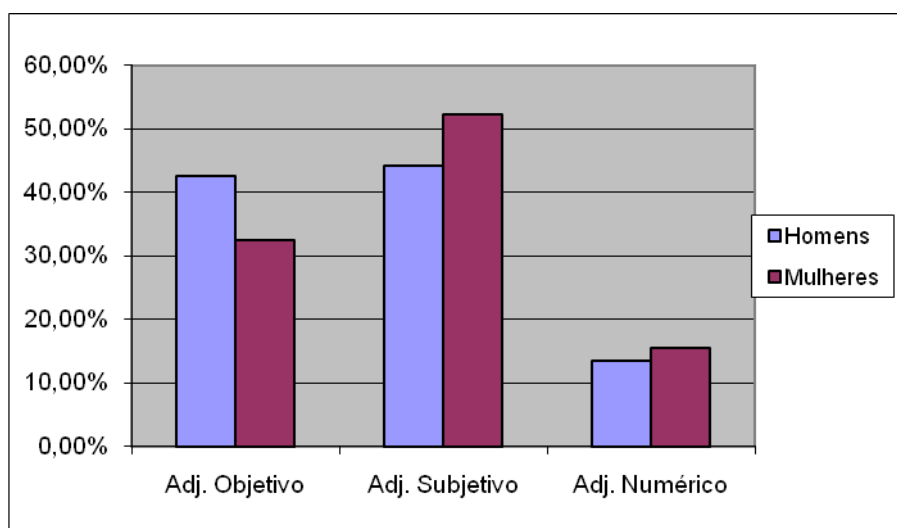


Gráfico 42. Tipos de adjetivos presentes nos textos de 1979.

No atinente à modalização, os textos femininos destacam-se mormente pelo recurso a advérbios e locuções de tempo e de lugar (gráfico 43), fundamentais no texto narrativo para situar a ação. Já os textos masculinos sobressaem pelo emprego de advérbios de modo e de negação. Também estão presente, em ambos os conjuntos de textos, as modalizações de negação e de intensidade, que permitem dramatizar e inflamar o discurso, dando assim um cunho pessoal a estes textos jornalísticos.

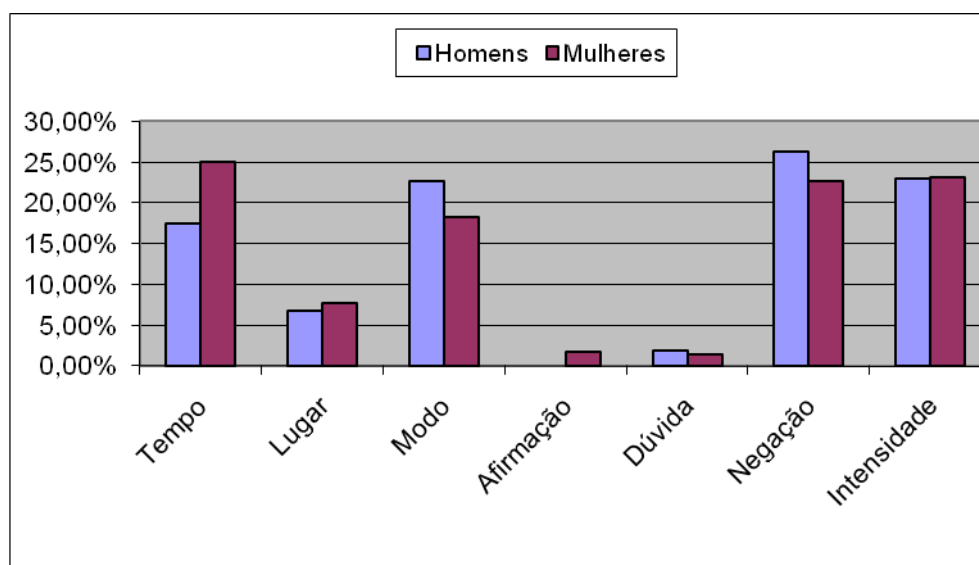


Gráfico 43. Modalização nos textos de 1979.

Quanto ao emprego de conectores, os homens usam mais conectores do que as mulheres (cf. gráfico 44: homens - 6,72%; mulheres - 5,84%). A partir da análise do gráfico 44, percebe-se que há alguma semelhança entre homens e mulheres no emprego de conectores de adição, de oposição, de disjunção e de comparação, embora o recurso a conectores de

adição seja maior nos textos masculinos e o uso de conectores de oposição seja maior nos textos femininos. Por outro lado, os textos femininos também recorrem mais a conectores de tempo e de lugar, devido também ao facto de serem textos predominantemente narrativos, que exigem localização espácio-temporal, fornecida pelos conectores e pelos advérbios e locuções adverbiais.

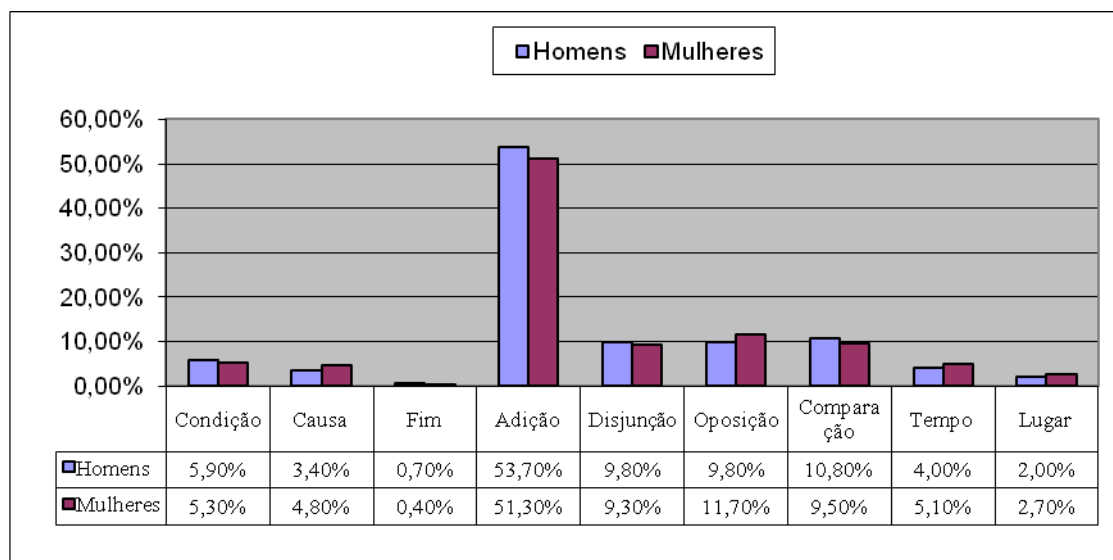


Gráfico 44. Uso dos conectores nos textos de 1979.

No atinente à ocorrências dos diferentes vocábulos, os textos de autoria masculina de 1979, com 33.127 palavras, apresentam 6.253 termos diferentes; já os textos femininos, com 17.538 palavras, variam em 5.585 ocorrências. Desde logo, se percebe a reduzida variação nas ocorrências dos textos masculinos. Efetivamente, percentualmente, as palavras dos textos masculinos só têm 18,88% de variação enquanto os textos femininos têm 31,85%.

A distribuição destas ocorrências pelas diversas classes de palavras pode ser confrontada no gráfico que se segue:

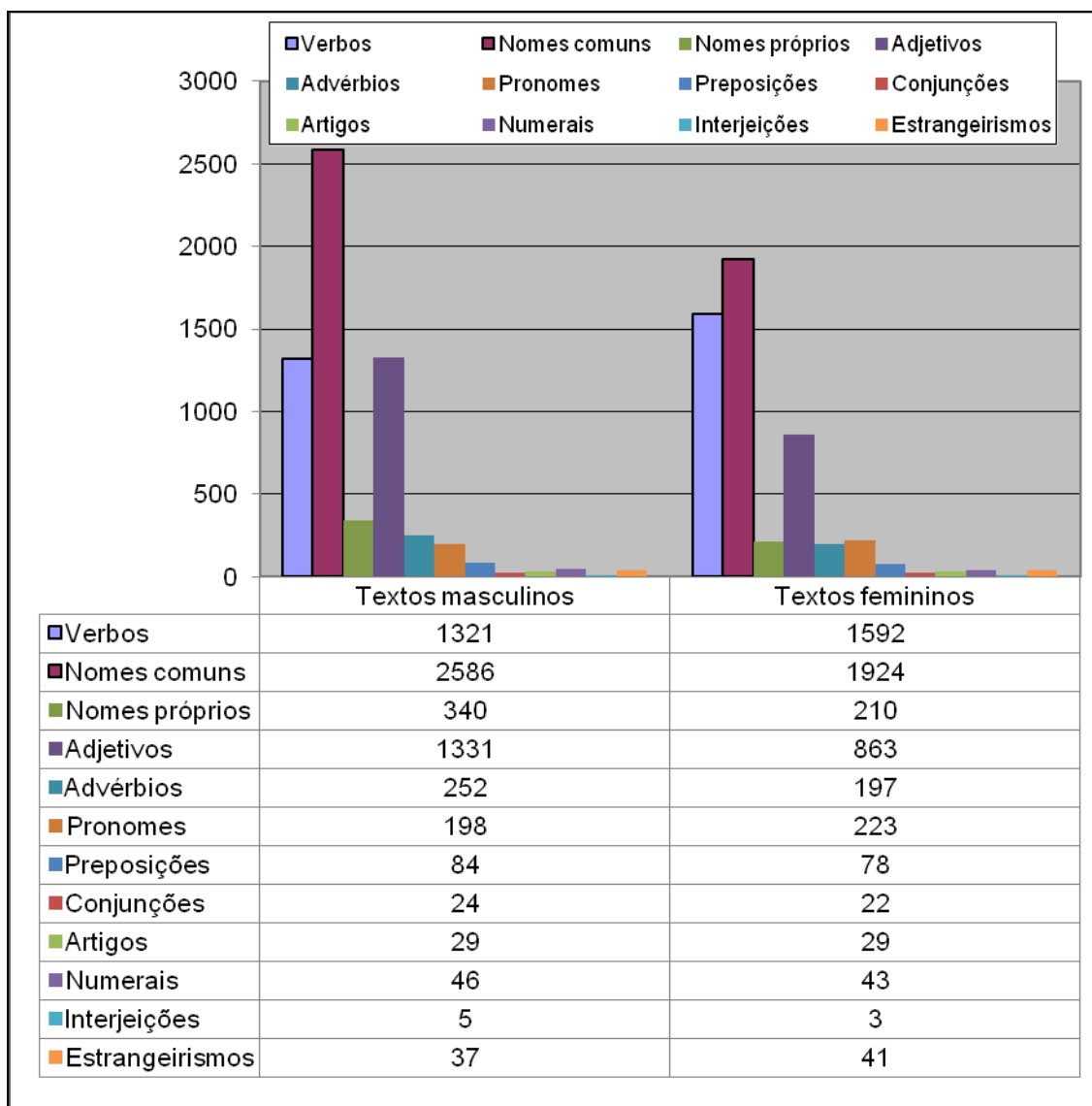


Gráfico 45. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 1979.

À semelhança dos resultados anteriores, o gráfico 45 atesta que as classes de palavras que mais ocorrem são os nomes comuns, os verbos, os adjetivos e os nomes próprios. De entre estas quatro partes da oração, os textos femininos, mais uma vez, são mais ricos e diversificados no recurso aos verbos (cf. gráfico 46). Por sua vez, os textos masculinos destacam-se pelo maior uso de nomes comuns, nomes próprios e adjetivos.

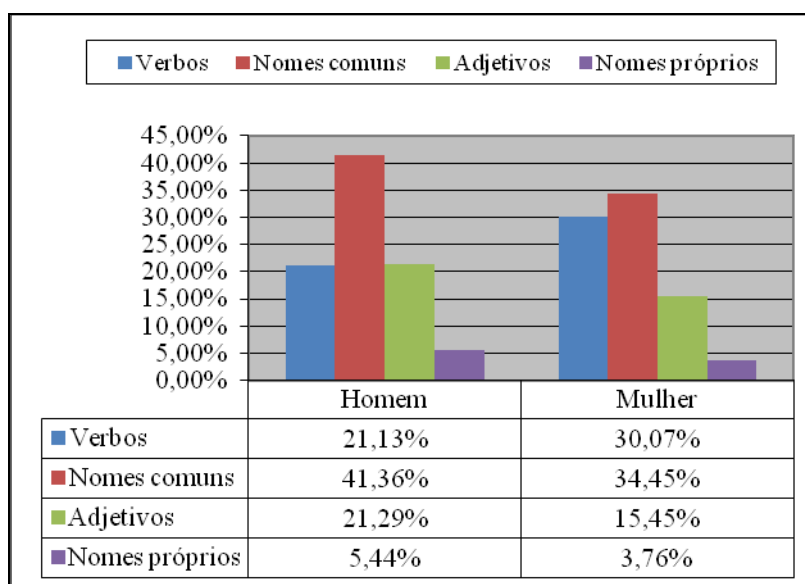


Gráfico 46. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes mais comuns nos textos de 1979.

A seguir aparece o advérbio, que ocorre em maior número nos textos masculinos (4,03% do total de ocorrências contra 3,53% nos femininos). Mais uma vez, os advérbios mais comuns são o de negação *não*, os advérbios de quantidade *mais* e *muito* e ainda os advérbios de tempo *já* e *ainda* (cf. tabela 20). Quanto às diferenças de uso, o advérbio de negação *não* é mais comum nos textos masculinos (1,44% do total de palavras contra 1,29% nos femininos). Por sua vez, os advérbios de quantidade *mais* e *muito* são utilizados em maior percentagem pelos textos femininos (0,61% e 0,24% contra 0,58% e 0,20%). No atinente aos advérbios de tempo, *ainda* é usado percentualmente em igual número por ambos os gêneros (0,19%), mas o advérbio *já* é mais usado nos textos femininos (0,26% contra 0,18%).

Textos masculinos (1979)		Textos femininos (1979)	
Advérbios	Ocorrências	Advérbios	Ocorrências
não	477	não	227
mais	193	mais	107
muito	67	já	45
ainda	64	muito	42
já	59	sempre	39
onde	51	ainda	33
sempre	49	onde	26
nem	44	nem	23

lá	38	aqui	21
menos	38	apenas	21
assim	36	hoje	21
tão	29	então	21
dentro	27	tão	20
apenas	27	lá	19
hoje	27	nunca	18
nada	25	assim	17
talvez	24	quase	17
aqui	21	menos	15
além	20	logo	15
nunca	18	agora	14
agora	18	antes	13
muitos	16	afinal	12
quase	16	muitas	11
então	16	além	10
naturalmente	14	sim	10
sim	13	talvez	10
muitas	13	ali	10
sobretudo	12	muitos	10
antes	12	nada	9
longe	11	sobretudo	8

Tabela 20. Advérbios mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1979.

Quanto aos pronomes, esta classe de palavra é mais comum nos textos femininos do que nos masculinos, uma vez que a percentagem de ocorrência é de 3,99% contra 3,17% nos textos masculinos.

Tendo em conta o apresentado na tabela 21, as subclasses do pronome que mais abundam são as dos possessivos e indefinidos. Assim, no que diz respeito aos pronomes possessivos, estes são mais usados pelos textos masculinos (1,46% contra 1,06%). Por sua vez, no atinente aos pronomes indefinidos, estes são mais comuns no *corpus* feminino (1,26% contra 1,05%). Por fim, no que concerne aos pronomes pessoais, os mais comuns em ambos os

corpora são os pronomes pessoais de primeira pessoa, sendo que em primeiro lugar surge o pronome *me*, seguido do pronome *eu*, nos textos masculinos, e do pronome *nós* nos textos femininos. Não obstante, na globalidade, os pronomes pessoais de primeira pessoa, onde se incluem *me*, *ma*, *mo*, *eu*, *nós*, *mim*, são mais comuns nos textos femininos (0,50% contra 0,34%).

Textos masculinos (1979)		Textos femininos (1979)	
Pronomes	Ocorrências	Pronomes	Ocorrências
sua	188	sua	50
seu	78	quem	47
todos	68	seu	41
mesmo	62	me	37
tudo	54	outros	36
quem	53	mesmo	32
isto	52	todos	31
me	51	tudo	28
esta	44	cada	27
cada	42	qualquer	26
outros	39	esta	24
seus	38	nós	24
tal	35	lhe	24
meu	35	isso	19
isso	34	eu	19
suas	34	este	18
este	33	toda	17
qualquer	33	suas	17
eu	32	qual	17
ele	31	essa	16
nossa	30	minha	16
nosso	30	alguns	15
lhe	28	si	15

tanto	26	tal	14
nós	26	alguém	14
si	26	todas	14
outro	24	nossa	14
todo	24	outro	13
minha	24	todo	13
essa	23	ela	13

Tabela 21. Pronomes mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1979.

A porcentagem de ocorrência das preposições é maior nos textos femininos (1,40% relativamente a 1,34%). Quanto à preposição que ocorre mais vezes (*cf.* tabela 22), novamente é *de*, que se destaca em ambos os conjuntos de textos. Contudo, é nos textos femininos que mais abunda (4,79%, contra 4,52% nos textos masculinos). No entanto, quando analisamos a distribuição da preposição *de* e as suas contrações, verificamos que no geral ocorrem em maior porcentagem nos textos masculinos (8,92%) do que nos femininos (8,38%). Do mesmo modo, a preposição *a* e suas contrações é mais comum nos textos masculinos (5,41% contra 5,18%). Por sua vez, a preposição *em* e suas contrações ocorrem em maior porcentagem nos textos femininos (3,42% comparativamente a 3,14% nos masculinos). Já a preposição *por* e suas contrações são mais abundantes no *corpus* masculino (1,20% contra 1,04%). Por fim, a preposição *com* é mais comum nos textos femininos (0,86% contra 0,83% nos masculinos).

Textos masculinos (1979)		Textos femininos (1979)	
Preposições	Ocorrências	Preposições	Ocorrências
de	1498	de	840
a	1408	a	679
da	572	da	252
do	528	do	227
em	415	em	193
com	275	com	150
dos	233	no	143
por	230	na	114
na	208	por	112

no	196	ao	92
ao	183	à	78
das	124	dos	78
à	97	das	72
nos	92	nos	67
sem	78	nas	38
aos	71	entre	35
sobre	66	sem	34
pela	64	aos	33
pelo	61	pelo	28
entre	59	pela	28
num	45	às	27
até	43	até	23
nas	42	sobre	23
às	32	desde	19
pelos	28	num	18
numa	24	contra	15
desde	21	numa	13
contra	20	neste	13
neste	17	durante	9
pelas	16	pelos	9

Tabela 22. Preposições mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1979.

No atinente às conjunções, não existe grande discrepância entre os textos masculinos e femininos. Da análise da tabela 23, sobressaem muitas semelhanças no recurso às conjunções *que, e, se, para, ou, mas, porque, quando, também e depois*. Não obstante, verificando os resultados, percebe-se que os textos masculinos têm maior percentagem de uso. Assim, no que respeita à conjunção *que*, os textos masculinos lideram na percentagem de ocorrências (4,04% contra 3,53% nos textos femininos). Quanto à copulativa *e*, esta é também mais comum nos textos masculinos (3,625% contra 3,02% nos femininos). Do mesmo modo, a conjunção subordinativa condicional *se* é mais comum nos textos dos homens (1,25% por oposição a 1,16%). Também a conjunção *para* é mais comum nos textos masculinos (1,02%

contra 0,95%). De igual forma, as conjunções *ou* e *mas* são mais comuns nos textos masculinos (*ou* - 0,67%; *mas* - 0,47%) do que nos femininos (*ou* - 0,55%; *mas* - 0,44%).

Textos masculinos (1979)		Textos femininos (1979)	
Conjunções	Ocorrências	Conjunções	Ocorrências
que	1337	que	619
e	1198	e	530
se	415	se	203
para	339	para	167
ou	222	ou	97
mas	155	mas	78
porque	58	porque	45
quando	45	quando	32
também	44	também	27
depois	32	depois	24
enquanto	18	entanto	12
embora	16	enquanto	11
portanto	15	embora	8
porém	13	porém	6
pois	12	portanto	5
senão	11	pois	4
entanto	8	contudo	3
contudo	5	senão	3
porquanto	2	todavia	2
todavia	1		
pra	1		

Tabela 23. Conjunções mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1979.

Tendo em conta a sua distribuição percentual (cf. tabela 24), vemos que os textos masculinos recorrem, regra geral, mais vezes às conjunções. No entanto, os textos femininos

destacam-se pela maior percentagem de uso das conjunções *porque*, *quando*, *também* e *depois*.

Textos masculinos (1979)		Textos femininos (1979)	
Conjunções	Ocorrências	Conjunções	Ocorrências
que	4,04%	que	3,53%
e	3,62%	e	3,02%
se	1,25%	se	1,16%
para	1,02%	para	0,95%
ou	0,67%	ou	0,55%
mas	0,47%	mas	0,44%
porque	0,18%	porque	0,26%
quando	0,14%	quando	0,18%
também	0,13%	também	0,15%
depois	0,10%	depois	0,14%

Tabela 24. Percentagem de uso das conjunções mais comuns no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1979.

No atinente aos artigos, mais uma vez, os definidos são mais comuns do que os indefinidos. No que respeita à sua ocorrência, os artigos definidos são mais comuns nos textos masculinos (9,03% contra 8,44%). Entretanto, no que concerne aos artigos indefinidos, estes ocorrem em maior percentagem nos textos femininos (2,14% contra 1,87% nos masculinos).

Textos masculinos (1979)		Textos femininos (1979)	
Artigos	Ocorrências	Artigos	Ocorrências
a	1408	a	679
o	988	o	480
os	376	um	196
um	327	uma	169
uma	275	os	168
as	220	as	154
uns	11	uns	6

umas	5	umas	5
------	---	------	---

Tabela 25. Distribuição dos artigos (sem ser contraídos com preposições) no *corpus* de textos masculinos e femininos de 1979.

Por fim, no que concerne à classe dos numerais, desta vez eles ocorrem em maior percentagem nos textos femininos (0,77% contra 0,74%), o mesmo acontecendo com o recurso a estrangeirismos (0,73% por oposição a 0,59% nos textos masculinos). Quanto à origem destes estrangeirismos, estes são maioritariamente de proveniência francesa, existindo também alguns latinismos e poucos anglicismos. Embora com pouco relevo, as interjeições surgem em maior número nos textos masculinos (0,08% contra 0,05% nos textos femininos).

Assim sendo, partindo da análise dos textos de opinião publicados em 1979 nos *media* portugueses, verificam-se algumas diferenças no discursos masculino e feminino. Primeiro, existem diferenças ao nível dos assuntos abordados e dos sentimentos expressos nos textos. Do mesmo modo, também se notam diferenças ao nível da subjetividade, uma vez que os textos femininos recorrem mais ao narrador subjetivo, aos pronomes pessoais de primeira pessoa e aos adjetivos subjetivos. No entanto, também este *corpus* se destaca, pois, neste conjunto de textos, os seus autores recorrem em grande percentagem a adjetivos subjetivos, talvez também porque são textos maioritariamente descritivos. Tendo em conta também o tipo de texto dominante - o texto narrativo, o *corpus* feminino recorre em maior número às modalizações e conectores de tempo e de lugar.

Por último, tendo em conta o número de ocorrências dos vocábulos, destaca-se novamente o facto de os textos masculinos de 1979 serem mais ricos em nomes comuns e em adjetivos. Por seu turno, os textos femininos sobressaem pela maior percentagem de uso dos verbos, dos pronomes pessoais de primeira pessoa e dos artigos e pronomes indefinidos.

2.2.5. Análise global final

Após uma análise dos textos por décadas, analisámos os textos agrupados num todo, no sentido de verificar se existem marcas ou características constantes nos discursos feminino e masculino nos *media* portugueses. Assim sendo, os resultados obtidos serão mais abrangentes no que diz respeito às diferenças discursivas.

Desde logo, estamos perante dois conjuntos de textos que se caracterizam por um estilo dominante descritivo, mas com uma encenação dinâmica e ativa. No que concerne ao número de palavras, no total, o texto masculino tem 73.527 vocábulos e o feminino 59.043, sendo mais extenso em 14.484 termos. Quanto ao número de frases, o texto dos homens apresenta 8.499 frases e o das mulheres 7.294. Em média, os períodos de autoria masculina têm 8,65 palavras e os de autoria feminina têm 8,09. Desta forma, corroboram-se os resultados de que as frases das mulheres são menos extensas, tendo, concomitantemente, uma estrutura

sintática mais paratática e simples, uma vez que o género feminino recorre a um maior número de verbos, mas a menos conectores (cf. gráfico 49).

No atinente aos assuntos tratados (cf. gráfico 47), ambos os textos se centram maioritariamente em temas relacionados com a vida humana e conceitos gerais. Estes, por sua vez, abarcam tópicos como política, sociedade, geografia, comunicação e média, urbanismo, meio ambiente, direito e justiça, entre outros. De entre estes, os textos masculinos estão mais ligados a temas de geografia, política e comunicação e média, de certo modo, tópicos muito relacionados com a esfera pública. Por seu turno, os textos femininos centram-se de forma mais destacada em temas relacionados com a sociedade, com o urbanismo e habitação, com a arte e a cultura, bem como com a religião e mitologia, ou seja, temas mais virados para o indivíduo, para a sua vida pessoal e social, bem como para as suas crenças. Apesar destas diferenças, não se pode deixar de referir que os temas vão sendo comuns e constantes aos dois conjuntos de textos.

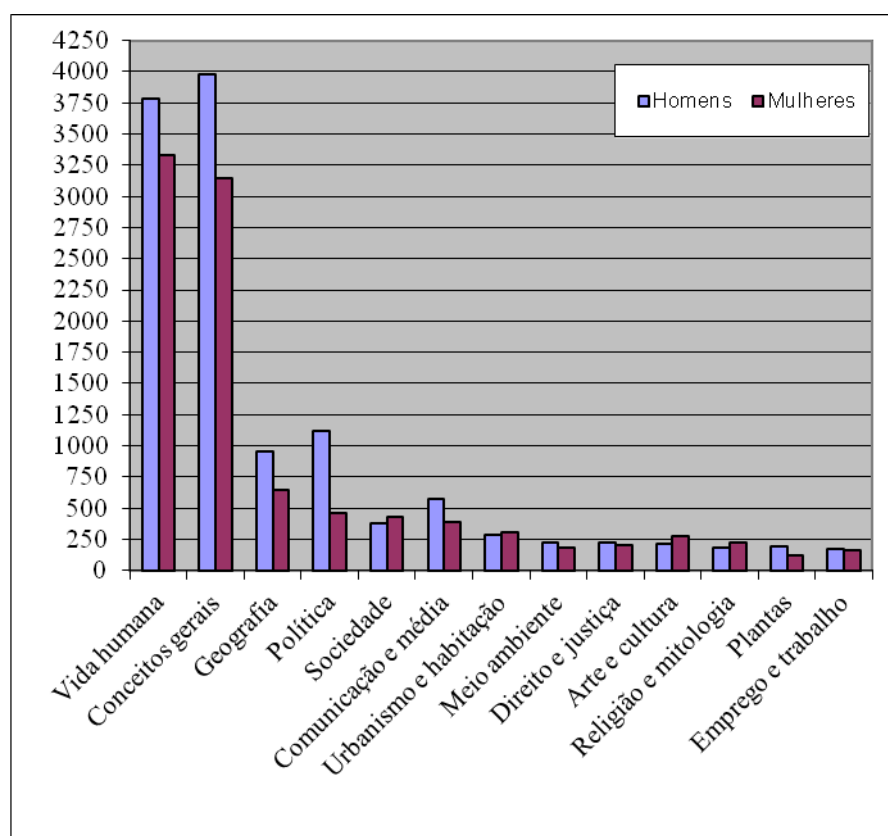


Gráfico 47. Principais assuntos tratados.

Relativamente ao emprego das diferentes classes de palavras, também se destacam algumas diferenças. Como comprova o gráfico 49, os nomes, os adjetivos e os conectores são percentualmente mais comuns no texto masculino; já os verbos, os pronomes e a modalização surgem em maior número no texto feminino. Estes resultados vão ao encontro dos resultados

que na generalidade têm vindo a ser obtidos, com exceção dos adjetivos, que, neste caso, surgem em maior percentagem nos textos masculinos.

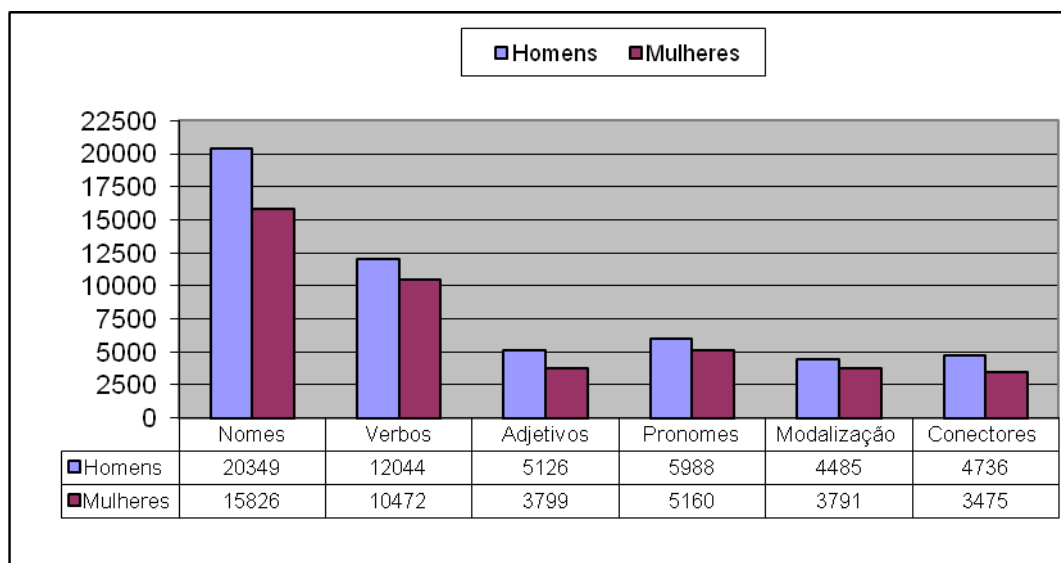


Gráfico 48. Distribuição das palavras por categorias.

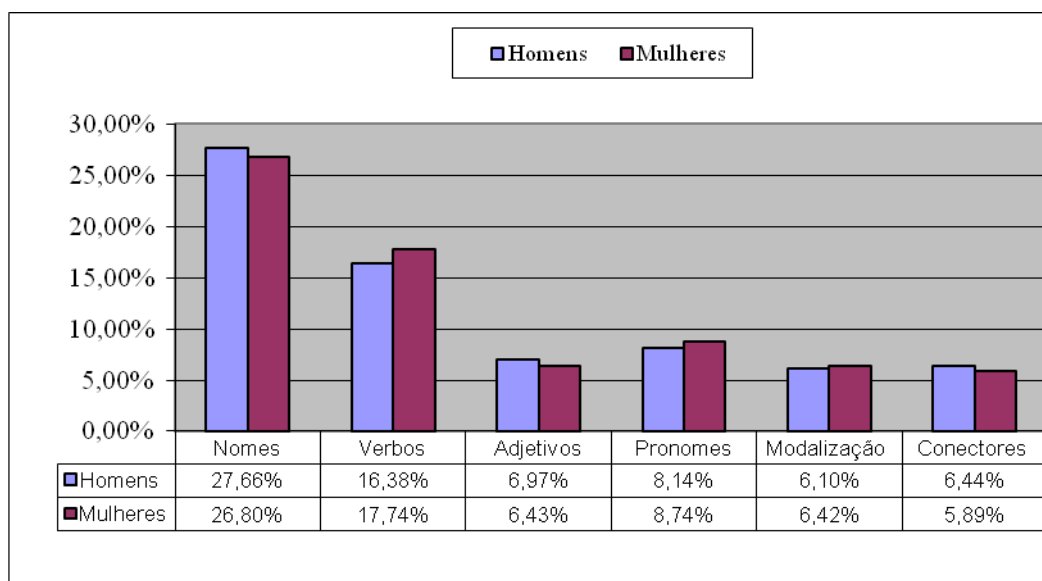


Gráfico 49. Distribuição percentual das palavras por categorias.

Contudo, quanto ao emprego dos diversos tipos de adjetivos, voltam-se a corroborar resultados. Efetivamente, como atesta o gráfico 50, o texto feminino sobressai no emprego de adjetivos subjetivos e o masculino no recurso a adjetivos objetivos e numéricos.

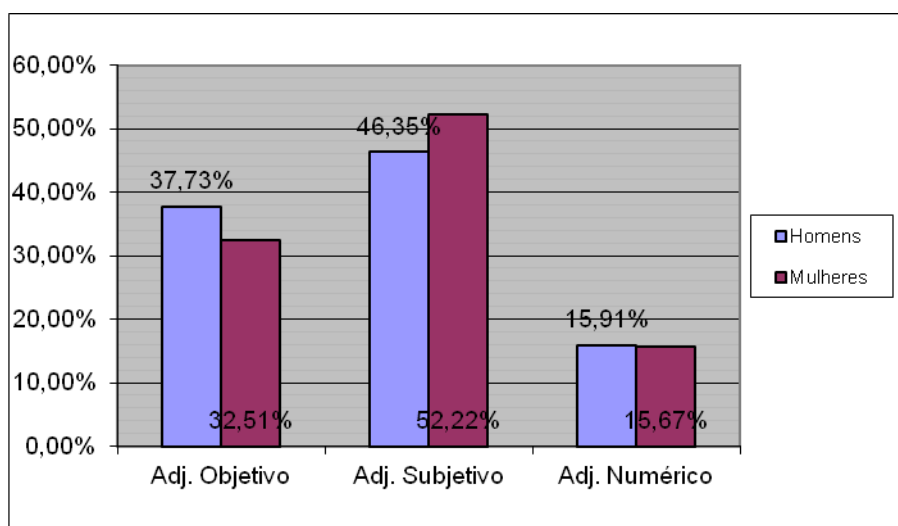


Gráfico 50. Emprego dos adjetivos.

No que diz respeito aos pronomes, destacam-se os pessoais, uma vez que representam 45,19% dos pronomes existentes nos textos masculinos e 47,97% nos textos femininos. Através da análise do gráfico 51, vemos que o texto masculino recorre em maior percentagem aos pronomes pessoais *eu*, *ele*, *ela*, *eles* e *elas*. Por sua vez, o texto feminino, sobressai por recorrer mais ao pronome pessoal de primeira pessoa do plural - *nós* - e pelo uso do de segunda pessoa do singular - *tu*. Mais uma vez, se reitera a ideia de que o discurso feminino, embora se centre muito na primeira pessoa, se preocupa mais com o interlocutor / recetor, procurando dirigir-se a ele.

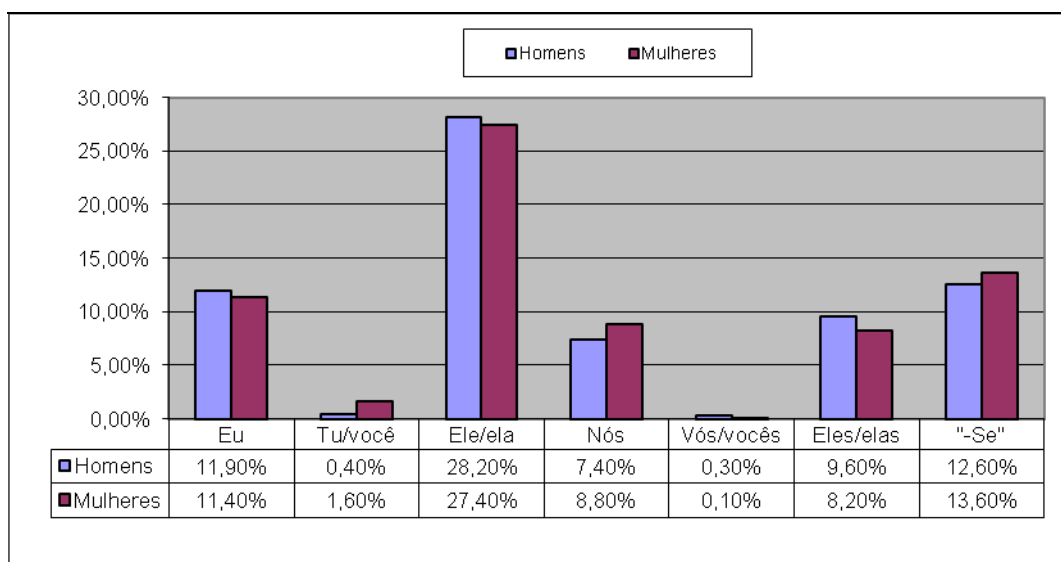


Gráfico 51. Pronomes pessoais.

No atinente aos verbos, ambos os textos de destacam pelo forte emprego de verbos factivos, seguidos pelos estativos. No entanto, enquanto os primeiros são mais abundantes no texto feminino, os segundo são-no no masculino (gráfico 52).

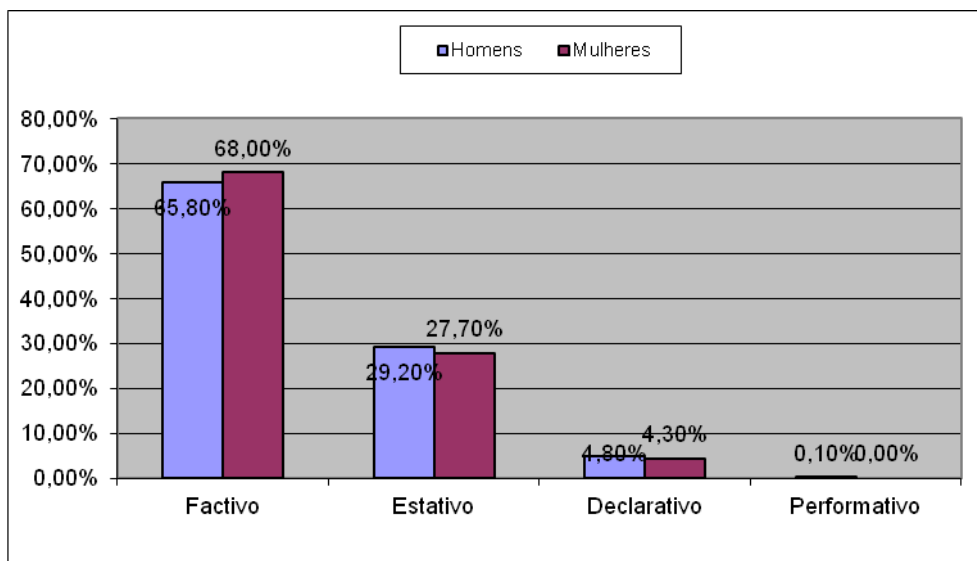


Gráfico 52. Categorias de verbos.

Quanto à modalização, o texto feminino sobressai pela maior percentagem de uso de advérbios de tempo e de lugar, que permitem situar espaço-temporalmente o discurso. Já no texto masculino abundam advérbios e locuções de modo e de negação. Merece também destaque, em ambos os textos, a forte percentagem de uso da modalização de intensidade e de negação, que permite dramatizar o discurso para cativar o público leitor.

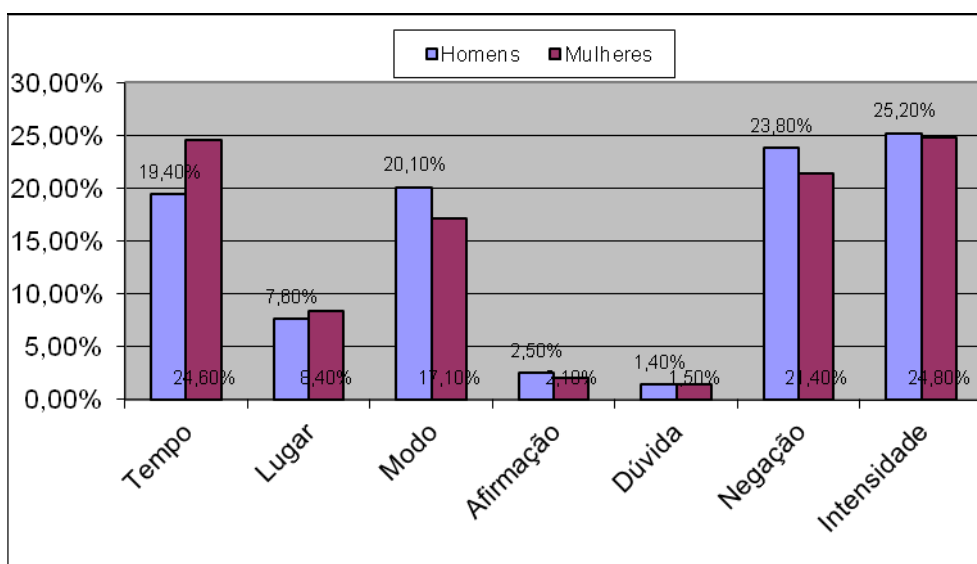


Gráfico 53. Modalização.

Por fim, os conectores de adição aparecem como os mais usados. A par disso, destaca-se a maior percentagem de uso, pelo texto feminino, dos conectores de oposição e de causa, que permitem construir raciocínios e argumentar, bem como de conectores de tempo e de

lugar, que, à semelhança da modalização, permitem situar o discurso espaço-temporalmente.

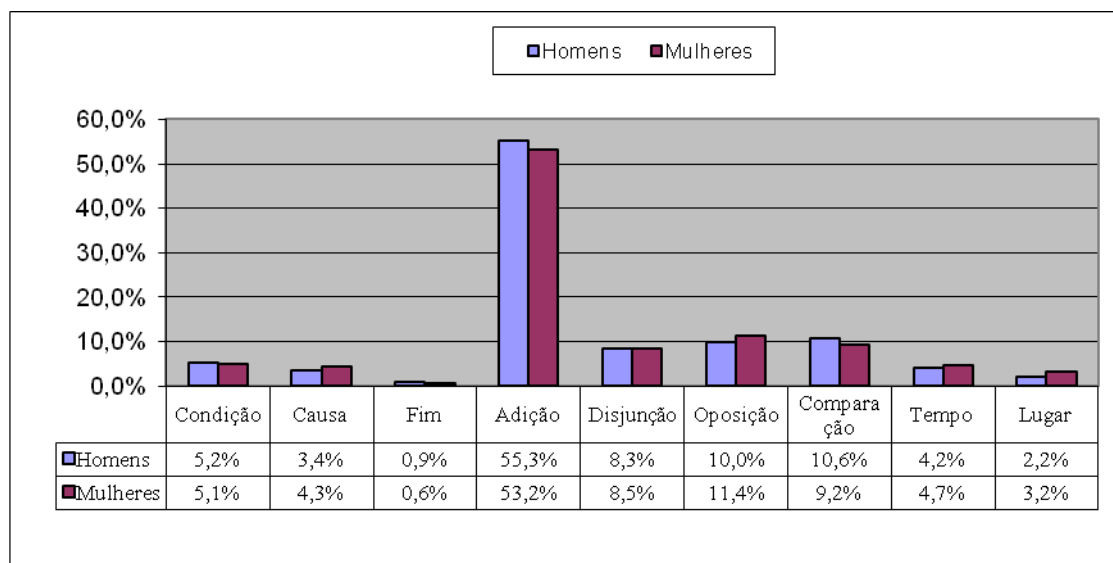


Gráfico 54. Emprego dos conectores.

Assim sendo, os resultados obtidos através do *Tropes* permitem-nos afirmar que esta análise global vem corroborar dados e permitem-nos apresentar algumas características constantes dos discursos masculino e feminino. Desde logo, destaca-se a estrutura menos extensa e mais paratática e simples das frases femininas, associada ao maior emprego de verbos. Por sua vez, o discurso masculino pode ser considerado mais complexo e com tendência para a hipotaxe, pela extensão das frases e pelo maior recurso a conectores. Uma outra característica distintiva é o uso, por parte dos textos masculinos, de palavras de cariz mais concreto, como nomes e numerais. Por sua vez, o discurso feminino propende mais para a subjetividade, pelo maior recurso a adjetivos subjetivos e pelo forte emprego de pronomes pessoais de primeira pessoa. Por último, o discurso feminino revela-se ainda mais preocupado com o recetor do seu texto, como atesta o emprego dos pronomes pessoais de segunda pessoa.

No que diz respeito ao número de ocorrências de palavras diferentes, os textos femininos apresentam uma maior percentagem de variação, pois num total de 59.043 formas, existem 11.692 termos, correspondendo 19,80% de variação. Por sua vez, os textos masculinos somente variam em 18,23%, uma vez que num total de 73.527, existem 13.406 vocábulos distintos.

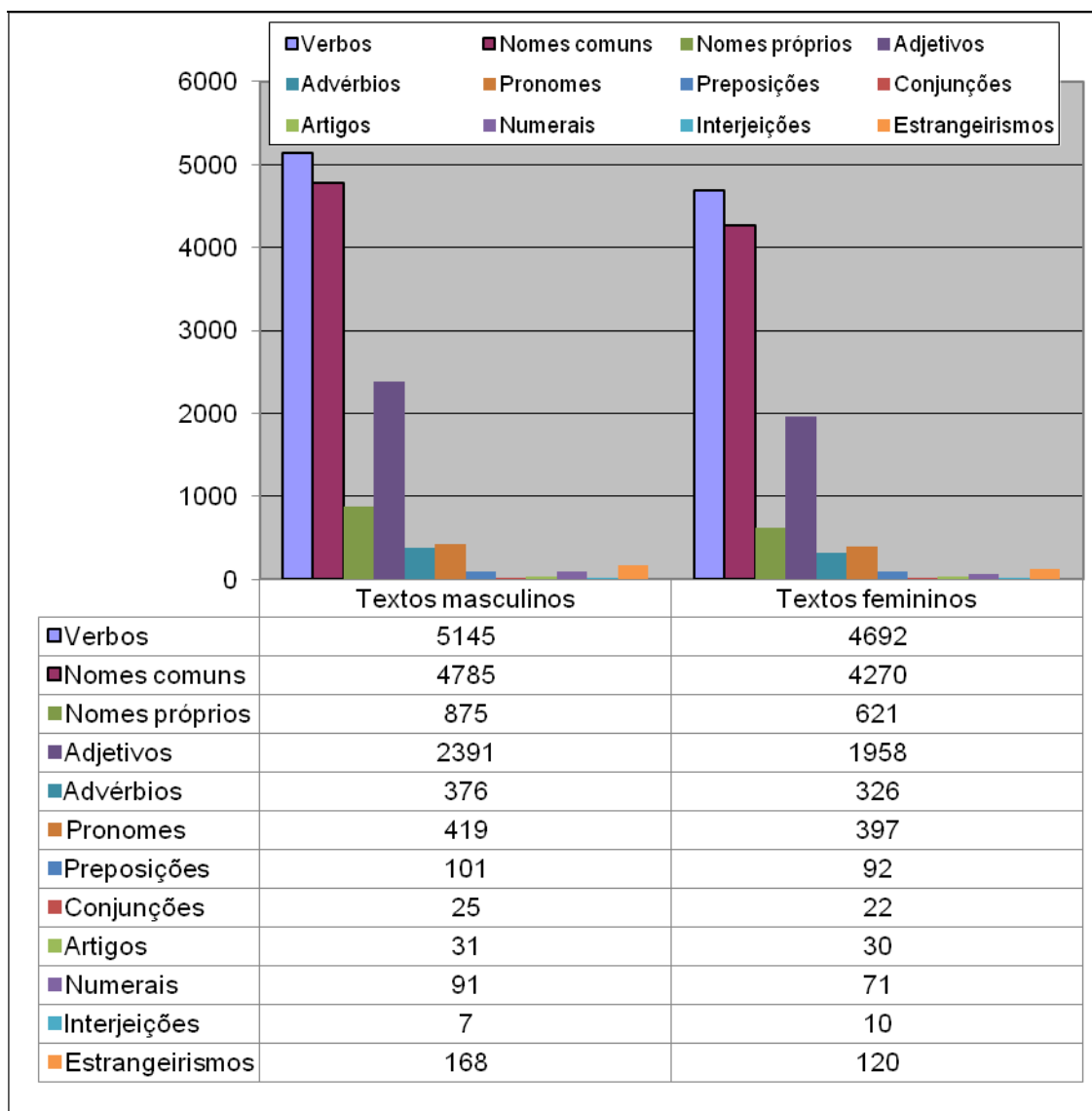


Gráfico 55. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras.

Como demonstra o gráfico 55, as classes de palavras que mais ocorrem nos *corpora* são os verbos, os nomes comuns, os adjetivos e os nomes próprios. De entre estas, o *corpus* feminino destaca-se pela maior percentagem de emprego de verbos e nomes comuns (cf. gráfico 56); já nos textos masculinos, os adjetivos e os nomes próprios são mais usuais. Sobre as restantes partes da oração, salienta-se, nos textos femininos, a maior percentagem de emprego do pronomes e das interjeições. Por sua vez, no *corpus* masculino sobressai o uso dos numerais e dos estrangeirismos (cf. gráfico 56).

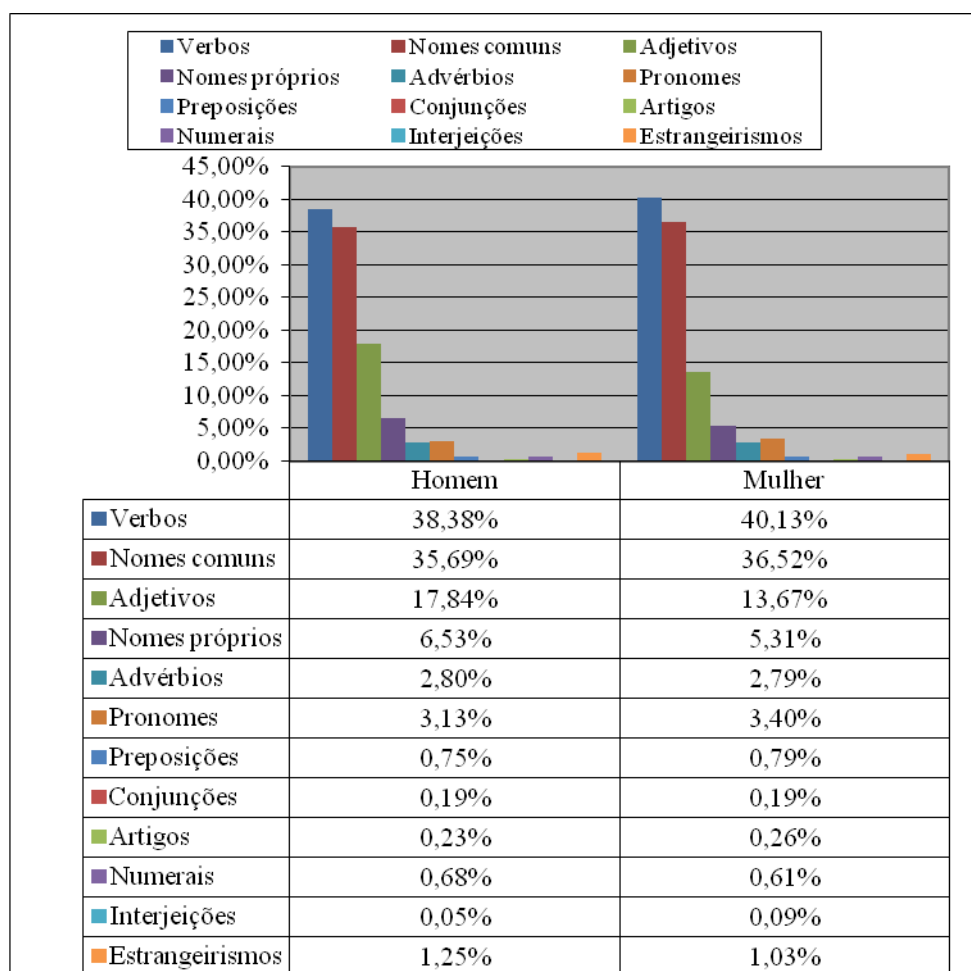


Gráfico 56. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes.

Quanto às restantes classes de palavras, o advérbio com valores muito próximos entre os dois *corpora*. Como atesta a tabela 26, o advérbio de negação *não* é o mais comum, sendo que ocorre mais nos textos masculinos (1,28% do total de palavras contra 1,20% nos textos femininos). De seguida, surgem com destaque *mais*, *já*, *ainda*, *muito*, *onde*, *nem* e *sempre*. No atinente aos advérbios de quantidade *mais* e *muito*, estes são usados em maior percentagem pelos textos femininos (0,66% e 0,22%) do que nos masculinos (0,61% e 0,19%). Também os advérbios de tempo *já* e *ainda* são mais comuns nos textos femininos (0,28% e 0,21%) do que nos masculinos (0,21% e 0,20%), tal como acontece com o de lugar *onde*, que é mais comum nos textos femininos (0,19% contra 0,15%), e o de tempo *sempre* (0,17% contra 0,14%). Já o advérbio de negação e/ou conjunção *nem* ocorre em maior percentagem nos textos masculinos (0,15% contra 0,14%).

Textos masculinos		Textos femininos	
Advérbios	Ocorrências	Advérbios	Ocorrências
não	939	não	711

O Género e a Comunicação Social. A Opinião Escrita e Radiofónica.

mais	450	mais	390
já	157	já	168
ainda	150	muito	130
muito	141	ainda	126
onde	112	onde	112
nem	112	sempre	101
sempre	106	nem	82
assim	95	agora	81
lá	85	lá	71
menos	79	tão	70
tão	76	assim	69
hoje	69	então	63
apenas	67	hoje	57
nada	65	muitos	56
agora	61	menos	55
aqui	53	nada	54
quase	51	aqui	53
nunca	49	nunca	49
além	47	quase	48
muitos	46	apenas	47
então	43	muitas	42
talvez	40	ali	40
dentro	35	antes	35
quanto	34	além	33
sim	33	sim	33
sobretudo	33	talvez	32
antes	33	logo	28
muitas	28	sobretudo	26
tarde	27	afinal	24

sequer	26	longe	22
aliás	25	tarde	20
logo	25	aliás	19

Tabela 26. Advérbios mais comuns nos textos.

No atinente aos pronomes, como atesta o gráfico 56, esta classe de palavras é mais comum nos *corpora* femininos, já que a percentagem de ocorrência é maior em 0,27%. Como demonstra a tabela 27, os pronomes que mais vezes surgem pertencem à subclasse dos possessivos e dos indefinidos. No entanto, quer os pronomes possessivos, quer os indefinidos são usados em maior percentagem pelos textos femininos (0,03% e 0,05% contra 0,02% e 0,04%), tal como acontece com os demonstrativos (0,05% contra 0,04% nos textos masculinos). Quanto aos pronomes pessoais, estes apresentam uma percentagem de uso similar (0,04% em ambos os textos), sendo que os de primeira pessoa ocorrem em maior número. De acordo com os resultados obtidos, o pronome que mais ocorre em ambos os textos é o possessivo *sua*.

Textos masculinos		Textos femininos	
Pronomes	Ocorrências	Pronomes	Ocorrências
sua	243	sua	169
seu	155	quem	124
todos	147	mesmo	121
mesmo	130	todos	116
quem	123	seu	115
tudo	116	tudo	92
me	110	me	84
isto	100	eu	82
esta	90	ela	76
eu	89	outros	75
isso	88	cada	75
outros	84	este	74
qualquer	79	esta	73
este	78	ele	73

ele	77	lhe	69
meu	72	isso	64
seus	71	nós	61
cada	70	outro	60
suas	67	seus	59
nosso	67	qualquer	55
minha	67	todas	54
tal	66	minha	53
nós	65	alguns	49
lhe	63	nossa	48
nossa	58	suas	46
outro	56	esse	45
todo	56	isto	44
alguns	53	pouco	43
essa	52	outras	42
outras	50	essa	42
pouco	48	nosso	42
qual	47	qual	42

Tabela 27. Pronomes mais comuns nos corpora.

No que concerne às preposições, estas ocorrem em maior percentagem nos textos femininos (0,79%) do que nos masculinos (0,75%). Tendo em conta os resultados da tabela 28, vemos que a preposição mais comum em ambos os textos é *de*, sendo que estatisticamente ocorre mais vezes nos textos femininos (4,63% contra 4,43%). Contudo, analisando a sua distribuição sem e com contrações, verifica-se que é mais comum nos textos masculinos (8,97% contra 8,60%). Do mesmo modo, a preposição *a* e suas contrações ocorre mais nos textos masculinos (5,34%) do que nos femininos (5,17%), tal como acontece com *por* e suas contrações (1,19% no *corpus* masculino e 1,15% no feminino) e com a preposição *com* (0,93% contra 0,89%). Por sua vez, a preposição *em* e contrações é mais abundante nos textos femininos (3,40% contra 3,33%),

Textos masculinos		Textos femininos	
Preposições	Ocorrências	Preposições	Ocorrências
de	3260	de	2732
a	2900	a	2310
do	1167	da	828
da	1126	do	774
em	854	em	640
com	684	com	526
dos	522	por	417
por	512	no	412
no	479	na	365
na	466	dos	326
ao	409	ao	321
à	376	à	254
das	314	das	238
nos	222	nos	212
sem	151	sem	116
aos	149	até	105
pelo	147	nas	101
até	131	aos	91
sobre	129	pelo	89
entre	125	pela	87
pela	120	entre	84
nas	111	sobre	81
num	87	num	81
às	86	às	67
numa	77	numa	50
pelos	49	desde	49
pelas	46	pelos	36

contra	45	neste	36
desde	40	contra	34
neste	39	durante	32
desta	36	pelas	27

Tabela 28. Preposições mais comuns nos textos.

No atinente às conjunções, estas ocorrem de forma muito similar nos dois conjuntos de textos, sendo que as mais comuns são *que, e, se, para, ou, mas, quando, porque, também e depois*.

Textos masculinos		Textos femininos	
Conjunções	Ocorrências	Conjunções	Ocorrências
que	2692	que	2120
e	2629	e	1853
se	793	se	641
para	787	para	613
ou	402	ou	301
mas	350	mas	287
quando	129	porque	123
porque	124	quando	113
também	120	também	111
depois	77	depois	93
pois	42	pois	28
embora	30	entanto	27
enquanto	30	enquanto	25
porém	27	embora	22
portanto	27	porém	19
entanto	18	senão	10
senão	16	contudo	9
contudo	7	portanto	8

porquanto	6	todavia	5
todavia	4	consequinte	1

Tabela 29. Conjunções mais comuns nos textos.

Analisando os resultados obtidos, verificamos que percentualmente (cf. tabela 30) as conjunções *que*, *e*, *para* e *ou* são mais comuns nos textos masculinos, enquanto *se*, *mas*, *quando*, *porque*, *também* e *depois* são mais recorrentes nos femininos.

Textos masculinos		Textos femininos	
Conjunções	Ocorrências	Conjunções	Ocorrências
que	3,66%	que	3,59%
e	3,58%	e	3,14%
se	1,08%	se	1,09%
para	1,07%	para	1,04%
ou	0,55%	ou	0,51%
mas	0,48%	mas	0,49%
quando	0,18%	quando	0,19%
porque	0,17%	porque	0,21%
também	0,16%	também	0,19%
depois	0,10%	depois	0,16%

Tabela 30. Distribuição percentual das conjunções mais abundantes.

Quanto aos artigos, mais uma vez se reitera a tese de os artigos definidos são mais comuns em ambos os *corpora*. Comparativamente, verifica-se também que os artigos definidos são mais abundantes nos textos masculinos (4,86% contra 4,74%) e os indefinidos nos femininos (2,29% contra 1,95%).

Textos masculinos		Textos femininos	
Artigos	Ocorrências	Artigos	Ocorrências
o	2229	o	1671
os	828	um	723

um	755	os	641
uma	636	uma	592
as	518	as	486
uns	33	uns	24
umas	11	umas	11

Tabela 31. Artigos mais comuns nos textos.

Por fim, no que respeita à ocorrência dos numerais, estes surgem em maior número nos textos masculinos (0,68% contra 0,61%). O mesmo acontece com o recurso a estrangeirismos, pois enquanto o *corpus* feminino tem 1,03% de estrangeirismos, o masculino tem 1,25%. Por último, as interjeição aparecem mais nos textos femininos (0,09%) do que nos masculinos (0,05%)

Desta forma, partindo dos resultados obtidos através da análise global de todos os textos, corroboram-se alguns resultados respeitantes às diferenças comunicativas entre homens e mulheres. Assim, notam-se, mais uma vez, diferenças ao nível dos assuntos explorados nos textos. Do mesmo modo, também se verifica que a subjetividade é mais comum nos textos femininos, enquanto nos masculinos há um maior recurso a palavras de ordem concreta e objetiva, seja através de nomes comuns, numerais, artigos definidos e mesmo adjetivos mais objetivos. Esta questão da objetividade do discurso masculino em detrimento do feminino vai ao encontro das características de género estabelecidas pelo programa informático de categorização textual de género criado sob a chefia de Moshe Koppel (Koppel *et al.* 2003). Concomitantemente, contrariando um dos resultados de Koppel, que apresenta o discurso da mulher mais inclinado para a negação (Koppel *et al.* 2003), no nosso *corpus* é nos textos masculinos que se nota uma maior propensão para a negação, como denota o emprego dos advérbios de negação.

3. Análise de programas de rádio

3.1. *Corpus* e metodologia

Neste capítulo, vamos explorar o discurso oral através da análise de quatro programas de rádio, cedidos pela *Universidade FM*, sediada em Vila Real. O objetivo desta análise é, de certa forma, aferir em que medida as diferenças comunicativas entre homens e mulheres encontradas nos textos escritos em análise se verificam também no registo oral. No entanto, salientamos que esta exploração será realizada somente no âmbito da linguagem verbal.

Não obstante, temos consciência que muito se deixa por analisar quando nos debruçamos sobre uma conversação radiofónica, pois toda a linguagem não verbal, que tanto contribui para a interpretação de uma mensagem, fica escondida:

In actual interaction, intonation, facial expression, past experience with these and other speakers, and a myriad other factors influence interpretation. Moreover, whenever people communicate, they convey not only the content of their message, but an image of themselves (Tannen 1994: 192).

Contudo, o fio condutor do nosso trabalho é a análise das diferenças comunicativas entre homens e mulheres em português europeu através da análise de textos dos *media* ao nível da comunicação escrita e, agora, ao nível da comunicação oral verbal. Assim, no que diz respeito aos programas de rádio gravados, eles pertencem ao género da entrevista e, em dois deles, aflora o debate.

À semelhança dos textos escritos, recolhidos enquanto textos de opinião, a entrevista e o debate também permitem que os intervenientes, mais precisamente os inquiridos, possam dar a sua visão pessoal, embora moderados pelo entrevistador. Efetivamente, a entrevista é um género “[...] a dois, entrevistador e entrevistado, que tem como função comunicar a terceiro, o público, quem é, como é, o que pensa ou o que faz, a pessoa a quem é feita a entrevista” (Rei 2000^b: 135). Por sua vez, o debate vai para além da entrevista, uma vez que não se centra no inquirido, mas num tema. Por isso, envolve mais intervenientes, que são inquiridos para apresentar as suas ideias, pontos de vista e opiniões, resultando daí um confronto de ideias sobre determinado assunto. Geralmente, os debates são extensos e raramente apresentam uma conclusão ou defendem um ponto de vista, estes ficam para o público alcançar. Deste modo, temos uma entrevista e um debate só com participantes do género masculino e um debate e uma entrevista também só com intervenientes do género feminino. Devemos destacar ainda que todos os intervenientes nestes programas de rádio têm formação académica de nível superior, utilizando uma linguagem que segue a norma ou língua-padrão.

Os programas em análise passaram todos na *Universidade FM*, na frequência 104.3, uma rádio local generalista da zona de Vila Real, no ano de 2009 e um de 2010. Englobam uma entrevista de Luís Mendonça (locutor e diretor da rádio) ao então Ministro da Presidência, Pedro Silva Pereira, realizada no dia 2 de setembro de 2009; uma entrevista de Nassaleté Miranda (locutora da rádio) a Beatriz Pacheco Pereira (diretora do *Fantasporto*), efetuada no dia 16 de fevereiro de 2009; um debate, moderado por José Paulo Wilson, com a participação

dos professores da UTAD Eduardo Rosa, Rui Cortes, Nuno Afonso Moreira e Vasco Amorim, e o responsável pelo Centro Telemático de Documentação Europeia da UTAD, David Jesus, subordinado ao tema o Dia da Europa e a utilização da energia, realizado no dia 10 de maio de 2010; e ainda outro debate, realizado no dia 11 de março de 2009, subordinado ao tema o Dia da Mulher, organizado por duas alunas do 2.º Ciclo de Ciências da Comunicação, Ana Lourenço e Olinda Tuna, em que também elas são intervenientes, e com a participação de uma aluna do 1.º Ciclo do mesmo curso, Cristiana Machado.

Depois de obtermos as gravações dos programas, procedemos à sua transcrição, para assim ser possível analisá-las quanto às diferenças discursivas entre os participantes masculinos e femininos. Para concretizarmos essa transcrição, obedecemos a algumas regras previamente definidas:

- Tomada de vez - //
- Linguagem não verbal (como risos, aplausos, etc.) - (())
- Entoação - ? , !
- Repetição ou alongamento de uma vogal - nãoooo
- Discurso simultâneo - []
- Impercetível - (x)
- Interrupção do falante pelo interlocutor - =

À semelhança do trabalho de análise realizado sobre os textos de opinião publicados na imprensa portuguesa, também procuraremos fazer uma análise de conteúdo quantitativa e qualitativa dos dados através dos programas informáticos de análise estatística de texto *Tropes Semantic e Lexicon*.

3.2. Análise dos programas de rádio

Assim, apesar de, desde logo, percebermos que os programas masculinos são mais extensos, a partir dos resultados obtidos através do programa *Tropes*, confirmámos que os programas masculinos têm 19.612 palavras, organizadas por 2.432 frases, perfazendo uma média de palavras por frase de 12,40; já os programas com participantes mulheres têm 9.103 palavras, organizadas por 1359 frases, tendo uma média de palavras por frase de 14,93. Perante estes dados, pela análise destes programas, percebemos que nestes casos as mulheres se alongam mais nas suas intervenções. À semelhança dos textos escritos, as mulheres recorrem em maior percentagem aos verbos do que os homens, embora os homens continuem a liderar no uso dos conectores (cf. gráfico 58).

No que diz respeito aos assuntos tratados nestes programas de rádio, estes vão um pouco ao encontro do que aparece nos textos de opinião. Também nestes programas, destacam-se os temas relacionados com a vida humana e conceitos gerais. Não obstante, também estes temas se desdobram em temas mais específicos como política, geografia, arte e cultura, sociedade, educação, negócios, finanças, entre outros (gráfico 57).

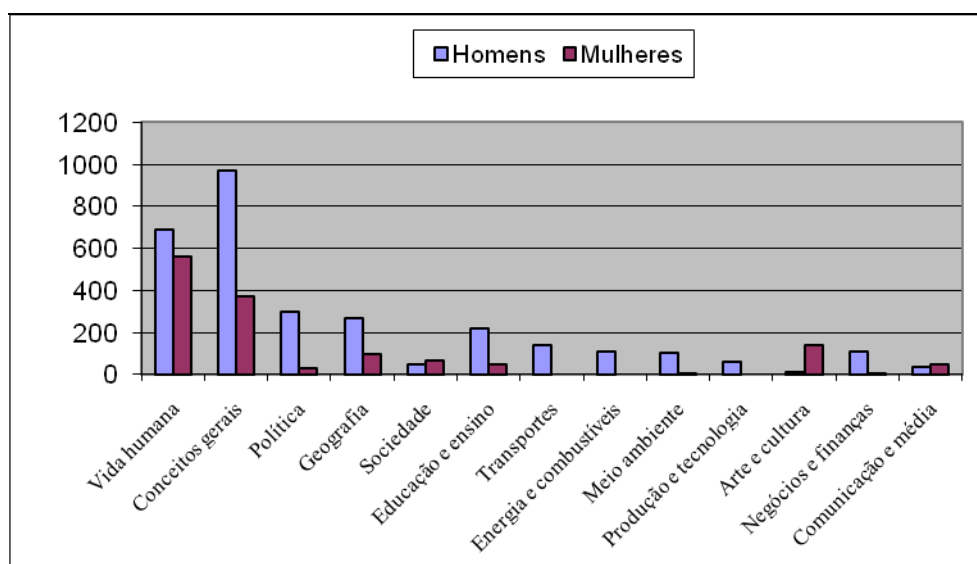


Gráfico 57. Frequência dos principais temas abordados nos programas de rádio em análise.

Da análise do gráfico 57, percebemos que os homens abordam maioritariamente assuntos relacionados com a política³⁰, a geografia, os transportes, a energia e os combustíveis, o meio ambiente e os negócios. Por sua vez, estes programas femininos centram-se mais na arte e na cultura, na sociedade, na comunicação e mídia, bem como na educação e ensino.

Ainda dentro das temáticas exploradas, perante a vida humana e o indivíduo, os programas femininos refletem um estado de ânimo de preocupação, sendo que os sentimentos predominantes são o amor e a identidade sentimental. Apresentam ainda uma imagem de si próprio de vergonha. Por sua vez, os programas de homens refletem também um estado de ânimo de preocupação e seriedade, mas os sentimentos predominantes são de confiança e identidade sentimental.

No que concerne ao estilo de texto dominante, verificam-se diferenças entre os programas. Assim, enquanto nos programas masculinos predomina o estilo descritivo, um estilo que se caracteriza pela identificação ou caracterização de uma realidade ou uma pessoa ou pessoas; nos programas femininos predomina, no geral, um estilo enunciativo, segundo o qual o locutor e o interlocutor estabelecem uma relação de influência e revelam os seus pontos de vista.

Já quanto às encenações verbais, todos os programas têm uma encenação dinâmica e ativa, dominada por verbos de ação. No entanto, nos programas femininos domina ainda o narrador subjetivo e foram detetadas noções de dúvida, corroboradas pela significativa presença de advérbios de dúvida (3,1% do total de advérbios).

No que concerne à distribuição das classes de palavras, as mais usadas por ambos os gêneros são obviamente os nomes, os verbos e os pronomes (gráfico 58). É de salientar que programas do género feminino percentualmente têm mais verbos, advérbios e pronomes do

³⁰ Obviamente não é alheio o facto de uma entrevista ser feita a uma figura da política nacional.

que os masculinos. Da mesma forma, os programas masculinos têm mais conectores e adjetivos do que os textos femininos.

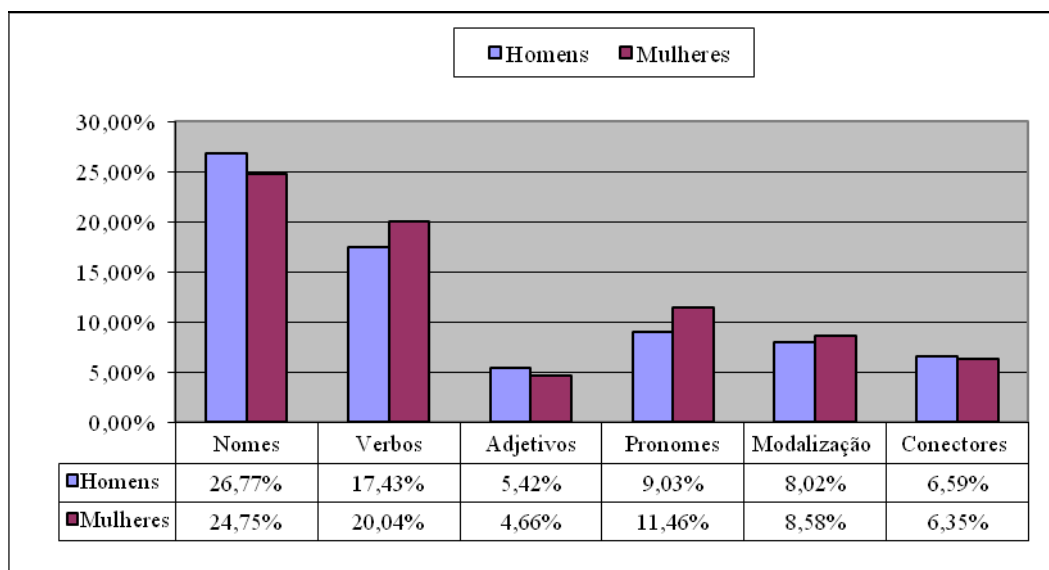


Gráfico 58. Distribuição percentual das classes de palavras nos programas de rádio em análise.

Tendo em conta o gráfico apresentado, a classe de palavras mais abundante é o nome, logo seguida pelo verbo. Quanto ao uso dos verbos, os programas de mulheres destacam-se pelo maior recurso a esta classe de palavra.

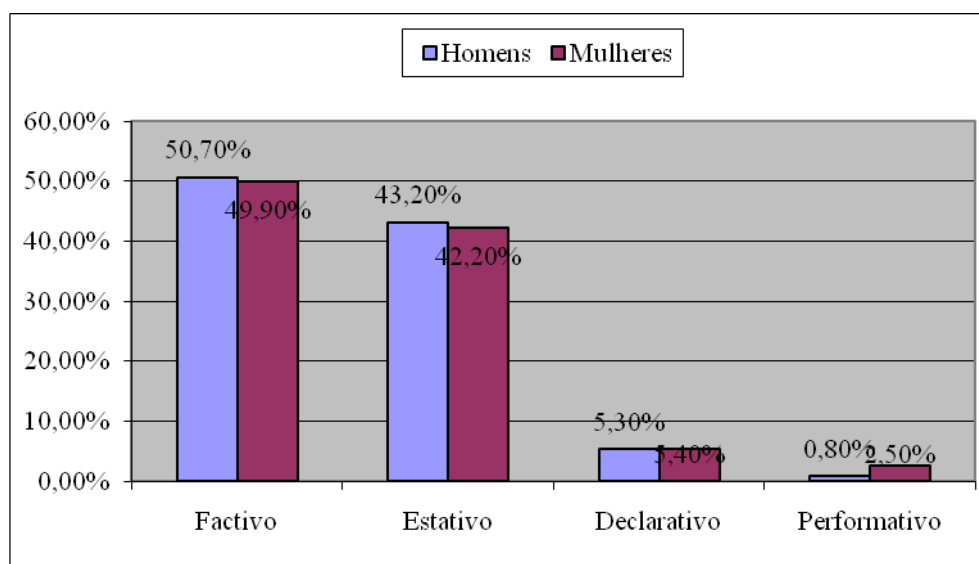


Gráfico 59. Categorias de verbos usados nos programas de rádio.

Quanto à distribuição das diferentes categorias de verbos, abundam em ambos os géneros os verbos factivos, bem como os estativos. Destaca-se ainda nos programas de rádio

femininos o maior recurso a verbos performativos, que exprimem um ato pela linguagem, como são exemplo o uso de verbos como *pedir*, *perdoar*, *julgar*, etc.

Já no que concerne ao recurso de adjetivos, os programas de rádio masculinos, como seria de esperar pelo estilo descritivo dominante, recorrem em maior percentagem aos adjetivos do que os programas femininos. Mesmo assim, quanto ao recurso de adjetivos subjetivos e objetivos, em que, respetivamente, se caracteriza algo ou alguma coisa, implicando ou não o ponto de vista do locutor, os programas femininos lideram no uso de adjetivos subjetivos, ou seja, adjetivos em que o locutor faz uma apreciação sobre algo ou alguma coisa, permitindo exprimir o seu ponto de vista.

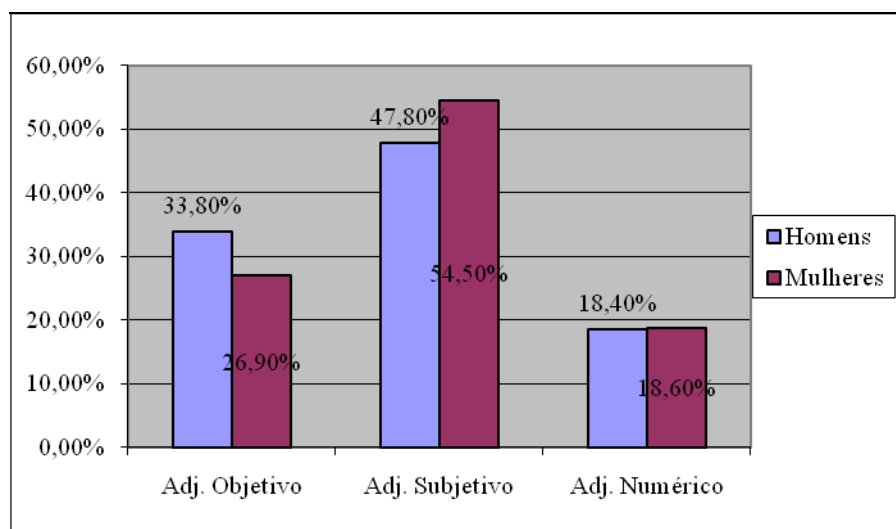


Gráfico 60. Tipos de adjetivos usados nos programas de rádio.

No atinente ao uso dos pronomes, distingue-se a maior percentagem de uso de pronomes nos programas femininos. Os pronomes pessoais são cerca de metade dos pronomes existentes e nestes programas de rádio, as mulheres recorrem a 5,16% de pronomes pessoais e os homens, a 3,51%. De entre os pronomes pessoais, as mulheres destacam-se pelo recurso ao pronome pessoal de primeira pessoa - “eu” (gráfico 61), refletindo a presença de um narrador subjetivo.

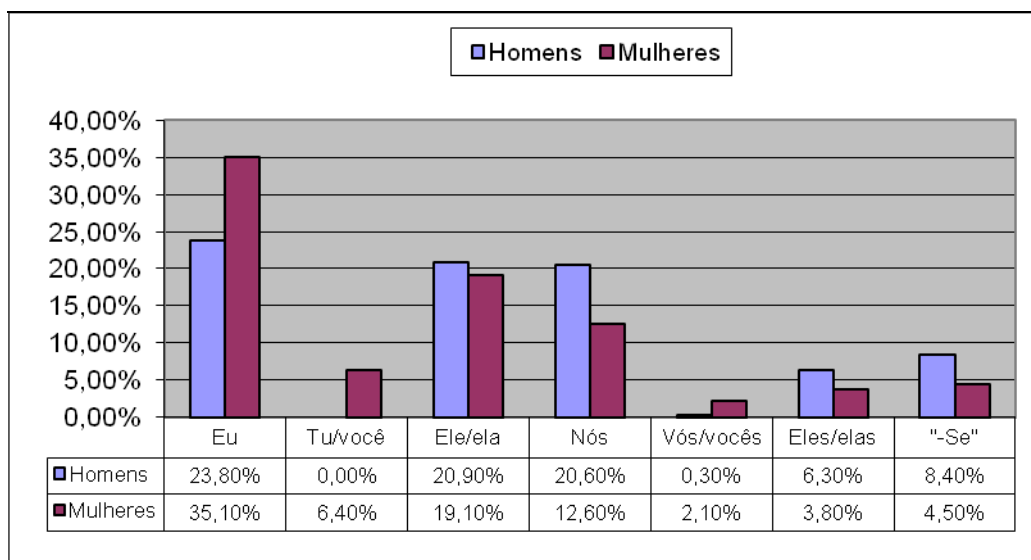


Gráfico 61. Os pronomes pessoais nos programas de rádio.

Por outro lado, como se pode comprovar através do gráfico 61, nos programas femininos há uma maior preocupação com o interlocutor ou interlocutores, uma vez que a percentagem de uso do pronome pessoal de segunda pessoa (*tu e/ou vós*) é praticamente usado só nos programas femininos.

No que se refere ao uso de advérbios e locuções adverbiais, os programas masculinos recorrem mais, por ordem decrescente, a advérbios e locuções de intensidade, de modo, de tempo e de negação. Por sua vez, os programas de mulheres empregam mais advérbios e locuções de tempo, seguidos dos de negação, intensidade e de modo.

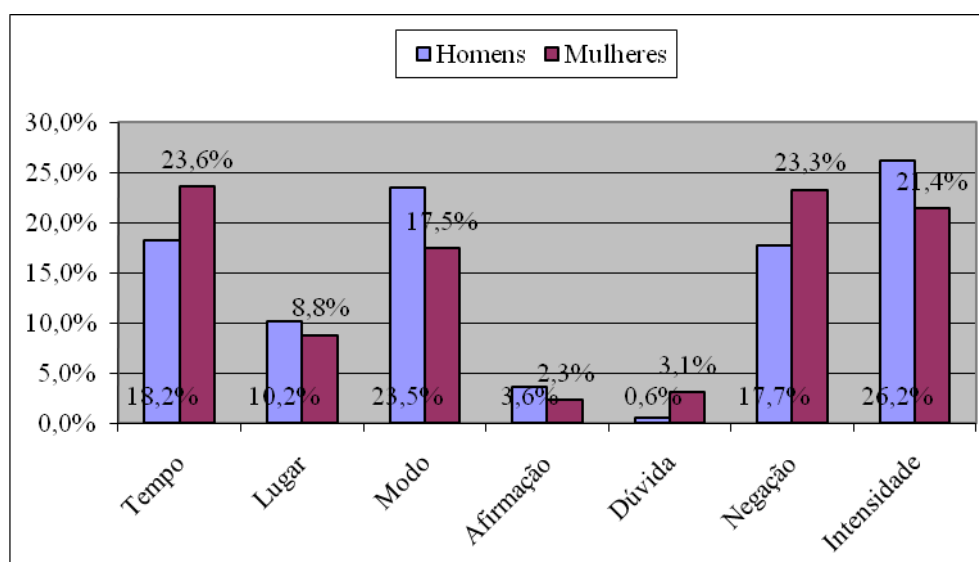


Gráfico 62. Modalização presente nos programas de rádio.

Da análise do gráfico 62, podemos ainda ressaltar a maior percentagem de advérbios e locuções adverbiais de intensidade e de modo nos programas masculinos. Por sua vez, os programas femininos destacam-se pela abundância de advérbios e locuções de tempo e de negação, bem como pela elevada percentagem de modalização de dúvida (3,1%) comparativamente aos masculinos (0,6%), corroborando a abundância de noções de dúvida já enunciada no estilo de texto presente. Por último, convém ainda sobrelevar a presença elevada de advérbios de negação e de intensidade que, em conjunto, permitem dramatizar o discurso. Tendo em conta que estamos perante entrevistas e debates, estes dois tipos de modalização estão bastante presentes nos dois conjuntos de programas.

Relativamente ao recurso a conectores, já se referiu que os programas masculinos têm mais conectores do que os femininos (cf. gráfico 58: homens - 6,59%; mulheres - 6,35%).

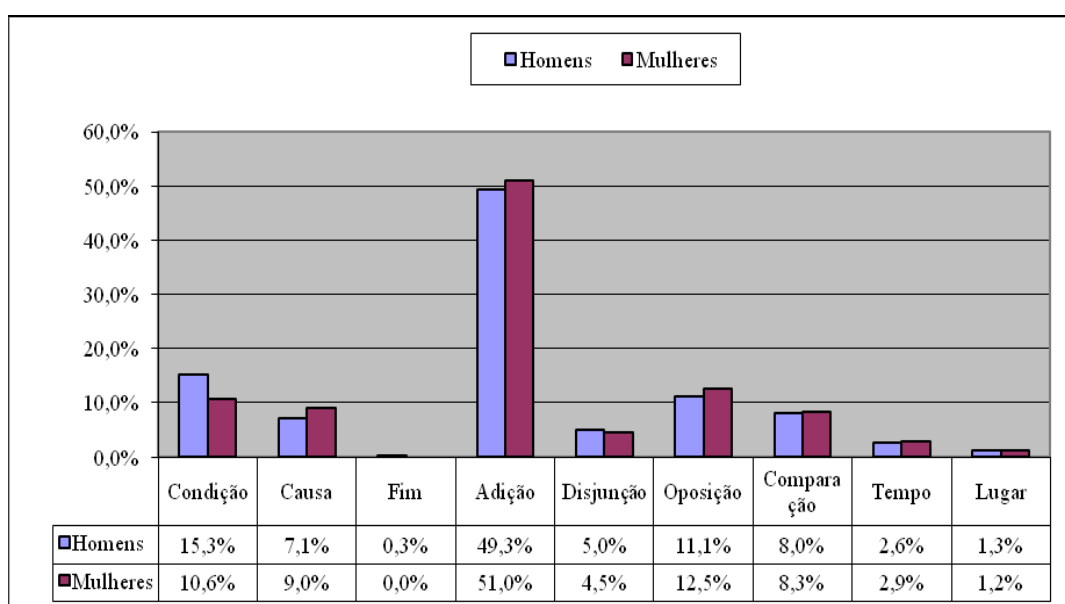


Gráfico 63. Uso dos conectores nos programas de rádio.

A partir da análise do gráfico 63, percebe-se que há alguma semelhança entre homens e mulheres no emprego de conectores de adição, de oposição, de disjunção e de comparação. No entanto, o recurso a conectores de oposição e de causa, que permitem construir raciocínios, é maior nos textos femininos. Por isso, tendo em conta o estilo de texto dominante nos programas femininos, o estilo enunciativo, os conectores, em especial os de oposição, permitem argumentar, relativizar ou apresentar pontos de vista opostos ao mesmo tempo.

Ainda no atinente às classes de palavras usadas por homens e mulheres neste *corpus*, debruçamo-nos sobre o número de ocorrências de palavras diferentes, através dos dados fornecidos pelo *Lexicon*. Assim, os programas de rádio com intervenientes masculinos têm 19.612 palavras e verificam-se 4.350 ocorrências de palavras diferentes; já os programas de rádio com intervenientes femininos têm 9.103 palavras, verificando-se 2.179 ocorrências de palavras diferentes. Desta forma, verificamos que existe maior variabilidade de palavras nos

textos femininos (23,94% de variação) do que nos masculinos (22,18%). A distribuição destas ocorrências pelas diversas classes de palavras pode ser confrontada no gráfico que se segue:

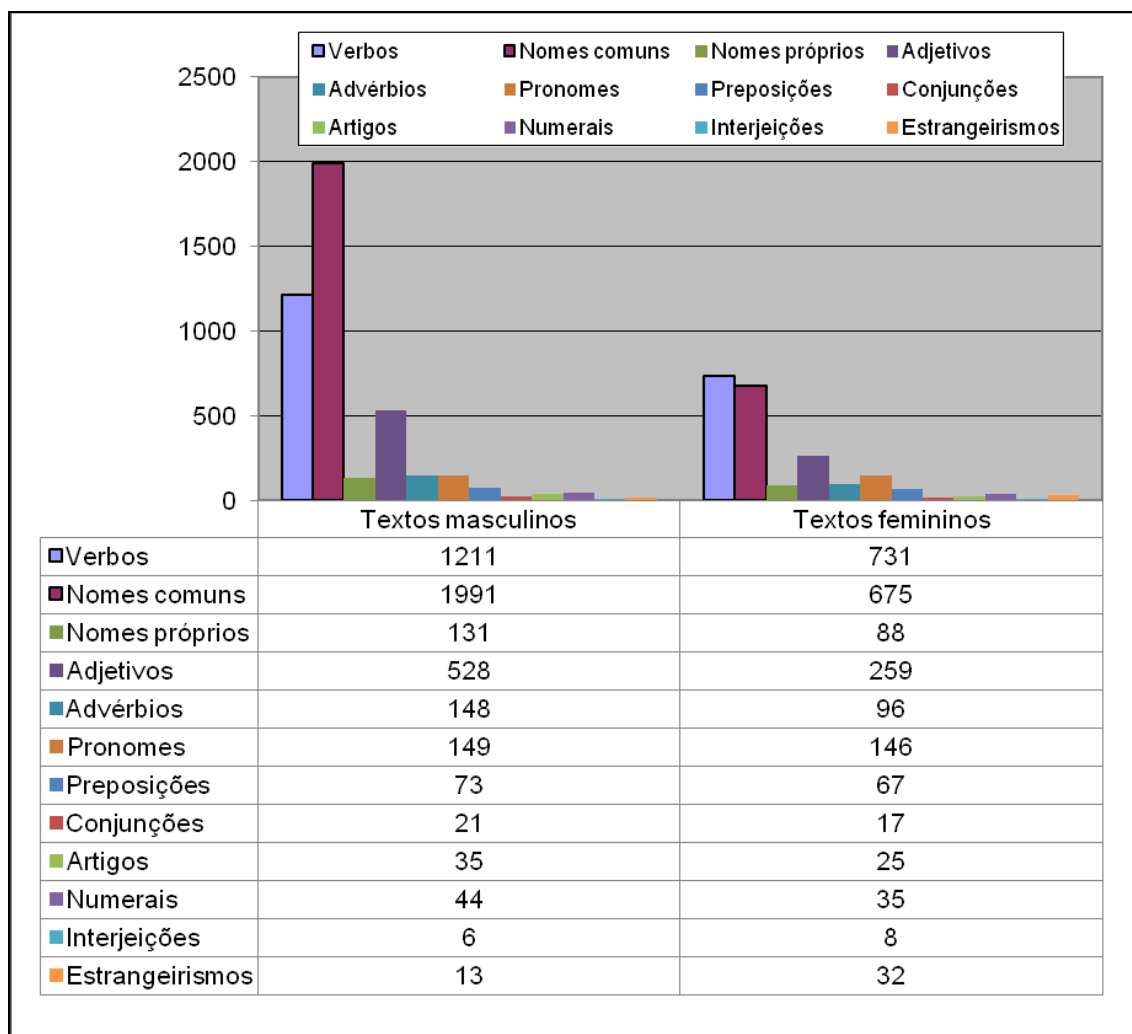


Gráfico 64. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos programas de rádio.

A partir da análise do gráfico 64, vemos que as classes de palavras que mais ocorrem são os nomes comuns, os verbos, os adjetivos e os nomes próprios. Dentro destas, os textos femininos, mais uma vez, são mais ricos e diversificados no recurso aos verbos (cf. gráfico 65). Ainda de destacar é o facto de a segunda forma verbal mais usada pelos textos femininos ser a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *achar*. Efetivamente, em ambos os conjuntos de textos a forma verbal mais comum é a terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *ser*. Nos textos masculinos, a seguir à forma verbal *é*, surgem com maior número de ocorrências as formas verbais *tem*, *há* e *temos*. Já nos textos femininos surge, com maior número de ocorrências, também a forma verbal *é*, seguida das formas verbais *acho*, *há*, *tem* e *foi*.

Este recurso à forma verbal do verbo *achar* remete para os chamados “hedges” que Coates (1996) referiu, ou seja, expressões ‘barreira’ com *talvez*, *do tipo*, *provavelmente*,

quero dizer, bem, penso que, acho que se calhar, tu sabes que... Para Coates (1996), estas expressões permitem evitar que se diga algo de definitivo e definido, deixando as opções em aberto. Por outro lado, estas expressões apontam para a maior preocupação feminina com uma interação conversacional colaborativa e com a cortesia. Neste âmbito, Coates postula que este tipo de expressões é frequentemente usado pelas mulheres nas suas conversas (Coates 1996: 152), sendo usado quando existe dúvida ou falta de confiança no que se está a dizer, para não ferir suscetibilidades ou os sentimentos dos outros, quando não se encontra a palavra certa, para evitar ser-se tido como perito no assunto, ou ainda por questões de cortesia.

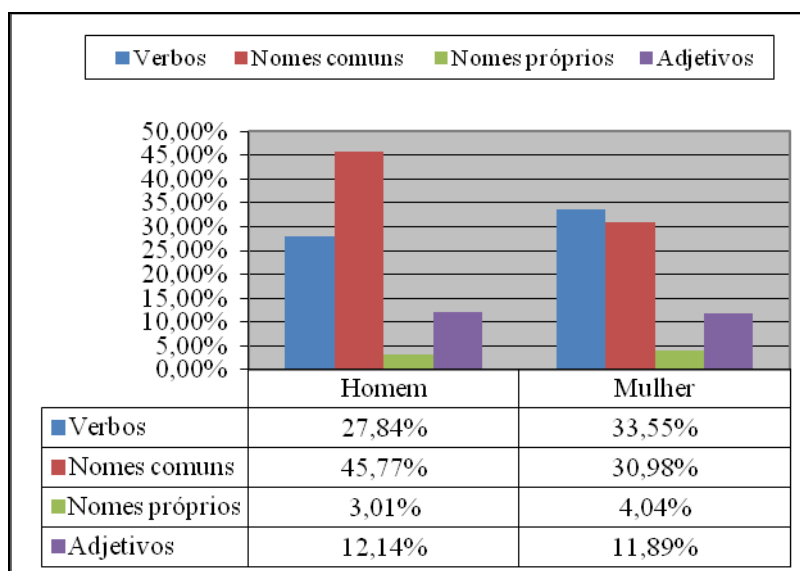


Gráfico 65. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes mais comuns nos programas de rádio.

De seguida, surgem os pronomes como a classe de palavra mais abundante. Desde logo, pela análise do gráfico 64, percebemos que, em termos de variação, os textos femininos são mais ricos no uso dos pronomes, uma vez que, sendo um texto menos extenso do que o masculino, tem um número muito semelhante de pronomes. Efetivamente, em termos percentuais os pronomes variam em muito maior número nos textos femininos (6,70% do total de palavras) do que nos textos masculinos (3,43% do total de palavras).

Analisando a tabela 32, vemos que os pronomes pessoais de primeira pessoa são os que ocorrem mais vezes. No entanto, é curioso observar que, enquanto o *corpus* feminino recorre mais ao pronome pessoal *eu* (têm uma percentagem de 1,25% contra 0,70% nos textos masculinos), o pronome pessoal *nós* surge em maior percentagem nos textos masculinos (0,56%) do que nos femininos (0,51%). Não obstante, os pronomes pessoais de primeira pessoa aparecem em maior percentagem nos textos femininos (1,94%) do que nos masculinos (1,26%).

Logo de seguida, destacam-se ainda os pronomes demonstrativos, pois estamos em contexto de conversação, onde é possível usar mais livremente este tipo de deícticos. Quanto

à sua ocorrência nos dois *corpora*, os pronomes demonstrativos são mais comuns nos textos masculinos (1,67%) do que nos textos femininos (1,47%).

Quanto aos pronomes indefinidos, embora o seu uso seja menos frequente, destaca-se o seu emprego nos textos do gênero masculinos (0,30% contra 0,25% nos textos do gênero feminino).

Programas de rádio masculinos		Programas de rádio femininos	
Pronomes	Ocorrências	Pronomes	Ocorrências
eu	138	eu	114
nós	110	nós	46
isso	63	isso	31
esta	56	este	21
isto	54	isto	20
este	52	esta	20
essa	40	me	17
pouco	33	tudo	16
todos	30	esse	16
nossa	27	ela	16
esse	23	mesmo	15
nosso	22	minha	15
outras	20	essa	14
estas	20	ele	14
mesmo	17	quem	13
seu	16	todos	13
nossos	16	toda	12
sua	16	nosso	12
outros	15	outra	11
estes	15	alguma	11
aquilo	15	seu	10
alguns	15	nossa	10
quem	14	qualquer	9

toda	14	algo	9
essas	14	tu	9
esses	14	sua	9
algumas	14	meu	9
outro	13	outros	7
cada	13	aquilo	7

Tabela 32. Pronomes mais comuns no *corpus* programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.

No atinente aos advérbios, verificamos que existe um maior número de ocorrências nos textos masculinos (*cf.* gráfico 64), porém, percentualmente, são os textos femininos que obtêm um maior grau de variação (4,41% de percentagem de variação contra 3,40% nos textos masculinos). Mais uma vez, a subclasse do advérbio mais usada em ambos os conjuntos de textos é a de negação *não*, seguida pela de quantidade *muito*. Contudo, no atinente ao uso do advérbio *não*, este é mais comum nos textos femininos (1,90% do total de palavras) do que nos textos masculinos (1,39% do total de palavras). Pelo contrário, o advérbio de quantidade *muito* é mais comum nos textos masculinos (0,71% do total de palavras) do que nos femininos (0,55% do total de palavras)

Destaca-se ainda o uso de advérbios de lugar e de tempo, que situam a conversação no espaço e no tempo. Embora no que diz respeito ao recurso a advérbios de lugar, não existam diferenças entre os textos masculinos e femininos, pois ambos têm uma percentagem de uso de 0,72%, já no que concerne aos de tempo, estes são mais usados pelos textos femininos (1,59%) do que pelos masculinos (1,07%).

Programas de rádio masculinos		Programas de rádio femininos	
Advérbios	Ocorrências	Advérbios	Ocorrências
não	272	não	173
muito	139	muito	50
mais	126	já	48
aqui	82	mais	43
já	72	sim	40
agora	41	aqui	28
sim	32	ainda	25
enfim	30	nada	21

ainda	30	agora	21
menos	24	assim	19
onde	20	sempre	16
aliás	20	aí	15
muitas	19	nunca	12
aí	18	exactamente	11
relativamente	18	tão	10
então	16	talvez	10
sempre	16	aliás	10
evidentemente	14	hoje	10
hoje	14	então	10
exactamente	13	muita	9
assim	12	onde	7
apenas	11	muitas	7
recentemente	11	logo	7
lá	10	sobretudo	6
praticamente	10	apenas	6
tão	9	lá	5
absolutamente	9	cá	5
sobretudo	9	infelizmente	5

Tabela 33. Advérbios mais comuns no *corpus* programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.

No atinente às preposições, a sua percentagem de variação de ocorrências é maior nos textos femininos (3,07%) do que nos textos masculinos (1,68%), facto a que não é alheia a menor extensão do *corpus* feminino. De acordo com os resultados obtidos sobre a ocorrência desta classe de palavra (cf. tabela 34), aquela que aparece mais vezes é novamente a preposição *de*, que se destaca em ambos os conjuntos de textos. Não obstante, quando analisamos a distribuição de *de* e das suas contrações, verificamos que no geral ocorrem em maior percentagem nos textos masculinos (8,74%) do que nos femininos (6,43%). Pelo contrário, a preposição *a* e suas contrações ocorre mais vezes nos textos femininos (4,34%) do que nos masculinos (4,34%). Por sua vez, a preposição *em* e suas contrações surgem em maior percentagem nos textos masculinos (3,57%) do que nos femininos (2,90%). Já *por* e suas

contrações são mais abundantes no *corpus* feminino (1,10%) do que masculino (0,89%). Por fim, *com* é mais comum nos textos femininos (0,94%) do que nos masculinos (0,80%).

Programas de rádio masculinos		Programas de rádio femininos	
Preposições	Ocorrências	Preposições	Ocorrências
de	945	de	306
a	671	a	294
do	278	do	96
da	268	da	95
em	243	com	86
no	159	em	81
com	156	por	72
Por	121	na	62
na	121	no	48
das	88	à	38
dos	81	dos	29
ao	67	ao	27
à	59	das	22
nos	48	às	21
nas	37	sem	18
neste	34	nos	16
pelo	31	aos	15
às	30	pelo	12
até	29	num	11
sobre	27	pela	11
aos	20	até	10
nesta	18	neste	9
entre	17	numa	8
num	16	sobre	7
desta	15	entre	5

numa	13	durante	5
sem	12	pelos	5
desde	12	deste	5
dessa	10	dela	5

Tabela 34. Preposições mais comuns no *corpus* programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.

No que diz respeito à ocorrência das conjunções (cf. tabela 35), rapidamente percebemos que, mais uma vez, *que* e *e* são as mais usuais. Entretanto, desde logo, se nota também o maior uso por parte dos textos masculinos da coordenativa conclusiva *portanto*, revelando que os textos masculinos sistematizam ideias, apresentando conclusões.

Quanto à variação no número de ocorrências tendo em conta a extensão dos *corpora*, verificamos que percentualmente existe mais variação nos textos femininos, embora o número de ocorrências seja menor. Assim, nos textos femininos, as conjunções representam 0,78% do total de ocorrências, e nos textos masculinos representam 0,48%.

Programas de rádio masculinos		Programas de rádio femininos	
Conjunções	Ocorrências	Conjunções	Ocorrências
que	884	que	447
e	638	e	295
para	245	se	108
portanto	164	para	81
se	134	mas	70
também	130	porque	55
mas	129	também	54
como	102	como	48
porque	87	portanto	28
ou	66	ou	28
depois	37	depois	22
quando	22	quando	10
embora	8	enquanto	5
enquanto	7	porquê	3

porquê	7	ora	3
ora	6	entanto	2
pra	4		
entanto	3		
senão	1		
contudo	1		

Tabela 35. Conjunções presentes no *corpus* programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.

Tendo como ponto de partida a tabela 35, podemos fazer a distribuição percentual das ocorrências. Assim, de acordo com a tabela 36, as conjunções *que*, *se* e *mas* aparecem com mais frequência nos textos femininos. Por sua vez, *para*, *portanto* e *também* surgem em maior número nos textos masculinos. Quanto à conjunção *e*, esta tem uma percentagem de ocorrência muito semelhante nos dois *corpora*.

Programas de rádio masculinos		Programas de rádio femininos	
Conjunções	Ocorrências	Conjunções	Ocorrências
que	4,51%	que	4,91%
e	3,25%	e	3,24%
para	1,25%	para	0,89%
se	0,68%	se	1,19%
portanto	0,84%	portanto	0,31%
também	0,66%	também	0,59%
mas	0,66%	mas	0,77%

Tabela 36. Conjunções com mais ocorrências no *corpus* programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.

Quanto aos artigos, a variação de ocorrência é percentualmente maior nos textos femininos (1,45%) do que nos masculinos (0,80%). Tendo em conta os resultados obtidos (cf. tabela 37), mais uma vez os artigos definidos são mais comuns do que os indefinidos. Não obstante, tanto os artigos definidos como os indefinidos ocorrem em maior percentagem nos textos masculinos (7,20% e 2,49%) do que nos textos femininos (6,61% e 2,38%).

Programas de rádio masculinos		Programas de rádio femininos	
Artigos	Ocorrências	Artigos	Ocorrências
a	671	a	294
o	450	o	202
uma	251	uma	110
um	236	um	104
os	147	as	59
as	145	os	47
uns	2	umas	2
		uns	1

Tabela 37. Distribuição dos artigos (sem ser contraídos com preposições) no *corpus* programas de rádio com intervenientes masculinos e femininos.

No que diz respeito aos numerais, existe maior número de ocorrências nos textos masculinos, embora percentualmente a variação seja maior nos textos femininos (1,60%) do que nos textos masculinos (1,01%).

Quanto às interjeições, estas ocorrem em maior número e percentualmente nos textos femininos (0,37% contra 0,14% nos textos masculinos).

Já no que concerne aos estrangeirismos, estes também ocorrem em maior número no *corpus* textual feminino (1,47%) do que no masculino (0,30%), sendo que estes estrangeirismos são maioritariamente de origem inglesa. De certa forma, este resultado vem contrariar o princípio ou ideia estereotipada de que as mulheres são mais conservadoras do que os homens.

Assim sendo, partindo da análise destes programas de rádio, verificam-se algumas diferenças entre os programas masculinos e femininos. Primeiramente, existem diferenças ao nível dos assuntos explorados e dos sentimentos expressos nos textos. Do mesmo modo, também se notam diferenças ao nível do estilo de texto e da subjetividade. Os programas masculinos caracterizam-se pelo estilo descritivo; já os femininos pelo estilo enunciativo, com a presença de noções de dúvida e de um narrador subjetivo. A esta subjetividade muito presente nos programas femininos acresce o maior número de adjetivos subjetivos, bem como a maior percentagem de uso do pronome pessoal de primeira pessoa.

Por fim, analisando o número de ocorrências das palavras, destaca-se novamente o facto de os textos masculinos serem mais ricos em nomes comuns e em adjetivos. Por seu turno, os textos femininos destacam-se pela maior percentagem de uso dos verbos e dos pronomes pessoais de primeira pessoa.

Por último, estes dois textos, porque são orais, são também marcados pelas hesitações, representadas pelas expressões onomatopeicas *hum*, *ããã* e *êêê*.

Assim sendo, podemos concluir que, também ao nível do registo oral, a análise destes programas de rádio transparecem algumas diferenças comunicativas entre os homens e mulheres. Mais uma vez, se reiterou o pendor subjetivo do discurso feminino, que, mais uma vez, é corroborado pelo grande número de adjetivos subjetivos e pelo uso de pronomes pessoais de primeira pessoa. Do mesmo modo, o discurso feminino revela mais preocupação do que o masculino com o interlocutor ou público, uma vez que recorre mais a pronomes de segunda pessoa para se dirigir ao interlocutor. Por outro lado, o discurso feminino caracteriza-se ainda pela elevada presença de advérbios de dúvida, denotando falta de segurança, mas também cortesia, pois o discurso feminino não pretende impor ideias nem opiniões.

Por seu turno, o discurso masculino aparece como mais objetivo devido ao maior recurso a nomes comuns, numerais, pronomes demonstrativos e artigos definidos, ou seja, classes de palavras mais centradas na realidade concreta.

Ainda no que diz respeito ao emprego das diferentes classes de palavras, indo ao encontro dos resultados obtidos na análise dos textos escritos, verificamos que as conjunções *que* e *se* são mais comuns no *corpus* feminino, o mesmo acontecendo com o advérbio de negação *não*. De igual modo, no atinente às preposições, as mais comuns continuam a ser *de* e *a*, mas enquanto a primeira é mais comum no *corpus* masculino, a segunda é mais comum no feminino, tal como acontece com a preposição *com*.

Por último, contrariamente aos resultados obtidos na análise dos textos escritos, em que as frases femininas são mais curtas do que as do discurso masculino, nestes programas de rádio as mulheres produzem frases mais longas do que os homens. No entanto, as suas frases são mais vezes introduzidas por “expressões barreira” ou “hedges”, como *eu acho que...* ou *eu penso que...*, revelando alguma insegurança e/ou dúvida na expressão das suas ideias e opiniões. Esta insegurança pode também ser interpretada como cortesia, já que as mulheres não pretendem impor ideias ou opiniões, mas partilhar, estabelecendo relações (Coates 1996).

Por conseguinte, entendemos a necessidade de desenvolver investigações ao nível do registo oral, sejam nossas ou de outrem, procurando verificar diferenças comunicativas entre homens e mulher não só a nível da linguagem verbal, mas também da linguagem não verbal, tão significativa na comunicação humana.

Capítulo 4

1. Considerações comparativas finais

Depois de analisados os 200 artigos de opinião, distribuídos por quatro décadas diferentes, agrupados em conjuntos de 50 textos de opinião por década, 25 de autoria feminina e 25 de autoria masculina, publicados no ano de 2009, repetindo o mesmo processo, com igual número de textos publicados nos anos de 1999, de 1989 e de 1979, verificámos algumas diferenças entre os textos de autoria feminina e os de autoria masculina. Assim, centrando-nos primeiramente na análise do número de palavras e frases por texto, percebemos que, na generalidade, as frases das mulheres são menos extensas do que as dos homens (*Tabela 38*). Consequentemente, são frases com uma estrutura sintática mais simples, validada pela maior percentagem de uso de verbos por parte das mulheres e pela distribuição do uso dos conectores, uma vez que as mulheres, no geral, usam menos conectores do que os homens. Por isso, nas frases femininas predomina a parataxe e nas masculinas a hipotaxe.

	Textos de 2009		Textos de 1999		Textos de 1989		Textos de 1979	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
N.º de palavras	12.978	13.455	14.686	12.432	12.736	15.618	33.127	17.538
N.º de frases	1.574	1.694	1.663	1.438	1.523	2.024	3.789	2.138
Média palavras por frase	8,25%	7,94%	8,83%	8,65%	8,36%	7,72%	8,86%	8,20%

Tabela 38. Número de palavras e frases nos textos de opinião.

No que respeita aos assuntos abordados, nota-se que os temas mais tratados, quer por homens, quer por mulheres, surgem agrupados em conceitos gerais e vida humana. Estes desdobram-se em variadíssimos tópicos mais específicos, sendo aí que se nota a diferença. Desde logo, verifica-se uma maior tendência masculina para tratar de temáticas relacionadas com política, geografia, sociedade, desporto e lazer e negócios, realçando o forte pendor do homem para as atividades realizadas fora de casa, no mundo exterior e dos negócios. Por sua

vez, a mulher fala mais da sociedade, de sentimentos, da família, de saúde e de emprego, conotando preocupação com o estabelecimento e o bem-estar das suas relações, tal como havia defendido Lakoff (1975). Entre os sentimentos e emoções associados à mulher, destacamos a tristeza, a insatisfação e o medo, revelando uma certa insegurança e instabilidade, asserção feita também para caracterizar a linguagem da mulher (Lakoff 1975). Por outro lado, também se nota uma forte preocupação com o emprego e o trabalho, revelando que a mulher já não se cinge ao reino doméstico, tendo já conquistado um lugar no mundo do trabalho, dominado anteriormente pelo homem (Spender 2001). Esta preocupação é crescente a partir dos textos de 1989, altura em que a mulher portuguesa começa a conquistar um lugar no mercado de trabalho. Nesta ordem de ideias, aparece também mais preocupada com o direito e a justiça social, pois já tinha sido considerada um grupo minoritário e oprimido por uma sociedade patriarcal (Lakoff 1975; Spender 2001).

Independentemente do estilo geral dos textos, uma vez que estamos perante textos jornalísticos não padronizados, em que o estilo é livre e a subjetividade do seu autor está presente, verificamos uma maior subjetividade no discurso da mulher. Esta é sublinhada por vários aspetos, como sejam: a presença de um narrador subjetivo, o recurso a adjetivos subjetivos e ainda pelo recurso a pronomes pessoais de primeira pessoa.

No que diz respeito à presença de narrador subjetivo, em vários textos de autoria feminina, nomeadamente em textos de 2009 e de 1989, domina este tipo de narrador. Esta subjetividade do discurso feminino é ainda corroborado pela maior percentagem de emprego do pronome pessoal “eu”, bem como ao pronome pessoal de segunda pessoa “tu” e ao pronome pessoal de primeira pessoa do plural “nós”, estes últimos usados com intuito de abarcar também o interlocutor no seu discurso. Efetivamente, à exceção do conjunto de textos de 1989, todos os conjuntos de textos femininos se caracterizam pelo recurso a pronomes pessoais de primeira pessoa. Por seu turno, nos textos masculinos abundam pronomes pessoais de terceira pessoa. Este emprego feminino dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa vai ao encontro da tese de que as mulheres se preocupam com as relações e a empatia que estabelecem enquanto comunicam (Tannen 1990).

Por outro lado, a subjetividade acima postulada é também reforçada pelo uso dos adjetivos. No atinente a esta classe gramatical, destaca-se, em primeiro lugar, a maior percentagem de uso dos adjetivos subjetivos por parte de todos os conjuntos de textos femininos, à exceção do conjunto de 1979. Por outro lado, deve sublinhar-se o recurso abundante, nos textos masculinos, de adjetivos numéricos e objetivos, indo ao encontro de Koppel, que postulou que os textos de autores masculinos distinguem-se pelo emprego de palavras com sentido numérico e concreto (Koppel *et al.* 2003). Assim sendo, podemos falar numa certa oposição entre objetividade masculina e subjetividade feminina, indo ao encontro das asserções feitas sobre a “woman’s language”, que se caracteriza por ser subjetiva e sentimental (Lakoff 1975), enquanto o homem aparece como mais objetivo e ativo.

No atinente à modalização, ou seja, ao recurso de advérbios e locuções adverbiais que permitem o locutor implicar-se no discurso ou situar o que diz contextualmente, os textos femininos destacam-se pelo recurso constante em todos os textos à modalização de

intensidade e de negação, utilizadas para dramatizar e inflamar o discurso. Também neste conjunto de textos, as mulheres expressam por mais vezes dúvidas (modalização de dúvida) do que os homens, conotando uma certa insegurança.

No atinente às ocorrências das palavras e das suas diferentes classes, nota-se que quanto mais extensos são os textos, menor é a percentagem do número de ocorrências (cf. Tabela 6). No que diz respeito à variação do número de ocorrências entre os dois gêneros, não se conseguem perceber divergências, uma vez que em dois conjuntos de textos (2009 e 1989) existe maior percentagem de ocorrências nos textos masculinos e nos outros dois conjuntos (1999 e 1979) acontece o inverso.

	Textos de 2009		Textos de 1999		Textos de 1989		Textos de 1979	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
N.º de palavras	12.978	13.455	14.686	12.432	12.736	15.618	33.127	17.538
N.º de ocorrências	4.343	4.361	5.054	4.506	4.464	4.898	6.253	5.585
Percentagem de variação	33,46%	32,41%	34,41%	36,25%	35,05%	31,36%	18,88%	31,85%

Tabela 39. Ocorrências de diferentes palavras nos textos.

Não obstante, analisando os textos como um todo, verifica-se que os textos femininos apresentam uma maior percentagem de variação, pois num total de 59.043 palavras, existem 11.692 termos, correspondendo 19,80% de variação. Por sua vez, os textos masculinos somente variam em 18,23%, uma vez que num total de 73.527, existem 13.406 vocábulos distintos.

No que diz respeito à ocorrência das diferentes classes de palavras, rapidamente percebemos que aquelas que mais aparecem são os verbos, os nomes comuns, os adjetivos e os nomes próprios.

	Textos de 2009		Textos de 1999		Textos de 1989		Textos de 1979	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Verbos	30,30%	33,11%	30,95%	30,07%	32,17%	36,73%	21,13%	28,50%

Nomes comuns	36,66%	35,34%	37,02%	36,48%	37,57%	35,12%	41,36%	34,45%
Nomes próprios	5,43%	3,85%	5,66%	5,33%	4,73%	2,86%	5,44%	3,76%
Adjetivos	15,73%	16,17%	14,74%	16,29%	13,96%	13,64%	21,29%	15,45%
Advérbios	2,90%	3,30%	3,28%	3,11%	3,27%	2,84%	4,03%	3,53%
Pronomes	3,87%	3,49%	3,78%	4,08%	4,21%	5,02%	3,17%	3,99%
Preposições	1,68%	1,54%	1,35%	1,49%	1,75%	1,57%	1,34%	1,40%
Conjunções	0,51%	0,50%	0,42%	0,47%	0,47%	0,45%	0,38%	0,39%
Artigos	0,64%	0,64%	0,53%	0,60%	0,65%	0,59%	0,46%	0,52%
Numerais	0,69%	0,57%	1,19%	0,82%	0,94%	0,61%	0,74%	0,77%
Interjeições	0,02%	0,20%	0,06%	0,02%	0,09%	0,14%	0,08%	0,05%
Estrangeirismos	1,61%	1,28%	2,10%	1,24%	0,34%	0,43%	0,59%	0,73%
Total de ocorrências	4.343	4.361	5.054	4.506	4.464	4.898	6.253	5.585

Tabela 40. Distribuição percentual das diferentes classes de palavras nos diferentes conjuntos de textos.

Da análise da tabela 40, corrobora-se a ideia de que os nomes comuns e próprios são mais abundantes nos textos masculinos, indo ao encontro das teorias de que o homem tem um discurso mais concreto e baseado na realidade que o envolve (Koppel *et al.* 2003; Coates 2003). Já os verbos são uma classe de palavra mais comum em todos os conjuntos de textos femininos, à exceção do de 1999, embora aqui a diferença de uso seja menos significativa.

No atinente ao recurso aos adjetivos, verificamos que nos *corpora* de 2009 e 1999 são os textos femininos que mais recorrem aos adjetivos, mas nos *corpora* de 1989 e 1979, os adjetivos abundam em maior número nos textos masculinos. Não obstante, indo ao encontro dos resultados obtidos através do programa informático *Tropes*, as mulheres usam mais adjetivos subjetivos, à exceção do conjunto de textos de 1979. No entanto, não se pode esquecer que o ano de 1979 é um período muito próximo da Revolução de Abril, momento a partir do qual a mulher portuguesa começa a conquistar e a dar os primeiros passos na esfera

pública. Não admira, por isso, que procure lutar contra a visão estereotipada do discurso feminino, a “women’s language” (Lakoff 1975; Coates 1996), considerado por isso inferior (Spender 2001).

No que concerne ao recurso aos advérbios, esta classe de palavra é, regra geral, mais usada nos *corpora* masculinos, destacando-se o emprego do advérbio de negação *não*. Efetivamente, os resultados confirmam que os advérbios ocorrem em maior número em todos os conjuntos de textos, à exceção dos *corpora* publicados em 2009, em que os advérbios são mais comuns nos textos femininos. Do mesmo modo, o advérbio que se destaca é o de negação *não*, que é sempre mais usados nos textos masculinos, à exceção dos textos de 2009. Este resultado é ainda corroborado na análise global dos textos, contrariando o postulado por Koppel, que uma das características do discurso feminino é o recurso à negação (Koppel *et al.* 2003).

Quanto ao uso dos pronomes, esta classe de palavra ocorre sempre em maior percentagem em todos os conjuntos de textos femininos. Sobre a distribuição e emprego das suas diferentes subclasses, os textos femininos caracterizam-se pelo uso de pronomes pessoais de primeira pessoa e pelo uso dos pronomes indefinidos. Por sua vez, os textos masculinos em análise também revelaram uma forte tendência para o recurso aos pronomes possessivos. De facto, os pronomes possessivos ocorrem em maior percentagem em todos os conjuntos de textos masculinos, à exceção do conjunto de 1999.

No que concerne ao emprego das diferentes preposições, os textos masculinos destacam-se pela maior percentagem de uso, com exceção do *corpus* de 1999. Dentro das preposições, as mais abundantes em todos os textos, quer femininos quer masculinos, são as preposições *de* e *a*, que, regra geral, surgem em maior percentagem nos textos masculinos do que nos femininos. A única exceção é o conjunto de textos relativo a 1989, em que os textos femininos superam os masculinos. Destacamos ainda as preposições *em* e *com*, que são muito utilizadas pelos textos femininos. Efetivamente, a preposição *com*, relativamente aos *corpora* de 2009, 1999 e 1979, é mais usada nos textos femininos; por sua vez, a preposição *em* é mais usada nos textos femininos nos *corpora* de 2009 e 1979, sendo que no ano de 1999 tem a mesma percentagem de uso que os textos masculinos. Relativamente ao ano de 1989, estas duas preposições já são mais comuns nos textos masculinos.

No que respeita ao uso das conjunções, as que mais se destacam pela sua percentagem de uso são: *que*, *e*, *se* e *para*. Relativamente aos resultados obtidos nos diferentes conjuntos de textos, verificámos que a conjunção *que* é mais usada nos textos femininos em 2009 e 1999, mas em 1989 e 1979 é mais utilizada pelos textos masculinos. Quanto à copulativa *e*, esta é sempre mais utilizada pelos textos de autoria masculina. Por sua vez, a conjunção condicional *se* é mais utilizada pelos textos femininos, com exceção do conjunto de textos de 1979, em que é mais comum nos textos masculinos. Por último, a conjunção *para* é mais comum nos textos masculinos de 2009 e 1979, mas nos textos de 1999 e 1989 é mais comum nos textos femininos.

No atinente ao emprego dos artigos, verificámos que em todos os conjuntos de textos são empregues mais artigos definidos do que indefinidos. No entanto, existem diferenças

quanto ao seu uso. Assim, os artigos indefinidos são mais usados pelos textos femininos do que pelos masculinos, a única exceção é o conjunto de textos de 1999, em que os artigos indefinidos são mais comuns nos textos masculinos. Quanto aos artigos definidos, estes são mais comuns nos textos masculinos de 2009 e 1979, mas nos textos de 1999 e 1989 são mais comuns nos textos femininos.

Quanto ao emprego dos numerais, é corroborada a ideia de que eles dominam nos textos masculinos, sendo que a única exceção é o conjunto de textos de 1979, em que os numerais são mais comuns nos textos femininos. No entanto, a análise global dos textos vem atestar o maior emprego de numerais pelos textos masculinos.

Por último, relativamente ao recurso a estrangeirismos, constatámos que o seu emprego é mais comum nos textos masculinos de 2009 e de 1999, mas nos textos de 1989 e 1979 os estrangeirismos são mais comuns nos textos femininos. Não obstante, no global, esta classe de palavra é mais comum no discurso masculino. É ainda pertinente referir que os estrangeirismos dos *corpora* de 2009 e 1999 são, na sua maioria, de origem inglesa. No entanto, os estrangeirismos dos *corpora* de 1989 e 1979 são francesismos ou latinismos. A estes resultados não é alheia a valorização que é dada a determinada língua estrangeira, pois, enquanto hoje vivemos numa cultura globalizada de influência anglo-americana, nas décadas de 70 e 80, o francês era uma língua muito próxima dos portugueses, não só por ser a segunda língua mais ensinada nas escolas, mas também porque os portugueses haviam escolhido e continuavam a escolher os países de língua francesa como destinos de emigração, na procura de melhores condições socioeconómicas.

Em suma, desta análise comparativa de resultados, conseguimos perceber diferenças nos discursos masculino e feminino. Estas passam não só pela extensão das frases, como também pela variação nos assuntos abordados e também pelo emprego das diferentes classes de palavras. Efetivamente, os temas masculinos centram-se mais na esfera pública, do mundo exterior e dos negócios; já os temas femininos andam muitas vezes próximos da esfera privada e dos interesses e preocupações da mulher portuguesa. No que diz respeito à fluidez do discurso, destacamos o discurso sincopado dos textos femininos, mais entrecortado pelo maior número de frases, que se apresentam mais curtas do que as dos textos masculinos. O discurso feminino caracteriza-se ainda pela maior subjetividade, corroborada pelo maior emprego de adjetivos, nomeadamente adjetivos de cariz subjetivo, pelo maior uso de pronomes, especificamente pronomes pessoais de primeira pessoa, a que surge associada a presença de um narrador subjetivo. Destaca-se ainda no discurso feminino uma maior percentagem de uso de artigos indefinidos e de “expressões barreira”, como *eu penso que, eu acho, considero...* Por seu turno, os textos masculinos revelam maior objetividade, atestada pela maior percentagem de uso de nomes comuns, nomes próprios e numerais, bem como pelo próprio uso de pronomes possessivos, demonstrativos e artigos definidos, classes de palavras mais centradas na realidade concreta de que se fala.

Tendo em conta os resultados obtidos através da análise dos textos de opinião, ou seja, num registo escrito, partimos para o mesmo tipo de análise em programas de rádio, num registo oral. O objetivo desta análise foi, de certa forma, examinar em que medida as

diferenças comunicativas entre homens e mulheres encontradas nos textos escritos se verificavam no registo oral, especificamente no âmbito da linguagem verbal, uma vez que não era possível analisar a linguagem não verbal.

Quanto aos programas de rádio, dois pertencem ao gênero da entrevista e outros dois ao debate. Tal como os textos de opinião, a entrevista e o debate também permitem que os intervenientes, mais precisamente os inquiridos, possam dar a sua visão pessoal, embora condicionados por um moderador ou entrevistador.

A partir dos resultados obtidos, verificámos diferenças entre os discursos masculino e feminino, umas muito próximas dos resultados obtidos através da análise dos textos de opinião. Assim sendo, mais uma vez, se reiterou o pendor subjetivo do discurso feminino, que novamente é corroborado pelo grande número de adjetivos subjetivos e pelo uso de pronomes pessoais de primeira pessoa. De igual forma, o discurso feminino revela mais preocupação do que o masculino com o interlocutor ou público, uma vez que recorre mais a pronomes de segunda pessoa para se dirigir ao interlocutor.

Por seu turno, o discurso masculino aparece como mais objetivo, pois existe um maior recurso a nomes comuns, numerais, pronomes demonstrativos e artigos definidos, ou seja, classes de palavras mais centradas na realidade concreta.

Por último, contrariamente aos resultados obtidos na análise dos textos escritos, em que as frases masculinas são mais curtas do que as do discurso masculino, nestes programas de rádio, as mulheres produzem frases mais longas do que os homens. No entanto, as frases do *corpus* feminino são mais vezes introduzidas por “expressões barreira” ou “hedges”, como *eu acho que...* ou *eu penso que...*, revelando alguma insegurança e/ou dúvida na expressão das suas ideias e opiniões, mas também, muito provavelmente, funcionam como estratégias de cortesia. Esta característica é ainda acentuada pela elevada presença de advérbios de dúvida, conotando uma certa insegurança no discurso do *corpus* feminino.

Assim sendo, de acordo com os resultados obtidos, o nosso *corpus* comprova que existem diferenças comunicativas entre homens e mulheres e que estas se refletem nos discursos da comunicação social.

2. Conclusões

A partir da década de 70 do século XX, postulou-se a existência da divisão da linguagem em “linguagem do homem” e “linguagem da mulher”, sendo que a “linguagem da mulher”, sobretudo devido à influência do movimento feminista, tem sido encarada como linguisticamente inferior ou desviante em relação à do homem. Dessa forma, vários foram os teóricos que partiram dessa ideologia para investigar as diferenças comunicativas entre homens e mulheres (cf. Jespersen 1922; Lakoff 1975; Spender 1980; etc.). Todavia, tal como considerou Deborah Cameron (2003), embora estas ideologias ainda circulem e sejam ponto obrigatório de paragem em qualquer investigação sobre o gênero e a linguagem, já não prevalece a ideia “[...] that woman are “deficient” as language users” (Cameron 2003: 454).

Por vezes, parece mesmo que a mulher é superior no uso da linguagem, como se pode verificar pela leitura das obras *You Just Don't Understand* (1990), de Deborah Tannen, e *Men Are from Mars, Women from Venus* (1992), de John Gray. Estas obras entendem a linguagem como tendo uma função primeira de estabelecer relações e entendimento entre as pessoas. Portanto, sendo que as mulheres privilegiam a afetividade e o estabelecimento de relações, elas serão as melhores no uso da linguagem com esse fim (Cameron 2003: 461).

Fazendo uma síntese das abordagens sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres, verifica-se que estas são maioritariamente de cariz linguístico e fortemente influenciadas pelos trabalhos feministas. Não obstante, consegue-se traçar três tendências fundamentais nos estudos sobre a relação entre o género e a linguagem. Primeiro, distingue-se o trabalho de Robin Lakoff, *Language and Women's Place* (1975), em que a mulher surge em desvantagem enquanto falante, devido ao papel secundário que ocupa na sociedade. Deborah Cameron (1996) referiu que Lakoff representa, por isso, o “*deficit model*”, “[...] in which women are seen as disadvantaged speakers because of their early sex-role socialization: the obvious example is Robin Lakoff's *Language and Women's Place*” (Cameron 1996: 39). Por outro lado, temos o já referido *modelo do domínio*, segundo o qual a mulher é encarada como tendo menos poder na interação discursiva, resultado do poder social que o homem tem. Este modelo é atestado pelos trabalhos de Candace West (1984), Zimmerman e West (1975) e Fishman (1983), sobre a tomada de vez e as interrupções na interação discursiva (Cameron 1996: 39). Por último, o *modelo da diferença cultural*, em que o género é equiparado a outras divisões sociais, como a etnia ou a raça. Assim, a segregação dos sexos na infância e adolescência conduz a diferenças no estilo de conversação e nos objetivos de comunicação. Esta tendência é exemplificada pelo trabalho de Gumperz (1982), Maltz e Broker (1982) e também de Tannen (1990).

Nesta sequência, o nosso trabalho insere-se nesse âmbito de investigação das diferenças comunicativas entre homens e mulheres, pois em vários contextos e de várias formas se nota que o homem e a mulher não, ou nem sempre, interpretam a mensagem do mesmo modo. Efetivamente, mesmo quando não parece haver lugar para qualquer mal-entendido, o homem e a mulher podem interpretar o mesmo ato ilocutório de forma díspar. Portanto, a igualdade de género não existe de forma cabal quando estamos no domínio da linguagem e da comunicação.

De forma sintética, a origem das diferenças de género ao nível da linguagem e da conversação entre homens e mulheres assenta nos papéis tradicionais que a sociedade ao longo dos tempos atribuiu ao homem e à mulher: a mulher ficava relegada ao reino doméstico e o homem lidava com o mundo exterior. Embora estes papéis e os estereótipos a eles associados estejam a mudar na nossa sociedade, a verdade é que as normas sociais e de interação que lhe estavam associadas ainda se mantêm e impedem a mudança. Kramarae (1981: 118-119) postula mesmo uma divisão entre a esfera pública e a esfera privada ou doméstica, diferenciando as atividades e a linguagem de acordo com o género. Assim, a mulher usa uma linguagem característica do seu género, centrada numa esfera mais íntima, a

esfera privada. O homem, por sua vez, domina uma linguagem ligada ao mundo exterior, à esfera pública.

Não obstante, hoje em dia, a realidade é outra. A divisão entre esfera pública e esfera privada não está tão vincada. Marido e esposa trabalham fora, na esfera pública, e, cada vez mais, ambos participam nas tarefas da esfera privada ou doméstica. Embora estas alterações ainda sejam mínimas e se encontrem numa fase incipiente, a verdade é que já trazem consigo mudanças linguísticas. A estas acrescentam-se ainda os conceitos de *higiene verbal* e *politicamente correto*, que vieram alterar a interação discursiva entre os géneros, colocando-os, como sublinhou Mary Ritchie Key (1996), num patamar de mais igualdade. Efetivamente, hoje em dia, as interações conversacionais estão a tomar novas formas, pois tanto os homens como as mulheres estão a aprender novos estilos e a mudar o uso de algumas palavras ou expressões linguísticas com as quais já não se sentem confortáveis. Desta forma, o discurso feminino conseguirá elevar-se ao masculino, com igual consideração e respeito, sem um ser superior ao outro (Key 1996: 136).

Nesse sentido, Deborah Cameron (1996) também sublinhou que as ideias de linguagem da mulher e linguagem do homem devem ser reformuladas, tendo em conta a evolução constante da sociedade. De facto, contrariamente ao que se acreditava no início dos estudos de género, em que a linguagem da mulher aparecia sempre como inferior, hoje em dia, as mulheres, devido maioritariamente ao destaque que têm alcançado no âmbito da educação e do emprego, veem as suas competências verbais reconhecidas, sendo regularmente representadas como modelos no uso da linguagem (Cameron 2003: 457).

Não obstante, tal não quer dizer que as diferenças comunicativas entre homens e mulheres desapareçam. Tal como defendeu Deborah Tannen, na década de noventa, compreender que essas diferenças existem e que fazem parte da identidade do género facilitará a comunicação. Contudo, mesmo que se compreendam os chamados estilos conversacionais, não se vai conseguir prevenir e impedir os desentendimentos e as diferenças, mas caminhar-se-á no sentido da eficácia comunicativa entre homens e mulheres (Tannen 1990: 298).

De facto, tal como também sublinhou Deborah Cameron (2003), apesar das mudanças, do reconhecimento das competências da mulher e das qualificações superiores, ainda é o homem quem domina nos cargos mais importantes e mais altos (Cameron 2003: 457-458). Contudo, cada vez mais, as mulheres investem na sua carreira profissional, e os homens, cada vez em maior número, procuram partilhar as responsabilidades familiares e domésticas. Por conseguinte, “[...] both women and men are now expected to demonstrate communicative behavior that previously was thought to be province of the “other” sex” (Borisoff e Merrill 1998: 3). A acrescentar, de acordo com os *Censos 2011*, Portugal tem mais mulheres do que homens, sendo que existem atualmente 92 homens para 100 mulheres (*Censos 2011*: 7), o que contrabalança ainda mais a questão da igualdade entre homens e mulheres.

Por outro lado, tal como reiterou Alice Greenwood (1996), a identidade individual não é só o género. É também composta por várias identificações com grupos e associações, pois o indivíduo é membro de uma família, de uma vizinhança, de um grupo de amigos, etc.,

inserido num contexto económico, social e cultural, que também condiciona a sua postura na interação comunicacional com outros indivíduos, sejam do mesmo sexo ou não. A isto acrescenta-se ainda o contexto em que se interage, pois a identidade de género também varia de acordo com o contexto (McElhinny 2003: 29).

Tendo em conta os pressupostos teóricos e práticos apresentados ao longo das últimas décadas, o nosso trabalho de investigação procurou identificar diferenças comunicativas num conjunto de textos dos *media* portugueses. A partir da sua análise quantitativa e qualitativa, procurou verificar-se se realmente existem diferenças discursivas entre homens e mulheres e como estas se refletem nos *media*. Desta forma, procuramos dar resposta às hipóteses colocadas inicialmente:

1. homens e mulheres comunicam de forma díspar;
2. as mulheres usam uma linguagem mais subjetiva do que os homens;
3. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se nos *media* e nos textos produzidos pelos *media*;
4. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se na escolha dos temas a abordar e no uso das diferentes classes de palavras.

No que respeita à metodologia, adotámos uma das sete abordagens apontadas por Jane Sunderland e Lia Litosseliti para conduzir a investigação na área das diferenças comunicativas de género: “(1) sociolinguistics and ethnography, (2) corpus linguistics, (3) conversation analysis (CA), (4) discursive psychology, (5) critical discourse analysis (CDA), (6) feminist poststructuralist discourse analysis (FPD) and (7) queer theory” (Sunderland e Litosseliti 2008: 5). De entre estas, o nosso trabalho de investigação foi guiado por uma abordagem de (1) *corpus linguistics*. Este utilizou uma metodologia de análise mais quantitativa, mas também qualitativa.

Por outro lado, tivemos de ter presente que a nossa análise se centrou na comunicação mediatizada. De facto, enquanto na comunicação face-a-face, existe um emissor e um recetor presentes na situação de comunicação, no caso dos *media*, estes comunicam, na generalidade, com um recetor ausente. Efetivamente, “[...] a distinguishing characteristic of media language is the distance between addresser and addressee, in space, and, frequently, also in time. This means there is a sharp division between addressers and addressees” (Talbot *et al.* 2003: 9-10). Por outro lado, este recetor não é um ser individual, mas um conjunto de indivíduos, considerados como um ser compósito, constituído pela audiência (Talbot *et al.* 2003: 10). Desta forma, os resultados obtidos não são resultado da interação discursiva usual, mas mediatizada, onde aquele que fala tem consciência de que está a ser ouvido por um grupo heterogéneo de pessoas que o julga e avalia. Assim sendo, esta comunicação mediatizada é mais pensada e cuidada, por forma a ser facilmente interpretada pelo público heterogéneo.

Desta forma, tendo em conta que o escopo da nossa investigação era verificar se existiam diferenças de género na comunicação, analisámos textos de opinião publicados nos *media* portugueses, 50% de autoria feminina e 50% de autoria masculina, publicados em jornais e revistas nacionais. No total analisámos 200 artigos de opinião, distribuídos por

quatro décadas diferentes. Assim, analisámos 50 textos de opinião, 25 de autoria feminina e 25 de autoria masculina, publicados no ano de 2009, repetindo o mesmo processo, com igual número de textos publicados nos anos de 1999, de 1989 e de 1979. Ao nível do registo oral, transcrevemos e analisámos quatro programas de rádio, em formato de entrevista e debate, com participantes do género masculino e feminino. Desta forma, procedemos a uma análise comparativa entre os textos publicados nas diferentes décadas para verificar se existia variação entre os resultados obtidos entre os géneros e dentro do próprio género. Para esse fim, aplicámos dois programas informáticos de análise de texto e levantamento estatístico de dados : o *Tropes Semantic* e o *Lexicon*.

Tendo em conta os resultados obtidos através da análise do nosso *corpus*, verificámos algumas diferenças entre os discursos de autoria feminina e os de autoria masculina. Assim, o primeiro dado pertinente está relacionado com as frases, que são menos extensas nos textos femininos. Por isso, as frases das mulheres têm uma estrutura sintática mais simples, justificada por um maior emprego de verbos e pela distribuição do uso dos conectores, já que as mulheres, no geral, usam menos conectores do que os homens. Por isso, nas frases femininas predomina a parataxe e nas masculinas a hipotaxe.

Um outro resultado pertinente diz respeito aos assuntos dos textos. Verificou-se que os temas mais abordados, quer por homens, quer por mulheres, surgem agrupados em conceitos gerais e vida humana, mas desdobram-se em outros tópicos mais restritos, sobressaindo a diferença. Desta forma, registou-se uma maior tendência masculina para tratar de temáticas relacionadas com política, geografia, sociedade, desporto e lazer e negócios, realçando o forte pendor do homem para as atividades realizadas fora de casa, no mundo exterior e dos negócios. Por sua vez, a mulher prefere falar da sociedade, de sentimentos, da família, de saúde e de emprego, conotando preocupação com o estabelecimento e o bem-estar das suas relações. Por outro lado, os textos femininos também revelam uma forte preocupação com o emprego e o trabalho, que é crescente a partir dos textos de 1989, altura em mulher portuguesa começa a conquistar um lugar no mercado de trabalho.

Outro aspeto importante resultante da análise realizada foi a subjetividade inerente ao discurso da mulher. Esta é justificada pela presença de um narrador subjetivo, pelo o recurso a adjetivos subjetivos e ainda pelo recurso a pronomes pessoais de primeira pessoa, bem como ao pronome pessoal de segunda pessoa “tu”, usados com intuito de abarcar também o interlocutor no seu discurso. Por outro lado, a subjetividade dos textos femininos é também acentuada pelo uso dos adjetivos. No atinente a esta classe gramatical, realça-se, por um lado, o maior recurso a adjetivos subjetivos por parte das mulheres, e o maior emprego de adjetivos numéricos e objetivos por parte dos textos masculinos. Desta forma, podemos estabelecer uma oposição entre uma linguagem objetiva e uma linguagem subjetiva, características do discurso masculino e feminino, respetivamente.

Outros dados relevantes dizem respeito às ocorrências das palavras e das suas diferentes classes. Primeiramente, analisando os textos como um todo, verifica-se que os textos femininos apresentam uma maior percentagem de variação de palavras. Já quanto à ocorrência das diferentes classes de palavras, corroborou-se a ideia de que os nomes comuns

e próprios são mais abundantes nos textos masculinos. Por sua vez, os verbos são mais comuns nos textos femininos. Já os adjetivos, principalmente de cariz subjetivo, são mais comuns nos textos femininos. No atinente ao emprego de advérbios, esta classe de palavra é, regra geral, mais usada nos *corpora* masculinos, destacando-se o emprego do advérbio de negação *não*. Quanto ao uso dos pronomes, esta classe de palavra ocorre sempre em maior percentagem em todos os conjuntos de textos femininos, sendo de destacar o uso de pronomes pessoais de primeira pessoa e pelo uso dos pronomes indefinidos. Por sua vez, os textos masculinos em análise também revelaram uma forte tendência para o recurso aos pronomes possessivos. Verificaram-se ainda diferenças pertinentes quanto ao emprego dos artigos, já que os indefinidos são mais usados pelos textos femininos. Por outro lado, quanto ao emprego dos numerais e estrangeirismos, é corroborada a ideia de que estes dominam nos textos masculinos.

Por último, no que diz respeito à fluidez do discurso, destacamos o discurso sincopado dos textos femininos, mais entrecortado pelo maior número de frases e pelo recurso a “expressões barreira”, como *eu penso que, eu acho, considero...* podendo significar alguma insegurança e/ou dúvida na expressão das suas ideias e opiniões ou, por outro lado, preocupação com questões de cortesia. Esta característica é ainda acentuada pela elevada presença de advérbios de dúvida, conotando uma certa insegurança no discurso do *corpus* feminino.

Assim sendo, tendo em conta os resultados alcançados, podemos afirmar que conseguimos verificar a plausibilidade das hipóteses levantadas no início do nosso trabalho de investigação, que, desta forma, podemos sistematizar como conclusões finais do nosso trabalho:

1. homens e mulheres comunicam de forma diferentes;
2. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se nos *media* e nos textos produzidos pelos *media*, quando temos presente e comparamos textos de autoria feminina e textos de autoria masculina;
3. o *corpus* em análise revelou que os textos femininos se caracterizam por um discurso mais subjetivo do que o dos homens, que se centra mais na realidade concreta, sendo, por isso, um discurso mais objetivo;
4. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se na escolha dos temas a abordar e no uso das diferentes classes de palavras, nomeadamente no uso dos verbos, adjetivos, nomes comuns e próprios, conjunções, advérbios, pronomes e artigos.

Do exposto, consideramos que os objetivos a que nos propusemos foram atingidos, demonstrando que, à semelhança de outros estudos realizados, existem diferenças de comunicação entre homens e mulheres no português europeu e, neste caso específico, esta teoria foi corroborado pela análise do nosso *corpus* linguístico em registo escrito e oral da comunicação social em português europeu. Não obstante, reconhecemos o carácter embrionário desta investigação, que se apresenta como o ponto de partida para mais investigações e trabalhos, nossos e de outros. Nesse sentido, esperamos que os resultados do nosso trabalho sejam acolhidos sem ideias estereotipadas e com interesse. Por outro lado,

não podemos deixar de reiterar que a comunicação e o género é uma área de investigação e estudo particularmente interessante, empolgante e motivadora, mas simultaneamente difícil e arduosa, devido à complexidade do tema, que envolve uma diversidade de áreas e exige uma grande interdisciplinaridade.

Referências bibliográficas

- AA.VV. (2000): *Dicionário de Ciências da Comunicação*. Porto: Porto Editora.
- AA.VV. (2003): *Dicicopédia 2003*. CD-Rom. Porto: Porto Editora.
- AA.VV. (1999): *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- AA.VV. (2006): *Dicionário Enciclopédico Português*, Vol.V. Lisboa: Editorial Verbo.
- Acuña Ferreira, A. Virginia (2011): *La Realización de Quejas en la Conversación Feminina y Masculina. Diferencias y Semejanzas en la Habla Cotidiana de las Mujeres y los Hombres*. Munich: Lincom.
- Allen, Mike (1998): "Methodological considerations when examining a gendered world". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 427-444.
- Álvares, Cláudia (2005): "Feminismo e Representação Discursiva do feminino: a presença do outro na teoria e na prática". In: *Livro de Actas - 4.º SOPCOM: 947-956*. Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/alvares-claudia-feminismo-representacao-discursiva-feminino.pdf> (consultado em 4 de fevereiro de 2012).
- Álvares, Cláudia, e Silveirinha, Maria João (2005): "Introdução à mesa temática 'Estudos culturais e de Género'". In: *Livro de Actas - 4.º SOPCOM: 917-921*. Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/alvares-claudia-introducao-mesa-tematica-estudos-culturais-genero.pdf> (consultado em 4 de fevereiro de 2012).
- [Álvares], F[rancisca] de C[hantal] (1786): *Breve Compendio de Grammatica Portugueza para o Uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitação de Lisboa*. Lisboa: Na Officina de Antonio Rodrigues Gallardo.
- Amâncio, Lígia (1994): *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- Andersen, Peter A. (1998): "Research sex differences within sex similarities: the evolutionary consequences of reproductive differences". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 83-100.
- Ardener, Edwin (1975^a): "Belief and the problem of women". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 1-17.
- _____ (1975^b): "The 'problem' revisited". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 19-27.
- Ardener, Shirley (Ed.) (1975): *Perceiving Women*. London: Malaby Press.
- _____ (1975^a): "Introduction". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: vii-xxiii.
- _____ (1975^b): "Sexual insult and female military". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 29-53.
- _____ (Ed.) (1978): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.
- _____ (1978): "Introduction: the nature of women in society". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 9-48.

- _____ (Ed.) (1992): *Persons and Powers of Women in Diverse Cultures*. Oxford: Berg Publishers.
- _____ (Ed.) (1993): *Women and Space. Ground Rules and Social Maps*. Oxford / New York: Berg.
- Argamon, Shlomo, Koppel, M., Fine, J., e Shimoni, A. (2003): "Gender, genre, and writing style in formal written texts". In: Internet. Disponível em <http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html> (consultado em 31 de março de 2011).
- Aries, E. J., e Johnson, F. L. (1983): "Close friendship in adulthood: conversational content between same sex friends". In: *Sex Roles*, 9: 1183-1196.
- Aries, Elisabeth (1987): "Gender and communication". In: Philip Shaver & Clyde Hendrick (Eds.): *Sex and Gender*. Newbury Park, CA: Sage Publications: 149-176.
- _____ (1998): "Gender differences in interaction: a reexamination". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 65-81.
- Aristóteles (s.d.): *Arte Retórica e Arte Poética*. Lisboa: Ediouro-Paradidatic.
- Azevedo, Mário (2009): *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares*. 7.ª Edição. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Bally, Charles (1910): *L'étude systématique des moyens d'expression*. Genève: Eggimann.
- _____ (1951): *Traité de Stylistique Française*. 2Vols. 3.ª Edição (1909, 1.ª edição). Paris: Librairie C. Klincksiek.
- _____ (1965): *Le Langage et la Vie*. 3.ª Edição (1913, 1.ª edição). Genève: Droz.
- Bandura, A. (1977): *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bandura, A., e Walters, R. H. (1963): *Social Learning and Personality Development*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Barracho, Carlos (2001): *Psicologia Social. Ambiente e Espaço*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Baron, Dennis (1986): *Grammar and Gender*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Bate, Barbara, e Taylor, Anita (Eds.) (1988): *Women Communicating: studies of women's talk*. Norwood, NJ: Ablex.
- Basow, Susan A. (1992): *Gender: Stereotypes and Roles*. 3.ª ed. Pacific Grove, California: Brooks / Cole Publishing Company.
- Bastos, Maria Helena Câmara (2008): "Peço a palavra: a politesse dos rituais". In: *Cultura Escolar e História das Práticas Pedagógicas*. Internet. Disponível em www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq5/10_peco_cp5.pdf (consultado a 18 de agosto de 2011).
- Beal, Carole R. (1994): *Boys and Girls: the Development of Gender Roles*. New York: McGraw-Hill, Inc.
- Beaudichon, Janine (2001): *A Comunicação: Processos, Formas e Aplicações*. Porto: Porto Editora.
- Beauvoir, Simone de (1976): *Le Deuxième Sexe*, Vol. I e II. 2.ª ed. Paris: Gallimard.
- Bem, S. (1981): "Gender schema theory: a cognitive account of sex typing". In: *Psychological Review*, n.º 88: 354-364.
- Benwell, Betan (2002): "Is there anything "new" about these lads?: the textual and visual construction of masculinity in men's magazines". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane

- (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 149-174.
- Bergvall, Victoria L. (1996): "Constructing and enacting gender through discourse: negotiating multiple roles as female engineering students". In: Bergvall, Victoria L. et al. (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 173-201.
- Bergvall, Victoria L., Bing, Janet M., e Freed, Alice F. (Eds.) (1996): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman.
- Bernstein, Basil (1975): *Language et Classes Sociales*. Paris: Éditions de Minuit.
- Berryman-Fink, C. L., e Wilcox, T. R. (1983): "A multivariate investigation of perceptual attributions concerning gender appropriateness in language". In: *Sex Roles* 9.
- Besnier, Niko (2003): "Crossing genders, mixing languages: the linguistic construction of transgenderism in Tonga". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 279-301.
- Bing, Janet M., e Bergvall, Victoria L. (1996): "The question of the questions: beyond binary thinking". In: Bergvall, Victoria L. et al. (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 1-30.
- Bitti, P. R., e Zani, B. (1993): *A Comunicação como Processo Social*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Blaubergs, Maija S. (1980): "An analysis of classic arguments against changing sexist language". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 135-147.
- Blum, Deborah (1997): *Sex on the Brain*. New York / London / Victoria / Toronto / Auckland: Penguin Books.
- Bodine, Ann (1975): "Sex differentiation in language". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 130-151.
- Borisoff, Deborah, e Merrill, Lisa (1998): *The Power to Communicate: Gender Differences as Barriers*. 3.^a ed. Illinois: Waveland Press.
- Borregana, António Afonso (2002): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Texto Editora.
- Braconnier, Alain (1996): *O Sexo das Emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bradley, John (1998): "Yanyuwa: 'Men speak one way, women speak another'". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 13-20.
- Braga, Adriana (2005): "Corpo - Verão: agendamento corporal na imprensa feminina". In: *Actas do III SOPCOM, II LUSOCOM e II IBÉRICO*, Vol. III: 403-412. Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/braga-adriana-corpo-verao-agendamento-corporal-na-imprensa-feminina.pdf> (consultado em 4 de fevereiro de 2012).
- Branco, Lúcia Castello (1991): *O que é a Escrita Feminina?* São Paulo: Coleção Primeiros Passos.
- Brandes, Stanley (1981): "Like wounded stags: male sexual ideology in an Andalusian town". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 216-239.
- Bravo, Diana, e Briz, Antonio (Eds.) (2004): *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: editorial Ariel.

- Brouwer, Dede, e Hann, Dorian (Eds.) (1987): *Women's Language, Socialization and Self-image*. Dordrecht: Foris.
- Brown, Penelope (1993): "Gender, politeness, and confrontation in Tenejapa". In: Tannen, Deborah (Ed.): *Gender and Conversational Interaction*. New York / Oxford: Oxford University Press: 144-164.
- _____ (1998): "How and Why Are Women More Polite: Some Evidence from a Mayan Community". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 81-99.
- Brown, Penelope, e Levinson, Stephen C. (2009): *Politeness: Some Universals in Language Usage*. 9.^a ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bruess, Carol J. S., e Pearson, Judy C. (1996): "Gendered patterns in family communication". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 59-78.
- Bruner, Edward M., e Kelso Jane Paige (1980): "Gender differences in graffiti: a semiotic perspective". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 239-252.
- Bucholtz, Mary (1996): "Black feminist theory and African American women's linguistic practice". In: Bergvall, Victoria L. et al. (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 267-290.
- _____ (2003): "Theories of discourse as theories of gender: discourse analysis in language and gender studies". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 43- 68.
- Bucholtz, Mary, Liang, A. C., e Sutton, Laurel A.. (Eds.) (1999): *Reinventing Identities*. Oxford / New York: Oxford University Press.
- Burgoon, Michael, e Klingle, Renee S. (1998): "Gender differences in being influential and / or influenced: a challenge to prior explanations". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 257-285.
- Butler, Judith (2007): *Gender Trouble*. London: Routledge.
- Cabecinhas, Rosa (2005): "Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais". Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cabecinhas-rosa-processos-cognitivos-cultura-estereotipos-sociais.pdf> (consultado em 4 de março de 2012).
- Caldas-Coulthard, Carmen Rosa, e Leeuwen, Theo van (2002): "Stunning, shimmering, iridescent: toys as the representation of gendered social actors". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 91-108.
- Calero Fernández, M^a Angeles (1999): *Sexismo Lingüístico*. Madrid: Narcea.
- Callan, Hilary (1975): "The premises of dedication: notes towards an ethnography of diplomats' wives". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 87-104.
- _____ (1978): "Harems and overlords: biosocial models and the female". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 200-219.

- Callaway, Helen (1978): "The most essentially female function of all': givin birth". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 163-185.
- Cameron, D., e Coates, Jennifer (1989): "Some problems in the sociolinguistic explanation of sex differences". In: In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 13-26.
- Cameron, D. et al. (1989): "Lakoff in context: the social and linguistic functions of tag questions". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 74-93.
- Cameron, D. (1989): "Introduction". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 3-12.
- _____ (Ed.) (1990): *A Feminist Critique of Language*. London: Routledge.
- _____ (1992): *Feminism and Linguistic Theory*. 2.^a ed. New York: Palgrave.
- _____ (1995^a): *Verbal Hygiene*. London: Routledge.
- _____ (1995b): "Rethinking language and gender studies: some issues for the 1990s". In: Mills, Sara (Ed.): *Language and Gender: Interdisciplinary Perspectives*. London / New York: Longman: 31-44.
- _____ (1996): "The language - gender interface: challenging co-optation". In: In: Bergvall, Victoria L. et al. (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 31-53.
- _____ (1997): "Demythologizing Sociolinguistics". In: *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 55-67.
- _____ (1997): "Performing gender identity: young men's talk and the construction of heterossexual masculinity". In: Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers: 47-64.
- _____ (2002): "Dicotomias falsas: gramática e polaridade". In: Macedo, Ana Gabriela (Org.): *Gênero, Identidade e Desejo. Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*. Lisboa: Edições Cotovia: 125-142.
- _____ (2003): "Gender and language ideoloies". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 447-467.
- _____ (2006): *On Language and Sexual Politics*. London / New York: Routledge.
- _____ (2009): *Working with Spoken Discourse*. 2.^a ed. London: Sage.
- Cameron, D., e Kulic, D. (2009): *Language and Sexuality*. 7.^a ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.) (1998): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- _____ (1998): "Prologue: recurring issues in sex differences and similarities in communication". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 1-17.

- Cardoso, João Nuno Paixão Corrêa (1991): *Introdução ao Estudo da Variação Linguística*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- _____. (1998): "A ocorrência ou o apagamento do nexos prepositivo de em estruturas completivas: reflexões sobre alguns (des)usos na fala culta coimbrã". In: Earle, P. (Org. e Coord.): *Actas do Quinto Congresso Internacional de Lusitanistas, Tomo I*. Oxford / Coimbra: Imprensa de Coimbra: 71-80.
- Carroll, Janet L., e Wolpe, Paul Root (1996): *Sexuality and Gender in Society*. New York: Harper Collins Publishers Inc.
- Census 2011 (2011) = *Newsletter Census 2011*. In: Internet. Disponível em http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao#preliminares (consultado em 23 de setembro de 2011).
- Chappel, Neena L. (1978): "The social process of learning sex roles: a sociological viewpoint". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 103-124.
- Cheshire, Jenny, e Trudgill, Peter (Eds.) (1998): *The Sociolinguistic Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London / New York / Sydney / Auckland: Arnold.
- Cheshire, Jenny (1998): "Linguistic variation and social function". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell: 29-41.
- Chodorow Nancy (1974): "Family structure and feminine personality". In: Rosaldo, M. Zimbaldist, e Lamphere, Louise (Eds.): *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press: 43- 66.
- Chomsky, N. (1975): *Reflexões sobre a Linguagem*. Lisboa: Edições 70.
- Christie, Christine (2000): *Gender and Language. Towards a Feminist Pragmatics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Cixous, Hélène (1983): *The Laugh of the Medusa - The Signs Reader: Women, Gender and Scholarship*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.) (1989): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman.
- Coates, Jennifer (1986): *Women, Men and Language*. London: Longman.
- _____. (1987): *Women, Men and Language: a sociolinguistic account of sex differences in language*. London / New York: Longman.
- _____. (1989^a): "Introduction". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 63-73.
- _____. (1989^b): "Gossip revisited: language in all-female groups". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 94-122.
- _____. (1995): "Language, gender and career". In: Mills, Sara (Ed.): *Language and Gender: Interdisciplinary Perspectives*. London / New York: Longman: 13-30.
- _____. (1996): *Women Talk*. Oxford: Blackwell Publishers.

- _____ (1997): "One-at-a-time: the organization of men's talk". In: Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers: 107-129.
- _____ (Ed.) (1998): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell.
- _____ (2003): *Men Talk*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Coates, Jennifer, e Pichler, Pia (2011): *Language and Gender: A Reader*. 2.^a Edição. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Collier, Jane F., e Rosaldo, Michelle Z. (1981): "Politics and gender in simple societies". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 275-329.
- Colwill, Nina Lee (1978): "The study of sex differences: research, perspectives and problems". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 1-23.
- Colwill, Nina Lee *et al.* (1978): "Wives and husbands, mothers and fathers". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 243-266.
- Combes, Caroline, e Juillard, Danièle (2003): "Hommes - femmes: langues, pratiques et idéologies - Introduction". In: *Langage & Société 106*. Paris: Maison des sciences de l'Homme: 5-7.
- Cook-Gumperz, Jenny (1995): "Reproducing the discourse of mothering: how gendered talk makes gendered lives". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 401-419.
- Correia, João Carlos (2005): *Sociedade e Comunicação: Textos sobre Jornalismo e Identidade*. Covilhã: UBI, Libros Labcom.
- Correia, João da Silva (1927): *A Linguagem da Mulher*. Lisboa: Escola Normal Primária de Lisboa.
- Coupland, Nikolas, e Jaworski, Adam (Eds.) (1997): *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.
- Crabb, Larry (1993): *Men and Women*. Michigan: Zondervan Publishing House.
- Crawford, M. (1995): *Talking Difference on Gender and Language*. London / Thousand Oaks / New Delphi: Sage Publications.
- Crompton, Rosemary, Lewis, S., e Lyonette, C. (Eds.) (2007): *Women, Men, Work and Family in Europe*. New York: Palgrave MacMillan.
- Cucchiari, Salvatore (1981): "The gender revolution and the transition from bisexual horde to patrilocal band: the origins of gender hierarchy". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 31-79.
- Cunha, Maria José dos Santos (2009): *Investigação Científica*. S/l.: Ousadias.
- Daileader, Celia R., Johnson, R., e Shabazz, A. (Eds.) (2007): *Women and Others: Perspectives on Race, Gender and Empire*. New York: Palgrave MacMillan.
- Davis, Hayley (1997): "Gender, discourse and gender and discourse". In: *Language & Communication 17*. London: Pergamon: 353-357.

- Dias, Luzia Schalkoski (s/d.): "Homem e Mulher - Estratégias Linguísticas Diferentes?". Internet. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/13.htm> (Consultado em 29 de maio de 2007).
- Delbecque, Nicole (2008): *Linguística Cognitiva. Aprender como Funciona a Linguagem*. Trad. De Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget.
- Deshaies, Bruno (1992): *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Trad. de Luísa Baptista. Lisboa: Instituto Piaget.
- Deuchar, Margaret (1989): "A pragmatic account of women's use of standard speech". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 27-32.
- Dohrmann, Elena (2007): *The Developing of Regressive and Matriarchal Structures in Opposition to a Patriarchal and Authoritative Society in 'The Clement Garden' by Ian McEwan*. Auflage: GRIN Verlag.
- Doyle, Margaret (1995): *The A-Z of Non-Sexist Language*. London: The Women's Press Handbook Series.
- Duarte, Carlos, Santos, Maria da Conceição, e Carapeto, Maria (2009): "A perspectiva do género nas políticas de remuneração como requisito do governo justo das sociedades". In: *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, v. 8, n.º 3. Internet. Disponível em http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S164544642009000300004&script=sci_arttext (consultado em 12 de agosto de 2011).
- Duncan, Starkey, e Fiske, Donald W. (1977): *Face-to-face Interaction*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Eagly, Alice H. (1987): *Sex Differences in Social Behaviour: a social-role interpretation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Eakins, Barbara Westbrook, e Eakins, R. Gene (1978): *Sex Differences in Communication*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- Eckert, Penelope (1997): "The Whole Woman: Sex and Gender. Differences in Variation". In: Coupland, Nikolas, e Jaworski, Adam (Eds.): *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 212-228.
- _____ (1998): "Gender and sociolinguistic variation". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell: 64-75.
- _____ (2000): *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell Publishers.
- _____ (2003): "Language and gender in adolescence". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 381-400.
- Eckert, Penelope, e McConnel-Ginet, Sally (1995): "Constructing meaning, constructing selves: snapshots of language, gender, and class from Belten High". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 469-507.
- _____ (2003): *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Edwards, John R. (1997): "Social Class Differences and the Identification of Sex in Children's Speech". In: *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 284-290.

- Ehrlich, Susan, e King, Ruth (1996): "Consensual sex and sexual harassment: negotiating meaning". In: Bergvall, Victoria L. et al. (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 153-172.
- _____ (1998): "Gender-based language reform and the (de)politicization of the lexicon". In: Cheshire, Jenny, e Trudgill, Peter (Eds.): *The Sociolinguistic Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London / New York / Sydney / Auckland: Arnold: 178-194.
- _____ (2003): "Coercing gender: language in sexual assault adjudication processes". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 645-670.
- Eisikovits, Edina (1998): "Girl-talk / Boy-talk: sex differences in adolescent speech". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell: 42-63.
- Elgin, Suzette Haden (2000): *The Gentle Art of Verbal Self-defense at Work*. Paramus, New Jersey: Prentice Hall.
- Eliot, Lise (2010): *Pink Brain, Blue Brain: How Small Differences Grow into Troublesome Gaps - and What We Can Do About It*. Boston / New York. Mariner Books.
- Eller, Cynthia (2000): *The Myth of Matriarchal Prehistory*. Boston: Beacon Press.
- _____ (2003): *Am I a Woman? A Skeptic's Guide to Gender*. Boston: Beacon Press.
- _____ (2011): *Gentlemen and Amazons. the Myth of Matriarchal Prehistory, 1861-1900*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press.
- Elshtain, Jean Bethke (1981): "Feminist discourse and its discontents: language, power and meaning". In: Keohane, Nannerl O., et al. (Eds.): *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago / London: The University of Chicago Press: 127-145.
- Engle, Marianne (1980): "Family influences on the language development of young children". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 259-266.
- Espírito-Santo, Ana, e Baum, Michael (s.d.): "A participação feminina em Portugal numa perspectiva longitudinal". In: *Actas dos Ateliers do V Congresso Português de Sociologia*. Internet. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs/prv/docs/DPR4628d29527197_1.pdf (consultado em 12 de agosto de 2011).
- Evans, M. (1994): *The Woman Question*. London: Sage Publications.
- Fairclough, N. (1992): *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.
- _____ (1989): *Language and Power*. London / New York: Longman.
- Fasold, Ralph W. (1990): *The sociolinguistics of language*. Oxford: basil Blackwell.
- Fausto-Sterling, Anne (1992): *Myths of Gender*. 2.^a ed. New York: Basic Books.
- Fernandes, Gonçalves: "O princípio da cortesia em Português europeu". In: Iliescu, Maria / Siller-Runggaldier, Heidi M. / Danler, Paul (eds) (2010): *Actes du XXVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (Innsbruck, 3 - 8 septembre 2007). Tomo V. Berlim: De Gruyter: 39-47.
- Fichtelius, Anna, Johansson, Iréne, e Nordin, Kerstin (1980): "Three investigations of sex-associated speech variations in day school". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 219-225.

- Fidalgo, António (2001): "O ensino do jornalismo no e para o século XXI". Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-ensino-jornalismo-internet.pdf> (consultado a 13 de fevereiro de 2012).
- _____ (1996): "O consumo de informação. Interesse e curiosidade". Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-interesse-curiosidade-informacao.pdf> (consultado em 13 de fevereiro de 2012).
- Fine, Cordelia (2010): *Delusions of Gender*. New York / London: W.W. Norton & Company.
- Fingerman, Ariel (2004): "Afinal há uma escrita feminina". In: *Revista Única - Expresso*, 17 de fevereiro de 2004. Internet. Disponível em <http://ecletico.blogspot.com/2004/02/afinal-h-uma-escrita-feminina.html> (consultado em 11 de março de 2011).
- Fishman, P. (1980): "Conversational insecurity". In: Giles, Robinson e Smith (Eds.): *Language: Social Psychological Perspectives*. Oxford: Pergamon Press: 127-132.
- _____ (1983): "Interaction: The Work Women Do". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 89-101.
- _____ (1997): "Interaction: The Work Women Do". In: *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 416-429.
- Foster, Michèle (1995): "'Are you with me?': power and solidarity in the discourse of African American women". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 329-350.
- Foucault, Michel (1972): *The Archaeology of Knowledge and the Discourse on Language*. New York: Pantheon.
- _____ (1979): *The History of Sexuality*. London: Allen Lane.
- Freixo, Manuel João Vaz (2006): *Teorias e Modelos de Comunicação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Freed, Alice F. (1996): "Language and gender research in an experimental setting". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 54-76.
- _____ (2003): "Epilogue: reflections on language and gender research". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 699-721.
- Freud, S. (1988): "Algumas consequências psíquicas da distinção anatómica entre os sexos". In: Strachey, J.: *O Ego e o Id e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago: 301-320.
- Gal, Susan (1995): "Language, gender and power". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 169-182.
- _____ (1997): "Language Change and Sex Roles in a Bilingual Community". In: *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 376-390.
- Gauntlet, David (2008): *Media, Gender and Identity: an Introduction*. 2.^a Ed. London / New York: Routledge.
- Geis, Michael L. (1987): *The Language of Politics*. New York: Springer Verlag.
- Gerbner, G. (1956): "Toward a General Model of Communication". In: *Audio Visual Communication Review*, 4: 171-199.
- Giglioli, Pier Paolo (Ed.) (1972): *Language and Social Context*. Baltimore: Penguin Books.

- Gill, Rosalind (2007): *Gender and the Media*. Cambridge / Malden: Polity Press.
- Glass, Lillian (1993): *He Says, She Says: Closing the Communication Gap between the Sexes*. New York: Perigee Books.
- Gleason, Jean Berko (1987): "Sex differences in parent-child interaction". In: U. Philips, Susan U. et al. (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 189-199.
- Gleason, Jean Berko, e Greif, Esther Blank (1983): "Men's speech to young children". In: Thorne, B. et al. (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 140-150.
- Gleason, Jean Berko, Perlmann, R. Y., Ely, D., e Evans, D. (1994): "The baby talk register: parents' use of diminutives". In: Sokolov, J. L., e Snow, C. E. (Eds.): *Handbook of Research in Language Development Using CHILDES*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum: 50-76.
- Goffman, Erving (1971): *Relations in Public*. New York: Harper & Row.
- _____ (1976): "Gender Advertisements". In: *Studies in the Anthropology of Visual Communication*, 3: 69-154.
- _____ (1979): *Gender Advertisements*. New York: Harper and Row Publishers.
- _____ (1981): *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Goldsmith, Andrea E. (1980): "Notes on the tyranny of language usage". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 179-191.
- Goldstein, Tara (1995): "'Nobody is talking bad': creating community and claiming power on the production lines". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 375-400.
- Gonzales Velásquez, María Dolores (1995): "Sometimes Spanish, sometimes English: language use among rural New Mexican chicanas". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 421-446.
- Goodwin, Marjorie Harness (2003): "The relevance of ethnicity, class, and gender in children's peer negotiations". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 229-251.
- Goodwin, Marjorie Harness, e Goodwin, Charles (1987): "Children's arguing". In: U. Philips, Susan U. et al. (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 200-248.
- Gouveia, Carlos A. M. (2005): "Assumptions about gender, power and opportunity: gays and lesbians as discursive subjects in a Portuguese newspaper". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 229-250.
- Graddol, David, e Swann, Joan (1989): *Gender Voices*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Gradim, Anabela (2000): *Manual de Jornalismo. Livro de Estilo do Urbi et Orbi*. Covilhã: UBI, Libros Labcom. Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf> (consultado a 1 de março de 2012).
- _____ (2007): *Comunicação e Ética. O Sistema Semiótico de Charles S. Peirce*. Covilhã: UBI, Libros Labcom.

- Graham, Alma (1975): "The making of a nonsexist dictionary". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 57-63.
- Gray, John (1992): *Men are from Mars, Women Are from Venus*. New York: Harper Collins.
- Greif, E. B. (1980): "Sex differences in parent-child conversations". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 253-258.
- Greenwood, Alice (1996): "Floor management and power strategies in adolescent conversation". In: Bergvall, Victoria L. et al. (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 77-97.
- Gumperz, John J., e Hymes, Dell (Eds.) (1972): *Directions in Sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Gumperz, John J. (Ed.) (1982): *Language and Social Identity*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne Sydney: Cambridge University Press.
- Gumperz, John J., e Cook-Gumperz, Jenny (1982): "Introduction: language and the communication of social identity". In: Gumperz, John J. (Ed.): *Language and Social Identity*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne Sydney: Cambridge University Press: 1-21.
- Hall, Judith A. (1990): *Nonverbal Sex Differences*. Baltimore / London: The Johns Hopkins University Press.
- _____ (1998): "How big are nonverbal sex differences? The case of smiling and sensitivity to nonverbal cues". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 155-177.
- Hall, Kira (1995): "Lip service on the fantasy lines". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 183-216.
- _____ (2003): "Exceptional speakers: contested and problematized gender identities". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 353-380.
- Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.) (1995): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge.
- _____ (1995): "Introduction: Twenty Years after *Language and Women's Place*". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 1- 22.
- Hall, Kira, e O'Donovan (1996): "Shifting gender positions among Hindi-speaking hijras". In: Bergvall, Victoria L. et al. (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 228-266.
- Harrington, Kate, Litosseliti, Lia, Sauntson, Helen, e Sunderland, Jane (Eds.) (2008): *Gender and Language Research*. New York: Palgrave Macmillan.
- Harris, Randy Allen (1993): *The Linguistics Wars*. New York / Oxford: Oxford University Press.
- Hartley, Catherine Gasquoine (2010): *The Position of Woman in Primitive Society a Study o Matriarchy*. Memphis, Tennessee: General Books LLC.
- Hastrup, Kirsten (1978): "The semantics of biology: virginity". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 49-65.

- Haverkate, Henk (1994): *La Cortesía Verbal*. Madrid: Editorial Gredos.
- Hellinger, Marlis (1980): “‘For men must work and women must weep’: sexism in English language textbooks used in German schools”. In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 267-275.
- Henley, Nancy M. (1975): “Power, Sex, and nonverbal communication”. In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 184-203.
- Héritier, Françoise (1996): *Masculino/Feminino: o pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget.
- _____ (2002): *Masculino/Feminino: dissolver a hierarquia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Herring, Susan C. (2003): “Gender na power i non-line communication”. In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 202-228.
- Herring, Susan, Johnson, Deborah A., e Di Benedetto, Tamara (1995): “‘This discussion is going too far!’ Male resistance to female participation on the internet”. In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 67-96.
- Hess, Beth, e Ferree, Martha Marx (Eds.) (1987): *Analyzing Gender: a handbook of social science research*. Newbury Park, CA: Sage.
- Hirschon, Renée (1978): “Open body / closed space: the transformation of female sexuality”. In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 66-88.
- Hoagland, Sarah Lucia (1980): “Androcentric rhetoric in sociobiology”. In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 28-293.
- Holmes, Janet (1984): “Hedging your bets and sitting on the fence: some evidence for hedges as support structures”. In: *Te Reo*, 27: 47-62.
- _____ (1988): “Paying compliments: a sex-preferential positive politeness strategy”. In: *Journal of Pragmatics*, 12: 445-465.
- _____ (1989): “Sex differences and apologies: one aspect of communicative competence. In: *Applied Linguistics*, 10: 194-213.
- _____ (1993): “Women’s talk: the question of sociolinguistic universals”. In: *Australian Journal of Communication* 20, 3.
- _____ (1995): *Women, Men and Politeness*. London / New York: Longman.
- _____ (1998): “Compliment - a positive politeness strategy”. In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 100-120.
- _____ (2005): “Power and discourse at work: is gender relevant?”. In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 31-60.
- Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.) (2003): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing.

- Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (2003): "Different voices, different views: an introduction to current research in language and gender". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 1-17.
- Holmes, Janet, e Stubbe, Maria (2003): "'Feminine' workplaces: stereotype and reality". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 573-599.
- Hota, Sobhan R., Argamon, Shlomo, Koppel, Moshe, e Zigdon, Iris (2006): "Performing gender: automatic stylistic analysis of Shakespeare characters". In: Internet. Disponível em <http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html> (consultado em 31 de março de 2011).
- Houdebine-Gravaud, Anne-Marie (2003): "Trente ans de recherché sur la différence sexuelle, ou le langage des femmes et la sexualité dans la langue, les discours, les images". In: *Langage & Société* 106. Paris: Maison des Sciences de l'Homme: 33-61.
- Humphrey, Caroline (1978): "Women, taboo and the suppression of attention". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 89-108.
- Hurtig, M. C., e Pichevin, M. F. (1986): *La Différence des Sexes*. Paris: Éditions Tierce.
- Hymes, D. (1971): "On communicative competence". In: Bride, J. B., e Holmes, J. (Eds.): *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books: 269-293.
- Ifeka-Moller, Caroline (1975): "Female militancy and colonial revolt". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 127-157.
- Inman, Chris (1996): "Friendships among men: closeness in the doing". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 95-110.
- Jakobson, R. (1960): "Closing statement: linguistics and poetics". In: Sebeok, T. (Ed.): *Style and Language*. Cambridge: MIT Press.
- James, Deborah, e Clarke, Sandra (1993): "Women, men and interruptions: a critical review". In: Tannen, Deborah (Ed.): *Gender and Conversational Interaction*. New York / Oxford: Oxford University Press: 231-280.
- James, Deborah (1996): "Women, men and prestige speech forms: a critical review". In: Bergvall, Victoria L. et al. (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 98-125.
- Janssen-Jurreit, Marielouise (1982): *Sexism: the Male Monopoly of History and Thought*. Trans. By Nern Moberg. London: Pluto Press.
- Jeanneney, Jean-Noel (2003): *Uma História da Comunicação Social*. 2.ª ed. Lisboa: Terramar.
- Jespersen, Otto (1922): *Language: Its Nature, Development and Origin*. London: George Allen and Unwin Ltd.
- Johnson, Fern L. (1996): "Friendships among women: closeness in dialogue". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 79-94.
- Johnson, Fern L., e Aries, Elizabeth J. (1998): "The talk of women friends". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell: 215-225.

- Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.) (1997): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Johnson, Sally (1997): "Theorizing language and masculinity: a feminist perspective". In: Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers: 8-26.
- Johnson, Sally, e Finlay, Frank (1997): "Do men gossip? An analysis of football talk on television". In: Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers: 130-143.
- Jones, D. (1980): "Gossip: notes on women's oral culture". In: Kramarae, Cheri (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 193-198.
- Jørgensen, Marianne, e Phillips, Louise (2002): *Discourse Analysis as Theory and Method*. London: Sage Publications Ltd.
- Josephson, Wendy L., e Colwill, Nina Lee (1978): "Males, females, and aggression". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 197-223.
- Jule, Allyson (2008): *A Beginner's Guide to Language and Gender*. Clevedon / Buffalo / Toronto: Multilingual Matters Ltd.
- Kaplan, Temma (1981): "Female consciousness and collective action: the case of Barcelona". In: Keohane, Nannerl O. et al. (Eds.): *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago / London: The University of Chicago Press: 55-76.
- Kemmler, Rolf, Assunção, Carlos, e Fernandes, Gonçalo (2010): "A primeira gramática portuguesa para o ensino feminino em Portugal (Lisboa, 1786)". In: *Diacrítica: Série Ciências da Linguagem* 24, 1: 373-393..
- Kendall, Shari (2003): "Creating gendered demeanors of authority at work and at home". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 600-623.
- Keohane, Nannerl O., Rosaldo, Michelle Z., e Gelpi, Barbara C. (Eds.) (1981): *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago / London: The University of Chicago Press.
- Key, Marie Ritchie (1996): *Male / Female Language*. 2.^a ed. Lanhan, Maryland / London: Scarecrow Press.
- Kiesling, Scott Fabius (1997): "Power and the language of men". In: Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers: 65-85.
- _____ (2003): "Prestige, cultural models, and other ways of talking about underlying norms and gender". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 509-527.
- King, Ruth (Ed.) (1991): *Talking Gender. A Guide to Nonsexist Communication*. Ontario: Copp Clark Pitman Ltd.
- Kohlberg, L. (1966): "A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In: Maccoby, E. (Ed.): *The Development of Sex Differences*. Stanford, C.A.: Stanford University Press: 83-173.

- Koppel, Moshe, Argamon, Shlomo, e Shimoni, Anat Rachel (2003): "Automatically categorizing written texts by author gender". In: *Literary and Linguistic Computing* 17: 401-412. Internet. Disponível em <http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html> (consultado em 31 de março de 2011).
- _____ (2011): "The Responsa Project: some promising future directions". In: Internet. Disponível em <http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html> (consultado em 31 de março de 2011).
- Kramer, Cheri (1975): "Women's speech: separate but unequal?". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 43-56.
- Kramer, Laura (2005): *The Sociology of Gender. A Brief Introduction*. 2.^a edição. Los Angeles, California: Roxbury Publishing Company.
- Kramarae, Cheri (Ed.) (1980): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press.
- _____ (1981): *Women and Men Speaking*. Rowley, MA: Newbury House.
- _____ (1996): "Classified information: race, class, and (always) gender". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 20-38.
- Kristeva, Julia (1980): *Desire in Language*. New York: Columbia University Press.
- _____ (1981): "Women's time". In: Keohane, Nannerl O. et al. (Eds.): *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago / London: The University of Chicago Press: 31-53.
- Kuiper, Koenraad (1998): "Sporting Formulae in New Zealand English: Two Models of Male Solidarity". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 285-293.
- Kulick, Don (2003): "Language and desire". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 119-141.
- Kunkel, Adrienne W., e Burlinson, Brant R. (1998): "Social support and the emotional lives of men and women: an assessment of the different cultures perspective". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 101-125.
- Labov, W. (1972): *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____ (1984): *The Intersection of Sex and Social factors in the Course of Language Change*. Paper presented at N.W.A.V.E.; Philadelphia.
- _____ (1998): "The intersection of sex and social class in the course of linguistic change". In: Cheshire, Jenny, e Trudgill, Peter (Eds.): *The Sociolinguistic Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London / New York / Sydney / Auckland: Arnold: 7-52.
- Lakoff, Robin T. (1975): *Language and Woman's Place*. New York: Harper and Row.
- _____ (1990): *Talking Power. The Politics of Language*. New York: Basic Books.
- _____ (1995): "Cries and whispers: the shattering of silence". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 25-50.
- _____ (2000): *The Language War*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press.

- _____ (2003): "Language, gender, and politics putting "women" and "power" in the same sentence". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 161-178.
- Lancaster, Roger N., e Leonardo, Micaela di (Eds.) (1997): *The Gender / Sexuality Reader*. New York / London: Routledge.
- Lapa, M. Rodrigues (1945): *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova.
- Larsson, Lisbeth (1980): "Women's reading". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 277-283.
- Lasswell, H. D. (1948): "The structure and function of communications in society". In: Bryson, L. (Ed.): *The Communication of Ideas*. New York: Institute for Religious and Social Studies.
- Lazar, M. (2002): "Consuming personal relationships: the achievement of feminine self-identity through other-centered". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 111-128.
- _____ (Ed.) (2005): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan.
- _____ (2005^a): "Performing state fatherhood: the remaking of hegemony". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 139-163.
- _____ (2005^b): "Politicizing gender in discourse: feminist critical discourse analysis as political perspective and praxis". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 1-28.
- Leap, William L. (2003): "Language and gendered modernity". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 401-422.
- Leibl, Marianna (1961): *Psicologia de la Mujer*. Buenos Aires: Editorial Psique.
- Lempen, Blaise (1980): *Information et Pouvoir. Essais sur le sens de l'information et son enjeu politique*. Lausanne: Éditions L'Age de l'Homme.
- Levinson, Stephen C. (1983): *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lewis, Michael, e Rosenblum, Leonard A. (Eds.) (1977): *Interaction, Conversation and the Development of Language*. New York: John Wiley and Sons.
- Lips, Hilary M. (1988): *Sex & Gender: an introduction*. Mountain View, California: Mayfield Publishing Company.
- _____ (1978^a): "Theories about female and male nature". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 25-49.
- _____ (1978^b): "Sexual differentiation and gender identity". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 51-79.
- _____ (1978^c): "Hormones, cycles, and the adult experience". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 81-101.

- _____ (1978^d): “The ladder of success: sex differences in achievement”. In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 173-196.
- Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.) (1978^a): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall.
- Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (1978^b): “Masculinity, femininity and androgyny: what have you done for us lately”. In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 125-144.
- _____ (1978^c): “The paradox of power”. In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 225-242.
- Lips, Hilary M. *et al.* (1978): “Sex differences in ability: do men and women have different strengths and weaknesses?”. In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 145-171.
- Litosseliti, Lia (2002): “Head to Head’: gendered repertoires in newspapers arguments”. In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 129-148.
- Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.) (2002): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Livia, Anna (1995): “I ought to throw a Buick at you”: fictional representations of butch/femme speech”. In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 245-277.
- _____ (2003): “‘One man in two is a woman’: linguistic approaches to gender in literary texts”. In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 142-158.
- Llewelyn-Davies, Melissa (1981): “Women, warriors, and patriarchs”. In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 330-358.
- Lopes, Felisbela (2007): “Homens públicos, mulheres privadas - a presença da mulher na informação televisiva”. Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-felisbela-homens-publicos-mulheres-privadas-2007.pdf> (consultado em 4 de fevereiro de 2012).
- Loureiro, Marlene (2007): *Nova Visão do Ideário Linguístico de Ferdinand de Saussure*. Dissertação de Mestrado. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- _____ (2008): “Charles Bally: um discípulo da estilística saussureana?”. In: *Revista de Letras*, N.º 7 de 2008. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / Centro de Estudos em Letras: 65-74.
- _____ (2009) “Diferenças de linguagem entre a mulher e o homem, segundo João da Silva Correia (1927)”. In: *Revista de Letras*, N.º 8 de 2009. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / Centro de Estudos em Letras: 365-375.

- _____ (2011): “O género e a cortesia: diferenças entre homens e mulheres em português europeu”. In: *Revista de Letras*, N.º 9 de 2010. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / Centro de Estudos em Letras: 347-358.
- _____ (2012): “Diferencias discursivas de género en textos de opinión”. In Suárez Viegas, Juan Carlos, Liberia Vayá, Irene, e Zurbano Berenguer, Belén (Eds.): *Libro de Actas do I Congreso Internacional de Comunicación y Género*, Vols. I e II. CD-ROM. ISBN 978-84-676-79564. Sevilla: Editorial Mad S.L.: 900-909.
- _____ (no prelo): “Discursos masculino e feminino em textos de opinião nos media portugueses”. In: *Actes du XXVIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes (Valencia, 6 - 11 septembre 2010)*.
- Maccoby, Eleanor E. (2003): *The Two Sexes*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Maccoby, Eleanor E., e Jacklin, Carol N. (1974): *The Psychology of Sex Differences*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Macdonald, Myra (1995): *Representing Women. Myths of Femininity in the Popular Media*. London 7 New York / Sydney / Auckland: Edward Arnold.
- Macdonald, Sharon, Holden, Pat, e Ardener, Shirley (Eds.) (1987): *Images of Women in Peace and War: Cross-Cultural and Historical Perspectives*. London: Macmillan Press Ltd.
- Macedo, Ana Gabriela (Org.) (2002): *Género, Identidade e Desejo. Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*. Lisboa: Edições Cotovia.
- Maciel, Diana (2010): “Género na sociologia portuguesa”. In: *CIES e-Working Papers*. Lisboa: ISCTE.
- Mackay, Donald G. (1983): “Prescriptive grammar and the pronoun problem”. In: Thorne, Barrie et al. (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House Publishers: 38-53.
- Mackay, Donald G., e Konishi, Toshi (1980): “Personification and the pronoun problem”. In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 149-163.
- Magalhães, Izabel (2005): “Interdiscursivity, gender identity and the politics of literacy in Brazil”. In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 181-204.
- Maltz, Daniel N., e Broker, Ruth A. (1982): “A cultural approach to male-female miscommunication”. In: Gumperz, John J. (Ed.): *Language and Social Identity*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne Sydney: Cambridge University Press: 196-216.
- Marques, António Manuel (2009): “Género e mudanças tecnológicas: o caso das indústrias gráficas”. In: *Ex Aequo*, n.º 20: 143-157.
- Martin-Lagardette, Jean-Luc (1998): *Manual da Escrita Jornalística*. Lisboa: Pergaminho.
- Martín Rojo, Luisa, e Gómez Esteban, Concepción (2005): “The gender of power: the female style in labour organizations”. In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 61-89.
- Martyna, Wendy (1980): “Teaching about language and the sexes”. In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 295-303.

- _____ (1983): "Beyond the he/man approach: the case for non-sexist language". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House Publishers: 25-37.
- Mayo, Clara, e Henley, Nancy M. (Eds.) (1981): *Gender and Nonverbal Behaviour*. New York: Springer-Verlag.
- McConnell-Ginet, Sally (1983): "Intonation in man's world". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 69-88.
- _____ (2003): "'What's in a name?' Social labeling and gender practices". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 69-97.
- McConnell-Ginet, Sally, Borker, Ruth, e Furman, Nelly (Eds.) (1980): *Women and Language in Literature and Society*. New York: Praeger.
- McElhinny, Bonnie S. (1995): "Challenging hegemonic masculinities: female and male police officers handling domestic violence". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 217-243.
- _____ (2003): "Theorizing gender in Sociolinguistics and Linguistic Anthropology". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 21-42.
- McKeever, Walter F. (1987): "Cerebral organization and sex: interesting but complex". In: Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 268-277.
- McMillan, Lesley (2007): *Feminists Organising against Gendered Violence*. New York: Palgrave MacMillan.
- McQuail, Denis (2003): *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- McRobbie, Ângela (2009): *The Aftermath of Feminism. Gender, Culture and Social Change*. Los Angeles / London / New Delhi / Singapore / Washington DC: Sage Publications.
- Mendoza-Denton, Norma (1995): "Pregnant pause: silence and authority in the Anita Hill-Clarence Thomas hearings". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 51-66.
- Meyerhoff, Miriam (1996): "Dealing with gender identity as a sociolinguistic variable". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 202-227.
- _____ (2003): "Claiming a place: gender, knowledge, and authority as emergent properties". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 302-326.
- Meyers, Marian (Ed.) (1999^a): *Mediated Women. Representations in Popular Culture*. Cresskill, NJ: Hampton Press.
- Meyers, Marian (1999^b): "Fracturing women". In: Meyers, Marian (Ed.): *Mediated Women. Representations in Popular Culture*. Cresskill, NJ: Hampton Press: 3-22.
- Midões, Miguel (2008): "Comunicação homem - mulher: Guerra ou diálogo". In: Internet. Disponível em www.bocc.ubi.pt (consultado em 27 de maio de 2011).
- Mill, John Stuart (1986): *The Subjection of Women*. New York: Prometheus Books.

- Miller, Casey, e Swift, Kate (1976): *Words and Women*. New York: Anchor Press.
- _____ (1989): *The Handbook of Non-Sexist Writing*. London: The Women's Press.
- Miller, Stuart (1983): *Men and Friendship*. Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, Inc.
- Mills, Sara (Ed.) (1995): *Language and Gender: Interdisciplinary Perspectives*. London / New York: Longman.
- _____ (2002): "Rethinking politeness, impoliteness and gender identity". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 69-89.
- _____ (2003): *Gender and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (2008): *Language and Sexism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Milroy, James, e Milroy, Lesley (1998): "Mechanisms of change in urban dialects: the role of class, social network and gender". In: Trudgill, Peter, e Cheshire, Jenny (Eds.): *The Sociolinguistics Reader, Volume 1: Variation and Multilingualism*. London: Arnold: 179-195.
- Mitchell, Juliet (1975): *Psychoanalysis and Feminism*. New York: Vintage Books.
- Moir, Anne, e Jessel, David (1992): *Brain Sex. The Real Difference between Men and Women*. New York: Delta Books.
- Montagu, Ashley (1999): *The Natural Superiority of Women*. 5.^a Ed. Walnut Creek / Lanham / New York / Oxford: Altamira Press.
- Monteiro, Ana Cristina, Caetano, Joaquim, Marques, Humberto, e Lourenço, João. (2006): *Fundamentos de Comunicação*. Lisboa: Ed. Sílabo.
- Monteiro, Nuno Gonçalo (2008): "Os nomes de família em português: uma breve perspectiva histórica". In: *Etnográfica* 12: 45-58. Internet. Disponível em www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v12n1/v12n1a03.pdf (consultado em 18 de agosto de 2011).
- Moonwomon, Birch (1995): "The writing on the wall: a border case of race and gender". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 447-467.
- Moscato, Michel, e Wittwer, Jacques (1982): *A Psicologia da Linguagem*. Trad. de Fernando Melro. Lisboa: Editorial Inquérito.
- Mota-Ribeiro, Silvana (2005): "Retratos de mulher: um estudo das imagens visuais e sociais do feminino". In: *Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO*, Vol. III: 657-666. Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/mota-ribeiro-silvana-retratos-de-mulher-um-estudo-das-imagens-visuais-e-sociais-do-feminino.pdf> (consultado em 4 de fevereiro de 2012).
- Mota-Ribeiro, Silvana, e Pinto-Coelho, Zara (2005): "Imagens das mulheres na imprensa portuguesa". In: *Livro de Actas - 4.º SOPCOM*: 977-989. Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-coelho-imagens-mulheres-imprensa-portuguesa.pdf> (consultado em 4 de fevereiro de 2012).
- Mulac, Anthony (1998): "The gender-linked language effect: do language differences really make a difference?". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and*

- Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 127-153.
- Murphy, Bren Ortega, e Zorn, Ted (1996): "Gendered interaction in professional relationships". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 213-232.
- Nadelson, Leslee (1981): "Pigs, women, and the men's house in Amazonia: an analysis of six Mundurucú myths". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 240-272.
- Nanda, Serena (2000): *Gender Diversity: Crosscultural Variations*. Long Grove: Waveland Press.
- Natalle, Elizabeth J. (1996): "Gendered issues in the workplace". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 253-274.
- Neveu, Érik (2005). *Sociologia do Jornalismo*. 2.ª Ed. Porto: Porto Editora.
- Newcombe, Freda, e Ratcliff, Graham (1978): "The female brain: a neuropsychological viewpoint". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 186-199.
- Newcomb, T. (1953): "An approach to the study of communication acts". In: *Psychological Review*, n.º 60: 393-400.
- Nichols, Patricia C. (1983): "Linguistic options and choices for black women in the rural south". In: Thorne, Barrie et al. (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 54-68.
- Nicolson, P. (1995): *Gender, Power and Organization*. London: Routledge.
- Nogueira, Conceição (2001): *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Género: Feminismo e Perspectivas Críticas na Psicologia Social*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- O'Barr, William M., e Atkins, Bowman K. (1998): "'Women's Language' or 'Powerless Language?'". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 377-387.
- Obler, Loraine K., e Gjerlow, Kris (1999): *A Linguagem e o Cérebro*. Trad. de Ana André. Lisboa: Instituto Piaget.
- O'Brien, Mary (1981): "Feminist theory and dialectical logic". In: Keohane, Nannerl O. et al. (Eds.): *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago / London: The University of Chicago Press: 99-112.
- Ochs, Elinor (1998): "La universalidad de los postulados conversacionales". In: Julio, M. T., e Muñoz, R. (Eds): *Textos Clásicos de Pragmática*. Madrid: Arco Libros: 125-144.
- Ochs, Elinor, e Taylor, Carolyn (1995): "The 'father knows best' dynamic in dinnertime narratives". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 97-120.
- O'Connor, Pat (1992): *Friendships between Women*. New York / London / Toronto / Sydney / Tokyo / Singapore: Harvester Wheatsheaf.

- Okamoto, Shigeko (1995): ““Tasteless” Japanese: less “feminine” speech among young Japanese women”. In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 297-325.
- O’Keeffe, Anne (2006): *Investigating Media Discourse*. London / New York: Routledge.
- Okely, Judith (1975): “Gipsy women: models in conflict” In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 55-86.
- _____ (1978): “Privileged, schooled and finished: boarding education for girls”. In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 109-139.
- Oliveira, Fernão de (2000): *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática. Org. Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Ortner, Sherry B. (1974): “Is female to male as nature is to culture?”. In: Rosaldo, M. Zimbalist, e Lamphere, Louise (Eds.): *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press: 67-87.
- _____ (1981): “Gender and sexuality in hierarchical societies: the case of Polynesia and some comparative implications”. In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 359-409.
- Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.) (1981): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press.
- _____ (1981): “Introduction: accounting for sexual meanings”. In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 1-27.
- Pauwels, Anne (2003): “Linguistic sexism and feminist linguistic activism”. In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 550-570.
- Pease, Allan, e Pease, Barbara (2004): *Why Men Can Only Do One Thing at a Time... and Women Never Stop Talking*. 8.ª ed. London: Orion Books.
- _____ (2006): *Porque É que os Homens Mentem e as Mulheres Choram*. 3.ª Edição. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Philips, Susan U. (1987): “Introduction: the interaction of social and biological processes in women’s and men’s speech”. In: Philips, Susan U. et al. (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 1-11.
- _____ (1987): “Introduction”. In: Philips, Susan U. et al. (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 15-25.
- _____ (2003): “The power of gender. Ideologies in discourse”. In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 252-276.

- Philips, Susan U., e Reynolds, Anne (1987): "The interaction of variable syntax and discourse structure in women's and men's speech". In: Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 71-94.
- Philips, Susan U., Steele, Susan, e Tanz, Christine (Eds.) (1987): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pierson, Ruth Roach (1987): "'Did your mother wear army boots?' Feminist theory and women's relation to war, peace and revolution". In: Macdonald, Sharon *et al.* (Eds.): *Images of Women in Peace and War: Cross-Cultural and Historical Perspectives*. London: Macmillan Press Ltd.: 205-227.
- Pinker, Susan (2008): *The Sexual Paradox: Men, Women, and the Real Gender Gap*. New York: Scribner.
- Pinto-Coelho, Zara, e Mota-Ribeiro, Silvana (2005): "O acesso das mulheres ao discurso da imprensa portuguesa". In: *Livro de Actas - 4.º SOPCOM: 1941-1951*. Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/coelho-ribeiro-acesso-mulheres-discurso-imprensa-portuguesa.pdf> (consultado em 4 de fevereiro de 2012).
- Polanyi, Livia, e Strassmann, Diana (1996): "Storytellers and gatekeepers in economics". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 126-152.
- Poole, Fitz, John Porter (1981): "Transforming 'natural' woman: female ritual leaders and gender ideology among Bimin-Kuskusmin". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 116-165.
- Pooley, Tim (2003): "La differentiation homes - femmes dans la pratique des langues régionales de France". In: *Language & Société* 106. Paris: Maison des Sciences de l'Homme: 9-31.
- Pos, Robert (2006): *The Gender Beyond Sex: Two Distinct Ways of Living in Time*. Victoria, Canada: Trafford Publishing.
- Queirós, Bárbara (1999): *O Livro das Boas Maneiras*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Rego, Arménio (2007): *Comunicação Pessoal e Organizacional*. Lisboa: Ed. Sílabo.
- Rei, José Esteves (1998): *Retórica e Sociedade*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- _____ (2000^a): *Curso de Redacção I - A Frase*. Porto: Porto Editora.
- _____ (2000^b): *Curso de Redacção II - O Texto*. Porto: Porto Editora.
- Reis, Harry T. (1998): "Gender differences in intimacy and related behaviors: context and process". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 203-231.
- Reiter, Rayna (Ed.) (1975): *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press.
- Remlinger, Kathryn A. (2005): "Negotiating the classroom floor: negotiating ideologies of gender and sexuality". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 114-138.

- Renzetti, Claire M., e Curran, Daniel J. (1995): *Women, Men, and Society*. 3.^a ed. S/L: Allyn and Bacon.
- Rhoads, Steven E. (2004): *Taking Sex Differences Seriously*. S. Francisco: Encounter Books.
- Robbins, Stephen P. (2005): *Comportamento Organizacional*. 11.^a ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Rodrigues, Isabel Maria Galhano (1998): *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez*. Porto: Granito Editores e Livreiros.
- Rodrigues, Paula (2003): *Questões de Gênero na Infância*. Lisboa: Piaget.
- Romaine, Suzanne (1999): *Communicating Gender*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- _____ (2003): "Variation in language and gender". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 98-118.
- Rosaldo, M. Zimbalist, e Lamphere, Louise (Eds.) (1974): *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press.
- _____ (1974): "Introduction". In: Rosaldo, M. Zimbalist, e Lamphere, Louise (Eds.): *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press: 1-15.
- Rosaldo, M. Zimbalist (1974): "Women, Culture, and Society: a theoretical overview". In: Rosaldo, M. Zimbalist, e Lamphere, Louise (Eds.): *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press: 17-42.
- Rosental, Claude, e Frémontier-Murphy, Camille (2001): *Introdução aos Métodos Quantitativos em Ciências Humanas e Sociais*. Trad. de José Luís Godinho. Lisboa: Instituto Piaget.
- Rowbothan, Sheila (1973): *Woman's Consciousness, Man's World*. Middlesex: Penguin Books.
- Sachs, Jacqueline (1975): "Cues to the identification of sex in children's speech". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 152-171.
- _____ (1987): "Preschool boys' and girls' language use in pretend play". In: U. Philips, Susan U. et al. (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 178-188.
- Salgado, Plínio (1946): *A Mulher no Século XX*. Porto: Livraria Tavares Martins.
- Sanday, Peggy Reeves (2002): *Women at the Center. Life in a Modern Matriarchy*. Ithaca / London: Cornell University Press.
- Sanson, Helena (2011): *Women, Language and Grammar in Italy, 1500 - 1900*. Oxford: Oxford University Press.
- Sapir, Edward (1968): "Abnormal types of speech in Nootka". In: Mandelbaum, David G. (Ed.): *Selected Writings of Edward Sapir: in language, culture and personality*. Berkeley: University of California Press: 179-196.
- Sattel, Jack W. (1983): "Men, inexpressiveness, and power". In: Thorne, Barrie et al. (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 118-124.
- Saussure, Ferdinand de (2005): *Cours de linguistique générale* (publié par Charles Bally et Albert Séchehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger). 5.^a Edição. Paris: Payot.

- Schenkein, Jim (Ed.) (1978): *Studies in the Organization of Conversational Interaction*. New York: Academic Press.
- Schler, Jonathan, Koppel, Moshe, Argamon, Shlomo, e Pennebaker, James (2006): "Effects of age and gender on blogging". In: Internet. Disponível em <http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html> (consultado em 31 de março de 2011).
- Shlesinger, Miriam et al. (2009): "Markers of translator gender: do they really matter?". In: Internet. Disponível em <http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html> (consultado em 31 de março de 2011).
- Schramm, W. (1954): *The Process and Effects of Mass Communication*. Urbana: University of Illinois Press.
- Schulz, Muriel R. (1975): "The semantic derogation of woman". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 64-75.
- Scott, Kathryn P. (1980): "Perceptions of communication competence: what's good for the goose is not good for the gander". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 199-208.
- Serra, Joaquim Paulo (2008): *Manual de Teoria da Comunicação*. Covilhã: UBI, Libros Labcom.
- Severo, Cristine Gorski (s/d.): *O Papel do Gênero / Sexo nos Estudos Sociolinguísticos de Variação/Mudança*. Internet. Disponível em <http://www.cefetpr.br/deptos/dacex/8cristine.htm> (Consultado em 29 de maio de 2007).
- Shannon, C., e Weaver, W. (1949): *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana: University of Illinois Press.
- Shaw, Alison, e Ardener, Shirley (Eds.) (2005): *Changing Sex and Bending Gender*. New York / Oxford: Berghahn Books.
- Shaw, Alison (2005): "Changing sex and bending gender: an introduction". In: Shaw, Alison, e Ardener, Shirley (Eds.): *Changing Sex and Bending Gender*. New York / Oxford: Berghahn Books: 1-19.
- Sheldon, Amy (1993): "Pickle Fights: Gendered Talk in Preschool Disputes". In: Tannen, Deborah (Ed.): *Gender and Conversational Interaction*. New York / Oxford: Oxford University Press: 83-109.
- Sheldon, Amy, e Johnson, Diane (1998): "Preschool negotiators: linguistic differences in how girls and boys regulate the expression of dissent in same-sex groups". In: Cheshire, Jenny, e Trudgill, Peter (Eds.): *The Sociolinguistic Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London / New York / Sydney / Auckland: Arnold: 76-98.
- Sherzer, Joel (1987): "A diversity of voices: men's and women's speech in ethnographic perspective". In: U. Philips, Susan U. et al. (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 95-120.
- Shore, Bradd (1981): "Sexuality and gender in Samoa: conceptions and missed conceptions". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 192-215.
- Shotter, J. (1993): *Conversational Realities*. London: Sage.

- Showalter, Elaine (Ed.) (1989): *Speaking of Gender*. New York / London: Routledge.
- _____ (1989): "Introduction: the rise of gender". In: Showalter, Elaine (Ed.): *Speaking of Gender*. New York / London: Routledge: 1-13.
- Shucard, David W., Shucard, Janet L., e Thomas, David G. (1987): "Sex differences in the patterns of scalp-recorded electrophysiological activity in infancy: possible implications for language development". In: U. Philips, Susan U. et al. (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 278-295.
- Sidnell, Jack (2003): "Constructing and managing male exclusivity in talk-in-interaction". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 327-352.
- Silva, Adriana Thiara de Oliveira (2004): "A Comunicação dos amantes. O processo de comunicação entre homens e mulheres na busca por um encontro existencial. Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adriana-thiara-comunicacao-dos-amantes.pdf> (consultado em 4 de fevereiro de 2012).
- Silva, Manuela (1999): *A Igualdade de Género. Caminhos e Atalhos para uma Sociedade Inclusiva*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Silva, Maria Regina Tavares da (1992): *Feminismo em Portugal na Voz de Mulheres Escritoras do Início do Século XX*. 2.ª ed. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres / Ministério do emprego e da Segurança Social.
- Silveira, Jeanette (1980): "Generic masculine words and thinking". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 165-178.
- Silveirinha, Maria João (1997): "O discurso feminista e os estudos dos media: em busca da ligação necessária". Internet. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silveirinha-maria-joao-discurso.pdf> (consultado em 1 de março de 2012).
- _____ (Org.) (2004): *As Mulheres e os Media*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Simkins-Bullock, J. A., e Wildman, B. G. (1991): "An investigation into the relationship between gender and language". In: *Sex Roles* 24.
- Smith, Philip M. (1985): *Language, the Sexes and Society*. Oxford: Basil Blackwell.
- Sousa, Jorge Pedro (2006): *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Spender, Dale (2001): *Man Made Language*. 3.ª ed. London / New York / Sidney: Pandora.
- Spinelli, Elsa, e Ferrand, Ludovic (2005): *Psicologia da Linguagem. O Escrito e o Falado. Do Sinal à Significação*. Trad. de Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget.
- Spivak, G. C. (1988): *In Other Worlds*. London: Routledge.
- Stanley, Júlia Penepole, e Wolfe, Susan J. (1983): "Consciousness as style; style as aesthetic". In: Thorne, Barrie et al. (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 125-139.
- Stanley, Maureen Tobin, e Zinn, Gesa (Eds.) (2007): *Female Exiles in Twentieth and Twenty-first Century Europe*. New York: Palgrave Macmillan.
- Stocks, Janet, Díaz-Martínez, C., e Halleröd, B. (Eds.) (2007): *Modern Couples Sharing Money, Sharing Life*. New York: Palgrave Macmillan.

- Strathern, Marilyn (1981): "Self-interest and the social good: some implications of hagen gender imagery". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 166-191.
- Sudnow, David (Ed.) (1972): *Studies in Social Interaction*. New York: The Free Press.
- Sunderland, Jane (2002): "Baby entertainer, bumbling assistant and line manager: discourses of paternal identity in parentcraft texts". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 293-324.
- _____ (2004): *Gendered Discourses*. New York: Palgrave Macmillan.
- _____ (2006): *Language and Gender: an advanced resource book*. New York: Routledge.
- Sunderland, Jane, e Litosseliti, Lia (2008): "Current Research Methodologies in Gender and Language Study: Key Issues". In: Harrington, Kate *et al.* (Eds): *Gender and Language Research Methodologies*. New York: Palgrave MacMillan: 1-18.
- Sunderland, Jane, e Litosseliti, Lia (2002): "Gender Identity and discourse analysis". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 1-39.
- Sutton, Laurel A. (1995): "Bitches and shanky hobags: the place of women | contemporary slang". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 279-296.
- Swacker, Marjorie (1975): "The sex of the speaker as a sociolinguistic variable". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 76-83.
- Swann, Joan (1989): "Talk control: an illustration from the classroom of problems in analysing male dominance of conversation". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 122-140.
- _____ (2002): "Yes, but is it gender?". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 43-67.
- _____ (2003): "Schooled language: language and gender in educational settings". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 624-644.
- Swann, Joan, e Maybin, Janet (2008): "Sociolinguistic and Ethnographic Approaches to Language and Gender". In: Harrington, Kate *et al.* (Eds): *Gender and Language Research Methodologies*. New York: Palgrave MacMillan: 21-28.
- Talbot, Mary M. (1998): *Language and Gender. An Introduction*. Cambridge: Polity Press.
- _____ (2003): "Gender stereotypes. Reproduction and challenge". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 468-486.
- _____ (2005): "Choosing to refuse to be a victim: 'power feminism' and the intertextuality of victimhood and choice". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 167-180.

- Talbot, Mary, Atkinson, Karen, e Atkinson, David (2003): *Language and Power in the Modern World*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.
- Tannen, Deborah (1990): *You Just Don't Understand: Women and Men in Conversation*. New York: Harper.
- _____ (Ed.) (1993): *Gender and Conversational Interaction*. New York / Oxford: Oxford University Press.
- _____ (1994): *Discourse and Gender*. Oxford: Oxford University Press.
- _____ (2003): "Gender and family interaction". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 179-201.
- Thimm, Caja, Koch, Sabine C., e Schey, Sabine (2003): "Communicating gendered professional identity: competence, cooperation and conflict in the workplace". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 528-549.
- Thompson, J. B. (1999): *A Mídia e a Modernidade. Uma Teoria Social da Mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.) (1975^a): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House.
- Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (1975^b): "Difference and Dominance: an overview of language, gender, and society". In: *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 5-42.
- Thorne, Barrie, Kramarae, Cheri, e Henley, Nancy (Eds.) (1983): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House.
- Thorne, Barrie, Kramarae, Cheri, e Henley, Nancy (1983): "Language, gender and society: opening a second decade of research". In: Thorne, Barrie et al. (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 7-24.
- Touraine, Alain (2008): *O Mundo das Mulheres*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Trechter, Sara (2003): "A marked man: the contexts of gender and ethnicity". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 423-443.
- Trost, Melanie R., e Alberts, Jess K. (1998): "An evolutionary view on understanding sex effects in communicating attraction". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 233-255.
- Trudgill, Peter (1997): "Social Differentiation of English in Norwich". In: Coupland, Nikolas, e Jaworski, Adam (Eds.): *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 179-184.
- _____ (1998): "Sex and Covert Prestige". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 21-28.
- Trudgill, Peter, e Cheshire, Jenny (Eds.) (1998): *The Sociolinguistics Reader, Volume 1: Variation and Multilingualism*. London: Arnold.
- Turshen, Meredith (2007): *Women's Health Movements*. New York: Palgrave MacMillan.
- Vintém, João Manuel Cabecinha (2008): *Diferenças de Género e Desigualdades Sociais na Saúde e Doença em Portugal*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE.

- Walsh, Clare (2001): *Gender and Discourse: Language and Power in Politics, the Church and Organisations*. London: Pearson Education.
- Watzlawick, Paul, Bavelas, Janet Beavins, e Jackson, D. (1967): *Pragmatics of Human Communication*. New York: WW Norton.
- Weatherall, Ann, e Gallois, Cindy (2003): "Gender and identity: representation and social action". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 487-508.
- Werder, Rasa Von (2006): *Can Female Power Save the Planet? The Fate of World Depends on Women*. New York/ Lincoln / Shangai: iUniverse, Inc.
- West, Candace (1998^a): "Not just 'doctors' orders': directive-response sequences in patients' visits to women and men physicians". In: Cheshire, Jenny, e Trudgill, Peter (Eds.): *The Sociolinguistic Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London / New York / Sydney / Auckland: Arnold: 99-126.
- _____ (1998^b): "When the Doctor is a "Lady": Power, Status and Gender in Physician - Patient Encounters". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell: 396-412.
- West, Candace, e Zimmerman, Don H. (1983): "Smallinsults: a study of interruptions in cross-sex conversations between unacquainted persons". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 102-117.
- Whitehead, Harriet (1981): "The bow and the burden strap: a new look at institutionalized homosexuality in native North America". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 80-115.
- Wilkinson, S., e Kitzinger, C. (1995): *Feminism and Discourse: Psychological Perspectives*. London: Sage.
- Williams, Drid (1975): "The brides of Christ". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 105-125.
- Williams, J. E., e Best, D. L. (1990): *Measuring sex stereotypes. A multination study*. Newbury Park: Sage Publications.
- Winstead, Barbara A., Derlega, Valerian J., e Rose, Suzanna (1997): *Gender and Close Relationships*. Thousand Oaks / London / New Delhi: Sage Publications.
- Wodak, Ruth (2003): "Multiple identities: the roles of female parliamentarians in the EU Parliament". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 671-698.
- _____ (2005): "Gender mainstreaming and the European Union: interdisciplinarity, gender studies and CDA". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 90-113.
- Wolf, Mauro (2009): *Teorias da Comunicação*. 10.^a Edição. Lisboa: Editorial Presença.
- Wolfe, Susan J., e Stanley, Julia Penepole (1980): "Linguistic problems with patriarchal reconstructions of indo-european culture: a little more than kin, a little less than kind".

In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 227-237.

Wollstonecraft, Mary (1967): *A Vindication of the Rights of Woman*. New York: Norton Library.

Wood, Julia T. (Ed.) (1996^a): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company.

_____ (1996^b): "Gender, relationships, and communication". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 3-19.

Wood, Julia T., e Dindia, Kathryn (1998): "What's the difference? A dialogue about differences and similarities between women and men". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 19-39.

Woods, Nicola (1989): "Talking shop: sex and status as determinants of floor apportionment in a working setting". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 141- 157.

Woofield, Ruth (2007): *What Women Want from Work - Gender and Occupational Choice in the 21st Century*. New York: Palgrave Macmillan.

Wright, Paul H. (1998): "Toward an expanded orientation to the study of sex differences in friendship". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 41-63.

Yagello, Marina (1978): *Les Mots et les Femmes*. Paris: Payot.

_____ (1989): *Le Sexe des Mots*. Belfond: Virgule.

Zimmerman, D., e West, C. (1975): "Sex roles, interruptions and silences in conversation". In: Thorne, B., e Henley, N. (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, Massachusetts: Newbury House: 105-129.

_____ (1998): "Women's Place in Everyday Talk: Reflections on Parent - Child Interaction". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 165-184.